

Ensaaios

Michel Eyquem de Montaigne



Livro I

Índice

PREFÁCIO	4
A VIDA DE MONTAIGNE.....	5
DO AUTOR AO LEITOR.....	11
I – Através de meios diversos os homens alcançam os mesmos objetivos	11
II – Sobre a tristeza	12
III – Nossas inclinações nos levam além do que desejamos	14
IV – A alma desperdiça suas paixões em falsos objetos, buscando os verdadeiros	16
V – Se o comandante de uma praça sitiada deve sair para parlamentar	17
VI – A hora das negociações é perigosa	18
VII – É pelas intenções que se julgam nossas atitudes	19
VIII – Sobre a ociosidade	19
IX – Sobre os mentirosos	20
X – Sobre os que improvisam e os que se preparam para discursar	22
XI – Sobre os vaticínios	22
XII – Sobre a persistência	24
XIII – O cerimonial das entrevistas com os príncipes	25
XIV – Os homens são justamente punidos por defender uma praça forte além do razoável	25
XV – Sobre a punição da covardia	26
XVI – O procedimento de alguns embaixadores	26
XVII – Sobre o medo	27
XVIII – Somente depois da morte podemos julgar se os homens foram felizes	28
XIX – De como filosofar é aprender a morrer	29
XX – A força da imaginação	36
XXI – De como o que beneficia um homem prejudica outro	40
XXII – Dos costumes e da dificuldade de mudar sem maiores cuidados as leis em vigor	40
XXIII – A mesma causa pode levar a resultados diversos	46
XXIV – Sobre o pedantismo	49
XXV – Sobre a educação das crianças	53

XXVI – Sobre a loucura de avaliar o certo e o errado unicamente conforme nossa própria capacidade	65
XXVII – Sobre a amizade	66
XXVIII – 29 sonetos de Etiènne de La Boétie para Madame de Grammont, Condessa de Guissen	71
XXIX – Sobre a moderação	76
XXX – Sobre os canibais	78
XXXI – O homem deve abster-se de julgar a Divina Providência	82
XXXII – Devemos fugir da volúpia ainda que nos custe a vida	83
XXXIII – Não raro a sorte na razão se apóia.....	84
XXXIV – Uma falha em nossa forma de governo	85
XXXV – Sobre o hábito de usarmos roupas	85
XXXVI – Sobre Catão, o Jovem	86
XXXVII – Como rimos e choramos mesmas coisas	88
XXXVIII – Sobre a solidão	89
XXXIX – Considerações acerca de Cícero	93
XL – A apreciação do bem e do mal dependem em grande medida da opinião que deles temos	95
XLI – Não cedemos a outros a glória que conquistamos.....	102
XLII – Das desigualdades entre nós.....	103
XLIII – Sobre as leis suntuárias	107
XLIV – Sobre o sono	108
XLV – Sobre a batalha de Dreux	109
XLVI – Sobre os nomes	109
XLVII – Sobre a incerteza dos nossos juízos.....	111
XLVIII – Sobre os cavalos de guerra, ou destriers.....	113
XLIX – Sobre os costumes antigos.....	116
L – Sobre Demócrito e Heráclito	118
LI – Sobre a futilidade das palavras	119
LII – Sobre a parcimônia dos antigos	120
LIII – Sobre uma sentença de César	120
LIV – Sobre as vãs sutilezas	121
LV – Sobre os odores	122
LVI – Sobre as orações	123
LVII – Sobre a velhice	126
Discurso Sobre a Servidão Voluntária [Etienne de La Boétie].....	128

PREFÁCIO

A presente publicação pretende suprir uma reconhecida deficiência em nossa literatura – a edição completa dos *Ensaíos* de Montaigne. Esse grande escritor francês é digno de ser considerado um clássico, não somente em sua terra natal, mas em todos os países e em todas as literaturas. Os *Ensaíos*, que são imediatamente a mais célebre e a mais permanente das suas produções, constituem um repositório ao qual mentes como as de Bacon e Shakespeare não desdenharam recorrer; e, realmente, como observa Hallam, a importância da literatura francesa é em grande medida resultado do compartilhamento em que a mente dele influenciou outras mentes, contemporâneas e subsequentes. Mas, ao mesmo tempo, calculando o valor e a categoria do ensaísta, não podemos deixar de levar em conta as desvantagens e as circunstâncias do período: o estado imperfeito da educação, a comparativa escassez de livros e as limitadas oportunidades de relacionamento intelectual. Montaigne livremente emprestou de outros e achava que os homens podiam emprestar livremente dele. Não precisamos nos maravilhar pela reputação que ele parece com facilidade ter alcançado. Montaigne foi, sem se dar conta disso, o líder de uma nova escola de letras e moralidade.

O seu livro era diferente de todos os outros que naquela época circulavam pelo mundo. Ele desviou as antigas correntes de pensamento em novos canais, transmitindo aos leitores a opinião do autor sobre os homens e as coisas com uma franqueza sem precedentes, lançando o que deve ter parecido um novo enfoque de um tipo estranho sobre muitos temas ainda obscuramente compreendidos. Acima de tudo o ensaísta descascou-se a si mesmo, tornando propriedade pública o seu organismo físico e intelectual. Ele levou ao mundo as suas confidências sobre todos os assuntos. Seus *Ensaíos* foram uma espécie de anatomia literária de onde obtemos um diagnóstico da mente do escritor, feito por ele mesmo a diferentes níveis e sob uma grande variedade de influências operacionais.

De todos os egotistas Montaigne foi, se não o maior, o mais fascinante, talvez porque fosse o menos afetado e o mais verdadeiro. O que ele fez, e tinha professado fazer, era dissecar sua mente e mostrá-la para nós, o melhor que conseguisse (como realmente fez), e a sua conexão em relação aos objetos externos. Ele investigou sua estrutura mental como um estudante que desmonta o próprio relógio em partes para examinar o funcionamento do mecanismo; e o resultado, acompanhado por ilustrações abundantes de força e originalidade, entregou aos confrades da raça humana na forma de um livro.

Eloquência, efeito retórico, poesia, nada se afastava do seu desígnio. Ele não escreveu por necessidade; talvez apenas pela notoriedade. Mas desejou deixar à França, não, ao mundo, algo para se lembrar, algo que pudesse contar que tipo de homem ele fora – o que sentia, pensava, sofria – e alcançou um êxito, receio, muito além das suas expectativas. Seria bastante razoável Montaigne esperar que seu trabalho obtivesse alguma celebridade na Gascônia, e até mesmo, com o tempo, através da França; mas é pouco provável que pudesse prever como o seu renome se espalharia pelo mundo; como ele haveria de ocupar uma posição praticamente única como homem de letras e moralista; como os seus *Ensaíos* seriam lidos em todos os principais idiomas da Europa por milhões de seres humanos inteligentes que nunca ouviram falar de Perigord ou da Liga; os quais, se forem interrogados, ficarão em dúvida se o autor viveu no século XVI ou no século XVIII.

Essa é verdadeira fama. O homem de gênio não pertence a nenhum período ou país. Ele fala a linguagem da natureza, que é sempre a mesma em toda parte.

O texto destes volumes foi retirado da primeira edição da versão de Cotton, impresso em três volumes entre 1685 e 1686, em oitavo, e republicado em 1693, 1700, 1711, 1738 e 1743, no mesmo número de volumes e com o mesmo formato. Nas primeiras publicações os erros de imprensa foram corrigidos somente até a página 240 do primeiro volume, e todas as edições seguem aquele padrão. A de 1685-6 foi a única que o tradutor viveu para ver. Ele faleceu em 1687, deixando para trás uma interessante e pouco conhecida coleção de poemas que veio à luz postumamente, em 1689, impressa em oitavo.

Foi considerado imperativo corrigir cuidadosamente a tradução de Cotton intercalada com o *variorum* da edição original (Paris, 1854, em 4 volumes) e empreenderam inserir ocasionalmente nos pés de página as passagens paralelas de Florim do texto primitivo. Também foi recuperada uma *Vida do Autor* e todas as suas Cartas, em número de dezesseis; mas, em vista da correspondência, é difícil duvidar que esteja num estado meramente fragmentário.

Fazer mais que fornecer um esboço dos principais incidentes da vida de Montaigne parecia, diante da encantadora e competente biografia de Bayle St. John, uma tentativa tão improvável quanto inútil.

O pecado de todos os tradutores que atacaram Montaigne parece ter sido uma tendência de reduzir o idioma e a fraseologia dele ao idioma e fraseologia da época e país aos quais pertenciam, e, além disso, a inserção de parágrafos e palavras, não somente aqui e ali, mas constante e habitualmente, por um evidente desejo e propósito de elucidar ou fortalecer o pensamento do autor. O resultado era geralmente desafortunado; sinto-me compelido, no caso de todas essas interpolações sobre as disposições de Cotton – onde não as cancelei – a descartar as notas, por julgar incorreto permitir que Montaigne seja responsabilizado por coisas que jamais escreveu; e relutante, por outro lado, de suprimir completamente essas matérias intronéticas, onde parecem possuir valor próprio.

Não é redundância ou paráfrase a única forma de transgressão em Cotton, pois há lugares na sua tradução que ele mesmo pensou em omitir, e certamente é desnecessário dizer que a restauração completa de todo o texto seja considerada essencial para sua integridade e perfeição.

O mais caloroso agradecimento é devido a meu pai, Mr. Registrar Hazlitt, autor da excelente e bem conhecida edição de Montaigne publicada em 1842, pela importante contribuição que ele fez na verificação e retradução das citações – que estavam no mais corrompido estado e das quais as versões inglesas de Cotton estavam singularmente desatadas e inexatas – e pelo zelo com que cooperou comigo no cotejo do texto em inglês, linha por linha e palavra por palavra, com a melhor edição francesa.

Pela gentileza de Mr. F. W. Cosens eu pude dispor, enquanto trabalhava neste projeto, do exemplar de 1650 do Dicionário Cotgrave, *in folio*, que pertenceu a Cotton. Ele está autografado e copiosamente anotado, e não é exagero presumir que tenha sido o mesmo livro empregado por ele em sua tradução.

W.C.H. Kensington, novembro de 1877.

A VIDA DE MONTAIGNE

Este anexo foi livremente traduzido e anteposto ao *variorum* da edição de 1854 (Paris, 4 volumes, em oitavo). Esta biografia é a mais proveitosa, contendo tudo o que é realmente interessante e importante no diário da Excursão à Alemanha e Itália o qual, como foi escrito somente sob ditado de Montaigne, está na terceira pessoa e mereceu escassa divulgação, como um todo, numa roupagem inglesa.

O autor dos *Ensaaios* nasceu, como ele próprio nos informa, no castelo de St. Michel de Montaigne, entre onze e doze horas do último dia de fevereiro de 1533.

O pai dele, Pierre Eyquem, escudeiro, foi sucessivamente primeiro Conselheiro da cidade de Bordéus em 1530, Sub-Prefeito em 1536, Conselheiro pela segunda vez em 1540, Procurador em 1546 e finalmente Prefeito de 1553 a 1556. Era um homem de austera probidade, dotado de uma “particular consideração pela honra e pelo decoro em sua pessoa e vestuário... uma vigorosa boa fé em sua palavra, uma consciência e um sentimento religioso inclinados à superstição e não a outro extremo” [*Ensaaios*, II, 2]. Pierre Eyquem deu grande atenção à educação dos filhos, especialmente quanto ao seu aspecto prático. Para associar intimamente o filho Michel ao povo e vinculá-lo àqueles que necessitavam de assistência, assegurou-se que ele fosse desde a infância influenciado por pessoas de condição humilde; subseqüentemente o colocou para alimentar-se com um aldeão pobre e então, num período posterior, fez com que se habituasse ao gênero de vida mais comum, tomando cuidado, não obstante, de cultivar sua mente e



dirigir o seu desenvolvimento sem o exercício de constrangimento ou de rigor impróprio. Michel, que nos dá o mais minucioso relato dos seus primeiros anos, narra de modo encantador como era despertado ao som de alguma música agradável, e como aprendeu o latim antes do francês sem passar pela palmatória ou verter uma lágrima, graças ao professor alemão que o pai havia colocado próximo dele, o qual nunca se dirigiu a ele senão no idioma de Virgílio e Cícero.

O estudo do grego teve precedência. Aos seis anos o jovem Montaigne foi para o *College de Guienne* em Bordéus, onde teve como preceptores os mais eminentes estudiosos do século XVI: Nicolas Grouchy, Guereute, Muret e Buchanan. Aos treze anos ele havia passado por todas as classes e, como era destinado ao direito, deixou a escola para dedicar-se àquela ciência. Tinha então quase quatorze anos, mas esses anos precoces de sua vida estão envoltos em obscuridade. A próxima informação disponível é que em 1554 ele recebeu o cargo de conselheiro no Parlamento de Bordéus; em 1559 ele foi a *Bar-le-Duc* com a corte de Francisco II e no ano seguinte estava presente em Rouen para testemunhar a declaração de maioridade de Carlos IX. Não sabemos de que maneira ele estava envolvido nessas ocasiões.

Entre 1556 e 1563 ocorreu um importante incidente na vida de Montaigne: o começo da sua fantástica amizade com Etienne de la Boetie a quem encontrou, como ele mesmo nos diz, por mera casualidade, na celebração de alguma festividade na cidade. Desde esse primeiro encontro os dois se acharam irresistivelmente atraídos um pelo outro; durante seis anos essa aliança teve primazia no coração de Montaigne e permaneceu depois em sua memória, quando a morte os separou.

Embora em seu próprio livro [*Ensaaios*, I, 27] ele acuse severamente aqueles que, contrários à opinião de Aristóteles, contraem núpcias antes dos trinta e cinco, Montaigne não aguardou o período determinado pelo filósofo de Estagira e em 1566, aos trinta e três anos, casou-se com Françoise Chassigne, filha de um conselheiro do Parlamento de Bordéus. A história da sua vida de casado compete em obscuridade com a de sua fase juvenil. Os biógrafos de Montaigne não estão de acordo; na mesma medida em que esclarecem nossa visão de tudo aquilo concernente aos seus pensamentos mais secretos e aos mecanismos íntimos de sua mente, guardam muitas reticências a respeito de suas funções públicas e administrativas, bem como de suas relações sociais. O título de Cavaleiro da Ordem do Rei, que é concedido por Henrique II em uma carta e ele assume num preâmbulo; o que conta sobre as comoções das cortes onde passou uma parte de sua vida; as Instruções que ele escreveu sob ditado de Catarina

de Médiçi ao Rei Carlos IX; e sua nobre correspondência com Henrique IV, contudo, não deixam nenhuma dúvida quanto ao papel que ele desempenhou nos negócios públicos daquela época e acatamos, como prova incontestável da profundidade da estima em que ele era considerado pelos personagens mais exaltados, uma carta que foi a ele endereçada por Carlos na ocasião em que foi agraciado com a Ordem de St. Michael, a qual constituía, como ele próprio nos informa, a honra mais elevada da nobreza francesa.

De acordo com Lacroix du Maine, depois da morte do seu irmão primogênito Montaigne renunciou ao cargo de Conselheiro para dedicar-se à carreira militar; porquanto, se pudermos dar crédito ao Presidente Bouhier, ele nunca desempenhou qualquer atividade ligada ao exército. Contudo, várias passagens nos *Ensaio*s parecem indicar que ele não somente assumiu o serviço militar, mas de fato participou de numerosas campanhas com os exércitos católicos. Deixe-me adicionar que em seu monumento ele é representado em cota de malha, com um elmo e manoplas do lado direito e um leão aos pés, tudo indicando, na linguagem dos emblemas funerários, que o falecido esteve engajado em algumas importantes proezas militares.

Sejam quais forem essas conjeturas é certo que nosso autor, chegando aos trinta e oito anos, resolveu devotar o tempo de vida restante ao estudo e contemplação; em seu aniversário, no último dia de fevereiro de 1571, criou uma inscrição filosófica em latim para ser gravada em uma das paredes do castelo (onde ainda pode ser vista) e cuja tradução tem este sentido: “No ano de Cristo... no seu trigésimo oitavo aniversário, às vésperas das Calendas de março, Michel Montaigne, já cansado das funções na Corte e das honrarias públicas, retirou-se completamente para conversar com as virgens instruídas onde ele pretende despende o quinhão restante que reservou para um tranqüilo recolhimento”.

Na ocasião de que tratamos, Montaigne era desconhecido para o mundo das letras, exceto como tradutor e editor.

Em 1569 Montaigne publicou uma tradução da *Teologia Natural* de Raymond de Sebonde, trabalho que havia empreendido apenas para agradar o pai. Em 1571, fez imprimir em Paris um certo ‘opúsculo’ de Etienne de la Boetie; essas duas realizações, inspiradas num caso pelo dever filial e noutro pela amizade, atestam que as razões afetivas predominavam sobre a mera ambição pessoal de um literato.

Podemos supor que Montaigne começou a compor os *Ensaio*s logo após seu afastamento dos compromissos públicos; pois, de acordo com sua própria avaliação, observa o Presidente Bouhier, ele não quis caçar, construir, o trabalho de jardinagem ou a atividade agrícola; ocupava-se exclusivamente em leitura e reflexão, dedicando-se com satisfação à tarefa de fixar no papel seus pensamentos assim que eles ocorriam. Esses pensamentos transformaram-se num livro cuja primeira parte, que haveria de conferir imortalidade ao escritor, veio à luz em Bordéus no ano de 1580. Montaigne tinha então quarenta e sete anos; no passado ele havia sofrido durante alguns anos de cólicas e cálculos renais; tinha necessidade de distrair-se de suas dores e a esperança de obter algum alívio das águas medicinais, e nessa época empreendeu uma grande viagem. Como os relatos dessas viagens através da Alemanha e da Itália compreendem algumas particularidades altamente interessantes de sua vida e de sua história pessoal, parece valioso fornecer um esboço ou análise deles.

“A Viagem de que regressamos teve um curso simples de descrever”; diz o editor do Itinerário, “de Beaumont-sur-Oise a Plombières, em Lorraine, nada foi suficientemente interessante para nos deter... devemos de ir mais longe, até Basle, da qual temos uma descrição, familiarizando-nos com sua situação física e política naquele período, bem como com o caráter de seus banhos. A passagem de Montaigne pela Suíça não é desprovida de interesse, pois ali vemos nosso viajante filosófico acomodar-se em todos os lugares aos costumes do país. Os hotéis, as provisões, a cozinha suíça, tudo lhe era agradável; parece como se ele realmente preferisse aqueles aos gostos e modos franceses nos lugares que estava visitando, e cuja simplicidade e liberdade (ou franqueza) concordava mais com seu próprio modo de vida e pensamento. Nas cidades onde ficou, Montaigne preocupou-se em observar os clérigos protestantes, para se familiarizar com todos os seus dogmas. Teve até mesmo algumas disputas ocasionais com eles.

“Deixando a Suíça ele foi para Isne, então um império sobre Augsburgo e Munique. A seguir prosseguiu para até o Tirol, onde ficou agradavelmente surpreso, depois das advertências que havia recebido; as inconveniências superficiais que sofreu deram-lhe ocasião de observar que por toda a sua vida tinha desconfiado das afirmações de outros com respeito aos países estrangeiros, que os gostos das pessoas estão de acordo com as noções do local de nascimento de cada um; e que, por conseguinte, ele havia aproveitado muito pouco do que lhe foi contado anteriormente.

“De chegada a Botzen, Montaigne escreveu a François Hottmann para dizer que ficara muito satisfeito com a visita à Alemanha e que a deixava com grande pesar, conquanto fosse agora para a Itália. Então atravessou Brunsol, Trent (onde se hospedou na Rosa), indo dali para Rovera; e aqui ele primeiro lamentou a escassez de lagostim, mas compensou a perda compartilhando trufas cozidas em óleo e vinagre, laranjas, cidras e azeitonas; e com tudo se deliciou. Depois de passar uma noite inquieta, quando levantou pela manhã ele apostou que havia alguma cidade ou distrito novo para ser visto, e ficamos conversando, com prazer e vivacidade”.

O secretário, a quem Montaigne ditou o seu Diário, assegura-nos que nunca o viu interessar-se tanto pelas pessoas e cenas das vizinhanças, e acredita que a completa mudança ajudou a mitigar os seus sofrimentos, concentrando sua atenção em outros pontos. Quando havia alguma reclamação de que ele tinha conduzido o seu grupo para fora da rota batida e então voltava para muito perto do ponto onde começaram, respondia que não tinha nenhum trajeto determinado; somente se propunha a visitar os lugares que não havia visto, e desde que não pudessem convencê-lo a trilhar o mesmo caminho duas vezes ou voltar a um lugar já visitado, não podia perceber nenhum prejuízo no seu plano.

Quanto a Roma, ele não se preocupou menos de visitar, já que todo o mundo faz isso; disse que nunca houve laçao que não pudesse lhe contar tudo sobre Florença ou Ferrara. Também disse que se parecia com aqueles que estão lendo alguma história agradável ou um livro refinado, que temem acabar: ele sentia tanto prazer em viajar que antecipava com receio o momento de chegar ao lugar onde deveriam parar durante a noite.

Vemos Montaigne viajando, da mesma forma que ele descreveu, completamente à vontade, sem o menor constrangimento; trilhando, da maneira que imaginou, as estradas ordinárias e comuns tomadas pelos turistas. As boas hospedarias, as camas macias e os panoramas agradáveis atraíam a sua atenção em todos os lugares, e nas observações sobre os homens e as coisas ele se limita principalmente ao lado prático. A consideração da saúde estava constantemente diante dele; foi por causa disto que, enquanto em Veneza (que o desapontou) aproveitou a oportunidade para observar, em benefício dos leitores, que sofreu um ataque de cólica e expeliu duas grandes pedras depois da ceia. Ao deixar Veneza ele foi sucessivamente para Ferrara, Rovigo, Pádua, Bolonha (onde teve uma dor de estômago) e Florença; e em todos os lugares, antes de desembarcar, instituiu como regra enviar alguns dos criados para averiguar onde seria obtida a melhor acomodação. Ele manifestou que as mulheres florentinas são as melhores do mundo, mas não teve uma opinião igualmente favorável da comida, que era menos abundante que na Alemanha e não tão bem servida. Ele nos faz perceber que na Itália lhe serviram pratos insossos, enquanto na Alemanha foram muito melhor temperados e servidos com uma variedade de molhos e condimentos. Mais adiante observou que os copos eram singularmente pequenos e os vinhos insípidos.

Depois de jantar com o Grão-Duque de Florença, Montaigne ignorou o interior do país – que não teve nenhuma fascinação para ele – e chegou rapidamente a Roma no último dia de novembro, entrando pela Porta del Popolo e hospedando-se no *Bear*. Mas depois alugou, a vinte coroas por mês, quartos finamente mobiliados na casa de um espanhol, que incluía no preço a utilização do fogo da cozinha. O que mais o aborreceu na Cidade Eterna foi o número de franceses que encontrou, e todos o saudaram em sua língua nativa; mas quanto ao restante estava muito confortável e sua permanência estendeu-se por cinco meses. Uma mente como a dele, plena de elevadas reflexões clássicas, não deixou de ficar profundamente impressionada na presença das ruínas de Roma, e ele entesourou numa magnífica passagem do Diário os sentimentos do momento:

“Ele disse”, escreve o secretário, “que em Roma nada mais se vê que o céu debaixo do qual ela havia sido construída e um esboço do local onde se encontra: que o conhecimento que dela tivemos era abstrato, contemplativo, não palpável aos sentidos atuais; que aqueles que disseram ter visto as ruínas de Roma foram pelo menos muito longe, pois a ruína de tão gigantesca estrutura deve ter inspirado maior reverência – nada mais era que o sepulcro dela. O mundo, invejoso dela e da sua prolongada dominação, foi compelido em primeiro lugar a quebrar em pedaços aquele corpo admirável; então, quando percebeu que os restos ainda atraíam adoração e temor, havia realmente enterrado a própria destruição. Quanto a esses pequenos fragmentos que ainda podiam ser vistos à superfície, apesar das agressões das intempéries e de todos os outros ataques, seguidamente repetidos, haviam sido favorecidos pela fortuna para constituir uma insignificante evidência daquela infinita grandeza que nada pôde extinguir completamente. Mas é provável que esses restos desfigurados tivessem menos direito a atenção e que os inimigos daquele renome imortal, em sua fúria, tenham se empenhado em primeiro lugar na destruição do que estava muito bonito e mais digno de preservação; e que os edifícios dessa Roma bastarda, erguidos sobre as antigas construções, embora pudessem estimular a admiração da era presente, traziam à sua lembrança os ninhos de corvos e pardais embutidos nas paredes e arcos das igrejas velhas, destruídas pelo Huguenotes. Novamente ele [o mundo] fica apreensivo, vendo o espaço que essa sepultura ocupa, que não seria capaz de recobrir inteiramente aquele poder, e que o próprio enterro havia sido enterrado. Além disso, ver um miserável monte de lixo com cacos de azulejo e cerâmica crescer (como faz desde a antiguidade) até a altura do Monte Gurson [em Perigord] e uma largura equivalente, parecia demonstrar uma conspiração do destino contra a glória e a preeminência daquela cidade, ao mesmo tempo propiciando uma prova moderna e extraordinária de sua passada grandeza.

Ele [Montaigne] observou ser difícil acreditar que tantos edifícios estivessem no local, considerando a área delimitada por quaisquer das sete colinas e particularmente pelas duas mais favoráveis, os montes Capitolino e Palatino. Julgando apenas pelo que restou do Templo da Concórdia, ao largo do *Forum Romanum*, cujo desabamento parece bem recente – como uma enorme escarpa de montanha em horríveis rochedos – não parece que mais de dois edifícios tais pudessem ter encontrado espaço no Capitolino, sobre o qual no período havia de vinte e cinco a trinta templos, além de habitações particulares.

“Mas, de fato, há pouquíssimas probabilidades de que as visões que temos da cidade estejam corretas: seu traçado e forma têm mudado infinitamente; por exemplo, o *Velabrum*, devido ao nível rebaixado, recebeu os esgotos da cidade, tornou-se um lago, foi elevado por acumulação artificial a uma altura similar à das outras colinas, e Monte Savello tem, a bem da verdade, simplesmente crescido sobre as ruínas do teatro de Marcellus. Ele acreditava que um romano antigo não reconheceria novamente o local. Acontecia freqüentemente que ao cavar a terra os operários descobrissem o capitel de alguma coluna alta que, embora enterrada, mantinha-se na vertical. As pessoas do povo não têm nenhum recurso além dos alicerces dos arcos e abóbadas das casas antigas sobre os quais, como em lajes de pedra, erguem os seus modernos palácios. É fácil constatar que várias das ruas antigas estão trinta pés abaixo daquelas em uso no momento”.

Embora céptico como se exhibe nos livros, Montaigne manifestou durante sua curta estada em Roma um grande respeito pela religião. Ele solicitou a honra de ser recebido para beijar os pés do Santo Padre, Gregório XIII e o Pontífice o exortou a prosseguir sempre na devoção até agora mostrados à Igreja e ao serviço do Mais Cristão dos Reis.

“Depois disto”, diz o editor do Diário, “vimos Montaigne despendendo todo o seu tempo em excursões pelas redondezas, a pé ou a cavalo, em visitas e observações de toda natureza. As igrejas, as estações, até mesmo as procissões e os sermões; e depois os palácios, os vinhedos, os jardins, as diversões públicas como o Carnaval, etc – nada foi negligenciado. Ele presenciou a circuncisão de uma criança judia e colocou no papel o mais minucioso relatório da operação. Ele se encontrou em San Sisto com o embaixador moscovita, o segundo que tinha vindo para Roma desde o pontificado de Paulo III. Esse ministro fez despachos de sua corte para Veneza, endereçados ao *Grande Governador de Signory*. Naquele momento a corte de Moscou tinha limitadas relações com as outras potências da Europa e eram muito incorretas as suas informações, pensando que Veneza fosse um território dependente da Santa Sé”.

De todos os particulares com que ele nos abasteceu durante sua permanência em Roma, a seguinte passagem em referência aos *Ensaaios* não é a menos singular: “O Mestre do Palácio Sagrado devolveu-lhe os *Ensaaios*, corrigidos de acordo com os pontos de vista dos monges instruídos. ‘Ele só tinha conseguido formar um juízo deles’, disse Montaigne, ‘através de certo monge francês, não compreendendo o próprio idioma francês’” – deixemos que o próprio Montaigne relate a estória – “e recebeu com tanta complacência as minhas escusas e explanações sobre cada uma das passagens que tinham sido censuradas pelo monge francês que acabou por me dar liberdade para revisar o texto tranqüilamente, sujeito apenas à minha própria consciência. Pelo contrário, eu lhe implorei que cumprisse o parecer das pessoas que haviam me criticado, confessando entre outras coisas, como, por exemplo, o meu emprego da palavra fortuna ao citar os poetas históricos, em minha apologia de Juliano, em minha reprovação da teoria de que aquele que reza deve estar naquele período isento de inclinações viciosas; item, quanto à minha estimativa da crueldade como alguma coisa além da simples morte; item, sobre o meu ponto de vista de que uma criança deve ser levada a fazer de tudo, e assim por diante; que essas eram as minhas opiniões e eu não as considerava injustas; quanto às outras coisas, disse-lhe que o revisor não alcançou o meu propósito. O Mestre, que é um homem sábio, apresentou-me muitas desculpas e deixou-me a conjecturar se ele não concordava com as melhorias sugeridas; e chegou até mesmo a defender-me engenhosamente em minha própria presença contra outra pessoa (um italiano, também) que se opôs aos meus sentimentos”.

Tal foi o que se passou entre Montaigne e esses dois personagens naquele instante; mas quando o Ensaísta estava de partida e foi despedir-se, usaram linguagem muito diferente com ele. “Eles me pediram”, ele diz, “para não dar nenhuma atenção à censura passada sobre o meu livro, no qual outros franceses informaram que havia muitas coisas tolas; acrescentando que eles reverenciavam a minha inclinação afetuosa pela Igreja e minha capacidade; e tinham tão elevado conceito de minha integridade e consciência que iriam deixar-me fazer as tais alterações no livro como era apropriado, quando fosse reimprimi-lo; entre outras coisas, a palavra fortuna. Para se desculparem pelo que haviam dito contra o meu livro, mencionaram como exemplo os recentes trabalhos de cardeais e outros clérigos de excelente reputação que tinham sido acusados por falhas similares, as quais de forma alguma afetaram as reputações dos autores ou da publicação como um todo; eles me pediram que emprestasse à Igreja o apoio da minha eloquência (foram suas palavras literais) e fizesse uma permanência mais prolongada no lugar, onde eu deveria ficar livre de qualquer intrusão adicional por parte deles. Pareceu-me que nos apartamos realmente como bons amigos”.

Antes de deixar Roma, Montaigne recebeu o seu diploma de cidadania, pelo qual se sentiu amplamente lisonjeado; e depois de uma visita a Tivoli ele partiu para Loretto, parando em Ancona, Fano e Urbino. No começo de maio de 1581 chegou a Bagno della Villa, onde se estabeleceu, disposto a tentar as águas. Lá, encontramos no Diário, por sua própria vontade o Ensaísta viveu na mais rígida conformidade com o regime e daqui em diante só ouvimos falar da dieta, do efeito gradualmente ocasionado pelas águas em seu organismo, da maneira como as utilizou; em poucas palavras, ele não omite uma vírgula quanto às circunstâncias ligadas à sua rotina diária, seus hábitos corporais, seus banhos e tudo o mais. Não era mais nenhum diário de viajante que ele mantinha, mas o relatório de um inválido, atento aos mínimos detalhes da cura que ele se empenhava em concretizar: uma espécie de caderno de memorandos no qual anotava tudo que fez e sentiu, para benefício do médico de casa, a cujos cuidados ficaria a sua saúde quando do seu retorno, bem como o atendimento das suas fraquezas subseqüentes. Montaigne dá isso como razão e justificativa para aqui detalhar essa expansão, que para o seu pesar havia omitido, fazendo assim suas visitas a outros banhos que poderiam tê-lo poupado da dificuldade de agora escrever com tal verbosidade; mas é talvez uma razão melhor aos nossos olhos do que ele dizer que escreveu para seu próprio uso.

Encontramos nesses relatórios, todavia, muitos detalhes que são valiosas ilustrações dos costumes locais. A maior parte das entradas no Diário, dando conta dessas águas e das viagens até a chegada de Montaigne à primeira cidade francesa, em sua rota para casa, está em italiano, porque ele desejou exercitar-se naquele idioma.

A minuciosa e constante vigilância de Montaigne sobre sua saúde e sua pessoa poderia levar à suspeita daquele excessivo medo da morte que se degenera em covardia. Mas não era suficiente o medo da cirurgia de cálculos, naquele tempo realmente formidável? Ou talvez ele tivesse o mesmo modo de pensar do poeta grego, de quem Cícero nos dá esta declaração: “Eu não desejo morrer; mas o pensamento de estar morto me é indiferente”. Vamos ouvir, porém, o que ele diz a si mesmo e muito francamente quanto a esse ponto: “Seria muito fraco e efeminado de minha parte se, certo como estou de sempre me achar em posição de dever sucumbir naquele caminho [para a pedra ou cálculo renal] e da morte que vem mais e mais próxima de mim, eu não fizer algum esforço, antes de chegar o momento, para suportar a provação com firmeza. Pois a razão prescreve que devemos aceitar com jovialidade o que apraza a Deus nos enviar. Então o único remédio, a única regra e a exclusiva doutrina para evitar os males pelos quais os seres humanos estão rodeados, sejam quem forem, é a resolução de agüentá-los até onde nossa permita a natureza, ou acabar pronta e corajosamente com eles”.

Montaigne ainda estava no balneário de La Villa quando, no dia 7 de setembro de 1581, soube por carta que tinha sido eleito Prefeito da cidade de Bordéus no 1º de agosto precedente. Essa informação o fez apressar sua partida; e de Lucca prosseguiu para Roma. Novamente permaneceu algum tempo naquela cidade e lá recebeu uma carta dos conselheiros de Bordéus, notificando-o oficialmente da sua eleição para a Prefeitura e convidando-o a retornar tão rápido quanto possível. Montaigne partiu para a França acompanhado pelo jovem D’Estissac e vários outros cavalheiros que o escoltaram por uma distância considerável; mas ninguém voltou para a França com ele, nem mesmo seu companheiro de viagem. Ele passou por Pádua, Milão, Monte Cenis e Chambery; dali foi para Lyons, e não perdeu nenhum tempo em refugiar-se em seu castelo depois de uma ausência de dezessete meses e oito dias.

Vimos há pouco que durante a sua ausência na Itália o autor dos *Ensaaios* foi eleito prefeito de Bordéus. “Os cavalheiros de Bordéus”, diz ele, “elegeram-me Prefeito de sua cidade enquanto eu estava distante da França e longe de pensar em tal coisa. Peço desculpas; mas eles deram a entender que eu estava fazendo algo errado em proceder assim, e que é também às ordens do rei que eu deveria ficar”. Esta é a carta que Henrique III escreveu a ele naquela ocasião:

Monsieur de Montaigne: – Visto que tenho grande apreço por sua fidelidade e zelosa devoção ao meu serviço, foi com prazer que soube de sua escolha para a prefeitura da minha cidade de Bordéus. Tive o agradável dever de confirmar a nomeação, e o fiz com a maior boa vontade, vendo o que foi feito durante sua prolongada ausência; portanto é meu desejo, e eu solicito e ordeno expressamente que você proceda sem demora e assuma os deveres para os quais recebeu tão legítima convocação. E assim você agirá de modo que muito me agradará, enquanto o contrário será muito inapropriado. Rezo a Deus, M. de Montaigne, para conservá-lo em sua santidade.

“Escrito em Paris, 25 de novembro de 1581.

“Henrique.

“A Monsieur de Montaigne, Cavaleiro de minha Ordem, Cavaleiro Efetivo de minha Câmara, que no momento encontra-se em Roma”.

Montaigne, em seu novo emprego – o mais importante da província – obedeceu o axioma de que um homem não pode recusar um dever, embora absorva seu tempo e atenção e envolva até mesmo o sacrifício do seu sangue. Colocado entre dois partidos extremistas, já no ponto de exaustão, ele se mostrou na vida prática o que está em seu livro, um amigo da política moderada e mediadora. Tolerante por caráter e por princípio ele pertenceu, como todas as grandes mentes do décimo sexto século, àquela seita política que buscava melhorar as instituições sem destruí-las; e dele podemos dizer o que ele mesmo disse de La Boetie: “que possuiu aquela máxima indelével impressa em sua mente: obedecer e submeter-se religiosamente às leis sob as quais ele nasceu. Afetuosamente ligado à tranqüilidade do seu país e inimigo de mudanças e inovações, ele teria preferido empregar os meios de desencorajamento e supressão de que dispunha a promover o sucesso deles”. Tal era a plataforma de sua administração.

Montaigne aplicou-se de maneira especial à manutenção da paz entre as duas facções religiosas que naquele momento dividiam a cidade Bordéus; e ao fim dos dois primeiros anos de gestão (em 1583), seus reconhecidos concidadãos lhe outorgaram a prefeitura por outros dois anos, uma distinção que só havia sido desfrutada, como ele nos diz, em duas ocasiões anteriores. No término de sua carreira oficial, depois de quatro anos de exercício, ele bem poderia dizer que não deixou ódios para trás nem foi causador de injúrias.

Em meio às diligências de governo, Montaigne encontrou tempo para revisar e ampliar os *Ensaaios*, que desde o seu aparecimento em 1580, recebiam contínuos acréscimos na forma de capítulos ou apontamentos adicionais. Mais duas edições foram impressas em 1582 e 1587; durante esse tempo o autor, enquanto fazia alterações no texto original, havia composto parte do Terceiro Livro. Ele foi a Paris fazer os arranjos para a publicação do seu trabalho ampliado, resultando numa quarta impressão, em 1588. Nessa ocasião Montaigne permaneceu por algum tempo na capital e foi então que encontrou *Mademoiselle* de Gournay pela primeira vez. Dotada de um espírito ativo e inquisidor e, acima de tudo, possuindo um temperamento vivaz e saudável, em sua infância *Mademoiselle* de Gournay fora carregada para a controvérsia, a aprendizagem e o conhecimento por aquela maré iniciada no século XVI. Ela estudou latim sem um professor; e quando, aos dezoito anos, tornou-se acidentalmente possuidora de uma cópia dos *Ensaaios*, foi transportada com deleite e admiração.

Ela deixou o castelo de Gournay para vir vê-lo. Com relação a essa jornada de simpatia, não podemos fazer melhor que repetir as palavras de Pasquier: “Aquela jovem senhora, ligada a diversas das maiores e mais nobres famílias de Paris, propôs a si mesma nenhum outro casamento a não ser com sua honra, enriquecida pelo conhecimento obtido de bons livros e, acima de todos os outros, dos *Ensaaios* de M. de Montaigne, que no ano 1588 fez uma prolongada permanência na cidade de Paris, para onde ela foi com a finalidade conhecê-lo pessoalmente; sua mãe, *Madame* de Gournay, levou-os de volta consigo para o seu castelo onde, em duas ou três diferentes ocasiões, o autor passou três meses inteiros como a mais bem-vinda das visitas”. É dessa época que data a adoção de *Mademoiselle* de Gournay como filha de Montaigne, uma circunstância que tendeu a lhe conferir imortalidade numa medida muito maior que as próprias produções literárias dela.

Deixando Paris, Montaigne ficou em Blois por algum tempo para comparecer à conferência dos Estados-Gerais. Desconhecemos a sua participação naquela assembléia: mas é sabido que no período ele estava comissionado para negociar entre Henrique de Navarre (depois Henrique IV) e o Duque de Guise. Sua vida política é praticamente um espaço em branco, mas De Thou nos assegura que Montaigne desfrutou da confiança das principais personalidades do seu tempo. De Thou – que o chama sem constrangimento de homem honesto – conta-nos que entrando com ele e Pasquier na corte do Castelo de Blois, ouviu-o pronunciar algumas opiniões muito notáveis sobre eventos contemporâneos, e adiciona que Montaigne tinha previsto que as dificuldades da França não poderiam terminar sem testemunhar-se a morte de Henrique de Navarre ou do Duque de Guise.

Ele havia se tornado completamente senhor dos pontos de vista desses dois príncipes, tanto que disse a De Thou que o Rei de Navarre estaria preparado para abraçar o Catolicismo se não tivesse receio de ser abandonado por seu partido, e que o Duque de Guise, de sua parte, não tinha nenhuma particular aversão pela Confissão de Augsburg, pela qual o Cardeal de Lorraine, tio dele, lhe havia inspirado alguma preferência, não fosse pelo perigo envolvido em abandonar a comunhão de Romish. Para Montaigne teria sido fácil maquiavar – como nós hoje chamamos – uma grande influência na política e criar para si mesmo uma elevada posição, mas seu lema era: ‘*Otio et Libertati*’ [repouso e liberdade]; então voltou para casa tranqüilamente e compôs mais um capítulo para sua próxima edição, este sobre as inconveniências da Grandeza.

O autor dos *Ensaaios* tinha agora cinquenta e cinco anos. A enfermidade que o atormentava só fez evoluir cada vez pior com a idade; e ele ainda se ocupava continuamente em leitura, meditando e composição. Montaigne empregou os anos de 1589 a 1591 fazendo novas adições ao seu livro; e mesmo com a aproximação da velhice poderia razoavelmente prever muitos momentos felizes, quando então sofreu um ataque de amigdalite, privando-o da capacidade de expressão vocal. Pasquier, que nos deixou alguns pormenores das suas últimas horas, relata que ele permaneceu três dias em completa posse de suas faculdades, mas incapaz de falar, de forma que o compeliram a recorrer à escrita para tornar conhecidos os seus desejos; e como sentia o fim aproximar-se, implorou que a esposa chamasse certos cavaleiros que moravam nas imediações para possibilitar uma última

despedida. Quando eles chegaram, Montaigne pediu que uma missa fosse celebrada no quarto; assim que o padre ergueu o anfitrião da cama, este caiu para a frente com os braços estendidos adiante, e então expirou. Ele estava em seu sexagésimo ano. Era o dia 13 de setembro de 1592.

Montaigne foi sepultado perto de sua própria casa, mas alguns anos depois seus restos mortais foram removidos para a igreja de Santo Antônio em Bordéus, onde ainda hoje se encontram. Em 1803 o seu monumento fúnebre foi restaurado por um descendente.

Em 1595 *Mademoiselle de Gournay* publicou uma nova edição dos *Ensaio*s, a primeira com as últimas emendas do autor, retiradas de uma cópia a ela apresentada pela viúva de Montaigne e a qual não foi recuperada, embora se saiba que investigaram a existência dela alguns anos depois da data da impressão, realizada com autorização.

Friamente como as produções literárias de Montaigne parecem ter sido recebidas pela geração que sucede imediatamente a sua própria época, o gênio dele cresceu na avaliação no século XVII, quando surgiram grandes espíritos tais como La Bruyère, Molière, La Fontaine e *Madame de Sevigne*. “Oh”, exclamou Chatelaine des Rochers, “que companhia fundamental ele é, minha nossa! Ele é meu velho amigo; e ele é assim apenas pela razão, ele sempre parece novo. Meu Deus! Como aquele livro é cheio de sentido!” Balzac afirmou que ele tinha levado a razão humana tão longe e tão alto quanto poderia ir, tanto em política quanto em moral. Por outro lado, Malebranche e os escritores de Port Royal estavam contra ele; alguns repreendiam a licenciosidade dos seus escritos; outros a sua impiedade, materialismo e epicurismo. Até mesmo Pascal, que havia lido cuidadosamente os *Ensaio*s e não tinha obtido pouco aproveitamento deles, não poupou suas invectivas.

Mas Montaigne sobreviveu à difamação. Conforme o tempo passou, seus admiradores e ‘emprestadores’ aumentaram em número; e o Jansenismo, que o encareceu no século XVIII, pode não ser a sua menor recomendação no século XIX. Certamente temos aqui, no geral, um homem de primeira classe; e uma prova do seu gênio magistral parece ser que os méritos e as belezas dele são suficientes para nos induzir a desconsiderar os seus defeitos e falhas, que seriam fatais num escritor inferior.



DO AUTOR AO LEITOR

Caro Leitor: tens aqui um livro sincero; desde o início te advirto que, mesmo excogitando, propus a mim mesmo nada além de um intuito doméstico e particular: não tive nenhuma consideração seja para te obsequiar ou me glorificar. Meus poderes não são capazes de tal desígnio. Tenho dedicado artigos particulares a meus parentes e amigos de forma que, havendo me perdido (o que não de fazer brevemente), eles aqui poderão restabelecer algumas características das minhas condições e humores, e por isso pretendo preservar o mais completo e natural conhecimento que tiveram de mim. Se minha intenção fosse buscar o favoritismo do mundo seguramente haveria de me adornar com belezas pedidas de empréstimo: desejo aqui ser visto como me pareço em minha própria maneira genuína, simples e comum, sem erudição ou artifício, pois é a mim mesmo que pinto. Dessa forma meus defeitos serão fielmente observados, assim como quaisquer imperfeições da minha natural disposição, até onde a reverência pública o permita. Se tivesse vivido entre essas nações que (segundo dizem) desfrutaram a doce liberdade das primitivas leis da natureza, te asseguro que de boa vontade haveria me pintado inteiramente nu.

Assim, Leitor, sou eu mesmo a matéria do meu livro: não há nenhuma razão para que tu empregues teu lazer sobre um tema tão frívolo e fútil. Então, adeus.

De Montaigne, 12 de junho de 1580.

CAPÍTULO I

Através de meios diversos os homens alcançam os mesmos objetivos

A maneira mais habitual de satisfazer a indignação daqueles a quem de qualquer modo ofendemos, quando os vemos capazes do poder de vingança e nos encontramos absolutamente submetidos à clemência deles, é através da humildade, para comovê-los à piedade e à comiseração; e ainda assim a coragem, a constância e a resolução, embora meios bastante opostos, às vezes servem para produzir o mesmo efeito.

Eduardo, Príncipe de Gales (o mesmo que por tanto tempo governou nossa Guienne, um personagem cujas condições e fortuna têm em si mesmas os mais notáveis e mais consideráveis aspectos da grandeza), estando extremamente enraivecido com os Limousinos e tomando a cidade deles através da agressão, não foi, pelos gritos das pessoas ou pelas orações e lágrimas das mulheres e crianças abandonadas ao massacre e prostrados aos seus pés por clemência, retardado em prosseguir com sua vingança; até que, penetrando posteriormente na cidade, foi afinal notificado que apenas três fidalgos [esses franceses são Jean de Villemure, Hugh de la Roche e Roger de Beaufort, segundo Froissart] com incrível bravura resistiram ao poder do seu exército vitorioso. Foi aquela consideração e respeito sobre tão destacado valor quem primeiro deteve a torrente da sua fúria, e sua indulgência, começando por esses três cavaleiros, foi depois estendida a todos os demais habitantes da cidade.

Scanderbeg, Príncipe do Epiro, perseguia um dos seus soldados com a intenção de matá-lo; o soldado, tendo em vão tentado satisfazê-lo por todas as formas de humildade e súplica, resolveu, como último recurso, voltar-se e esperá-lo de espada na mão: tal comportamento provocou um súbito impedimento na fúria do capitão; este, vendo-o assumir tão insigne atitude, recebeu-o em seu favor; todavia esse é um exemplo que poderia receber outra interpretação, não fossem sabidas a força prodigiosa e o valor daquele príncipe.

Tendo o Imperador Conrado III sitiado o Guelfo, Duque da Bavária [em 1140, na cidade de Weinsberg, Baviera Superior] não teria prevalecido sobre ele, pois através de expedientes e satisfações covardes que de alguma forma lhe foram oferecidos, condescendeu em condições mais moderadas: somente às senhoras e fidalgas que estavam com o duque na cidade poderiam sair sem violação de sua honra, a pé e apenas com o que pudessem levar consigo. Ao que elas, pela magnanimidade dos seus corações, num instante inventaram de carregar os maridos e filhos em seus próprios ombros, e até o próprio duque; uma visão diante da qual o imperador ficou tão contente que, encantado com a generosidade da atitude, chorou de alegria; imediatamente extinto do seu coração o ódio mortal e capital que havia concebido contra esse duque, daquele momento em diante o tratou com toda a humanidade. O primeiro e o segundo desses dois meios poderão com grande facilidade operar em minha natureza, visto que tenho uma maravilhosa tendência à clemência e à mansidão, num tal grau que imagino a qual dos dois deveria antes submeter-se a minha raiva, à compaixão ou à estima. E a piedade ainda é reputada como vício entre os Estóicos, os quais desejam que socorramos os aflitos, mas não que sejamos tão afetados pelos sofrimentos deles que venhamos a sofrer também. Eu não concebi estes exemplos impróprios para servir à questão em mãos, e antes porque observamos essas grandes almas atacadas e tentamos por estes dois caminhos diversos resistir ao primeiro sem ceder, e ser sacudidos e sujeitados pelo segundo. Talvez seja verdade que a experiência do coração de um homem ser totalmente subjugado pela compaixão pode ser imputada à facilidade, efeminação e excessiva brandura; de onde decorre que as naturezas mais débeis, a partir das mulheres, crianças e do tipo comum de gente, não são mais sujeitas a isso senão depois de resistir e menosprezar o poder das lágrimas e gemidos, rendendo-se exclusivamente à reverência da sagrada imagem do Valor; este não pode ser um diferente resultado de uma alma forte, enamorada e inflexível, de brio masculino e obstinada coragem. Não obstante a surpresa e a admiração podem, em mentes menos generosas, produzir efeito similar: observe que o povo de Tebas, quando dois dos seus generais tiveram as vidas ameaçadas, sendo julgados por ter continuado em armas além do preciso termo da sua comissão, realmente quase não perdoou Pelópidas; este, curvando-se sob o peso de tão perigosa acusação, não teve meios para defender-se nem produziu outros argumentos além de orações e súplicas; considerando que Epaminondas, pelo contrário, começou a recontar enfaticamente as façanhas que havia executado ao serviço deles e depois, de uma forma altiva e arrogante, reprovou-lhes a ingratidão e injustiça: eles não tiveram coragem para prosseguir em seu processo, mas suspenderam o tribunal e dispersaram, a assembléia toda recomendando favoravelmente a elevada bravura desse personagem [segundo Plutarco].

Dionísio (o velho), depois de tomar a cidade de Reggio através um tedioso assédio e sobrepujar enormes dificuldades, e sendo Phytón, seu governador, um homem muito valente que havia oposto tão obstinada defesa, resolveu dar-lhe um exemplo trágico da sua vingança: em seqüência, primeiro lhe falou: “Que no dia anterior fez afogar o filho dele e todos de sua família”. Ao qual Phytón não devolveu outra resposta além disto: “Então eles estavam mais felizes do que ele adiantados por um dia”. Depois disso o despiram e entregaram nas mãos dos carrascos; Phytón não só foi por eles arrastado pelas ruas da cidade, ignominiosa e cruelmente chicoteado, mas também difamado com as mais amargas e insolentes expressões: mas ainda manteve sua inteira coragem por todo o caminho, com a voz forte e o semblante destemido proclamando a causa honrada e gloriosa de sua morte; a saber, que ele não entregaria sua cidade nas mãos de um tirano, ao mesmo tempo pronunciando contra ele um veloz castigo dos deuses ofendidos. Lendo nos olhares dos seus soldados que em vez de ficarem zangados pelas palavras atrevidas do inimigo conquistado, desdenhavam seu capitão e seu triunfo, e não só ficaram pasmos de admiração por tão rara virtude, mas além disso inclinados a se rebelar e estavam mesmo a ponto de arrancar o prisioneiro das mãos do carrasco, Dionísio ordenou que parassem a tortura e depois o lançassem no mar reservadamente [segundo Deodoro da Sicília].

O homem (com sinceridade) é sujeito maravilhosamente fútil, inconstante e instável, de quem é muito difícil formar qualquer juízo uniforme e correto. Pois Pompeu haveria de perdoar toda a cidade dos Mamertinos, sendo furiosamente incensado contra isso, por conta da virtude e magnanimidade de um único cidadão, Zenão, o qual assumia completamente as faltas do povo; nem sequer pediu outro favor, senão sofrer sozinho o castigo de todos: e ainda o anfitrião de Sila, tendo na cidade de Perugia manifestado a mesma virtude, nada obteve por ela, para si mesmo ou para os seus concidadãos.

E, diretamente contrário aos meus primeiros exemplos, o mais valente de todos os homens e que gozava da reputação de ser muito cortês entre todos aqueles a quem havia superado, Alexandre, tendo depois de dificuldades muito grandes forçado a cidade de Gaza e nela entrando, encontrou Betis que lá comandava e de cujo valor no período desse assédio existiam as provas do mais manifesto prodígio, sozinho, abandonado por todos os seus soldados, sua armadura fendida e reduzida a pedaços, por toda parte coberto de sangue e ferimentos e ainda lutando contra a multidão de inumeráveis Macedônios que o cercavam por todos os lados, disse-lhe, ressentido por uma vitória comprada a um preço tão alto (pois além de outros danos ele havia recebido recentemente dois ferimentos em seu próprio corpo): “Tu não morrerás, Betis, como pretendeste; estejas seguro de sofrer todos os tormentos que podem ser infligidos a um cativo”. A tal ameaça o outro não devolveu nenhuma outra resposta senão um único olhar feroz e desdenhoso. “O quê”, diz Alexandre, observando o seu silêncio arrogante e obstinado, “ele tem dificuldade para dobrar um joelho! É muito orgulhoso para proferir uma palavra de súplica! Realmente, hei de conquistar esse silêncio; e se não puder forçar uma palavra da sua boca, vou pelo menos extrair um gemido do seu coração”. E logo a seguir, convertendo a raiva em fúria, mandou perfurarem seus calcanhares e que, enquanto ainda vivo, fosse arrastado, mutilado e desmembrado, amarrado à cauda de um carro [Quinto Cúrcio. Esse ato de crueldade foi questionado, apesar da declaração de Cúrcio]. Era tanta a altura da coragem, tão natural e familiar a esse conquistador, para que ele não pudesse admirá-la e ao menos respeitá-la? Ou entendia a bravura uma virtude tão peculiar a ele mesmo que seu orgulho não pôde, sem inveja, suportá-la em outro? Ou na impetuosidade natural da sua fúria era incapaz de tolerar oposição? Certamente, se tivesse sido capaz de moderação, seria de acreditar que no saque e destruição de Tebas, ver tantos homens valorosos totalmente perdidos e destituídos de qualquer chance de defesa, cruelmente massacrados diante dos seus olhos, o teria satisfeito: onde houve mais de seis mil eliminados à espada, dos quais nenhum foi visto fugir ou pedir asilo; mas, pelo contrário, cada um correndo daqui para lá, procurando e provocando o inimigo vitorioso para se permitirem um fim honrado. Não se viu ninguém que, embora debilitado pelos ferimentos, ainda não fizesse em seu último suspiro um esforço para se vingar, e com todas as armas de um valente desespero, adoçar a própria morte com a morte de um inimigo. A bravura deles não logrou gerar nenhuma piedade e a extensão de um dia não foi suficiente para saciar a sede de vingança do conquistador; a matança continuou até a última gota de sangue que eram capazes de verter, não parando até que restassem nada mais além de pessoas desarmadas, homens velhos, mulheres e crianças, entre os quais levaram um número de escravos acima de trinta mil.

CAPÍTULO II

Sobre a tristeza

Sou dos que menos sentem essa disposição de espírito; não a aprecio nem a valorizo, embora de um modo geral, e preconceituosamente, os homens a respeitem e estimem. Com ela enfeitam a sabedoria, a virtude, a consciência, mas o adorno é pobre e feio. Os italianos com muito mais razão deram seu nome à maldade, pois ela é sempre nociva, sempre insensata, e também covarde e desprezível: os estóicos a proibem aos sábios.

Diz-nos a história [Heródoto] que Psamético, rei do Egito vencido por Cambises, rei da Pérsia, vendo passar a filha, como ele próprio cativa, e que ia buscar água vestida de serva, permaneceu mudo, olhos voltados para o chão, enquanto choravam todos os seus amigos. Vendo logo depois o filho, que conduziam para a morte, conservou a mesma atitude. No entanto, diante de um criado que levavam à tortura, juntamente com outros prisioneiros, pôs-se a golpear a cabeça demonstrando extrema aflição.

Pode-se comparar esse fato ao que ocorreu recentemente com um de nossos príncipes, o qual recebeu em Trento a notícia da morte do irmão mais velho, sustentáculo da honra e da manutenção da família. Logo depois sabia do falecimento do segundo irmão para o qual, desaparecido o primeiro, voltavam todas as esperanças. Ambas as desgraças ele as suportou com coragem exemplar. Eis que dias mais tarde vem a morrer um dos seus amigos, ao que não pôde resistir. Sua resolução o abandona e ele se desfaz em lágrimas e lamentações, a ponto de observarem que somente ao último acontecimento se mostrara realmente sensível. Na verdade a medida estava cheia e uma coisa de nonada bastara para abater-lhe a energia e provocar um transbordamento de tristeza. Poder-se-ia, creio, assim explicar igualmente a atitude de Psamético, se não acrescentasse a história que Cambises,

tendo-lhe perguntado por que motivo ele, que tão pouco se mostrara perturbado com a infelicidade da filha e do filho, tanto se afetara ante a de um amigo, recebeu esta resposta: "É que só esta última tristeza é suscetível de se exprimir por lágrimas; a dor sofrida nos dois primeiros casos está além de qualquer expressão".

A propósito, vem-me à memória o caso daquele pintor antigo [Cícero] que, no sacrifício de Ifigênia, teve de representar o sofrimento dos diversos personagens segundo o grau de interesse que cada um votava à bela e inocente jovem, e que ao chegar ao pai da virgem já havia esgotado todos os recursos de sua arte. Diante da impossibilidade de dar-lhe uma atitude em relação com a intensidade da dor, pintou-o de rosto coberto, como se nenhuma expressão pudesse ilustrar semelhante desespero. Eis por que os poetas imaginam a miserável Niobé, que depois de perder seus sete filhos viu morrerem as sete filhas, transmutada em rochedo pela sobrecarga de desventura:

"Diriguisse malis,"

"Petrificada pela dor" [Ovídio]

,a fim de exprimir essa espécie de embrutecimento sombrio, surdo e mudo que se apodera de nós quando as ocorrências nos esmagam ultrapassando o que nos é dado suportar. E, efetivamente, sua dor excessiva, exatamente porque excessiva, deve estupificar a alma a ponto de paralisar qualquer gesto, como acontece quando recebemos inesperadamente uma péssima notícia. Somos tomados de espanto, penetrados de pavor ou de aflição e como tolhidos em nossos movimentos até que à prostração suceda o relaxamento. Surdem então as lágrimas e os lamentos que aliviam a alma e como que lhe permitem mover-se mais à vontade:

"Et via vix tandem voci laxata dolore est."

"É com dificuldade que afinal recupera a voz e pode exprimir sua dor" [Virgílio].

Durante a guerra do Rei Fernando contra o rei da Hungria perto de Buda [Budapeste] um dos guerreiros mostrou-se particularmente valente nos combates que se verificaram. Ninguém o reconhecera e todos o elogiavam e lhe lamentavam a sorte porquanto sucumbira na refrega. E ninguém mais do que um Senhor de Raisciac, fidalgo alemão, o engrandecia, entusiasmado com tão rara coragem. Recolhido o corpo, Raisciac aproximou-se como os demais para ver quem era, e ao lhe tirarem a armadura reconheceu o filho. A emoção dos presentes aumentou mais ainda; só ele permaneceu impassível, sem dizer palavra, sem pestanejar, de pé, contemplando fixamente o corpo até que a violência da dor tendo atingido o próprio princípio da vida o derrubasse para sempre.

"Chi puo dir com' egli arde, a in picciol fuoco,"

"Quem pode dizer a que ponto arde, arde bem pouco" [Petrarca],

Dizem os amantes que querem exprimir insuportável paixão ou:

"Misero quod omneis

Eripit sensus mihi: nam simul te,

Lesbia, aspexi, nihil est super mi,

Quod loquar amens.

Lingua sed torpet: tenuis sub artus

Flamma dimanat; sonitu suo

Tintinant aures; gemina teguntur

Lumina nocte."

"Quão miserável sou! O amor perturba-me os sentidos. À tua vista, ó Lésbia, perco a razão. Falar está acima de minhas forças, minha língua engrola, uma chama sutil percorre-me as veias, mil ruídos confusos soam-me aos ouvidos e o véu da noite estende-se sobre os meus olhos" [Catulo].

Não é no auge de nossos transportes quando nos ferve o sangue nas veias que somos mais capazes de encontrar o tom que comove e persuade. Nesses momentos a alma está por demais absorvida em seus pensamentos, o corpo demasiado abatido e lânguido de amor; daí, por vezes, a inesperada e fortuita impotência que surpreende o amante tão fora de propósito; daí esse gelo que o envolve, em virtude do extremo ardor, na própria fonte de seu gozo. A paixão que se deixa saborear e digerir mal merece ser assim nomeada.

"Curae leves loquuntur, ingentes stupent."

"Os prazeres leves são loquazes, as grandes paixões silenciosas" [Sêneca].

Da mesma forma nos comove a surpresa de um prazer inesperado:

"Ut me conspexit venientem, et Troja circum

Arma amens vidit, magnis exterrita monstis,

Diriguit visu in medio, calor ossa reliquit,

Labitur, et longo vix tandem tempore fatur."

"Logo ao ver-me, ao perceber de todos os lados as armas de Tróia, fora de si, como golpeada por pavorosa visão, se imobiliza. Seu sangue gela, desmaia e só muito tempo depois pode enfim falar" [Virgílio].

Além daquela romana que morreu de alegria ao ver o filho escapar da derrota de Canes; além de Sófocles e Dionísio, o tirano, que também morreram de alegria ao receberem uma boa notícia; e Talma que faleceu na Córsega ao saber das honras que o Senado de Roma lhe conferira; vimos neste século o Papa Leão X que, ao ter notícia da tomada de Milão, tão ardentemente desejada, experimentou tal carga de alegria que a febre o assaltou, levando-o à morte. E mais um testemunho comprovador da fraqueza humana tirado dos antigos: Deodoro, o dialético, vendo-se em suas aulas públicas incapaz, de repente, de

responder às objeções que lhe faziam, sentiu tamanha vergonha que morreu na hora. Quanto a mim, sou pouco predisposto a essas paixões violentas; tenho uma sensibilidade naturalmente grosseira e a torno mais espessa ainda e empedernida mediante raciocínios diários.

CAPÍTULO III

Nossas inclinações nos levam além do que desejamos

Os que censuram aos homens sempre se preocuparem com as coisas futuras e nos ensinam a gozar os bens presentes, e com eles nos contentarmos, observando que não mandamos no que está por vir, talvez, menos ainda do que no passado, referem-se ao mais corriqueiro dos erros humanos, se é que se pode chamar erro a essa tendência que, embora a ela sejamos impelidos pela própria natureza no afã da continuidade de sua obra, falseia a nossa imaginação, mais exigente de ação que de ciência, ainda que ignoremos aonde nos leva. Nunca estamos em nós; estamos sempre além. O temor, o desejo, a esperança jogam-nos sempre para o futuro, sonhando-nos o sentimento e o exame do que é, para distrair-nos com o que será, embora então já não sejamos mais.

“Calamitosus est animus futuri auxius.”

“Todo espírito preocupado com o futuro é infeliz” [Sêneca].

“Faze aquilo para que és feito e conhece-te a ti mesmo”, eis um grande preceito amiúde citado em Platão. E cada um dos membros dessa proposição já nos aponta nosso dever, e traz em si o outro. Quem se aplicasse em fazer aquilo para que é feito perceberia que lhe é necessário adquirir antes de mais nada o conhecimento de si próprio e daquilo a que está apto. E quem se conhece não erra acerca de sua capacidade, porque se aprecia a si mesmo e procura melhorar, recusando as ocupações supérfluas, os pensamentos e os projetos inúteis. Da mesma forma que a loucura não se satisfaz ainda que cedamos a seus desejos, a sabedoria, sempre satisfeita com o presente, nunca se descompra consigo mesma. A ponto de Epicuro considerar que nem a previdência nem a preocupação com o futuro são peculiares ao sábio.

Entre as leis relativas ao homem depois da morte, das mais justificáveis se me afigura a que submete as ações dos príncipes a um julgamento póstumo [Deodoro de Sicília]. Os príncipes com efeito devem submeter-se às leis, pois não pairam acima delas. E por não poder a justiça nada contra eles, quando vivos, natural me parece que ao desaparecerem deva ela agir sobre sua reputação e os bens legados, coisas que não raro preferimos à vida. É um uso que não acarreta senão vantagens às nações que o adotam. E os bons príncipes, que poderiam queixar-se de ver tratada a memória dos maus como a sua, hão de desejá-lo. Devemos disciplina e obediência aos reis, bons ou maus; isso é indispensável para que desempenhem seu papel. Mas nossa estima e nossa afeição, não lhas devemos, a não ser que as mereçam. Admitamos que as necessidades políticas nos obriguem a suportá-los com paciência por mais que sejam indignos, a dissimular-lhes os vícios, a endossar-lhes os atos quaisquer que sejam, na medida de nossas forças e desde que de tal endosso necessite a sua autoridade. Mas, cumprindo esse dever, não há razão para que nos recusemos a julgá-los e não tenhamos a liberdade de exprimir nossos ressentimentos se for o caso, nem que nos neguemos a honrar esses bons servidores que, embora conhecendo as imperfeições do senhor, o serviram com respeito e fidelidade, exemplo útil a ser transmitido à posteridade. Aqueles que, em virtude de obrigações pessoais, defendem sem razão a memória de um príncipe indigno, fazem ato de justiça privada em prejuízo da justiça pública. Tito Lívio anda certo ao observar que a linguagem dos homens enfeudados à realeza é sempre cheia de vãs ostentações e falsos testemunhos, encarando cada qual o seu rei independentemente de seus méritos como um soberano cujo valor e cuja grandeza não podem ser ultrapassados. Pode-se reprovar a altivez dos soldados que responderam a Nero, o qual perguntara a um deles por que lhe queria mal e ao outro por que o desejava matar: “Gostava de ti quando eras digno desse sentimento”, respondeu o primeiro; “desde, porém, que te tornaste parricida, incendiário, histrião, cocheiro, odeio-te como o mereces”. E o segundo afirmou: “Porque não vejo outro remédio para teus contínuos desmandos” [Tácito]. Mas quem há de reprovar os testemunhos públicos e universais que depois de sua morte foram obtidos contra esse príncipe, seus tirânicos e odiosos entusiasmos, testemunhos que o estigmatizaram para sempre – e como ele todos os maus? Lamento que entre os usos e costumes tão sábios da Lacedemônia se tenha introduzido uma hipócrita cerimônia, por ocasião da morte dos reis. Todos os confederados e os povos vizinhos, juntamente com os hilotas, homens e mulheres, feriam a frente em sinal de luto, proclamando entre gritos e lamentações que o defunto (bom ou mau tivesse sido) fora o melhor dos reis que haviam tido. Davam, assim, à condição os louvores que ao mérito deveriam caber, e relegavam para o último lugar aquilo que em primeiro deveria estar. Aristóteles, que trata de todos os assuntos, indaga, a propósito das palavras de Sólon: “ninguém se pode dizer feliz antes de morrer”, se quem viveu e morreu segundo seus desejos, mas deixou má reputação ou os seus pósteros na miséria, deve qualificar-se como feliz. Enquanto vivemos temos a faculdade de fazer com que nosso pensamento se pouse onde queremos; quando deixamos de existir acabam as possíveis comunicações com o mundo vivo. Eis por que Sólon teria dito melhor se houvesse afirmado que o homem não é nunca feliz, porquanto só o é quando já não mais existe.

“Quisquam

Vix radicatus e vita se tollit, et eicit;

Sed facit esse sui quiddam super inscius ipse,

Nec removel satis a projecto corpore sese, et

Vindicat.”

“Encontra-se com dificuldade um sábio capaz de fugir da vida e a repelir: ignorante do futuro, o homem imagina que parte de seu ser sobrevive e não pode libertar-se desse corpo que perece e cai” [Lucrécio].

Bertrand du Guesclin morreu no sítio do castelo de Randon em Puy, na Auvergne. Tendo os sitiados capitulado depois da morte dele, viram-se obrigados a depor as chaves da cidade sobre o seu cadáver. Barthélemy de Alviane, general do exército veneziano, tendo morrido na batalha perto de Brescia, tornou-se necessário, a fim de transportar o corpo para Veneza, atravessar o território inimigo de Verona. Os chefes venezianos em sua maioria eram de opinião que se pedisse um salvo-conduto aos veroneses. Théodore Trivulce a isso se opôs, preferindo passar à força, ainda que fosse preciso combater, pois não era decente, disse, que quem em vida jamais temera o inimigo parecesse amedrontar-se depois de morto [Brantôme]. – As leis gregas apresentam-nos algo semelhante: quem solicitava do inimigo um corpo para inumá-lo renunciava à vitória e não mais a podia consagrar com um troféu; e aquele a quem a solicitação era feita considerava-se vencedor. Nícias assim perdeu as vantagens nítidas que conseguira contra os coríntios e, inversamente, Agesilas desse modo assegurou um êxito mais do que duvidoso sobre os beócios. Tais fatos poderiam parecer estranhos, se desde sempre não juntassem os homens à preocupação do além a crença de que as bênçãos celestes o acompanham ao túmulo e se estendem a seus restos. E tantos são os exemplos antigos a esse respeito – sem falar nos de hoje – que não se faz preciso insistir. Eduardo I, rei da Inglaterra, tendo observado nas suas intermináveis guerras contra Roberto, rei da Escócia, a que ponto sua presença contribuía para o êxito, cabendo-lhe a vitória lá onde ele se encontrava, no momento de render o último suspiro obrigou o filho, mediante juramento solene, a mandar ferver-lhe o corpo depois de morto para que, separando-se as carnes dos ossos, se enterrassem aquelas e se transportassem estes com o exército sempre que marchassem contra os escoceses. Como se o destino houvesse fatalmente subordinado a vitória à presença dos ossos. – Jean Ghiska, que perturbou a Boêmia na defesa dos erros de Wicléf, exigiu que depois o esfolassem e com a pele fizessem um tambor que usariam quando pegassem em armas contra os inimigos, imaginando que dessa maneira ajudaria a manter as vantagens obtidas nas guerras anteriores. Certas tribos de índios também levavam para o combate contra os espanhóis os ossos de um de seus chefes por causa dos êxitos que tivera em vida. Outras tribos desse mesmo continente carregam com elas, na guerra, os corpos dos seus guerreiros que se tenham distinguido pela valentia e morrido na luta, pois os consideram suscetíveis de darem sorte e servirem de estímulo. Mostram-nos os primeiros exemplos a recordação de nossos feitos honrosos acompanhando-nos ao túmulo; os últimos atribuem, ademais, a essa recordação, um sentido afetivo.

O caso de Bayard é mais admissível. Esse chefe, ao sentir-se mortalmente ferido por um tiro de arcabuz no corpo, e instado a retirar-se da luta, respondeu que não era no momento de findar que iria começar a virar as costas ao inimigo. E continuou a pelejar enquanto as forças o permitiram. E, não podendo mais permanecer a cavalo porque se sentia desmaiar, mandou a seu escudeiro que o deitasse ao pé de uma árvore, porém de maneira a morrer com o rosto voltado para o inimigo. E assim se fez.

Acrescentarei outro exemplo, tão interessante no gênero quanto os precedentes. O Imperador Maximiliano, bisavô do Rei Filipe, atualmente no trono, foi um príncipe dotado de numerosas e eminentes qualidades e notável pela sua beleza física. Entre as suas singularidades havia a de não se assemelhar a esses príncipes que para tratar dos negócios mais importantes fazem de sua retrete um trono. Nunca teve criado por mais familiar a quem permitisse vê-lo em trajes menores. Escondia-se para urinar e tão pudibundo quanto uma virgem, nem ao médico nem a ninguém mostrava as partes do corpo que costumamos cobrir. Eu, que tão impudente tenho a língua, sou entretanto, por temperamento, igualmente inclinado a semelhante discrição. E, a menos que a tanto seja levado por necessidade ou volúpia, não exponho aos olhos de ninguém as partes de meu corpo ou os atos íntimos que nossos costumes recomendam se sonaguem à vista; e faço disso uma obrigação talvez maior do que convém a um homem, e em particular de minha profissão. Mas o Imperador Maximiliano a tal exagero chegara que ordenou expressamente em testamento que lhe pusessem ceroulas depois de morto, acrescentando que a pessoa encarregada dessa missão a desempenhasse de olhos vendados. O desejo expresso por Ciro a seus filhos de que nem eles nem ninguém lhe tocassem o corpo depois da morte, provém, imagino, de alguma prática devota, pois tanto ele como seu historiador, entre outras grandes qualidades, mostraram-se durante a vida especialmente dedicados à religião.

Desagrada-me o que me contou certo indivíduo altamente colocado e diz respeito a pessoa de minhas relações íntimas, assaz conhecida pelos cargos que ocupou na paz como na guerra. Esta personagem, que morreu em sua Corte em idade avançada e após cruéis sofrimentos devidos a cálculos, passou suas últimas horas regulando com exagerados cuidados a cerimônia de seu enterro de modo a dar-lhe o maior relevo. Pedia aos nobres visitantes que se comprometessem sob palavra de honra a tomar parte no cortejo fúnebre. Ao próprio príncipe que me narrou o caso, pediu ele insistentemente mandasse vir o seu séquito, e citava exemplos e argumentava para provar que tanto se devia a um homem de sua condição. E, tendo arrancado tal promessa e estabelecido de acordo com suas idéias a distribuição e a ordem da parada, expirou aparentemente satisfeito. Não creio ter jamais visto tão persistente vaidade.

Preocupar-se com regular os funerais ou de maneira original ou com excessiva parcimônia, como, por exemplo, reduzindo o acompanhamento a um simples servidor carregando uma lanterna, são singularidades inversas das precedentes, embora da mesma ordem e de que também encontro exemplos na minha família. Há entretanto quem aprove tais gestos, como aprovam a proibição de Marco Lépido a seus herdeiros de empregar o cerimonial adequado ao seu caso. Se assim agindo imaginamos fazer ato de temperança e austeridade, evitando uma despesa e uma satisfação que não gozaremos e cuja percepção nos será impossível, tal atitude em verdade não será muito meritória. Se me coubesse resolver quanto ao assunto, eu diria que nessas como em todas as demais circunstâncias da vida, cada qual deve orientar-se pela sua situação na sociedade, e o filósofo Lícón demonstrou sabedoria quando prescreveu a seus amigos que o enterrassem como achassem melhor, organizando funerais que não fossem nem supérfluos nem miseráveis. No que me diz respeito, que obedecem aos usos em vigor; confio na discrição daqueles a quem caberá então tal incumbência.

***“Neque sepulcrum, quo recipiatur, habeat: portum corporis,
Ubi, remissa human, vita, corpus requiescat a malis.”***

"Eis um cuidado que é preciso desprezar para si próprio e não negligenciar para os outros" [Cícero].

Santo Agostinho fala uma linguagem digna de um santo quando diz: – "A organização dos funerais, a escolha da sepultura, a pompa das exéquias, são menos necessárias à tranqüilidade dos mortos do que ao consolo dos vivos". – No mesmo espírito, Sócrates ao morrer respondia a Críton que lhe perguntava como queria ser enterrado – "como quiserdes". Se eu devesse atentar mais completamente para a coisa, ser-me-ia agradável imitar os que, ainda em vida e na plena posse de suas faculdades, empreendem gozar antecipadamente as homenagens fúnebres que lhes serão prestadas, deleitando-se na contemplação de sua efígie reproduzida no mármore do túmulo. Felizes aqueles para quem ver o que serão, quando não forem mais é um prazer, e que vivem de sua própria morte.

Embora eu considere a soberania do povo a mais natural e racional, por pouco não me torno seu inconciliável adversário, tal aversão me infunde a atitude injusta e inhumana dos atenienses que condenaram à morte e imediata execução, sem sequer lhes ouvir a defesa, os valentes capitães que acabavam de vencer os lacedemônios junto às ilhas Arginusas na batalha naval mais árdua e considerável que os gregos jamais tiveram. E por quê? Porque esses chefes após a vitória tinham procurado tirar partido de suas vantagens, de acordo com a arte da guerra, em vez de se atardarem em recolher os mortos e lhes darem sepultura. A odiosidade da execução ainda maior relevo apresenta ante a atitude de Diomedonte, um dos condenados, soldado e homem político de grande mérito. Depois de ouvir a sentença e diante da calma restabelecida na assembléia, adianta-se para falar e em lugar de usar a palavra em defesa da causa, pondo em evidência a iniquidade de tão cruel veredicto, não pensa senão nos juízes e pede aos deuses que os recompensem e lhes comunica que tais eram os votos dele próprio e de seus companheiros, temerosos de que a ira celeste despertada pela não observância dos deveres funerários se desviasse deles próprios, os beneficiários de tão brilhante êxito. E sem mais nada acrescentar, sem nenhuma recriminação, marchou corajosamente para o suplício.

Alguns anos mais tarde, o destino puniu os atenienses por onde haviam pecadosusurro. Chabrias, comandante de sua frota, tendo vencido perto da ilha de Naxos, a Polis, almirante espartano, perdeu o fruto da vitória, de importância capital, receoso de idêntica condenação. Para não deixar sem sepultura os corpos de alguns dos seus homens, que flutuavam sobre as ondas, deixou que fugissem inúmeros inimigos, os quais, voltando-se ao depois contra ele, fizeram-no pagar caro a observância tão inoportuna dessa superstição.

***"Quaeris, quo jaceas, post obitum, loco?
Quo non nata jacent."***

"Queres saber onde estarás depois de morto? Irás para onde se encontram as coisas ainda por nascerem" [Sêneca].

Outros concedem em princípio o repouso ao corpo que a alma abandona.

***"Neque sepulcrum, quo recipiatur, habeat: portum corporis,
Ubi, remissa human, vita, corpus requiescat a malis."***

"Que não tenha túmulo para recebê-lo e onde, aliviado do peso da vida, seu corpo possa repousar em paz" [Ênio].

Tudo nos leva a crer que a morte não é o fim último. A própria natureza nos fornece exemplos de misteriosas relações entre o que não mais existe e o que vive ainda. Não experimenta o vinho nas adegas modificações correspondentes às que as estações imprimem às vinhas? E dizem também que a carne dos animais mortos na caça e conservada em salgadeiras se modifica e muda de gosto tal qual acontece com a desses mesmos animais quando vivos.

CAPÍTULO IV

A alma desperdiça suas paixões em falsos objetos, buscando os verdadeiros

Um fidalgo de nossa sociedade, sujeito a ataques de gota, tinha por hábito responder, gracejando, aos médicos que lhe recomendavam abster-se de carnes salgadas, que lhe apetecia responsabilizar alguém ou alguma coisa quando o mal o visitava e seu sofrimento aumentava. E aliviava-lhe a dor poder atribuir a causa disso ora ao chouriço, ora à língua de boi ou ao presunto que comera, mandando-os ao diabo.

Em verdade, assim como nos dói o braço erguido para bater, se o golpe não alcança o alvo e atinge o vácuo, e assim como para tornar uma paisagem agradável é preciso que ela não se isole no espaço mas antes se apóie a um fundo apropriado e seja vista a distância suficiente,

***"Ventus ut amittit vires, nisi robore densa
Occurrant sylvae, spatium diffusum inani."***

"Assim como o vento, se espessas florestas não se erguem a sua frente como obstáculos, perde sua força e se dissipa; assim a alma perturbada e agitada se confunde quando lhe falta um objetivo. Em seus transportes, exige ela, sempre, algo a que culpar e contra o que agir" [Lucano].

Plutarco [na 'Vida de Péricles'] diz, a propósito dos que se afeiçoam a macacos e cães-zinhos, que a nossa necessidade de amar em não se exercitando normalmente em vez de permanecer insatisfeita projeta-se sobre objetos ilícitos ou indignos dela. Vemos igualmente a alma tomada pela paixão, de preferência a não se entregar a ela, enganar-se a si própria criando um objetivo falso ou fantasista, ainda que a expensas de suas próprias convicções. É o que leva os animais feridos a voltar-se contra a pedra ou o ferro que os feriu ou a morder-se a si mesmos para se vingarem da dor sentida.

***"Pannonis haud aliter, post ictum saevior ursae,
Cui jaculum parva Lybis amentavit habena,***

***Se rotat in vulnus, telumque irata receptum
Impetit, et secum fugientem circuit hastam.”***

"Assim a ursa de Panônia se faz mais feroz quando atingida pelo dardo que retém a fina correia de Líbia; furiosa, procura morder a lança que a rasga e persegue o ferro que com ela gira" [Lucano].

Que causas não inventamos para as desgraças que nos afligem? A quem ou a que, com razão ou sem ela, não culpamos a fim de ter algo contra que nos haveremos? Em teu desespero arrancas as loiras tranças, rasgas o peito a ponto de o sangue manchar-lhe a brancura; são eles a causa da morte desse bem-amado irmão que uma bala mortal tão cruelmente atingiu? Não, volta-te, pois, contra outros.

A propósito do exército romano que, na Espanha, acabava de perder seus dois chefes, Públio e Cneu Cipião, ambos grandes guerreiros, diz Tito Lívio:

“Flere omnes repente, et offensare capita.”

"Em todo o exército cada qual se pôs imediatamente a derramar lágrimas e a dar pancadas na cabeça".

Não é esse um costume generalizado? E não andava certo o filósofo Bion quando, a propósito do rei que no arrebatamento de sua dor arrancava barba e cabelos, dizia gracejando: "Pensa ele realmente que a pelada amortecia a tristeza do luto?" [Cícero]. E quem não viu jogadores rasgar ou mastigar cartas, ou engolir dados, para se vingarem de um prejuízo? – Xerxes mandou fustigar o mar e desafiou o monte Atos; e Ciro divertiu seus exércitos durante muitos dias a querer vingar-se do rio Gindus pelo medo que tivera ao atravessá-lo. Calígula destruiu um magnífico palácio por causa do desgosto que sua mãe ali experimentara.

Dizia o povo, na minha mocidade, que um rei dos nossos vizinhos [Afonso XI, de Castela], castigado por Deus, jurou vingar-se. Para tanto ordenou que durante dez anos não se rezasse, nem se lhe mencionasse o nome, nem mesmo, na medida em que a autoridade pode pretendê-lo, se acreditasse n'Ele. E com isso não procurava o povo apontar a tolice do soberano mas sim a glória da nação cujo rei assim agia. Presunção e estupidez andam juntas, Porém tais atos mais se explicam pelo primeiro do que pelo segundo defeito. O Imperador Augusto, tendo enfrentado violenta tempestade no mar, pôs-se a desacatar Netuno, e, como vingança, mandou retirar a estátua dessa divindade durante as festas circenses, extravagância menos desculpável ainda que as precedentes [Suetônio]. Mais absurdo ainda se mostrou quando Quintílio Varus foi derrotado na Alemanha. Tomado de cólera e desespero, batia a cabeça contra os muros e gritava: "Varus, Varus, devolve minhas legiões!" Semelhantes insanidades ultrapassam a loucura, principalmente quando a elas se junta a impiedade e elas se voltam contra Deus ou contra a sorte como se esta nos pudesse ver e ouvir. Agem assim como as traças diante dos relâmpagos e trovões e que, a exemplo dos Titãs, pensavam reduzir Deus à razão, intimidando-o com flechas desfechadas contra o céu [Heródoto]. Ora, como diz um poeta antigo, em Plutarco,

***“Point ne se faut couroucer aux affaires,
Il ne leur chault de toutes nos choleres.”***

"Não nos devemos encolerizar contra os acontecimentos, porquanto não se preocupam com as nossas iras".

Mas nunca criticaremos demasiado essa desordem de nosso espírito.

CAPÍTULO V

Se o comandante de uma praça sitiada deve sair para parlamentar

Lúcio Marco, que comandou os romanos durante a guerra contra Perseu, rei da Macedônia, desejoso de ganhar tempo a fim de reorganizar seus exércitos, fez ao rei propostas de paz que lhe amoleceram a prudência e o levaram a conceder uma trégua de alguns dias, dando ao inimigo azo e tempo para se armar, de que resultou a ruína do monarca. Em Roma alguns senadores imbuídos dos costumes de seus antepassados condenaram essa maneira de proceder por contrária ao que antes se fizera e que consistia em combater com coragem e não com astúcia, não se recorrendo nem à surpresa, nem aos ataques noturnos, nem aos simulacros de fuga seguidos de inesperadas cargas. A guerra só se iniciava depois de declarada e, não raro, após terem sido marcados o lugar e a hora da batalha. A tais sentimentos obedeceram quando entregaram a Pirro o médico que o traíra e aos falésios [povo da Arcádia] seu desleal mestre-escola. Nisso agiam como verdadeiros romanos e não como esses astuciosos cartagineses e esses gregos sutis que dão maior valor ao êxito obtido pela malícia do que ao alcançado pela força. O embuste pode servir na hora, mas o adversário só se sente realmente vencido quando o foi em guerra leal e justa em que a vitória sorri ao mais valente, e não pela manha nem pela sorte. Os senadores que falavam essa honesta linguagem não conheciam evidentemente ainda esta bela máxima de Virgílio:

“Dolus, an virtus, quis in hoste requirat?”

"Contra o inimigo, como escolher entre o arдил e a coragem?"

Aos acaianos [habitantes da Grécia], diz Pólibo, repugnava o emprego da astúcia na guerra, só se considerando vitoriosos quando o ânimo do inimigo era abatido. O homem sábio e virtuoso deve saber que a única vitória é a que pode proclamar sua boa-fé e honra. E diz outro autor [Ênio]:

***“Vosne velit, an me, regnare hera, quidve ferat,
fors virtute experiamur.”***

"Que nosso valor decida se é a vós ou a mim que a sorte, senhora dos acontecimentos, destina o império".

No reino de Ternate, uma dessas tribos a que sem hesitação chamamos bárbaras tem por costume só iniciar as hostilidades após uma prévia declaração de guerra à qual se acrescenta a enumeração precisa dos meios que pretende utilizar: número de

guerreiros, natureza das armas ofensivas e defensivas, munições. Isso feito, se o adversário não se decide a entrar na batalha, julgam-se esses bárbaros no direito de empregar, para o êxito, todos os meios a seu alcance. E outrora em Florença pensavam tão pouco em vencer pela surpresa que preveniam o inimigo um mês antes de marchar para o combate, tocando sem descontinuar um sino a que apelidavam Martinela.

Quanto a nós, menos supersticiosos, consideramos que as honras da guerra cabem a quem com ela se beneficia e estimamos, depois de Lisandro, que, se a pele do leão não basta, cumpre juntar um pedaço da pele da raposa. Ora, como acontece que é quando se parlamenta que ocorrem as surpresas, nesse momento em particular deve o chefe pôr-se de sobreaviso. Daí a regra em vigor entre os homens de guerra de nossa época, a saber, que o governador de uma praça sitiada nunca saia a fim de parlamentar.

Nossos pais censuraram os senhores de Montmord e de l'Assigny, que defendiam Pont-à-Mousson contra o Conde de Nassau, por terem contravindo a tais princípios. Entretanto, é desculpável quem sai da praça a parlamentar, desde que tome todas as medidas para, em caso de perigo, ter por si uma vantagem. Assim o fez o Conde Guy de Rangon que defendia Reggio. Tendo-se apresentado o Senhor de l'Eut a fim de parlamentar, afastou-se Guy de Rangon tão pouco da praça que, em se verificando uma escaramuça durante as negociações, não somente o Senhor de l'Eut e sua escolta (à qual pertencia Alexandre Trivulce que foi morto) se acharam dominados, como também o Senhor de l'Eut, para segurança própria, se viu obrigado a entrar na cidade sob a proteção do conde. É o que nos conta Du Bellay, mas Guicciardin o relata igualmente atribuindo-se a glória do acontecimento.

Antígono, assediando Êumenes em Nora e insistindo para que saísse a fim de pessoalmente parlamentar com ele e alegando que a Êumenes cabia fazê-lo por ser ele, Antígono, mais forte e de mais alta condição, ouviu do sitiado esta nobre resposta: "Não reconhecerei ninguém acima de mim enquanto tiver a faculdade de brandir uma espada" [Plutarco]. E só consentiu em encontrar-se com Antígono quando este lhe entregou Ptolomeu, seu sobrinho, como refém.

No entanto houve quem se saísse bem em semelhante ocorrência confiando na palavra do adversário. Testemunho disso temo-lo em Henry de Vaux, de Champagne, sitiado pelos ingleses no castelo de Commercy. Barthélemy de Bonnes [Froissart] que os comandava, tendo conseguido sapor boa parte do castelo e dispondo-se a mandar incendiá-lo para esmagar os defensores sob os escombros, intimou Henry de Vaux (o qual já lhe havia enviado três emissários) a ir pessoalmente parlamentar, no seu próprio interesse. Este foi, e, percebendo a iminência da catástrofe a que não escaparia, demonstrou sua gratidão ao inimigo entregando-se, com seus homens, incondicionalmente. Pôs-se fogo então na mina escavada, cederam os esteios que sustentavam os muros e o castelo esboroou-se. Quanto a mim, confio facilmente nos outros, mas não confiaria se viessem a supor tratar-se de um ato de fraqueza ou covardia e não por ser eu franco e acreditar na lealdade de meu adversário.

CAPÍTULO VI

A hora das negociações é perigosa

Ultimamente, nas minhas vizinhanças, em Mussidan [a seis léguas do castelo de Montaigne], um destacamento inimigo que ocupava a cidade foi forçado a retirar-se. Clamavam os soldados, e outros de seu partido, que haviam sido traídos porque os tinham surpreendido e vencido durante as negociações, e antes que um acordo se assinasse. Tais recriminações se compreenderiam em outros tempos, mas, como disse no capítulo precedente, nossos processos atuais são diversos e é de se desconfiar de todos enquanto a assinatura definitiva não é aposta no tratado. E nem assim se imaginará tudo terminado. E sempre foi perigoso confiar em que um exército vencedor saiba cumprir a palavra dada e deixe de entrar, de imediato, na cidade que obteve condições vantajosas para render-se.

L. Emílio Reggio, pretor romano, tendo perdido muito tempo diante da cidade de Focéia da qual não conseguia apoderar-se em conseqüência da tenacidade que punham os habitantes em defendê-la, com eles conveio em considerá-los amigos do povo romano. E, tendo-os convencido de suas intenções pacíficas, obteve licença para entrar na cidade como o teria feito em qualquer cidade aliada. Mas logo que ali se encontrou com seu exército, de que se fizera acompanhar na maior solenidade, não mais pôde conter os seus, embora o tentasse, os quais saquearam tudo, sob as suas vistas, levados pelo espírito de vingança e o amor à pilhagem que sobrepujam o respeito à autoridade e a disciplina militar.

Cleômenes sustentava que o direito de guerra, no que concerne ao mal que se possa fazer ao inimigo, está acima das leis da justiça divina, bem como da justiça humana. Tendo concluído uma trégua de sete dias com os argenos, já na terceira noite os atacava durante o sono e os batia, alegando que na trégua não se mencionavam as noites [Plutarco]. Mas os deuses o puniram por sua má-fé. Estando ele em negociações, e já tendo os defensores abrandado a vigilância, foi a cidade de Casilinum conquistada de surpresa. E isso nos tempos em que Roma possuía o exército mais disciplinado, com chefes imbuídos do sentido da justiça. Porque não está dito que em dadas circunstâncias não seja permitido nos prevalecermos da tolice do inimigo da mesma maneira que nos prevalecermos de sua covardia. A guerra admite como lícitas muitas práticas condenáveis; o princípio de que

"Neminem id agere ut ex alte rius praedetur inscitia."

"Ninguém deve procurar tirar proveito da estupidez alheia" [Cícero]

não vale. Entretanto Xenofém, autor tão competente em tal matéria, grande chefe militar e filósofo, ele próprio discípulo dos mais distintos de Sócrates, nos propósitos que empresta a seu imperador perfeito, dá a essas prerrogativas uma extensão por assim dizer sem limites, o que posso admitir inteiramente.

O Senhor D'Aubigny sitiava Cápua, comandada por Fabrício Colona. Este, após sangrento combate em que levava a pior, pôs-se a parlamentar do alto de um torreão; mas durante as negociações, tendo os seus homens relaxado a vigilância, entraram os nossos na cidade e a saquearam. Mais recentemente, em Yvoy, o Senhor Juliano Romero, tendo tido a ingenuidade de sair da

cidade a fim de parlamentar com o Condestável, encontrou, ao voltar, a praça em poder do inimigo. Nós mesmos não estamos isentos de censura: o Marquês de Pescaire sitiando Gênova sob o comando de Otaviano Fregose, que nós sustentávamos, chegara a um acordo que ia ser assinado quando os espanhóis conseguiram entrar na cidade e aí agiram como se a tivessem tomado de assalto. Posteriormente, em Ligny, no Barrois, sob o comando do Conde de Brienne, e sitiada por Carlos V em pessoa, Bertheville, lugar-tenente do conde, tendo saído para negociar, a cidade foi tomada enquanto parlamentava. Dizem os italianos:

***"Fu il vincer, sempre mai laudabil cosa,
Vincasi o per fortuna o per ingegno".***

"É sempre glorioso vencer, deva-se a vitória ao acaso ou ao engenho" [Ariosto].

O filósofo Crisipo não teria sido da mesma opinião, nem eu tampouco. Dizia ele que quem toma parte em uma corrida deve em verdade empregar todas as forças para ganhar, mas não lhe é permitido agarrar o competidor ou passar-lhe uma rasteira. E Alexandre, o Grande, agiu de maneira mais generosa ainda quando respondeu a Poliperconte – que o instava a valer-se da escuridão da noite para atacar Dario: "Não me parece digno roubar vitórias";

"Malo me fortunae poeniteat, quam victoria pudeat"

"Prefiro queixar-me da sorte a envergonhar-me da vitória" [Quinto Cúrcio].

"Atque idem fugientem baud est dignatus Oroden

Sternere, nec jacta caecum dare cuspide vulnus

Obvius, adversoque occurrit, seque viro vir

Contulit, haud furto melior, sed fortibus armis."

"Recusa-se a golpear Orode, lançar-lhe um dardo que fira por trás, corre a ele, e é de frente, homem a homem, que o ataca. Quer vencer, mas não pela surpresa e sim e unicamente pela força das armas" [Virgílio].

Capítulo VII

É pelas intenções que se julgam nossas atitudes

A morte, dizem, liberta-nos de todas as obrigações. Conheço quem haja interpretado essa máxima de maneira singular. Henrique VIII, rei da Inglaterra, comprometera-se com D. Filipe, filho do Imperador Maximiliano, ou, mais honrosamente referido como pai de Carlos Quinto, a não atentar contra a vida de seu inimigo, o Duque de Suffolk, chefe do partido da Rosa Branca, que fugira da Inglaterra e se refugiara nos Países-Baixos onde Filipe o mandara prender, entregando-o ao rei mediante a promessa de respeito à vida do duque. Sentindo que ia morrer, Henrique VIII determinou a seu filho, em testamento, que logo depois de seu falecimento executasse o duque. Ultimamente nos acontecimentos trágicos que em Bruxelas provocaram o suplício dos Condes de Horn e de Egmont (decapitado em 4 de junho de 1568), ordenado pelo Duque de Alba, houve particularidades notáveis. Esta entre outras: o Conde de Egmont, em virtude de cujas promessas de garantias o Conde de Horn se entregara ao Duque de Alba, reivindicou com insistência que o matassem em primeiro lugar, a fim de que a sua morte o libertasse da obrigação assumida. Parece-me, no caso, que a morte não eximia o rei da obrigação de cumprir a palavra dada e que o Conde de Egmont, ainda que vivo, não faltava à sua. Nossas obrigações são limitadas pelas nossas forças e os meios de que dispomos; a execução e as conseqüências de nossos atos não dependem de nós; somente a nossa vontade depende. Nesta e nas necessidades assentam as leis que regulam os deveres do homem. Eis por que o Conde de Egmont, embora com a alma e a vontade amarradas à sua promessa, mas sem força para executá-la, a ela não estava amarrado, ainda que sobrevivesse ao Conde de Horn. Ao passo que o rei da Inglaterra, faltando intencionalmente à sua palavra, não pode ser culpado pelo fato de ter adiado o ato desleal para depois de seu falecimento. Idêntico é o caso do pedreiro de Heródoto que, tendo lealmente guardado segredo acerca do local em que se encontravam os tesouros do rei do Egito, ao morrer o seu senhor, o revelou aos filhos.

Vi outrora muitas pessoas que, sentindo pesar-lhes a consciência por se terem apropriado de bens alheios, se mostraram dispostas a inserir em seu testamento dispositivos em vista da restituição dos mesmos. Não são elas dignas de louvor, já porque atrasaram uma ação que devia ser imediata, já porque pretenderam reparar uma falta sem sofrimento nem sacrifício. Deviam ter acrescentado os próprios bens; a reparação do mal atendera melhor aos reclamos da justiça e mais mérito tivera quanto mais pesados e penosos os sacrifícios. A penitência exige algo mais do que a simples reparação do dano. Pior fazem ainda os que deixam para depois da morte a manifestação, contra o próximo, dos rancores que esconderam durante a vida. Mostram que pouco prezam a própria honra, não se incomodando com provocar a ira dos ofendidos contra a sua memória. E menos provas dão de consciência, não tendo sabido, nem sequer por respeito à morte, dominar a própria perversidade que se prolonga dessa maneira além de si mesmos. Tal qual fariam juízes iníquos que se pusessem a julgar sem ter mais a causa em mãos. Na medida de minhas forças, procurarei evitar de nada dizer após a morte que não haja dito em vida, e abertamente.

Capítulo VIII

Sobre a ociosidade

Nas terras ociosas, embora ricas e férteis, pululam as ervas selvagens e daninhas, e para aproveitá-las cumpre trabalhá-las e semeá-las a fim de que nos sejam úteis. Assim também vemos que as mulheres produzem sozinhas fluxos de matérias sem consistência, mas para que engendrem em condições favoráveis necessário se faz fecundá-las com a boa semente. Assim igualmente os espíritos: se não os ocupamos com certos assuntos que os absorvam e disciplinem, enveredam ao léu, sem peias, pelo campo da imaginação.

*“Sicut aqua tremulum labris ubi lumen ahenis,
Sole repressum, aut radiantis imagine lunae,
Omnia pervolitat late loca; jamque sub auras
Erigitur, summique ferit laquearia tecti.”*

“Assim, quando em um vaso de bronze uma onda agitada reflete os raios do sol ou a imagem tênue da lua, a luz, dardejando incerta de todos os lados, à direita e à esquerda, sobe, desce, fere o forro com seus reflexos móveis” [Virgílio].

E nesse estado não há loucura nem devaneio que não concebam:

*“Velut aegri somnia, vanae
Finguntur species.”*

“Forjando vãs ilusões, semelhantes às quimeras de um doente” [Horácio].

Sem objetivo preciso, a alma se tresmalha, pois, como se diz, é

“Quisquis ubique habitat, Maxime, nusquam habitat.”

“Não estar em nenhum lugar, estar em toda parte” [Marcial].

Retirei-me há tempos para as minhas terras, resolvido, na medida do possível, a não me preocupar com nada, a não ser o repouso, e viver na solidão os dias que me restam. Parecia-me que não podia dar maior satisfação a meu espírito senão a ociosidade, para que se concentrasse em si mesmo, à vontade, o que esperava pudesse ocorrer porquanto, com o tempo, adquiriria mais peso e maturidade. Mas percebo que:

“Variam semper dant otia mentem”

“Vã ociosidade, o espírito se dispersa em mil pensamentos diversos” [Lucano]

, e ao contrário do que imaginava, caracolando como um cavalo em liberdade, cria ele cem vezes maiores preocupações do que quando tinha um alvo preciso fora de si mesmo. E engendra tantas quimeras e idéias estranhas, sem ordem nem propósito, que para perceber-lhe melhor a inépcia e o absurdo, as vou consignando por escrito, na esperança de, com o correr do tempo, lhe infundir vergonha.

Capítulo IX

Sobre os mentirosos

Não há a quem convenha, menos do que a mim, apelar para a memória. Dessa faculdade careço por assim dizer totalmente e não creio que haja no mundo alguém menos bem aquinhoado a esse respeito. Quanto ao resto sou como o vulgo, mas nesse ponto meu caso merece ser assinalado e anotado. Além do inconveniente que disso resulta na vida comum (e por certo, tendo em vista sua importância, Platão tinha razão de qualificá-la entre as grandes e poderosas divindades), como na minha terra diz-se de quem não mostra bom-senso que não tem memória, quando me queixo da minha parece que me confesso maluco. Não me acreditam, contestam as minhas palavras, incapazes de distinguir a memória do discernimento, o que agrava ainda mais a coisa. Com isso cometem uma injustiça, pois vê-se na prática juntar-se comumente às memórias excelentes a falta de bom-senso. E me prejudicam ainda tais confusões porque em relação a meus amigos – e prezo a amizade acima de tudo – a falta de memória passa por ingratidão. Incriminam-me por um defeito físico: “esquece”, dizem, “tal pedido ou tal promessa; não se lembra dos amigos; sua afeição por mim não o impediu de dizer ou de calar tal coisa”. Sem dúvida tenho facilmente falhas de memória, mas nunca negligenciei deliberadamente a solicitação de um amigo. Basta a minha enfermidade, não é justo que ainda a transformem em uma espécie de má vontade, uma falta de franqueza em contraste absoluto com meu caráter. Eu me consolo até certo ponto pensando que devo a esse defeito não ter ao que me parece mal maior, e que por certo me houvera atacado: a ambição; pois os negócios públicos exigem boa memória. Com isso, entretanto, como ocorre amiúde na natureza, minhas outras faculdades se aguçam na medida em que essa se desgasta. Se tivesse sempre na memória o que os outros disseram e fizeram, em vez de julgar por mim mesmo ter-me-ia apegado, como acontece comumente, às apreciações alheias. Outra conseqüência é a concisão de meu falar, pois em geral a memória é mais prolixa do que a imaginação. Mais bem dotado a esse respeito, houvera atordoados os amigos com meu palavrório, tanto mais quanto já tenho tendência para me entusiasmar com qualquer assunto de conversação. E lamentável é ver, o que pude observar em alguns íntimos, o narrador levar tão longe a narrativa, à proporção que a memória lhe fornece material, e acompanhá-la de tanto pormenor inútil que se a história é boa lhe destrói o encanto e se não apresenta interesse fica-se a maldizer a memória do discursador ou a sua falta de discernimento. E é coisa difícil concluir convenientemente uma narrativa ou interrompê-la oportunamente uma vez iniciada. Ora, o vigor de um cavalo julga-se pela maneira brusca de estancar nos torneios. Mesmo entre os que possuem plenamente um assunto, poucos conheço capazes de sustar sua arenga à vontade; e enquanto procuram como fazê-lo, prosseguem se arrastando e como que pasmados em meio a frases vãs e insignificantes. Isso se acentua particularmente nos anciãos que se prendem às recordações do passado e não se lembram das repetições. Vi histórias muito agradáveis tornarem-se aborrecidas na boca de um alto personagem de quem todos já a tinham ouvido cem vezes.

Em segundo lugar a fraqueza de minha memória faz, como dizia um sábio da antiguidade, que guarde menos recordação das ofensas recebidas. Fora-me necessário alguém encarregado de me lembrar. E assim procedia Dario, o qual, a fim de não esquecer a ofensa dos atenienses, cometera a um pajem a tarefa de repeti-la três vezes a seus ouvidos sempre que se punha à mesa: “Senhor, lembrai-vos dos atenienses” [Heródoto]. E mais uma vantagem acho eu nisso: todos os sítios que revejo e todos os livros que releio me encantam pela sua incessante novidade. Não é sem razão que se afirma não dever meter-se a mentir

quem não tem memória. Sabe-se que os gramáticos estabelecem uma diferença entre dizer uma mentira e mentir. Dizer uma mentira é, na opinião deles, adiantar uma coisa falsa que a gente crê verdadeira, ao passo que na língua latina, da qual provém a nossa, mentir é falar contra a própria consciência. O que eu digo aqui se refere portanto somente aos que falam em desacordo com o que sabem. Tais pessoas ou inventam o que dizem, fundo e pormenores, ou se limitam a deturpar e alterar um fundo de verdade. Quando repetem, alterando-a, uma mesma história, é-lhes difícil não se contradizerem, porque a coisa se tendo alojado em sua memória, tal qual lha transmitiram ou, como a viram eles próprios, não lhes é possível, depois, contá-la várias vezes, e, cada vez com maior ou menor exatidão, rememorar todas as alterações nela introduzidas; ao passo que a impressão primeira lhes permanece sempre presente ao espírito, apagando da lembrança todas as falsidades enxertadas na verdade. Quando inventam inteiramente a narrativa, não existindo uma primeira impressão suscetível de perturbá-los, parecem menos expostos a erros; entretanto, uma coisa que não existe, que nada fixa, foge facilmente à memória, a menos que seja esta excepcional. Disso vi muitos exemplos, por vezes divertidos, em detrimento dos que, por profissão, falam no sentido de seu maior interesse ou para agradar aos grandes a quem se dirigem. Variando muito as circunstâncias a que devem adaptar sua consciência, cumpre-lhes modificar por igual a linguagem, chegando a dizer da mesma coisa ora branco ora preto, de um jeito a uns e de outro a outros. E se por acaso esses auditores se comunicam tais dizeres contraditórios, que resta do talento inventivo? Além daquilo que por imprudência podem deixar escapar, qual a memória capaz de lembrar as formas tão diversas que imaginaram para sua história! Tenho visto certas pessoas invejarem essa habilidade, sem perceberem que dessa reputação não se tira proveito real.

Em verdade, mentir é um vício odioso. Somente pela palavra é que somos homens e nos entendemos. Se compreendêssemos claramente o horror e o alcance da mentira, contra ela pediríamos o suplício da fogueira que, com menor razão, se aplica a outros crimes. Sou de opinião que castigam em geral as crianças por motivos fúteis, erradamente, que as admoestam por atos irrefletidos e de nenhuma conseqüência. A mentira somente, e um pouco menos a obstinação, parece-me, é que deveriam ser combatidas desde cedo, pois com a criança crescem e se desenvolvem. E bem difícil se torna extirpá-las quando se transformam em hábito. Daí o fato de muitos homens, pelos demais pontos de vista honestos, se abandonarem a tais vícios e a eles se escravizarem. Conheço um alfaiate, bom sujeito, a quem nunca ouvi dizer a verdade, mesmo quando lhe era útil. Se, como a verdade, tivesse a mentira uma só face, eu a poderia ainda admitir, pois bastaria considerar certo o contrário do que dissesse o mentiroso; mas há cem mil maneiras de exprimir o reverso da verdade e o campo de ação da mentira não comporta limites. Os pitagoristas tinham para eles que o bem é coisa certa e delimitada, o mal incerto e infinito. Mil caminhos desviam da meta, um só conduz a ela. Por certo não posso garantir que tenha força de vontade bastante para não perpetrar uma solene e desabusada mentira a fim de escapar a um perigo extremo e evidente. Disse um antigo prelado que é preferível a companhia de um cão à de um homem cuja linguagem desconhecemos.

“Ut externus alieno pene non sit hominis vice.”

“Não se pode dizer que um estrangeiro nos provê o lugar de um homem.” [Plínio].

E quanto é mais sociável o silêncio do que a linguagem mentirosa?

O Rei Francisco I vangloriava-se de ter, à força de questioná-lo, confundido a Francisco Taverna, embaixador de Francisco Sforza, Duque de Milão, homem com grande reputação de saber falar e que lhe fora enviado para justificar um ato grave de seu senhor. O rei, para continuar a manter contatos na Itália, de onde acabara de ser repellido, e contatos precisamente no ducado de Milão, imaginara colocar junto ao duque um de seus fidalgos, na realidade um embaixador, mas para todos os efeitos um simples cidadão em viagem de negócios. O duque tinha ele próprio grande interesse em não aparentar quaisquer relações conosco, estando muito mais sob a dependência do imperador do que sob a nossa, principalmente nesse momento em que negociava seu casamento com a sobrinha do soberano, filha do rei da Dinamarca e atualmente Duquesa de Lorena. Para isso escolheu o rei um Senhor Merveille, fidalgo milanês, seu escudeiro. Merveille partiu com instruções e cartas secretas, acreditando-o como embaixador, às quais cartas se juntaram outras que o recomendavam ao duque a respeito de seus negócios pessoais, destinadas estas últimas a serem apresentadas publicamente a fim de dissimular sua verdadeira missão. Mas Merveille permaneceu tão longo tempo junto do duque, que o imperador veio a desconfiar, o que, acredito, deu causa ao que segue: inculcando-o de assassínio, mandou o duque certa noite cortarem-lhe a cabeça, sendo o processo liquidado em dois dias. O rei, desejando reparação pelo ato, dirigiu-se a todos os príncipes da cristandade e ao próprio duque; e o Senhor Taverna, enviado a fim de expor o caso devidamente alterado para as necessidades da causa, foi recebido na audiência da manhã. Como base de seu arazoado, depois de apresentar o fato da maneira mais favorável ao duque, disse que este sempre considerara Merveille um simples fidalgo, súdito seu aliás, vindo a Milão a negócios. E negou que o duque soubesse pertencer ele ao séquito do rei, e até que Sua Majestade o conhecesse, não tendo tido nunca a idéia de ver nele um embaixador. O rei, por sua vez, apertou-o com perguntas e objeções, atacando-o de todos os lados, e, chegando finalmente ao caso da execução, indagou por que se fizera ela à noite, como que às escondidas. Ao que o pobre homem confundido, pensando ser cortês, respondeu que o duque, dado o respeito que tinha por Sua Majestade, teria se aborrecido imenso com uma execução à luz do dia. Pode-se imaginar quanto terá sido repreendido depois de tamanho despropósito.

O Papa Júlio II enviara um embaixador ao rei da Inglaterra a fim de convencê-lo a agir contra aquele mesmo rei de França. Tendo o enviado exposto sua missão, objetou o rei da Inglaterra mostrando, pormenorizadamente, as dificuldades que se opunham à reunião das forças contra tão poderoso adversário. Ao que replicou o embaixador, intempestivamente, que tais motivos também lhe tinham vindo ao espírito e os submetera à apreciação do papa.

Essas palavras, tão pouco hábeis no que dizia respeito à missão de convencer o rei, deram a pensar a este, o que depois se verificou ser exato, que o embaixador se inclinava pela França. Comunicou então sua dúvida ao papa, o qual confiscou os bens de seu representante e pouco faltou para que o mandasse executar [Erasmus].

Capítulo X

Sobre os que improvisam e os que se preparam para discursar

“Onc ne furent a tous toutes graces donnees.”

“Nunca foi dado a ninguém cumular todos os dons da natureza” [La Boétie].

Assim acontece que entre aqueles a quem foi dado o dom da eloquência, alguns há cuja palavra é pronta e fácil e têm a réplica tão viva que nunca falham, enquanto outros mais tardios só falam depois de longamente elaborado o tema de antemão escolhido.

Aconselham às mulheres que se dediquem de preferência à ginástica e aos jogos suscetíveis de valorizar sua graça; pois se me coubesse opinar acerca das vantagens desses tipos de eloquência que parecem, em nosso século, ser apanágio de predicadores e advogados, diria que aos primeiros convém melhor a palavra meditada e aos segundos o contrário, pois ao predicador não falta tempo para preparar-se, e quando prega o faz de um fôlego sem que o interrompam, ao passo que o advogado precisa estar sempre pronto para o debate.

As réplicas imprevistas da parte contrária o mantêm na incerteza do que deve dizer e o obrigam a todo instante a modificar seu ponto de partida.

Foi entretanto o oposto que aconteceu quando da entrevista, em Marselha, do Papa Clemente com o Rei Francisco I. O Senhor Poyet, que passara sua vida no tribunal e aí granjeara uma bela reputação, foi encarregado de arengar Sua Santidade. Para tanto, preparara-se de longa data, tendo mesmo trazido, dizem, seu discurso pronto de Paris. No dia em que o ia pronunciar, o papa, receoso de vê-lo ventilar assunto suscetível de magoar algum dos embaixadores dos demais príncipes presentes, comunicou ao rei o tema que se lhe afigurava mais apropriado ao momento e ao lugar e que se verificou ser, infelizmente, bem diverso daquele em que trabalhara o Senhor Poyet. Assim, em não servindo a arenga preparada, cumpria-lhe fazer outra sem perda de tempo. Como ele se julgasse incapaz de fazê-lo, da coisa se encarregou o Cardeal Du Bellay. A tarefa do advogado é mais difícil que a do predicador e no entanto creio se encontrar em França número maior de bons advogados que de bons oradores sacros. É de se acreditar sejam a vivacidade e a improvisação peculiares ao espírito, ao passo que a calma e a prudência caracterizam a sabedoria. Quanto ao indivíduo que permanece inteiramente mudo se não pôde preparar seu discurso, é seu caso tão estranho quanto o de quem teve todo lazer de meditar para fazer melhor e não o conseguiu.

Contam que Severo Cássio falava tanto melhor quanto menos preparado e mais devia, portanto, ao talento que ao trabalho. Tão bem o serviam os apartes, quando discursava, que seus adversários hesitavam em provocá-lo, de medo que a cólera lhe ampliasse a eloquência. Conheço por experiência esse gênero particular de talento oratório que dispensa o estudo prévio e aprofundado e, se não se exprime alegre e livremente, nada de bom produz. Dizemos de certas obras que sabem a azeite de lamparina, em virtude da parte excessiva de trabalho que exigiram. Por outro lado, o desejo de fazer bem, e essa contenção do espírito por demais atento à sua tarefa exaurem-no, travam-no, e, por vezes, o inibem. Da mesma forma a água, quando sob forte pressão, pela abundância e violência com que chega, não pode jorrar por um gargalo estreito ainda que o orifício se ache aberto. Ocorre também que talentos oratórios dessa natureza não necessitam de paixões violentas e que exaltam como a cólera de Cássio. Eles não querem ser acudidos e sim solicitados. O de que precisam, para acordarem e se inflamarem, é ser solicitados pelos incidentes ocasionais, fortuitos. Se nada os freia, arrastam-se e esmorecem; a agitação dá-lhes vida e graça.

A esse respeito não me domino por completo. O acaso é meu senhor: a oportunidade, a companhia; o próprio fogo das minhas palavras atuam sobre meu espírito que produz então muito mais do que quando com ele me isolo, o consulto e o obrigo a trabalhar. Daí valerem mais minhas palavras do que meus escritos, se é que se deva escolher entre coisas sem valor. E advém disso que não me encontre onde me procuro, e mais me descubra por acaso, do que apelando para a inteligência. E se escrevo algo espiritualoso (insignificante talvez para os outros mas cheio de sutileza para mim – mas deixemos de lado tais considerações que cada qual age como pode) ocorre-me perder-lhe de tal maneira o sentido que outros descobrem por vezes, antes de mim, o que quis dizer. E se raspasse todos esses trechos de meus escritos, de tudo me desfaria. De outras feitas, entretanto, acontecer-me-á achá-lo tão claro quanto o sol do meio-dia. E me espanto então com a minha hesitação.

Capítulo XI

Sobre os vaticínios

Quanto aos oráculos, é certo que já bem antes de Jesus Cristo não lhes davam muita importância, pois vemos esforçar-se por descobrir a causa do seu descrédito:

*“Cur isto modo jam oracula Delphis non eduntur,
Non modo nostro aetate, sed jam diu; ut nihil
Possit esse contemptius?”*

“De onde vem que em nossos dias, e até de há muito, Delfo não mais pronuncia tais oráculos? De onde vem que nada se despreza mais?” [Cícero]

Quanto aos demais prognósticos, como os que se induziam da anatomia dos animais sacrificados e cuja constituição física, segundo Platão, fora em parte destinada pelo Criador a esse gênero de observações, os que decorriam do saltitar dos frangos ou do vôo dos pássaros

*“Aves quasdam ... rerum augurandarum
Causa natas esse putamus.”*

“Acreditamos que há pássaros que nascem expressamente para servir a arte dos augúrios” [Cícero]

ou do raio, dos redemoinhos

***“Multa cernunt Aruspices, multa Augures provident,
Multa oraculis declarantur, multa vaticinationibus,
Multa somniis, multa portentis.”***

"Os arúspices vêem quantidade de coisas; os áugures prevêem outro tanto; numerosos acontecimentos são anunciados pelos oráculos, outros pelos vaticínios, outros pelos sonhos, outros ainda pelos milagres" [Cícero]

e outros que na antiguidade intervinham na maioria dos empreendimentos públicos e privados, aboliu-os a nossa religião. Entretanto, ainda restam alguns meios de adivinhação, em particular os astros, os espíritos, as linhas de nosso corpo, os sonhos, etc, testemunhos irrecusáveis da desesperada curiosidade que está em nós e faz que percamos nosso tempo em nos preocuparmos com as coisas futuras, como se não nos bastasse digerir as coisas presentes:

***“Cur hanc tibi, rector Olympi,
Sollicitis visum mortalibus addere curam,
Noscant venturas ut dira per omina clades?....
Sit subitum, quodcumque paras; sit coeca futuri
Mens hominum fati, liceat sperare timenti.”***

"Por que, ó senhor do Olimpo, quando os pobres mortais são presa de tantos males presentes, lhes dar ainda a conhecer, mediante presságios, as desgraças futuras? Se teus desígnios devem cumprir-se, faze que permaneçam secretos e nos atinjam inesperadamente! Que nos seja permitido ao menos esperar tremendo" [Lucano].

***“Ne utile quidem est scire quid futurum sit;
Miserum est enim, nihil proficientem angi,”***

"Nada se ganha em conhecer o futuro; e infeliz é quem se atormenta em vão" [Cícero].

Como quer que seja, a adivinhação tem bem menor autoridade hoje. Eis por que o exemplo de François, Marquês de Saluce, me parece notável. Esse marquês comandava, além Alpes, o exército de Francisco I. Tinha prestígio na Corte e devia mesmo ao rei o marquesado confiscado a seu irmão. Sem nenhuma razão para fazer como o fez, agindo contra suas próprias afeições, deixou-se no entanto impressionar a tal ponto (como se viu) pelas belas profecias favoráveis a Carlos Quinto, por toda parte divulgadas (na Itália tais profecias foram levadas tão a sério que em Roma fortes importâncias em dinheiro se comprometeram na expectativa de nossa desgraça), que, embora se tivesse no íntimo condóido da nossa ruína, nos abandonou e se passou para o inimigo. Para sua desgraça, entretanto, qualquer que tenha sido a constelação sob cuja influência agiu. Tomando tal decisão, conduziu-se contudo como um homem solicitado pelos sentimentos mais antagônicos, pois, senhor das cidades e das forças que possuíamos, e estando o exército inimigo sob as ordens de Antoine de Lèves nas imediações, sem que ninguém o suspeitasse, podia fazer-nos pior do que fez, porquanto com sua traição não perdemos um só homem, nem uma só cidade, salvo Fossano e ainda assim após longa disputa.

***“Prudens futuri temporis exitum
Caliginosa nocte premit Deus,
Ridetque, si mortalis ultra
Fas trepidat
Ille potens sui
Laetusque deget, cui licet in diem
Dixisse vixi! cras vel atra
Nube polum pater occupato,
Vel sole puro.
Laetus in praesens animus; quod ultra est,
Oderit curare”.***

"Um Deus avisado escondeu-nos os acontecimentos do futuro sob uma noite espessa, e ri-se do mortal que se inquieta mais do que deve acerca do destino... É senhor de si próprio e passa a existência feliz quem pode dizer diariamente: que importa se amanhã Júpiter escurecer a atmosfera sob nuvens sombrias ou nos der um céu sereno; satisfeitos com o presente, evitemos preocupar-nos com o futuro" [Horácio].

E erram os que interpretam como contrário à nossa tese o seguinte aforismo:

***“Ista sic reciprocantur, ut et si divinatio sit,
dii sint; et si dii lint, sit divinatio.”***

"Há quem assim raciocine: se existe adivinhação, existem deuses; se existem deuses, existe adivinhação" [Cícero].

Pacúvio diz muito mais sabiamente:

***“Nam istis, qui linguam avium intelligunt,
Plusque ex alieno jecore sapiunt, quam ex suo,
Magis audiendum, quam auscultandum, censeo.”***

"Os homens entendidos no falar dos pássaros, aqueles a quem um fígado de animal mais do que a própria razão acalma, mais vale ouvi-los do que neles crer".

Assim teve origem essa arte da adivinhação dos toscanos, os quais nela se tornaram célebres: um camponês lavrava o seu campo; o ferro do arado penetrando profundamente a terra fez surgir Tages, semideus dos adivinhos, que ao rosto de criança junta a prudência do ancião. Acorreu gente de toda parte e suas palavras e sua ciência, que continham os princípios e os meios dessa arte, foram avidamente recolhidas e transmitidas através dos séculos. Origem digna do seu desenvolvimento. Quanto a mim, prefiro ainda resolver os meus negócios nos dados a fazê-lo pela interpretação dos sonhos. Na realidade, em todos os governos sempre se entregou parte da autoridade ao acaso. Na República que Platão organiza a seu modo a decisão de vários atos importantes é-lhe atribuída. Entre outras coisas propõe que os casamentos entre pessoas honestas se realizem por sorte. E leva tão a sério essa eleição fortuita que aos filhos dela resultantes determina sejam educados no país mesmo, enquanto aos que nascem de uniões contratadas por gente ruim determina que se exilem. Entretanto, se por acaso uma destas crianças ao crescer se revela capaz, pode-se chamá-la à terra, bem como se pode exilar aquela que, entre as outras, não demonstre aptidões na adolescência.

Conheço quem estudando e comentando seus almanaques ressalta a exatidão das previsões aplicadas aos fatos do presente. Em meio a tantas palavras há de haver mentiras e verdades:

***"Quis est enim, qui totum diem jaculans
Non aliquando collineet?"***

"Quando se atira ao alvo o dia inteiro, alguma vez não se atingirá a meta?"
[Cícero].

Não dou importância ao fato de por vezes acertarem, pois seriam de muito maior utilidade se acontecesse sempre o contrário do que predizem. Como ninguém anota seus erros, tanto mais quanto constituem a norma e são infinitos, fácil se torna valorizar-lhes as ocasionais adivinhações, como raras, incríveis, prodigiosas. Eis por que Diágoras, apelidado o ateu, respondeu a alguém que lhe mostrava na ilha de Samotrácia um templo no qual se viam inúmeros ex-votos e quadros comemorativos da autoria de pessoas que se haviam salvo de naufrágios, e dizia: – "Então? Você que acredita se desinteressem os deuses das coisas humanas, que pensa de tantos indivíduos salvos graças a eles?" – "É, mas os que pereceram nada pintaram e são muito mais numerosos".

Cícero disse que somente Xenófanos de Cólófon, entre os filósofos que admitiram a existência dos deuses, se esforçou por combater toda espécie de adivinhação. O que não é de se estranhar, porquanto vimos por vezes, e em seu detrimento, alguns espíritos de elite se aterem a tais tolices.

Duas maravilhas há no gênero que eu gostaria de ter visto: o livro de Joaquim, abade da Calábria, predizendo todos os papas futuros com seus nomes e particularidades, e o livro do Imperador Leão que profetizava os imperadores e patriarcas gregos. Mas o que vi com os meus olhos é que nas perturbações públicas certas pessoas, surpreendidas com os acontecimentos, se entregam a práticas supersticiosas, buscando na observação dos astros as causas e os sinais precursores de suas desgraças. E com isso se sentem tão felizes que estou persuadido tratar-se de um passatempo divertido para os espíritos sutis e ociosos, e acredito que quem adquire suficiente destreza para inventar e interpretar acha o que bem entenda em qualquer escrito. Facilita-lhes a tarefa o falar obscuro, ambíguo, fantasista do jargão profético, pois os que o empregam abstêm-se de se exprimirem com clareza, a fim de que a posteridade possa arranjar-lo a seu gosto.

O demônio familiar de Sócrates consistia provavelmente em certas inspirações que se apresentavam a ele sem passar pela razão. Em alma tão pura quanto a sua, feita por inteiro de sabedoria e virtude, é de crer-se que, embora ousadas e inadmissíveis, tais inspirações eram sempre importantes e dignas de se ouvirem. Não há quem não sinta em si mesmo por vezes semelhante obsessão de uma idéia brusca, veemente e fortuita. Cabe a cada um de nós dar-lhe ou não certa consistência, a despeito do que manda a prudência à qual fazemos ouvidos moucos. Tive-as eu próprio, carecedoras de razão mas violentamente persuasivas, ou ao contrário (como era o caso de Sócrates), e a elas me abandonei com tamanha felicidade que quase poderia atribuir-lhes uma origem divina.

Capítulo XII

Sobre a persistência

A lei da resolução e da perseverança não implica em que não devam nos precaver, na medida de nossas forças, contra os males e inconvenientes que nos podem ameaçar, nem deixar de recear que nos surpreendam. Muito pelo contrário, todo meio honesto de evitar um mal é não somente lícito mas também louvável. A perseverança consiste em suportar com resignação os incômodos para os quais não temos remédio. Por isso não há movimento de agilidade corporal ou manejo de armas que devam achar ruins desde que sirvam para defender-nos dos golpes que nos assestam.

Em muitas nações belicosas era a fuga um dos principais métodos de combate e o inimigo ao qual viravam as costas tinha então mais a temer do que quando as viam de frente. É um pouco o que fazem os turcos. Sócrates, segundo Platão, criticava Lachez, o qual assim definia a coragem: "Não recuar diante do inimigo". – Como? dizia Sócrates, há então covardia em vencer o inimigo cedendo-lhe terreno? – E em apoio de suas palavras citava Homero que louva, em Enéias, a ciência de simular a fuga. A Lachez que, contradizendo-se, reconhecia ser o método praticado pelos citas e em geral por todos os povos que combatem a cavalo, ele assinala ainda os guerreiros lacedemônios treinados para o combate a pé e que, na jornada de Platéia, não podendo abrir brecha na falange dos persas, tiveram a idéia de ceder e recuar, a fim de que, imaginando-os em fuga e nada terem a fazer senão persegui-los, se desagregasse a massa por si mesma, estratégia que lhes deu a vitória. Voltando aos citas, quando Dario marchou contra eles na intenção de subjugar-los, censurou, dizem, a atitude do monarca inimigo que se retirava

sem cessar, recusando o combate. Ao que Inatirsez respondeu: que não era por ter medo dele, como não tinha de nenhum outro ser vivo, mas era a maneira de lutar de seu povo, o qual não possuía terras cultivadas, nem casas, nem cidades a defender e que temesse viessem a ser aproveitadas pelo inimigo. Entretanto, se o desejo de Dario, de chegar às vias de fato, fosse grande, que se aproximasse da sepultura dos antepassados dos citas e ali encontraria com quem pelejar à vontade.

Diante do canhão, porém, quando já se está visado, como acontece em certas circunstâncias da guerra, não convém fugir de medo do tiro, tanto mais quanto pela sua rapidez e imprevisibilidade é quase inevitável. Por isso de muito soldado zombaram os companheiros ao vê-lo, nessas ocasiões, erguer a mão ou baixar a cabeça a fim de deter ou evitar o projétil. No entanto, quando da invasão da Provença pelo Imperador Carlos Quinto, o Marquês du Guast, expondo-se fora do abrigo constituído por um moinho durante um reconhecimento diante da cidade de Asles, foi visto pelo Senhor de Bonneval e o senescal d'Azenois, que passeavam pelas arenas. Eles o assinalaram ao Senhor de Villiers, comandante da artilharia, o qual com tamanha precisão regulou a colubrina que se o marquês não tivesse dado um salto para o lado, ao ver acender a peça, fora atingido em cheio. Assim também, anos antes, Lourenço de Médicis, Duque de Urbino, pai da Rainha Catarina, mãe do nosso rei, sitiando Mondolfo, na região do Vicariato, vendo acenderem uma peça apontada em sua direção, abaixou-se. E fez bem, porquanto de outro modo o tiro que lhe raspou a cabeça o teria alcançado no estômago. Em verdade, não creio que tais movimentos se efetuassem em virtude de algum raciocínio, pois como verificar a mira em coisa tão repentina? Muito mais judicioso me parece imaginar que o acaso favoreceu o medo, e que em outras circunstâncias o contrário poderia ocorrer e ir a vítima ao encontro do tiro em vez de evitá-lo. Não posso deixar de tremer quando o ruído do arcabuz soa inopinadamente a meus ouvidos em lugar em que não o espero, e essa mesma impressão eu a percebi igualmente em outras pessoas mais valentes do que eu.

Os estóicos não afirmam que a alma do sábio possa resistir desde logo às sensações e visões que o surpreendam. Admitem como natural impressionar-se, por exemplo, com um estrondo provindo do céu ou de uma ruína; admitem que pode empalidecer, contrair-se como sob a influência de uma paixão qualquer, mas que ele deve conservar intacta sua lucidez, sem que se lhe altere a razão, de maneira a não ceder ante o terror e o sofrimento. Quem não é sábio conduz-se do mesmo modo quanto à primeira parte, mas muito diversamente quanto à segunda: a impressão da emoção não será nele apenas superficial; penetrará até a sede da razão, infetando-a e a corrompendo. E será com essa faculdade assim viciada que julgará e se conduzirá.

“Mens immota manet; lachrymae voluntur inanes.”

“Chora, mas seu coração continua inabalável” [Virgílio].

O sábio dos peripatéticos não permanece insensível às emoções, mas as modera.

Capítulo XIII

O cerimonial das entrevistas com os príncipes

Não há assunto, por mais fútil que seja, que não caiba nesta raposódia. Segundo os nossos usos, seria grave falta de cortesia para com um igual, e mais ainda para com um grande, não nos encontrarmos em casa quando ele nos preveniu que viria visitar-nos. Margarida, rainha de Navarra, acrescentava mesmo, a propósito, que, no fidalgo, seria falta de polidez deixar a casa, como ocorre amiúde, a fim de ir ao encontro do visitante, qualquer que seja o seu nível; que é mais respeitoso e delicado esperá-lo, ainda que seja apenas de medo de um desencontro, bastando acompanhá-lo tão-somente à saída. Libertando-me, quanto a mim, o mais possível de quaisquer atitudes cerimoniais, esqueço não raro uma e outra dessas fúteis obrigações. Há quem se ofenda com isso, mas que hei de fazer? É melhor que eu ofenda alguém uma vez do que ser aborrecido diariamente, o que redundaria em contínuo constrangimento. E de que serviria ter fugido da servidão da Corte se tal servidão nos devesse perseguir no retiro? É igualmente de regra sejam os personagens menos importantes os primeiros a chegar, como fazer-se esperar é muito bem visto entre as pessoas de alta condição social.

Entretanto, na entrevista que ocorreu em Marselha entre o Papa Clemente VII e o Rei Francisco I, este, após haver ordenado os preparativos necessários, afastou-se da cidade durante dois ou três dias a fim de que pudesse aquele descansar antes de se encontrarem. Igualmente na entrevista de Bolonha, entre esse mesmo papa e o Imperador Carlos Quinto, este se arranhou para que Sua Santidade chegasse em primeiro lugar. Isso a fim de que, dizia, o mais importante esteja antes que o outro no local assinalado, antes mesmo daquele no país do qual se realiza a entrevista, pois desse modo há de parecer que ao de condição menos elevada cabe procurar o outro e não o contrário.

Não somente cada país, mas também cada cidade e até cada profissão têm, em questões de civilidade, seus usos próprios. Fui cuidadosamente educado na infância a esse respeito e vivi bastante na boa sociedade para não ignorar os que se praticam em França. Poderia ensiná-los aos outros. Gosto de obedecer a tais regras, mas não a ponto de perturbar minha vida. Muitas dessas regras são incômodas e não deixamos de mostrar boa educação se por discrição ou ignorância omitimos algumas. Ao contrário pude ver certas pessoas faltarem aos deveres da polidez, porque os exageraram até se tornarem importunos.

Em verdade, utilíssima é uma tal ciência. Como a graça e a beleza, ela nos abre as portas da sociedade e da intimidade das gentes; dá-nos ademais a oportunidade de nos instruímos pelo que vemos fazerem os outros e por estes é aproveitado o que nós mesmos fazemos.

Capítulo XIV

Os homens são justamente punidos por defender uma praça forte além do razoável

A valentia tem seus limites, como qualquer virtude; ultrapassá-los pode levar ao crime. Pois é ela suscetível de tornar-se temeridade, obstinação, loucura em lhe ignorar os marcos delimitadores, bem difíceis em verdade de se perceberem em dados

pontos de separação. Daí, dessas considerações, nasceu o costume de, na guerra, punir-se até com a pena de morte quem teima em defender uma praça não mais defensável segundo as regras da arte militar. Sem o que, confiando na impunidade, não houvera choça que não sustasse a marcha de um exército.

No sítio de Pavia, o condestável de Montmorency, tendo recebido ordem de atravessar o Tessino e de se estabelecer no arrabalde de Santo Antônio, viu-se impedido de fazê-lo por causa de certa torre situada na extremidade da ponte e cuja guarnição se obstinou em defender até a derrota final. Vitorioso, o condestável mandou enforcar todos os prisioneiros. Mais tarde, acompanhando o delfim em campanha além Alpes, e tendo conquistado à força o castelo de Villane, mortos os defensores todos pelos atacantes exasperados, à exceção do capitão e do tenente, a estes mandou o condestável punir por lhes haverem resistido, fazendo-os enforcar. O Capitão Martin du Bellay assim agiu igualmente contra St. Bony, governador de Turim, cujos soldados tinham sido massacrados ao ser tomada a praça forte.

A apreciação do grau de resistência ou fraqueza de uma praça resulta da importância das forças assaltantes e dos seus meios de ação. Assim, quem com razão se obstina em se defender contra duas colubrinhas, insensato seria se o fizesse contra trinta canhões. Há que considerar ainda a glória que dão ao príncipe inimigo suas conquistas anteriores, sua reputação e o respeito que lhe é devido. Mas é perigoso atentar-se demasiado para estas últimas considerações, pois há quem se imagine tão altamente colocado que não lhe parece justo se o enfrente, e não o admitindo não hesite em passar pelo fio da espada os defensores, em lhes sendo a sorte favorável. É o que se deduz das formas em que são concebidos a intimação e o desafio de antigos príncipes orientais e até de seus sucessores. Em sua linguagem orgulhosa e altiva, repetem-se ainda hoje as mais bárbaras injunções. E na região pela qual os portugueses iniciaram a conquista das Índias, povos havia entre os quais era regra comum e sempre aplicada que ao inimigo vencido pelo rei em pessoa ou seu lugar-tenente não fossem concedidos mercê nem resgate.

Portanto evite, quem possa, cair nas mãos de um inimigo vitorioso e armado, com poderes para julgar.

Capítulo XV

Sobre a punição da covardia

De um príncipe, e grande capitão, ouvi certa vez que por ato de pusilanimidade não se devia condenar um soldado à morte. E, estando à mesa, narrou o processo do Senhor de Vervins que a tal pena se condenara por se ter rendido em Boulogne. Convenho em que é justo diferenciar-se um erro devido à fraqueza de ânimo da falta maliciosa. Neste caso agimos com pleno conhecimento de causa contra o que nos dita a razão posta pela natureza a nosso serviço a fim de nos guiar. No outro caso parece-me que podemos invocar a própria natureza, da qual provém nossa fraqueza e imperfeição. É esse raciocínio que leva muita gente a pensar que só devamos ser responsabilizados pelo que fazemos de contrário à nossa consciência. É mesmo nessa regra que se baseiam as pessoas que censuram e condenam à pena capital heréticos e infiéis; e também pela mesma razão não há como responsabilizar juízes e advogados que por ignorância erram no cumprimento de seus deveres.

Quanto à covardia, é certo que vergonha e ignomínia são os castigos mais comumente infligidos aos réus. O legislador Charondas passa por ter sido o primeiro a aplicar tais penalidades. Antes dele, os gregos puniam com a morte os que fugiam ao combate: Charondas contentou-se com ordenar que, vestidos de mulher, ficassem durante três dias expostos em praça pública. Esperava, assim, que, a vergonha lhes reavivando a coragem, pudessem voltar às fileiras do exército.

“Suffundere malis homims sanguinem, quam effundere.”

“Pensai em fazer com que se evergonhe o culpado mais do que em lhe derramar o sangue” [Tertuliano].

Parece que também as leis romanas puniam com a morte os desertores, pois Aumien Marcelino cita o Imperador Juliano como tendo condenado à degradação e à morte – de conformidade com as leis antigas – dez soldados que haviam virado as costas ao inimigo numa carga contra os partas. Entretanto, de outras feitas, e por causa idêntica, contentou-se ele em condenar os culpados a marcharem com os primeiros em meio às bagagens. O rude castigo infligido pelo povo romano aos trãnsfugas do desastre de Canas e – da mesma guerra – aos que acompanharam Cneio Flávio na derrota, não chegou à pena de morte. Em casos como estes é de se temer que a vergonha engendre o desespero e os dessa maneira atingidos se tornem possivelmente nossos inimigos.

No tempo de nossos pais, o Senhor de Franget, então tenente da companhia do Marechal de Chatillon, nomeado pelo Marechal de Chabannes, governador de Fontarabie, em substituição ao Senhor de Lude, entregou essa praça forte aos espanhóis. Foi condenado, bem como os seus, à degradação e à perda de seus títulos nobiliárquicos, declarado plebeu, sujeito a impostos e proibido de usar armas. Essa sentença rigorosa foi executada em Lion. Posteriormente, idêntica penalidade foi aplicada a todos os fidalgos que se encontravam em Guise quando o Conde de Nassau se apoderou da cidade. E a outros ainda, desde então. Entretanto, quando a falta evidencia ignorância grosseira ou covardia fora do comum, é racional considerá-la ato malicioso, resultante de maus sentimentos e puni-la nessa qualidade.

Capítulo XVI

O procedimento de alguns embaixadores

A fim de aprender sempre alguma coisa em minhas relações com os outros (o que é um dos melhores meios de se instruir), procuro em minhas viagens orientar as pessoas com as quais me entretenho para os assuntos que conhecem melhor:

*“Basti al nocchiero ragionare de’ venti,
Al bifolco dei tori; et le sue piaghe
Conti’l guerrier; conti’l pastor gli armeni.”*

“Que o piloto se contente com falar dos ventos, o lavrador de touros, o guerreiro

de seus ferimentos e o pastor de suas ovelhas” [Propércio].

O mais das vezes é o contrário que se verifica: preferem todos falar do ofício alheio, imaginando acrescentar algo assim à própria reputação. Testemunho disso é a censura de Arquimedes a Periandro que abandonava a glória de ser um bom médico para adquirir a de um mau poeta.

Vede como César insiste em nos revelar sua capacidade de construir pontes e máquinas de guerra e como se mostra relativamente discreto ao comentar seus feitos e gestos de soldado, sua valentia, e sua maneira de comandar os exércitos. Quer mostrar-se excelente na engenharia, de que entende pouco, quando seus atos testemunham a grandeza do capitão. Dionísio, o antigo, era na guerra um general muito bom, como convinha à sua condição; pois se atormentava para que apreciassem nele principalmente seu talento poético, em verdade bem medíocre. Certo personagem do corpo judiciário, a quem há tempos se mostrava uma biblioteca abundantemente provida tanto de obras de direito, como das disciplinas do saber humano, nada disse a respeito, preferindo entrar em explicações doutorais acerca de uma barricada que se erguera à entrada do edifício, assunto que desconhecia e que cem capitães e soldados viam diariamente sem pensar em criticar ou louvar.

“Optat ephippia bos piger, optat arare caballus.”

“O pesado boi gostaria de carregar a sela e o cavalo de puxar a charrua” [Horácio].

Agindo desse modo nada fazemos de útil. Esforcemo-nos portanto por ouvir em seus ofícios ao arquiteto, o pintor, o sapateiro e outros.

A propósito, quando leio histórias, gênero que a tantos apetece hoje em dia, tenho por hábito atentar antes de mais nada para quem as escreve. Se se trata de profissionais das letras atendo-me em particular ao estilo e à linguagem; se são médicos acredito neles enquanto se referem à temperatura do ar, à saúde, à constituição física dos príncipes, aos ferimentos e às doenças; se são juriconsultos, ouço-os em particular nas discussões acerca do direito, das leis, da fatura dos regulamentos e outros assuntos análogos; se são teólogos, acerca dos negócios da Igreja, das censuras eclesiásticas, das dispensas e dos casamentos; se são cortesãos, a propósito dos costumes e das cerimônias; se são guerreiros, acerca do que lhes diz respeito, e principalmente das ações a que assistiram; se são embaixadores, das gestões, dos contatos e das práticas relativas à diplomacia e à maneira de orientá-los. Foi o que me levou a ler com interesse um trecho das crônicas do Senhor de Langey, muito entendido nessas coisas e que não teria lido se o fosse em outras. Diz ele das famosas admoestações feitas em Roma por Carlos Quinto, em pleno consistório a que assistiam nossos embaixadores, o Bispo de Macon e o Senhor de Velly. Depois de algumas palavras ofensivas para nós, entre as quais que se seus capitães, soldados e súditos não mostrassem maior fidelidade a seus deveres do que os dos reis de França (e isso parece que o pensava de verdade porquanto o repetiu mais de uma vez), iria com a corda ao pescoço pedir misericórdia; o imperador disse também que desafiava o rei para um combate singular, em camisa, e de barco em pleno rio, com espada e punhal, a fim de que nenhum dos adversários pudesse recuar. Termina o Senhor de Langey narrando que ao relatarem a sessão ao rei dissimularam seus embaixadores o que precede. Ora, acho estranho que um embaixador possa dispensar-se de relatar propósitos dessa ordem nos relatórios enviados a seu soberano, principalmente quando são de tal alcance e provêm de personagem tão importante, e foram ouvidos em semelhante assembléia. Parece-me que o dever do servidor é reproduzir fielmente tudo, tal qual se apresentou, a fim de que o senhor tenha liberdade de ordenar, apreciar e escolher. Alterar-lhe a verdade de medo que a interprete mal e tome um partido errado, e por isso esconder-lhe o que lhe interessa, é a meu ver inverter os papéis. Manda quem pode e não o pode quem obedece. Isso cabe ao tutor e ao professor e não a quem, em sua situação, não somente é inferior à autoridade mas deve também estimar-se inferior em relação à prudência e à experiência. Como quer que seja, no que me diz respeito não gostaria de ser servido dessa maneira.

Tanta vontade temos de nos subtrair ao comando alheio e tudo é tão bom pretexto para usurparmos as prerrogativas dos que têm o poder; aspiramos tão naturalmente à liberdade e à autoridade, que nada será mais precioso ao superior do que encontrar em seus servidores obediência pura e simples. Não obedecer inteiramente a uma ordem recebida, fazê-lo com reticência, é falta e erro. Públio Crasso, qualificado pelos romanos como cinco vezes feliz, estando na Ásia, encomendara a um engenheiro grego que lhe trouxesse o maior dos mastros de navio que vira em Atenas, a fim de empregá-lo na construção de uma máquina de guerra. Este, apoiando-se em seus conhecimentos técnicos, tomou a si trazer o menor, que lhe parecia mais conveniente. Crasso ouviu-lhe as explicações sem o interromper e mandou açoita-lo assim mesmo, por considerar que mais do que a obra executada em melhores ou piores condições importava a disciplina.

Cumpra observar, entretanto, que uma tal obediência passiva não se deve senão a ordens precisas acerca de objetivos previstos. Os embaixadores têm maior latitude, e em certos pontos podem agir livremente, pois sua missão não é simplesmente executar e sim esclarecer e orientar com seus conselhos a opinião de quem representam. Vi em meu tempo pessoas cometidas em postos de comando, a que se censurou haverem obedecido ao pé da letra às ordens recebidas do rei em vez de se inspirarem na realidade das coisas que podiam pessoalmente constatar. Os entendidos criticam ainda hoje o costume que tinham os reis da Pérsia de frear de tal maneira a ação de seus agentes que para as mais ínfimas resoluções eram eles forçados a recorrer à autoridade real, o que, dada a imensa extensão do país, ocasionava perdas de tempo que foram não raro causa de sério prejuízo para seus negócios. Quanto a Crasso, escrevendo a um profissional e lhe comunicando o emprego a que destinava o mastro pedido, não o incitava assim a examinar em comum a coisa e não o convidava a agir como lhe parecesse mais conveniente?

Capítulo XVII

Sobre o medo

“Obstupui, steteruntque comae et vox faucibus haesit.”

“Tomado de estupor, fiquei de cabelos arrepiados, e sem voz” [Virgílio].

Não sou muito versado no estudo da natureza humana, como dizem, e ignoro de que maneira o medo atua em nós. Certo é que se trata de estranho sentimento. Nenhum, afirmam os médicos, nos projeta tão precipitadamente fora do bom-senso. E em verdade vi muita gente tornada insensata pelo medo. Mesmo entre os mais assentados provoca ele terríveis alucinações.

Ponho de lado o homem vulgar ao qual faz o medo que ora veja seus antepassados saírem do túmulo, envolvidos em seus sudários, ora lobisomens, gnomos, quimeras. Mesmo porém entre os soldados, sobre os quais o medo deveria ter menor influência, quantas vezes não transformou ele um rebanho em um esquadrão couraçado? E caniços e bastões em policiais e lanceiros? E nossos amigos em inimigos, e a cruz vermelha em cruz branca?

Quando o Senhor de Bourbon tomou Roma, o porta-estandarte encarregado da guarda do subúrbio de São Pedro foi tomado de tal pavor à primeira alerta que, passando através de um buraco no muro em ruínas, saiu da cidade carregando seu estandarte e marchou ao encontro do inimigo convencido de que se dirigia para o interior da praça forte. Vendo a gente do Senhor de Bourbon se aprestar para a batalha, voltou a si e, na crença de que os defensores tentavam uma sortida, virando as costas entrou de novo pelo mesmo buraco na cidade de que se afastara cerca de trezentos passos. O porta-estandarte do Capitão Júlio não se saiu tão bem quando o Conde de Bures e o Senhor Du Reu tomaram São Paulo. Desesperado de medo, lançou-se fora da cidade pela canhoneira, de estandarte em mão, e foi dar em cheio nos assaltantes que o fizeram em pedaços. Nesse mesmo sítio verificou-se um caso extraordinário: o medo surpreendeu, agarrou e a tal ponto paralisou um fidalgo que este caiu morto repentinamente, e sem o menor ferimento, do baluarte em que se achava. Semelhante inconsciência furibunda apodera-se por vezes das multidões. Em um encontro de [Júlio César] Germânico com os alemães duas frações importantes de suas tropas, postadas em pontos diferentes, fugiram apavoradas, em direção uma da outra e acabaram por se chocarem.

Ora o medo põe asas em nossos pés como no caso dos porta-estandartes, ora nos prega ao solo e nos imobiliza como aconteceu com o Imperador Teófilo. Batido em uma batalha contra os agarenos, ficou tão estupefato e transido que não podia decidir-se a fugir

“Adeo pavor etiam auxilia formidat”

“Tanto se apavora o medo daquilo que lhe pode ajudar” [Quinto Cúrcio].

E assim permaneceu até que Manuel, um de seus principais chefes, o sacudiu como para acordá-lo de um sono e lhe disse: “Se não me seguirdes eu vos matarei, pois é melhor que percais a vida do que serdes prisioneiro e correrdes o risco de perder o império”.

É principalmente quando sob a sua influência recobramos a coragem que ele nos tirara contra o que o dever e a honra determinavam, que o medo revela sua ação mais intensa. Na primeira batalha séria que tiveram – e perderam – os romanos contra Aníbal, sob o consulado de Semprônio, um exército de cerca de dez mil infantes tomado de pavor debandou e, na sua covardia, não descobrindo por onde passar, jogou-se contra o grosso do inimigo. Tanto e tão bem fez que depois de matar grande número de cartagineses rompeu-lhes as fileiras, pagando uma fuga vergonhosa com os mesmos esforços que teriam de fazer para alcançar uma vitória gloriosa.

O medo é a coisa de que mais medo tenho no mundo. Ele ultrapassa, pelos incidentes agudos que provoca, qualquer outra espécie de acidente. Que aflição será mais penosa e justificável do que a dos amigos de Pompeu, testemunhas em seu próprio navio de horrível massacre? No entanto, o medo que lhes causou a aproximação das velas egípcias abafou neles esse sentimento, a tal ponto que se observou terem pensado apenas em instar os marinheiros para que à força de remos lhes facilitassem a fuga até que, chegados a Tyr e já sem receios, tiveram o lazer de meditar sobre a perda sofrida e dar livre curso aos lamentos e às lágrimas que o medo, mais forte do que a dor, paralisara:

“Tum pavor sapientiam omnem mihi ex animo expectorat.”

“O pavor expulsa então de meu coração toda sabedoria” [Ênio].

Os que muito sofreram em alguma ação guerreira, nela foram feridos e ainda trazem o ferimento a sangrar, ao combate podem ser novamente levados, logo em seguida, mas, os que tiveram forte medo do inimigo, ninguém fará sequer que voltem a olhá-lo de frente. Os que têm motivo para temer a perda de seus bens, o exílio ou a servidão, vivem em constante angústia. Não comem, nem bebem, nem dormem, enquanto, em idênticas circunstâncias, os pobres, os banidos, os servos, continuam a viver, não raro tão alegremente como de costume. Quantas pessoas, atormentadas pelas fustigações do medo, não se enforcaram, se afogaram ou se atiraram em precipícios, demonstrando ser o medo mais importuno insuportável do que a própria morte!

Os gregos admitem um outro tipo de medo, que não provém de um erro de nosso raciocínio, mas ocorre sem causa aparente e por vontade dos deuses. E povos inteiros e exércitos inteiros o experimentam. Dessa ordem foi o que provocou em Cartago tão prodigiosa desolação. Só se ouviam gritos de pavor; os habitantes precipitavam-se fora de suas casas, como a um sinal de alarma e se atacavam mutuamente, e se feriam, e se matavam como se inimigos houvessem entrado na cidade. A desordem e o tumulto imperavam. E a isso, que só findou quando, mediante preces e sacrifícios, conseguiram acalmar a cólera dos deuses, chamam os gregos ‘terror pânico’.

Capítulo XVIII

Somente depois da morte podemos julgar se os homens foram felizes

“Scilicet ultima semper

Expectanda dies homini est; dicique beatus

Ante obitum nemo supremae funera debet.”

“Nunca se deve perder de vista o último dia do homem, nem declarar que alguém é feliz antes de vê-lo morto e reduzido a cinzas” [Ovídio].

Conhecem as crianças a esse respeito a história do Rei Creso. Este, feito prisioneiro por Ciro, fora condenado à morte. Ao aproximar-se a hora do suplício, pôs-se a gritar: "Sólon, Sólon". Comunicada a exclamação a Ciro, este indagou de sua significação e Creso lhe explicou que para sua desgraça, dele Creso, Ciro estava confirmando a verdade de certa máxima que Sólon lhe transmitira: "os homens, quaisquer que sejam os favores com que os cumule a sorte, não podem estimar-se felizes enquanto não vêem chegar o seu último dia", e isso em virtude da instabilidade das coisas humanas que um pormenor basta para mudar inteiramente. Nessa mesma ordem de idéias Agesilau respondeu a alguém que achava o rei da Pérsia muito feliz, porque, tão jovem, já era senhor de tão poderoso Estado: "sem dúvida, mas Priam, na mesma idade, não era infeliz". Não se viram reis da Macedônia, sucessores de Alexandre, acabarem em Roma como marceneiros e escribas? E tiranos da Sicília como mestres-escola em Corinto? E Pompeu, conquistador de metade do mundo e chefe supremo de tantos exércitos, não pagou seus últimos cinco ou seis meses de vida com a humilhação de enviar súplicas aos miseráveis oficiais do rei do Egito? No tempo de nossos pais viu-se morrer cativo em Loches e, o que é pior, depois de dez anos de detenção, Ludovico Sforza, décimo Duque de Milão e que durante tanto tempo agitara a Itália. A mais bela das rainhas, viúva do maior rei da cristandade, não acaba, indigna e bárbara crueldade, de morrer pela mão do carrasco? Tais exemplos existem aos milhares, pois assim como temporais e tempestades se abatem encarniçadamente contra os mais belos e altos edifícios, há também, nos céus, espíritos invejosos das grandezas da terra:

***"Usque adeo res humanas vis abdita quaedam
Obterit, et pulchros fasces, saevasque secures
Proculcare, ac ludibrio sibi habere videtur."***

"Tanto é verdade, que uma força secreta derruba as coisas humanas e sem dificuldade esmaga aos pés o orgulho dos faches, e parte as achas consulares" [Lucrécio].

Dir-se-ia que a sorte aguarda por vezes nosso último dia, a fim de nos fazer compreender o poder que possui de derrubar em um instante o que custou longos anos para edificar, e assim nos impelir a exclamar com Labério:

***"Nimirum hac die
Una plus vixi mihi, quam vivendum fuit."***

"Ah! este dia é um dia a mais dos que eu deveria viver" [Macróbio].

Daí aceitar-se com razão a máxima tão justa de Sólon. Mas como se trata de um filósofo para o qual os favores e as desgraças da sorte não contam nem como coisa feliz nem como coisa infeliz, pois ele encara grandeza e poder como acidentes mais ou menos sem importância em nossa vida, penso que sua intenção seja mais profunda e tenha querido dizer, com isso, que essa felicidade de nossa existência, dependente da tranquilidade e da satisfação de um espírito reto, da resolução e da firmeza de uma alma serena, não deve ser atribuída ao homem enquanto não representa o último ato – e sem dúvida o mais difícil da comédia de sua vida.

Quanto a tudo mais podemos dissimular; fazer como filósofos belos discursos de forma excelente; conservar a nossa serenidade em face de acidentes que nos atinjam superficialmente. Mas na última cena, a que se representa entre nós e a morte, não há como fingir, é preciso explicar-lhe com precisão em linguagem clara e mostrar o que há de autêntico e bom no fundo de nós mesmos:

***"Nam vera; voces turn demum pectore ab imo
Ejiciuntur; et eripitur persona, manet res."***

"Então a necessidade arranca-nos palavras sinceras, então cai a máscara e fica o homem" [Lucrécio].

Eis por que a esse momento devem relacionar-se todos os demais atos de nossa vida. É o dia principal, o dia que valoriza todos os outros; o dia, diz um escritor antigo, que julgará todo o meu passado. Deixo que a morte se pronuncie sobre minhas ações; por ela se verá se minhas palavras saem dos lábios ou do coração. Quantos deveram à morte a reputação de terem bem ou mal vivido? Cipião, sogro de Pompeu, desfez, em bem morrendo, a opinião que até então haviam tido a seu respeito. Epaminondas indagado acerca de quem ele mais estimava, se a Chabrias, a Ificrates ou a si mesmo, respondeu: "Para que me pronuncie é preciso primeiramente ver como será nossa morte". Em verdade, quanto a ele, fora injusto julgá-lo sem levar em conta sua morte, tão honrosa e cheia de grandeza. Deus faz o que quer, mas de meu tempo três pessoas das mais execráveis que conheci, e cuja vida não fora senão um amontoado de abominações e infâmias, tiveram morte decente e tal que em nenhuma circunstância se poderia querer melhor. Há fins gloriosos, e mesmo felizes. Vi a morte interromper, na flor da idade, a existência de alguém que tudo indicava estar a caminho de realizar as mais admiráveis ambições; colheu-o a morte em condições tais que a meu ver a própria realização de suas esperanças não o teria elevado mais alto" [La Boétie, provavelmente]. Morrendo ultrapassou mais gloriosamente do que sonhara a fama e o poder a que aspirava em vida. Quando se trata de julgar a vida dos outros, observe sempre como terminou; quanto à minha, esforço-me principalmente para que acabe bem, isto é, tranqüila e silenciosamente.

Capítulo XIX

De como filosofar é aprender a morrer

Diz Cícero que filosofar não é outra coisa senão preparar-se para a morte. Isso, talvez, porque o estudo e a contemplação tiram a alma para fora de nós, separam-na do corpo, o que, em suma, se assemelha à morte e constitui como que um aprendizado em vista dela. Ou então é porque de toda sabedoria e inteligência resulta finalmente que aprendemos a não ter receio de morrer. Em verdade, ou nossa razão falha ou seu objetivo único deve ser a nossa própria satisfação, e seu trabalho tender para que vivamos bem, e com alegria, como recomenda a Sagrada Escritura [Eclesiastes, III, 12]. Todas as opiniões propõem que o prazer é a meta da vida, mas diferem no que concerne aos meios de atingir o alvo. E se assim não fosse, as repeliríamos de imediato,

pois quem daria ouvido a alguém que apontasse na pena e no sofrimento os objetivos da existência? A esse respeito, as dissensões entre as seitas filosóficas são puro palavreiro: "deixemos de lado essas sutilezas"; em tais discussões entra mais obstinação e picuinha do que convém à ciência tão respeitável. Mas em qualquer papel que se proponha desempenhar põe o homem um pouco de si mesmo.

Digam o que disserem, na própria prática da virtude o fim visado é a volúpia. E agrada-me repetir essa palavra que pronunciam constringidos. E se significa prazer supremo e extremada satisfação melhor se deva ela à virtude do que a qualquer outra causa, pois a volúpia, robusta e viril, é a mais seriamente voluptuosa. E deveríamos chamá-la prazer, denominação mais feliz e mais natural, do que a de vigor que lhe damos. Quanto à volúpia de ordem menos elevada, se acreditam que mereça igual nome que o mantenham, mas não com exclusividade. Mais do que a virtude tem ela seus inconvenientes e seus momentos difíceis; além de serem mais efêmeras as sensações que nos procura, e mais fluidas e fugidias, tem suas vigílias, seus jejuns, suas penas, seu suor e sangue. Paixões de toda sorte influem nela e redundam em tão pesada saciedade que equivale a uma penitência. É erro nosso imaginar que tais inconvenientes a estimulam, e a condimentam, em razão dessa lei da natureza que afirma tudo se fortalecer ante o obstáculo encontrado; e erro é também pensar que, quando se trata de volúpia proveniente da virtude, semelhantes dificuldades a acabrunham e a tornam austera e inacessível.

Ao contrário do que se verifica com a volúpia, na prática da virtude tais dificuldades enobrecem, requintam e realçam o prazer divino e perfeito que ela nos procura. Bem indigno de senti-lo é por certo quem pesa o custo e o rendimento dela; não lhe conhece as belezas nem o uso. Os que nos afirmam que, embora sua posse seja agradável, penosa e laboriosa é a sua conquista, não nos estarão dizendo ser a virtude coisa sempre desagradável? Mesmo porque quem a terá jamais atingido? Os mais perfeitos tiveram de se contentar com aspirar a ela, dela se aproximar sem nunca chegar a possuí-la. Enganam-se porém os que assim falam, pois não há prazer conhecido cuja procura em si já não constitua uma satisfação. Ela liga-se ao objetivo visado e contribui muito para o resultado de que participa essencialmente. A felicidade e a bem-aventurança da virtude enchem-lhe as dependências e os caminhos, desde o portão de entrada até os muros que lhe cercam os domínios.

Um dos principais benefícios da virtude está no desprezo que nos inspira pela morte, o que nos permite viver em doce quietude e faz se desenrole agradavelmente e sem preocupações nossa existência. E, sem esses sentimentos, toda volúpia é sem encanto. Eis por que todos os sistemas filosóficos concordam nesse ponto e para ele convergem. Embora todos se entendam igualmente em nos recomendar o desprezo à dor, à pobreza e outros acidentes a que está sujeita a vida humana, nem todos o fazem com igual cuidado, ou porque tais acidentes não nos atingem forçosamente (em sua maioria os homens vivem sua vida sem sofrer com a pobreza, e alguns, como o músico Xenófilo que morreu com cento e seis anos, vivem em perfeita saúde, sem conhecer nem a dor nem a doença), ou porque, na pior das hipóteses, pode a morte, quando quisermos, pôr fim aos nossos males. E ela própria é inevitável:

***“Omnes eodem cogimur; omnium
Versatur urna serius ocius
Sors exitura, et nos in aeternum
Exilium impositura cymbae.”***

“Marchamos todos para a morte; nosso destino agita-se na urna funerária; um pouco mais cedo, um pouco mais tarde, o nome de cada um dali sairá e a barca fatal nos levará a todos ao eterno exílio” [Horácio].

Portanto, se a receamos, temos nela um motivo permanente de tormentos e andaremos como em país inimigo a deitar os olhos para todos os lados:

“Quae, quasi saxum Tantalo, semper impendet.”

“Ela é sempre uma ameaça, como o rochedo de Tântalo” [Cícero].

Nossos tribunais ordenam muitas vezes se execute o criminoso no próprio local do crime.

***“Non Siculae dapes
Dulcem elaborabunt saporem:
Non avium cyatheaceae cantus
Somnum reducent.”***

“Conduzam-no durante o trajeto, entre belas residências e dêem-lhe as melhores refeições; os mais deliciosos acepipes não poderão acariciar-lhe o paladar, nem o canto dos pássaros, nem os acordes da lira lhe devolverão o sono” [Horácio].

Pensais que será sensível a nossos cuidados e que o fim último de sua viagem, sempre em mente, não lhe alterará e tornará inosso qualquer possível prazer?

***“Audit iter, numeratque dies, spatioque viarum
Metitur vitam; torquetur peste futura.”***

“Inquieta-se com o caminho, conta os dias, mede a vida pela extensão da estrada, sem cessar atormentado pela idéia do suplício que o espera” [Cláudio].

A meta de nossa existência é a morte; é este o nosso objetivo fatal. Se nos apavora, como poderemos dar um passo à frente sem tremer? O remédio do homem vulgar consiste em não pensar na morte. Mas quanta estupidez será precisa para uma tal cegueira?

“Qui capite ipse suo instituit vestigia retro,”

Por que não coloca o freio no rabo do asno, desde que meteu na cabeça andar de costas? [Lucrécio].

Não há como estranhar caia tão amiúde na armadilha. As pessoas se apavoram simplesmente com lhe ouvir o nome: a morte! E persignam-se como se ouvissem falar no diabo. E como ela é mencionada nos testamentos, só resolvem fazer o seu

quando os condenou o médico. E Deus sabe em que estado de espírito se encontram então, sob o impacto da dor e do pavor.

Como esta palavra ressoava demasiado forte a seus ouvidos, e lhes parecia de mau augúrio, tinham os romanos se habituado a adoçá-la ou a empregar perifrases. Em vez de dizer: morreu, diziam: parou de viver, viveu; bastava-lhes que se falasse em vida. Nós lhes tomamos de empréstimo esses eufemismos e dizemos: Mestre João se foi.

Se porventura se aplica o ditado "a palavra é de prata", como nasci entre onze horas e meio-dia no último dia de fevereiro de 1533 e começamos o ano em janeiro [na França o ano teve vários inícios; foi Carlos IX quem fixou a data do começo do ano em janeiro, no ano de 1563], como acontece agora, faz exatamente quinze dias que completei meus trinta e nove anos. Posso pois esperar viver ainda tal período; e atormentar-me meditando sobre tão longínqua eventualidade, fora loucura. Mas jovens e velhos se vão da vida em condições idênticas. Partem todos como se acabassem de chegar, sem contar que não há homem tão decrépito ou velho ou alquebrado que não alimente a esperança da longevidade de Matusalém, e não tenha ainda vinte anos de vida diante de si. Direi mais: quem, pobre louco, ficou a duração de tua existência? Acreditas no que dizem os médicos, sem atentar para o que se verifica em torno de ti, e sem julgar pela experiência. Pelo andar das coisas, há muito já não vives, senão por excepcional favor. Já ultrapassaste a duração habitual da vida. Podes comprová-lo contando quantos entre os teus conhecidos morreram antes dessa idade, em bem maior número do que os que a alcançaram. Anota os nomes dos que, pelo brilho de sua existência, adquiriram certa fama; aposto encontrar entre eles, mortos antes dos trinta e cinco, muitos mais do que depois.

O razoável e o piedoso está em tomar como exemplo a humanidade de Jesus: ora, sua existência terrena findou-se aos trinta e três anos. O maior homem do mundo, homem e não Deus, Alexandre, morreu também com essa idade.

Quantas maneiras diversas tem a morte de nos surpreender?

***"Quid quisque, vitet, nunquam homini satis
Cautum est in horas."***

"O homem nunca pode chegar a prever todos os perigos que o ameaçam a cada instante" [Horácio].

Deixo de lado as doenças, as febres, as pleurisias. Quem poderia imaginar que um duque de Bretanha fosse morrer sufocado pela multidão como aconteceu a um deles, quando da entrada em Lião do Papa Clemente, meu compatriota? Não vimos um dos nossos reis morrer em folguedo? E não faleceu outro, seu antepassado, da queda de um porco que montava? Ésquilo, advertido de que morreria da queda de uma casa, embora dormisse em um campo de trigo, foi esmagado por uma tartaruga caída das garras de uma águia. Houve quem sucumbisse em conseqüência de uma semente de uva engolida; outro, imperador, morreu de uma arranhadura feita com o pente; Emílio Lépidio em virtude de uma topada na porta de sua casa; Aúfidio por ter batido com a cabeça no batente da entrada da sala do Conselho. E entre as coxas das mulheres: o pretor Cornélio Galo, Tigelino, comandante da guarda de Roma, Ludovico, filho de Gui de Gonzaga, Marquês de Mântua, e, o que é péssimo exemplo, Spensipo, filósofo platônico. E até um papa de nosso tempo.

O pobre Bebius, que era juiz, ao adiar o julgamento de certa causa, morreu subitamente; chegara a sua hora. O médico Caio Julius, ao tratar dos olhos de um enfermo, teve os seus próprios fechados para sempre. E, para misturar-me à enumeração: um dos meus irmãos, Capitão Saint Martin, de vinte e quatro anos e que já dera provas sobejas de seu valor, foi atingido por uma bola logo abaixo da orelha direita quando jogava péla. Nem vestígio nem contusão; não se sentou sequer, não interrompeu o jogo; no entanto cinco ou seis horas depois, ei-lo atacado de apoplexia causada pelo golpe recebido.

Tais exemplos são tão freqüentes, repetem-se tão comumente diante de nossos olhos, que não parece possível evitar se oriente nosso pensamento para a morte, nem negar que a cada instante nos ameaça ela. Que importa o que possa acontecer, direis, se não nos preocupamos com isso? É também meu parecer, e se houvesse meio de escapar ao golpe, ainda que fosse sob uma pele de vitela, não seria homem se não o empregasse, pois a mim me basta viver sossegado e pondo em prática tudo o que para tanto venha a contribuir, embora pouco glorioso ou exemplar:

***"Praetulerim ... delirus inersque videri,
Dum mea delectent mala me, vel denique fallant,
Quam sapere, et ringi."***

"Prefiro passar por louco, ou impertinente, se meu erro me agrada ou não o percebo, a ser sábio e sofrer" [Horácio].

É loucura, porém, querer furta-se assim a essa idéia. Vai-se, volta-se, corre-se, dança-se: nenhuma notícia da morte, que beleza! Mas quando ela nos cai em cima, ou em cima de nossas mulheres, nossos filhos, nossos amigos, que os surpreenda ou não, quantos tormentos, gritos, imprecações, desespero! Vistes alguém mais humilhado, transtornado, confundido? É preciso preocupar-se com ela de antemão. Pois essa incúria animal, ainda que pudesse alojar-se na mente de um homem inteligente, o que acho inteiramente impossível, nos faz pagar caro demais sua mercadoria. Se a morte fosse um inimigo suscetível de se evitar, aconselharia agir diante dela como um covarde diante do perigo; mas, em não sendo isso verdade, e atingindo ela infalivelmente os fugitivos, poltrões ou valentes,

***"Nempe et fugacem persequitur virum,
Nec parcit imbellis juventae
Poplitibus timidoque tergo."***

"Persegue o homem em sua fuga e não poupa nem mesmo a tímida juventude que tenta escapar-lhe" [Horácio]

; como nenhuma couraça nos protege contra ela,

***"Ille licet ferro cautus, se condat et aere,
Mors tamen inclusum protrahet inde caput"***

"Cobri-vos de ferro e de bronze, a morte vos atingirá sob a armadura" [Horácio]

, prendamos a esperá-la de pé firme e a lutar. Para começar a despojá-la da vantagem maior de que dispõe contra nós, tornemos por caminho inverso ao habitual. Tiremos dela o que tem de estranho; pratiquemo-la, habituemo-nos a ela, não pensemos em outra coisa; tenhamos-a a todo instante presente em nosso pensamento e sob todas as suas formas. Ao tropeço de um cavalo, à queda de uma telha, à menor picada de alfinete, digamos: se fosse a morte! e esforcemo-nos em reagir contra a apreensão que uma tal reflexão pode provocar. Em meio às festas e aos divertimentos, lembremo-nos sem cessar de que somos mortais e não nos entreguemos tão inteiramente ao prazer que não nos sobre tempo para recordar que de mil maneiras nossa alegria pode acabar na morte, nem em quantas circunstâncias ela sobrevém inopinadamente. É o que faziam os egípcios quando em seus festivais e votados aos prazeres da mesa, mandavam trazer um esqueleto humano para lembrar aos convivas a fragilidade de sua vida:

***“Omnem crede diem tibi diluxisse supremum
Grata superveniet, quae non sperabitur, hora.”***

"Pensa que cada dia é teu último dia, e aceitarás com gratidão aquele que não mais esperavas" [Horácio].

Não sabemos onde a morte nos aguarda, esperemo-la em toda parte. Meditar sobre a morte é meditar sobre a liberdade; quem aprendeu a morrer, desaprendeu de servir; nenhum mal atingirá quem na existência compreendeu que a privação da vida não é um mal; saber morrer nos exime de toda sujeição e constrangimento. Paulo Emílio, ao ir receber as honras do triunfo, respondia ao mensageiro enviado por esse infeliz rei da Macedônia, seu prisioneiro, a fim de suplicar-lhe que não o incluísse em seu séquito: "Que o solicite a si próprio".

Em verdade, sem certa anuência da natureza é difícil que a arte e a indústria progridam nas obras que produzem. Eu não sou melancólico, sou sonhador. Não há nada que minha imaginação vasculhe mais do que a idéia da morte, e isso desde sempre, mesmo no período de minha vida em que mais me dediquei aos prazeres:

“Jucundum quum aetas florida ver ageret.”

"Estava então na flor da idade" [Catulo].

Entre senhoras e festas, imaginavam que andasse preocupado a remoer algum ciúme ou à espera inquieta de qualquer acontecimento, enquanto, na realidade, meu pensamento se orientava para não sei quem que, dias antes, ao sair de festa semelhante, entregue ao ócio, ao amor e às doces recordações, fora tomado de febre e morrera. E considerava que coisa análoga me aguardava de atalaia:

“Jam fuerit, nec post unquam revocare licebit.”

"Em breve o tempo presente já não será e não poderemos lembrá-lo" [Lucrécio].

E não me franzia a fronte, mais do que outro qualquer, esse pensamento.

É impossível que a princípio essa idéia não nos cause penosa impressão. Mas voltando a ela, encarando-a de todos os ângulos, aos poucos acabamos por nos acostumar a ela. De outro modo teria eu andado continuamente agitado e amedrontado, pois ninguém mais do que eu jamais desconfiou tanto da vida e contou menos com a sua duração. Minha saúde, até agora excelente, apenas perturbada por pequenas indisposições, não me dá maiores esperanças de grande longevidade, como tampouco as doenças me fazem temer um fim prematuro. A cada instante tenho a impressão de haver chegado minha última hora, e repito sem cessar: o que devera ocorrer fatalmente um dia pode acontecer hoje. Efetivamente, os acasos e perigos a que estamos expostos pouco ou nada nos aproximam do fim. E se pensarmos em quantos acidentes podem ameaçar-nos, além dos que imaginamos iminentes, deveremos reconhecer que no mar como no lar, na guerra como no retiro, a morte sempre se encontra perto de nós:

“Nemo altero fragilior est; nemo in crastinum sui certior.”

"Nenhum homem é mais frágil do que outro, nenhum tem assegurado o dia seguinte" [Sêneca].

Para fazer o que me cumpre fazer antes de morrer, todo tempo me parece curto, ainda que se trate de trabalho de uma hora. Alguém, folheando meu caderno de notas, revelou algo que eu desejava se fizesse depois de minha morte; disse a essa pessoa a verdade, isto é, que ao registrar essa nota me encontrava a uma légua apenas de casa, mas me apressara em escrevê-la porque não estava certo de não morrer antes de entrar. A chegada da morte não me surpreenderá; acho-me sempre, e quanto posso, preparado para essa ocorrência. Ela se mistura sem cessar a meu pensamento, nele se grava. Na medida do possível andemos sempre de botas e prontos para partir e, em particular, não tenhamos negócios a tratar senão com nós mesmos:

***“Quid brevi fortes jaculamur avo
Multa?”***

"Por que, em tão curta vida, fazer tantos projetos?" [Horácio].

Suficiente trabalho teremos com esses nossos negócios próprios, para que nos embaracemos com outros. Mais do que da morte queixam-se uns de que venha interromper uma bela vitória; lamentam-se outros de não terem podido casar a filha antes ou educarem as crianças; um lastima deixar a mulher, outro o filho, entes a que mais se apegavam. Quanto a mim, graças a Deus, estou em estado de desaparecer quando Lhe aprover, sem nenhuma saudade senão da própria vida. Estou em regra com tudo e como que já disse adeus a todos, salvo a mim mesmo. Nunca homem se apresentou mais bem preparado para deixar a vida no momento necessário e sem a menor dissimulação. Ninguém se desprende melhor e mais completamente da vida do que eu. As mortes mais integrais são as mais desejáveis.

***“‘Miser, O miser,’ aiunt, ‘omnia ademit
Una dies infesta mihi tot praemia vitae.’”***

"Oh desgraça – dizem uns –, um só dia nefasto basta para envenenar todas as alegrias da vida" [Lucrécio].

Lamenta o arquiteto

***“Manuet, opera interrupta, minaeque
Murorum ingentes.”***

"Não terminarei nunca a minha obra, deixarei pois imperfeitos esses soberbos baluartes" [Virgílio].

Nada se empreenda pois, em vista de tão remota conclusão, pelo menos não se o faça com a apaixonada intenção de chegar ao fim. Nascermos para agir:

“Quum moriar, medium solvar et inter opus.”

"Quero que a morte me surpreenda em pleno trabalho" [Ovídio].

Vamos agir portanto e prolonguemos os trabalhos da existência quanto pudermos, e que a morte nos encontre a plantar as nossas couves, mas indiferentes à sua chegada e mais ainda ante as nossas hortas inacabadas. Conheço alguém que, na hora extrema, lastimava incessantemente lhe fosse cortar a morte, no décimo quinto ou no décimo sexto de nossos reis, o fio de uma história em andamento.

***“Illud in his rebus non addunt: nec tibi earum
Jam desiderium rerum super insidet una.”***

"Não pensem que a morte nos rouba
a saudade das coisas mais queridas" [Lucrecio].

Devemos desfazer-nos dessas preocupações vulgares e nocivas. Se se construíram cemitérios perto das igrejas e nos lugares mais freqüentados da cidade, foi, diz Licurgo, para acostumar a plebe, as mulheres e as crianças a não se assustarem à vista de um morto e a fim de que o contínuo espetáculo de ossadas, túmulos, pompas funerárias, advirta todos do que os espera:

***“Quin etiam exhilarare viris convivia caede
Mos olim, et miscere epulis spectacula dira
Certantum ferro, saepe et super ipsa cadentum
Pocula, respersis non parco sanguine mensis.”***

"Era outrora costume alegrar os festins com execuções e com combates de gladiadores; estes caíam amiúde entre as taças e inundavam de sangue as mesas do banquete" [Silius Itálico].

Os egípcios em seus festins faziam apresentar aos convivas uma imagem da morte, que lhes gritava: "bebe, goza, pois serás assim depois de morto". Também se tornou em mim um hábito não somente ter sempre presente a idéia da morte como também falar dela constantemente. E nada me interessa mais do que indagar da morte das pessoas: que disseram, que atitude assumiram? Nas histórias que leio, os trechos referentes à morte são os que mais me prendem a atenção. Vê-se isso pela escolha dos meus exemplos e pela afeição particular que revelo pelo assunto. Se fosse escritor, anotaria as mortes que mais me impressionaram e as comentaria, pois quem ensinasse os homens a morrer ensinaria a viver. Dicearcus escreveu um livro com esse título, porém diferente e menos útil em seu objetivo.

Dirão que em sua realidade a morte ultrapassa a nossa concepção; por mais que nos preparemos para enfrentá-la, quando ela chegar estaremos no mesmo ponto. Deixai-os falar. Sem dúvida uma tal preparação comporta grandes vantagens, pois será pouco caminhar ao seu encontro sem apreensões? Há mais: a própria natureza nos ajuda na ocorrência e nos dá a coragem que poderia faltar-nos. Se nossa morte é súbita e violenta, não temos tempo de receá-la; se não, na medida em que a enfermidade nos domina, diminui naturalmente o nosso apego à vida. Custa-me muito mais aceitar a idéia de morrer quando gozo saúde do que quando estou com febre. Quando não me sinto bem, as alegrias da vida me parecem menos valiosas, tanto mais quanto não estou em condições de usufruí-las, a morte se me afigura menos temível. Disso concluo que quanto mais me desprender da vida e me aproximar da morte, tanto mais facilmente me conformarei com a passagem de uma para outra. Como diz César, e como o verifiquei em mais de uma circunstância, as coisas produzem maiores efeitos de longe que de perto. Assim é que me atormentam mais as doenças se estou bem de saúde do que se as enfrento. A alegria, o prazer e a força induzem-me a uma ampliação desproporcional do estado contrário e os incômodos da enfermidade eu os concebo mais pesados do que os sinto realmente quando adoço. E espero que o mesmo se dê quanto à morte.

As flutuações a que se sujeita a nossa saúde, o enfraquecimento gradual que sofremos, são meios que a natureza emprega para dissimular-nos a aproximação de nosso fim e de nossa decrepitude. Que resta a um ancião do vigor de sua juventude e do seu passado?

“Heu! senibus vitae portio quanta manet.”

"Ah, como sobra pouco aos velhos" [Pseudo Galo].

César, a quem um soldado, alquebrado e decrépito, viera pedir em plena rua autorização para se matar, respondeu rindo: "Pensas então que ainda estás vivo?"

Creio que não seríamos capazes de suportar uma tal mudança se a ela chegássemos repentinamente. Mas em nos conduzindo pela mão, devagar, quase insensivelmente, a natureza nos familiariza com essa miserável condição. De tal modo que a mocidade se extingue em nós sem que lhe percebamos o fim, em verdade mais penoso do que o de nosso ser inteiro ao ter de deixar uma vida de azaques quando morremos de velhice. O salto que nos cabe dar para passar de uma existência miserável ao fim dela não é tão sensível quanto o que separa uma vida tranqüila e florescente de uma vida difícil e dolorosa. O corpo curvado tem menos força para carregar um fardo; o mesmo ocorre com a alma, que é preciso fortalecer e pôr em condição de resistir à opressão causada pelo medo da morte. Como é impossível que encontre a calma sob o peso desse temor, se o pudesse dominar inteiramente – o que está acima das forças humanas – estaria a alma assegurada contra a inquietação, a ansiedade, o medo e tudo o que nos aflige:

***“Non vulnus instans Tyranni
Mentha cadi solida, neque Auster
Dux inquieti turbidus Adriae,
Nec fulminantis magna Jovis manus.”***

"Nem o rosto cruel de um tirano, nem a tempestade furibunda que revolve o Adriático, nada lhe pode abalar o ânimo; nada, nem Júpiter lançando seus raios" [Horácio].

A alma tornar-se-ia então senhora de suas paixões e de seus mais ardentes desejos; nada a atingiria, nem a indignação, nem a vergonha, nenhuma adversidade. Esforcemo-nos pois por conseguir essa vantagem. Nisso consiste a verdadeira e soberana liberdade, a que nos permite desafiar a violência e a injustiça, desprezar a prisão e os ferros escravizadores:

***“In manicis et
Compedibus saevo te sub custode tenebo.
Ipsa Deus, simul atque volam, me solvet. Opinor,
Hoc sentit; moriar; mors ultima linea rerum est.”***

"Sobrecarregar-te-ei os pés e as mãos de cadeias, e entregar-te-ei ao mais cruel dos carcereiros. – Um Deus me libertará quando eu o quiser – esse Deus, penso eu, é a morte, a morte, termo de todas as coisas" [Horácio].

Nossa religião não teve alicerce humano mais sólido que o do desprezo à vida. E não é somente a voz da razão que a isso nos conduz, pois por que temeríamos perder uma coisa que, uma vez perdida, já não podemos lamentar? E como a morte nos ameaça sem cessar sob vários aspectos, não será mais desagradável ficarmos a receá-los todos, de antemão, do que nos resignarmos uma vez por todas, diante dela? Por que se preocupar com sua vinda, se é inevitável? Dizia alguém a Sócrates: "os trinta tiranos condenaram-te à morte". Ao que o filósofo respondeu: "Eles já o foram pela natureza". Que tolíce nos afligirmos no momento em que nos vamos ver livres de nossos males! Nossa vinda ao mundo foi para nós a vinda de todas as coisas; nossa morte será a morte de tudo. Lastimar não mais viver dentro de cem anos é tão absurdo quanto lamentar não ter nascido um século antes. A morte é origem de outra vida. Nascemos entre lágrimas e muito nos custou entrar na vida atual; passando para uma nova vida despojamo-nos do que fomos na precedente. Não pode ser grave uma coisa que acontece uma só vez; será razoável reear com tanta antecedência acidente de tão curta duração? Em relação à morte, viver pouco ou muito é a mesma coisa, pois nada é longo ou curto quando deixa de existir. Diz Aristóteles que há no rio Hipanis insetos que vivem somente um dia: os que morrem às oito da manhã morrem jovens e os que morrem às cinco da tarde morrem de decrepitude. Quem não acharia divertido que tão insignificante diferença em existências tão efêmeras bastasse para tachá-las de felizes? Semelhante apreciação acerca da duração da vida humana não é menos ridícula se a comparamos com a eternidade, ou simplesmente com a duração das montanhas, dos rios, das estrelas, das árvores e até de certos animais.

A natureza nos ensina: saís deste mundo como nele entrastes. Passastes da morte à vida sem que fosse por efeito de vossa vontade e sem temores; tratai de vos conduzirdes de igual maneira ao passardes da vida à morte; vossa morte entra na própria organização do universo: é um fato que tem seu lugar assinalado no decurso dos séculos:

***“Inter se mortales mutua vivunt
.....
Et, quasi cursores, vitae lampada tradunt.”***

"Os mortais se emprestam mutuamente a vida... e a tocha que se transmite de mão em mão nas corridas sagradas" [Lucrécio].

Mudarei para vós esse belo entrosamento das coisas? Morrer é a própria condição de vossa criação; a morte é parte integrante de vós mesmos. A existência de que gozais participa da vida e da morte a um tempo; desde o dia de vosso nascimento caminhais concomitantemente na vida e para a morte:

“Prima, quæ vitam dedit, hora carpsit.”

"A primeira hora de vossa vida é uma hora a menos que tereis para viver" [Sêneca].

“Nascentes morimur, finisque ab origine pendet.”

"Nascer é começar a morrer; o último instante de vida é consequência do primeiro" [Manílio].

O tempo que viveis, vós o roubais à vida e a restringis proporcionalmente. Vossa vida tem como efeito conduzir-vos à morte. E enquanto viveis estais constantemente sob a ameaça de morte, e mortos, já não viveis mais; ou, se assim preferis, a morte sucede à vida, logo durante a vida estais moribundos; e a morte atinge muito mais duramente e essencialmente o moribundo do que o morto. Se soubestes usar a vida e gozá-la quanto pudestes, ide-vos e vos declareis satisfeitos:

“Cur non ut plenus vita; conviva recedis?”

"Por que não sair do banquete da vida como um conviva saciado?" [Lucrécio].

Se não a soubestes usar, se ela vos foi inútil, que vos importa perdê-la? E se ela continuasse em que a empregariéis?

***“Cur amplius addere quaeris,
Rursum quod pereat male, et ingratum occidat omne?”***

"Para que prolongar dias de que não se saberá tirar melhor proveito do que no passado?" [Lucrécio].

A vida em si não é um bem nem um mal. Torna-se bem ou mal segundo o que dela fazeis. E se vivestes um dia já vistes tudo, pois um dia é igual a todos os outros. Uma é a luz, uma é a noite. Esse sol, essa lua, essas estrelas, em sua disposição, são os mesmos que apreciaram vossos antepassados e que conhecerão vossos descendentes.

***“Non alium videre patres, aliumve nepotes
Aspicient.”***

"Vossos sobrinhos não verão nada mais do que viram seus pais" [Manílio].

E em última análise pode-se dizer que a totalidade dos atos diversos que comporta a comédia a que vos convidei cumpre-se no decurso de um ano, cujas quatro estações, se o observastes, abarcam a infância, a adolescência, a idade viril e a velhice do mundo. Essa marcha é constante; não a modifico nunca e sem cessar ela se repete, e assim será eternamente:

"Versamur ibidem, atque insumus usque."

"Giramos sempre em torno do mesmo círculo" [Lucrécio];

"Atque in se sua per vestigia volvitur annus."

"O ano retorna sem descontinuar a estrada percorrida" [Virgílio].

Não está em meus projetos inovar para vós a ordem das coisas:

***"Nam tibi prxterea quod machiner, inveniamque
Quod placeat, nihil est; eadem sunt omnia semper."***

"Não posso nada imaginar, nada inventar de novo para vos agradar;
é, e será sempre, a repetição das mesmas cenas" [Lucrécio].

Dai vosso lugar a outros como outros vos deram o seu. A igualdade é a primeira condição da eqüidade. Quem se há de queixar de uma medida que atinge a todos? Podeis prolongar vossa vida, o que quer que façais não diminuirá em nada o tempo que tendes para serdes mortos. Por mais comprida que seja, vossa vida não será nada, e esse estado que lhe sucederá – e que pareceis tanto temer – terá a mesma duração que se houvésseis morrido no berço:

***"Licet quot vis vivendo vincere secla,
Mors aeterna tamen nihilominus illa manebit."***

"Vivei quantos séculos quiserdes, nem por isso será menos eterna a morte" [Lucrécio].

Nesse estado em que vos porei não tereis motivo para descontentamento:

***"In vera nescis nullum fore morte alium te,
Qui possit vivus tibi to lugere peremptum,
Stansque jacentem."***

"Ignorais que não vos sobrevirá um outro vós mesmo, o qual, vivo, vos possa chorar como morto e gemer sobre o vosso cadáver!" [Lucrécio].

E essa vida que tanto lamentais perder não mais a desejareis:

"Nec sibi enim quisquam tum se vitamque requirit."

.....

"Nec desiderium nostri nos afficit ullum."

"Não teremos mais com que nos inquietarmos nem com nós mesmos,
nem com a vida... nenhuma saudade teremos da existência"
[Lucrécio].

***"Multo ... mortem minus ad nos esse putandum,
Si minus esse potest, quam quod nihil esse videmus."***

"A morte é menos temível do que nada, se é que alguma coisa menos que nada é possível" [Lucrécio].

Morto ou vivo, vós não lhe escapais: vivo, porque sois; morto, porque não sois mais. Por outro lado ninguém morre antes da hora. O tempo que perdeis não vos pertence mais do que o que precedeu vosso nascimento, e não vos interessa:

***"Respice enim, quam nil ad nos anteacta vetustas
Temporis aeterni fuerit."***

"Considerai em verdade que os séculos inumeráveis, já
passados, são para vós como se não tivessem sido" [Lucrécio].

Qualquer que seja a duração de vossa vida, ela é completa. Sua utilidade não reside na duração e sim no emprego que lhe dais. Há quem viveu muito e não viveu. Meditai sobre isso enquanto o podeis fazer, pois depende de vós, e não do número de anos, terdes vivido bastante. Imagináveis então nunca chegardes ao ponto para o qual vos dirigíeis? Haverá caminho que não tenha fim? E se o fato de ter companheiros vos pode consolar, pensai que o mundo inteiro segue caminho idêntico:

"Omnia te, vita perfuncta, sequentur."

"As raças futuras vos seguirão por sua vez" [Lucrécio].

Tudo obedece ao mesmo impulso a que obedecéis. Haverá algo que não envelheça como vós envelheceis? Milhares de homens, milhares de animais, milhares de outras criaturas morrem no mesmo instante em que morreis:

***"Nam nox nulla diem, neque noctem aurora sequuta est,
Quae non audierit mistos vagitibus aegris
Ploratus, mortis comites et funeris atri."***

"Não há uma só noite, nem um só dia em que não se ouçam, misturados aos
vagidos dos recém-nascidos, os gritos de dor em torno dos esquifes" [Lucrécio].

Por que tentar recuar se não vos é permitido voltar atrás? Vistes mais de um indivíduo que se satisfaz com morrer, fugindo assim a grandes misérias; já deparastes com alguém que se achou prejudicado? E não será tolice condenar uma coisa que não conheceis nem pessoalmente nem através de outro? Por que vos queixardes de mim e do destino? Nós vos estaremos prejudicando? Cabe-vos governar-nos ou, ao contrário, dependeis de nós? Por mais moço que sejais, vossa vida chegou ao fim; um homem de pequena estatura é tão completo quanto outro muito grande. Nem a estatura do homem, nem sua existência têm medidas determinadas.

Quíron recusou a imortalidade quando Saturno, seu pai, deus do tempo e da mortalidade, lhe revelou as condições dela. Imagina a que ponto uma vida sem fim fora menos tolerável e mais penosa para o homem do que a que lhe foi dada. Se não tivésseis a morte, vós me amaldiçoaríeis sem cessar por vos haver privado dela. Foi propositadamente que a ela juntei alguma amargura, a fim de impedir que ante a comodidade de seu uso não a buscásseis com excessiva avidez. Para vos trazer a essa moderação que solicito de vós, de não abreviar a vida e não tentar esquivar a morte, temperei-as pelas sensações mais ou menos suaves, mais ou menos duras que vos podem outorgar. Ensinei a Tales, o primeiro entre vossos sábios [filósofos], que viver e morrer são igualmente indiferentes; o que o impeliu a responder muito sabiamente a alguém que lhe perguntava por que então não se matava: porque é indiferente. A água, a terra, o fogo, tudo o que constitui meu domínio e contribui para vossa vida, não contribuem mais do que à morte. Por que temeis vosso último dia? Ele não vos entrega mais à morte do que o faz cada um dos dias anteriores. Não é o último passo a causa de nossa fadiga; ele apenas a determina. Todos os dias levam à morte, só o último a alcança. Eis os sábios conselhos que vos dá a natureza, nossa mãe.

Amiúde indaguei de mim mesmo por que, na guerra, a perspectiva ou a presença da morte, nossa ou de outrem, nos impressiona muito menos do que em nossos lares. Se assim não fosse, um exército se comporia unicamente de médicos e de choramingas. Estranho igualmente que a morte em sendo a mesma para todos, a acolham com mais calma os camponeses e o povo miúdo que os outros. Creio, em verdade, que são essas fisionomias de circunstância e esse aparato lúgubre com que a cercam, que nos impressionam mais do que ela própria. Quando ela se aproxima, há uma modificação total em nossa vida cotidiana: mães, mulheres e crianças gritam e se lamentam. Inúmeras pessoas nos visitam, consternadas; a gente da casa aí está, pálida e desesperada; a obscuridade reina no quarto; acendem-se velas; à nossa cabeceira juntam-se padres e médicos; tudo, em suma, em volta de nós se dispõe como para inspirar horror; ainda não rendemos o último suspiro, e já estamos amortalhados e enterrados. As crianças amedrontam-se quando as pessoas, mesmo suas conhecidas, se apresentam mascaradas; pois é o que ocorre nesse momento. Arranquemos as máscaras às coisas como às pessoas e por baixo veremos muito simplesmente a morte. A mesma com a qual partiu ontem sem maior pavor tal ou qual criado ou aia. Feliz é a morte que nos surpreende sem que haja tempo para semelhantes preparativos!

Capítulo XX

A força da imaginação

Dizem os escolásticos:

“Fortis imaginatio generat casum”

“Uma imaginação fortemente preocupada com um acontecimento pode provocá-lo”.

Sou desses sobre os quais a imaginação tem grande domínio. Todos são atingidos por ela, mas alguns há que ela derruba. Ela me persegue e eu me esforço por fugir na impossibilidade de lhe resistir. Viveria sempre, de bom grado, na companhia de pessoas sadias e de bom humor; a vista das angústias alheias influi fisicamente em mim de maneira penosa, e não raro sofro de sentir que alguém sofre. Diante de quem tosse continuamente sinto igual irritação nos pulmões e brônquios. Sou levado a visitar menos os doentes pelos quais me interesso, e preciso ver, do que os outros, os que não considero tanto e visito ocasionalmente. Pego a doença que estudo e a semeio em mim. Não acho estranho que a imaginação dê febre e mesmo provoque a morte nos que não a controlam.

Simon Thomas foi um grande médico em seu tempo. Lembro-me de que com ele me encontrei em Tolosa em casa de um ancião rico e doente do peito. Entre outros meios de cura, aconselhou-lhe Simon Thomas a fazer com que eu me agradasse em sua companhia, pois em contemplando o frescor de meu rosto, concentrando o pensamento na alegria e no vigor que se irradiavam de meu ser, então em plena adolescência, impregnando todos os seus sentidos dessa exuberância de saúde que havia em mim, poderia melhorar seu estado de saúde habitual. Omitia de dizer, entretanto, que o meu talvez se ressentisse da experiência.

Galo Víbio dedicou-se de tal modo ao estudo das causas e efeitos da loucura que perdeu a razão e não mais a recobrou. Podia vangloriar-se de se ter tornado louco por excesso de sabedoria. Em certos condenados o pavor adianta-se à ação do carrasco, como se viu no caso do condenado a quem desvendaram os olhos no patíbulo a fim de lhe comunicarem ter sido agraciado. Ao lhe tirarem a venda verificaram que já morrera, fulminado pela sua imaginação. Suamos e trememos, empalidecemos e coramos sob a sua influência. Em leito de pluma agita-nos o corpo a ponto, por vezes, de nos levar à morte; e tanto inflama a fogosa mocidade que ocorre aos jovens satisfazerem em sonho seus desejos amorosos.

Embora não seja raro ver-se, à noite, aparecerem cornos em quem não os tinha ao deitar-se, o caso de Cippus, rei da Itália, é particularmente notável. Assistira durante o dia a uma luta de touros e se interessara tanto que a noite inteira sonhara lhe cresciam chifres na cabeça, o que pela força da imaginação aconteceu efetivamente. O amor deu ao filho de Crespo a voz que a natureza lhe recusara. Antíoco contraiu uma febre em conseqüência da impressão profunda que lhe causou a beleza de Estratonice. Plínio afirma que viu Lúcio Cossítio mudar de sexo e se tornar homem no dia de suas núpcias. Pontano e outros relatam semelhantes metamorfoses ocorridas na Itália em séculos passados; e em virtude de violento desejo dele próprio e de sua mãe, Ífis:

“Volta puer solvit, quae foemina voverat, Iphis.”

“Pagou como homem as promessas que fizera quando mulher” [Ovídio].

De passagem por Vitry-le-François [‘Diário de Viagem’ de Montaigne, de 1580] foi-me dado ver um rapaz a quem o bispo de Soissons dera o nome de Germain na confirmação, e que todos os habitantes do lugar haviam tratado por Maria, como mulher, até a idade de vinte e dois anos. Quando o conheci era já velho, muito barbudo e não se casara. Explicou-me que, em

conseqüência de esforço feito para saltar, ocorrera o aparecimento de seus órgãos viris. É ainda de uso na região cantarem as moças uma canção em que se recomenda não fazerem grandes exercícios para não lhes acontecer tornarem-se rapazes como Maria-Germano. Não é tão extraordinário assim o caso, e essa espécie de acidente se verifica não raro. Pode-se observar entretanto que a ação da imaginação em tais casos consiste em uma contínua obsessão e excitação que levam à mudança definitiva de sexo como solução mais cômoda e eficiente.

Há quem atribua à imaginação os estigmas do Rei Dagoberto e de São Francisco. Diz-se também que sob a sua influência pode o corpo humano erguer-se por vezes do seu lugar. Paracelso conta que certo padre se alçava a um êxtase tal que durante longo tempo permanecia sem respirar e sem sensibilidade. Santo Agostinho cita outro que simplesmente, ao ouvir lamentações ou gemidos, desmaiava imediatamente e tão fora de si ficava que não acordava do desmaio por mais que o sacudissem, lhe berrassem aos ouvidos, o beliscassem ou queimassem. Voltando a si, dizia ter percebido realmente vozes, mas longínquas, e só então enxergava suas queimaduras e chagas. E de que não se tratava de impostura voluntária, tinha-se a prova no fato da perda de pulso e de hálito. É verossímil que seja por efeito da imaginação, agindo de preferência sobre as almas da gente do povo, inclinada à credulidade, que as visões, os milagres, os encantamentos e os fatos sobrenaturais encontram quem neles mais acredite. Tanto e tão bem os doutrinaram que chegam a pensar verem as coisas que em verdade não vêem.

Creio também que essas falhas divertidas verificáveis na consumação do casamento e que constituem um óbice entrave a preocupar a nossa sociedade, não passam no fundo de um efeito da apreensão e da timidez. Sei de fonte segura de alguém, por quem respondo como por mim mesmo e não pode ser suspeitado de fraqueza nem de credulidade, que ouviu um de seus companheiros contar a desventura que o atingira no momento menos desejado. A narrativa veio-lhe à memória em idêntica circunstância e foi de tal ordem sua apreensão, sua imaginação se viu tão atingida por esse infortúnio que lhe aconteceu então e de outras feitas – a mesma coisa, a má lembrança perseguindo-o sem cessar. Para obviar a tão estranha situação, imaginou um meio não menos estranho: tomando a dianteira, antes de mais nada confessava a possibilidade do malogro. Assim se aliviava a contenção de seu espírito e dessa maneira, em se achando preparado para o pior, muito menos o preocupava a idéia. Entregando-se então sua companheira, sem forçá-lo nem nada exigir dele, viu-se totalmente curado e liberto de sua obsessão. Quem uma vez praticou ato de virilidade, nada mais tem a temer, senão por justa causa de esgotamento. Semelhante acidente só é de recear-se, em geral, em circunstâncias em que nosso espírito se acha sobreexcitado por um desejo imoderado a que se alia o respeito, principalmente quando os encontros são imprevisíveis e rápidos. Não nos podemos então recuperar. Conheço alguém, semi-saciado aliás dos prazeres desse gênero, e em quem o contato da mulher bastava para lhe acalmar o ardor, que deve a essa impotência ter conservado apesar da idade suas funções sexuais. Conheço outro ao qual bastou que um amigo assegurasse possuir um talismã contra tais encantamentos para curá-lo de suas fraquezas. A coisa merece ser contada.

Certo conde, de mui boa família, e muito meu amigo, desposou uma bela mulher que fora objeto das assiduidades de alguém que assistia ao casamento. Isso inquietou bastante seus amigos e em particular uma velha senhora, sua parenta, que presidia às núpcias em sua própria casa. Ela acreditava nesses enfeitiçamentos e me comunicou seu temor de que o indivíduo usasse de tais meios contra o noivo. Respondi-lhe que tinha possibilidade de evitar o malefício e pedi-lhe que confiasse em mim. Possuía por acaso, no cofre, uma pequena moeda de ouro muito delgada, com que me presenteara Jacques Pellotier quando morava comigo. Nessa moeda havia gravados alguns signos do zodíaco com o fim de constituir uma defesa contra a insolação e curar as dores de cabeça. Devia ser ela colocada na sutura do crânio e mantida com a ajuda de uma fita que se amarrava ao queixo. Tolice igual às precedentes! Pensei em tirar partido e disse ao conde que, embora ameaçado como os outros, e com inimigo capaz de tudo tentar, eu lhe podia ajudar. Que fosse dormir sem medo, pois eu estava em condições de prestar-lhe um serviço de amigo e até de realizar um milagre por ele, contanto que se comprometesse a guardar fielmente o segredo. Devia apenas, à noite, quando lhe trouxessem o réveillon [prato muito condimentado que serviam aos recém-casados], comunicar-me por um sinal combinado que as coisas iam mal. Tivera ele o espírito tão chocado e os ouvidos tão cheios, que se prendera realmente às perturbações de sua imaginação e fez o sinal na hora indicada. Disse-lhe então em voz baixa que se levantasse como para sair, se apoderasse, como por brincadeira, de meu chambre (tínhamos mais ou menos a mesma estatura), o vestisse e conservasse até haver executado o resto de minha receita, a saber: quando tivéssemos saído, se retirasse também para uma necessidade, pronunciasse três vezes tais ou quais palavras e fizesse os movimentos ordenados, devendo cada vez cingir a fita que eu lhe dera, aplicando cuidadosamente sobre os rins a moeda a ela pregada. E amarrando-a da última vez de maneira a não se desprender nem mexer, voltasse tranqüilamente ao leito sem esquecer de estender o chambre de modo a cobri-los os dois. Essas macaquices constituíam o ponto essencial da coisa, pois tão estranhos meios não podem senão proceder, em nosso pensamento, de uma ciência difícil de penetrar. E por sua insanidade mesma adquirem importância e consideração. Em suma, é certo que na circunstância em questão meu talismã atuou mais a favor de Vênus que do Sol. Cedi nessa ocasião a um impulso jocoso e de curiosidade que não me é peculiar; sou, ao contrário, inimigo dessas tolices sutis e fingidas. É um gênero que não me apetece, embora o tenha empregado então, de modo recreativo por certo mas também proveitoso. Mas se o fato em si não é condenável, a atitude o é.

Amásis, rei do Egito, desposara Laódice, uma bela moça grega. E, ele que sempre fora excelente companheiro, viu-se impossibilitado de tê-la. Atribuindo o fato a uma qualquer mandinga dela, ameaçou-a de morte. Como ocorre com tudo o que se relaciona com a imaginação, ela insistiu para que recorresse à devoção a fim de fazer cessar tal estado de coisas. E tendo prometido mundos e fundos à deusa, achou-se ele divinamente curado já na primeira noite após suas preces e seus sacrifícios. Isso mostra quanto erram as mulheres que nos acolhem com atitudes afetadas, bulhentas ou hostis, pois assim agindo nos inibem ao mesmo tempo que nos atacam. A nora de Pitágoras dizia que a mulher que dorme com um homem deve, ao tirar a saia, despir-se do pudor, e somente o reencontrar ao vestir-se. O homem que em suas aventuras sofreu algumas dessas decepções

perde facilmente a confiança em si. Quem foi vítima uma vez de sua imaginação e passou por essa vergonha (a qual se verifica quase sempre no início de uma ligação, porque o desejo é mais vivo e ardente e porque, desejoso de impressionar favoravelmente, teme o malogro), em tendo mal começado ressentir-se do despeito que experimentou e corre o risco de ver repetir-se a desventura daí por diante.

Os casados, que não carecem de tempo, não se devem apressar nem mesmo tentar entrar em relações, se para tanto não se acham inteiramente preparados. É preferível, no estado de excitação e febre em que vivem então, adiar a inauguração do leito nupcial, por desagradável que seja, e aguardar uma ocasião propícia, a correr o risco de um malogro desesperante. Antes da posse, quem tenha motivos para duvidar de si, deve de quando em quando fazer algumas experiências, provocar, sem insistir, até alcançar maior segurança. Quanto aos que sabem ter órgãos obedientes, evitem simplesmente de ceder demasiado à fantasia. Com razão observam quanto esse órgão é independente, excitando-se muitas vezes inoportunamente e falhando de outras feitas; colocando-se em oposição direta à nossa vontade, recusando-se peremptoriamente a atender às nossas solicitações mentais ou físicas. Se entretanto tomassem como pretexto essa independência para condená-lo e me cumprisse defendê-lo, eu insinuaria caber parte da responsabilidade aos outros órgãos seus companheiros, os quais invejando sua importância e sua agradável destinação devem ter conspirado, sublevando todo mundo contra ele, imputando-lhe maldosamente uma culpa de que tampouco não estão isentos. Pois, pergunto, haverá uma só parte de nosso corpo que não se recuse às vezes a fazer o que deve ou não aja contra a nossa vontade? Cada uma dessas partes obedece a impulsos próprios, que as acordam ou adormecem sem intervenção nossa. Quantas vezes os movimentos involuntários do nosso rosto revelam pensamentos que desejaríamos conservar secretos! A causa da independência desse órgão pode de igual modo atuar sobre o coração, os pulmões, o pulso. A vista de um objeto agradável acende imperceptivelmente em nós a chama de uma emoção febril. Mas serão somente esses músculos e essas veias que se retesam e se distendem independentemente de nossa vontade e até de nosso pensamento? Não mandamos nossos cabelos se eriçarem, nossa pele arrepiar de desejo ou medo. Nossas mãos têm às vezes movimentos inconscientes; a língua paralisa-se e a voz se extingue em certos momentos. Quando não temos nada para comer e a isso não gostaríamos de ser incitados, o apetite exige que comamos e bebamos, tal qual o outro apetite, e se acalma ou se irrita quando bem entende.

E não têm, os órgãos pelos quais se alivia o ventre, movimentos de retração e dilatação como os que concorrem para o funcionamento das partes genitais? Para demonstrar o poder de nossa vontade, alude Santo Agostinho a alguém que produzia, a seu bel-prazer, evacuações sonoras de gases intestinais. João Luís Vives, comentador de Santo Agostinho, acrescenta o exemplo de um indivíduo de seu tempo que a tal possibilidade juntava a de dar a esses ruídos o tom que pediam. Estes exemplos, entretanto, não constituem prova irrefutável de obediência absoluta dessa parte do corpo em geral assaz indiscreta e indisciplinada. Conheço uma pessoa em quem essa parte do corpo é tão turbulenta e pouco tratável que há quarenta anos vem ela sendo atormentada por não poder conter-se. Sua evacuação é por assim dizer contínua, sem acalmias, e assim parece dever continuar até a morte. E praza a Deus que somente em histórias tenha conhecimento dessa recusa do ventre em se aliviar, capaz de levar-nos a uma morte dolorosa. E oxalá nos tivesse Ele permitido, como fez o imperador que autorizou seus convivas a darem livre expansão à natureza [a história é contada por Suetônio, o qual a atribui a Cláudio]. Com muito mais razão deveríamos censurar nossa própria vontade, cuja autoridade reivindicamos pelo seu espírito de rebelião, e seus desregramentos e desobediência. Quer ela sempre o que desejaríamos que quisesse? Não quer ela muitas vezes e em prejuízo nosso o que lhe proibimos querer? Deixa-se ela sempre conduzir pelas conclusões de nossa razão?

Finalmente na defesa que faço desse órgão, direi: quanto ao que lhe censuram, a causa está inseparavelmente ligada à de outro órgão seu associado, e no entanto só o meu cliente é incriminado, porque há contra ele argumentos e fatos que não se podem invocar contra o seu cúmplice, ao qual apenas se há de culpar de provocações por vezes importunas. Jamais de falhar. Ademais essas provocações são discretas e tranquilas.

Como quer que seja, por mais que discutam e sentenciem, advogados e juizes, não deixará a natureza de seguir seu caminho. Se dotou esse órgão de algum privilégio especial, teve razão para fazê-lo, pois é o único a perpetuar a imortalidade dos mortais, obra divina, na opinião de Sócrates; e é ele próprio amor, desejo de imortalidade e demônio imortal.

Graças à imaginação, tal indivíduo escrofuloso deixa em França suas escrófulas, enquanto seu companheiro com elas volta para a Espanha [os escrofulosos iam à França para que os tocasse o rei – o que devia curá-los]. Eis por que em tais assuntos teme por hábito preparar o espírito da pessoa. Por que os médicos, antes de operar, procuram convencer o doente da excelência de uma terapêutica em que eles próprios não acreditam, se não é para que a imaginação supra a ineficiência prevista do remédio? Não esquecem o que disse um de seus mestres, a saber, que certos doentes saram à simples vista dos apetrechos operatórios. Vejo confirmado esse defeito da imaginação no fato que me contou um empregado de farmácia de meu falecido pai, rapaz simples e originário da Suíça, país de gente séria e pouco inclinada à mentira. Durante muitos anos servira um negociante de Tolosa, homem doentio, sofrendo da bexiga, razão pela qual tomava freqüentes cristéis com receitas que pedia aos médicos quando sentia agravar-se a enfermidade. Traziam a lavagem com o cerimonial de praxe; ele verificava se não era demasiado quente e deitava-se de lado. Operavam então como normalmente mas sem procederem à injeção do líquido. Retirava-se o farmacêutico e o paciente, acomodado como se o cristel tivesse sido realmente ministrado, sentia o mesmo efeito que se experimenta em semelhante caso.

Minha testemunha jurou-me que a fim de reduzir a despesa (pois o cliente pagava como se houvesse recebido a lavagem) a mulher do doente inventara valer-se de água morna unicamente, mas sempre o resultado denunciava a trapaça e era preciso tornar ao primeiro método.

Uma mulher, pensando ter engolido um alfinete com o pão, gritava e se atormentava como se sentisse uma dor insuportável na garganta onde imaginava se houvesse ele espetado. Como não havia nem inchaço nem qualquer outro sinal externo, uma

pessoa sensata julgou se tratasse de um efeito da imaginação por se ter a mulher provavelmente arranhado com a casca do pão. Forçou-a a vomitar e, no que devolveu, jogou às escondidas um alfinete retorcido. Imaginando a vítima fosse o alfinete engolido, passou-lhe de imediato a dor.

Sei de um fidalgo que se vangloriou por brincadeira, três ou quatro dias após haver oferecido um alegre jantar, de ter dado gato em vez de lebre a seus convivas. Uma moça que estivera presente ficou tão horrorizada que veio a ter febre, e um tão grande desarranjo estomacal que não foi possível salvá-la. Tudo isso pode ser atribuído a uma íntima ligação do espírito e do corpo trocando suas impressões. Outra coisa se observa quando nossa imaginação atua não somente sobre nós mesmos mas também sobre os outros. Assim como a doença de meu corpo se transmite a outro corpo, o que ocorre nos casos de peste, varíola ou infecções da vista,

***“Dum spectant oculi laesos, laeduntur et ipsi;
Multaque corporibus transitione nocent.”***

“Olhando olhos doentes ficam doentes os sãos; muitas doenças desse modo se comunicam de um corpo a outro” [Ovídio]

, assim também a imaginação fortemente excitada pode produzir emanções que atuem sobre outros seres. A antiguidade oferece-nos o exemplo das mulheres da Cítia que, indignadas e irritadas contra alguém, o matavam unicamente com a força de seu olhar. As tartarugas e os avestruzes chocam seus ovos fixando-os simplesmente, o que nos induz a supor possuam seus olhos, em certo grau, a faculdade de emitir e propulsionar algum fluido. Quanto aos feiticeiros, dizem-nos providos de olhos insultantes e nocivos [mau-olhado].

“Nescio quis teneros oculus mihi fascinat agnos.”

“Não sei que olhos fascinam nossas tenras ovelhas” [Virgílio].

Mas eu não acredito no poder dos que se dizem mágicos. Como quer que seja, observa-se o fato de mulheres grávidas imprimirem aos filhos que trazem no ventre a marca de suas fantasias. Assim se viu na criança engendrada pelo Mouro [Ludovico, o Mouro]. E a Carlos, rei da Boêmia e imperador, foi apresentada uma menina das cercanias de Pisa, peluda e hirsuta, cuja mãe atribuíra o fato a uma imagem de São João Batista pendurada junto a seu leito. Idênticos fenômenos se verificam entre os animais (como as ovelhas de Jacó, as perdizes e as lebres) que nas montanhas a neve torna brancos. Viu-se há tempos em minha casa um gato à espreita de um pássaro empoleirado no alto de uma árvore; olharam-se fixamente com intensidade durante alguns momentos e em seguida o pássaro deixou-se cair, como se tivesse morrido, entre as patas do gato, o que se explica ou pela força do olhar deste ou por um efeito da própria imaginação do pássaro.

Os que se ocupam de caça com falcões conhecem a história de um falcoeiro, o qual apostava que pela simples força de seu olhar era capaz de fazer com que descesse a ele a ave de rapina; e o conseguia ao que dizem, mas não o garanto, pois deixo a responsabilidade desses casos a quem os conta. As reflexões são minhas; apóiam-se na razão e não na experiência. Cada qual acrescenta aos meus os exemplos que conheça e quem não os tenha para juntar não imagine sejam estes os únicos, pois numerosos e variados são os fatos que se verificam. E se não os escolho bem, que outro os selecione. No estudo que faço de nossos costumes e paixões, os testemunhos fantasistas, desde que possíveis, valem como verdadeiros. Ocorridos ou não, em Roma ou em Paris, com João ou Pedro, mostram-nos sempre um aspecto que pode assumir a natureza humana e isso basta para que os utilize nestes comentários. Imaginários ou reais, tomo conhecimento deles e deles tiro proveito, e, entre os diversos ensinamentos de uma mesma história, escolho para meu uso o mais notável e preciso. Há autores que procuram principalmente tornar conhecidos os fatos; eu, se pudesse, visaria antes a deduzir deles as conseqüências que porventura comportem. Permita-se nas escolas que se admitam analogias ainda que não existam. Não vou tão longe e sou mais escrupuloso a esse respeito do que se fizesse história. Nos exemplos que aqui reproduzo, tirados do que li, ouvi, fiz, ou disse, evito alterar ou omitir os mais ínfimos e inúteis pormenores. Conscientemente não mudo uma vírgula; por ignorância não sei. A propósito, ponho-me a pensar às vezes como um teólogo, um filósofo e outros, gente de muita consciência e grande prudência, podem escrever história. Como podem controlar fatos que assentam apenas na crença popular, responder pelo pensamento de personagens que não conhecem e aceitar como dinheiro de contado suas conjeturas, quando hesitariam em testemunhar sob juramento diante da justiça a realidade de atos de que participaram vários indivíduos ainda que se verificassem na sua presença? E que não se arriscariam a responsabilizar-se de maneira absoluta por nenhuma pessoa de sua intimidade? Considero aliás menos perigoso escrever sobre coisas do passado que historiar as do presente, pois no primeiro caso não faz o escritor senão relatar acontecimentos pela autenticidade dos quais outros respondem. Muitos me incitam a escrever acerca de nossa época, considerando que a observo com menos paixão do que outros e a conheço por tê-la visto de perto e ter-me aproximado dos chefes dos diversos partidos. Mas ignoram que nem pela glória de Salústio eu o faria, inimigo declarado que sou de tudo o que é obrigação e exige assiduidade e constância. Nada é mais contrário a meu estilo do que uma narração seguida e longa; tenho o fôlego curto e a redação difícil. Não sei estabelecer um plano de composição, nem o desenvolver. E ignoro mais do que uma criança as expressões e os vocábulos relativos às coisas do comum. No entanto, pus-me a escrever o que sei dizer, adaptando o meu assunto às minhas forças. Se tomasse alguém por modelo e guia, poderia acontecer que não tivesse a possibilidade de acompanhá-lo. Ademais, livre como o sou naturalmente, teria emitido, acerca das coisas e das gentes, juízos que, na minha própria opinião e provavelmente com toda a razão, seriam injustificáveis e condenáveis.

Plutarco poderia dizer-nos que se os fatos por ele narrados em suas obras são todos inteiramente verdadeiros, cabe o mérito a quem lhos forneceu; mas se são úteis à posterioridade e se apresentam de maneira a pôr em evidência a virtude, a si próprio os deve. Pouco importa seja um fato antigo contado deste ou daquele modo; há nisso menor perigo do que em uma receita errada.

Capítulo XXI

De como o que beneficia um homem prejudica outro

Dêmade, de Atenas, condenou um homem de sua cidade que comerciava com coisas necessárias aos enterros, acusando-o de tirar disso lucro excessivo, somente auferível da morte de muitas pessoas. Tal julgamento não me parece muito eqüitativo, pois não há benefício próprio que não resulte de algum prejuízo alheio e, de acordo com aquele ponto de vista, qualquer ganho fora condenável.

O mercador só faz bons negócios porque a mocidade ama o prazer; o lavrador lucra quando o trigo é caro; o arquiteto quando a casa cai em ruínas; os oficiais de justiça com os processos e disputas dos homens; os próprios ministros da religião tiram honra e proveito de nossa morte e das fraquezas de que nos devemos redimir; nenhum médico, como diz o cômico grego da antiguidade [Filêmon], se alegra em ver seus próprios amigos com saúde; nem o soldado seu país em paz com os povos vizinhos. Assim tudo. E, o que é pior, quem se analise a si mesmo, verá no fundo do coração que a maioria de seus desejos só nascem e se alimentam em detrimento de outrem. Em se meditando a propósito, percebe-se que a natureza não foge, nisso, a seu princípio essencial, pois admitem os físicos que toda coisa nasce, se desenvolve e cresce em consequência da alteração e corrupção de outra:

***“Nam quodcumque suis mutatum finibus exit,
Continuo hoc mors est illius, quod fuit ante.”***

“Logo que uma coisa qualquer muda de maneira de ser, disso resulta imediatamente a morte do que ela era antes” [Lucrécio].

Capítulo XXII

Dos costumes e da dificuldade de mudar sem maiores cuidados as leis em vigor

Parece-me haver muito bem compreendido a força do costume quem primeiro inventou essa história de uma mulher que, tendo-se habituado a acariciar e carregar nos braços um bezerro, desde o nascimento, e o fazendo diariamente, chegou pela força do hábito a carregá-lo ainda quando já se tinha tornado um boi. Porque o costume é efetivamente um pérfido e tirânico professor. Pouco a pouco, às escondidas, ganha autoridade sobre nós; a princípio terno e humilde, implanta-se com o decorrer do tempo, e se afirma, mostrando-nos de repente uma expressão imperativa para a qual não ousamos sequer erguer os olhos. Vemo-lo violentar a natureza, em seus acidentes como em suas leis:

“Usus efficacissimus rerum omnium magister.”

“É o uso o guia mais seguro em todas as coisas” [Plínio].

A esse respeito apóio a idéia do antro que Platão imaginou na sua República, bem como os médicos que amiúde lhe subordinam as razões de sua terapêutica. Foi pelo hábito que Mitridates conseguiu acostumar seu estômago ao veneno; e que a rapariga a que alude Albert chegara a alimentar-se de aranhas.

Nesse mundo das Novas Índias há povos importantes e em climas variados que as comem, e as criam para tanto, como o fazem com os gafanhotos, as formigas, os lagartos, os morcegos, os quais são cozidos e servidos de diversas maneiras. Um sapo, em época de penúria, aí se vende por seis escudos. Para alguns desses povos nossos alimentos seriam venenosos:

***“Consuetudinis magna vis est: pernoctant venatores in nive:
In montibus uri se patiuntur: pugiles, caestibus contusi, ne
Ingemiscunt quidem.”***

“Grande é a força do hábito. Os caçadores passam a noite na neve; na montanha queimam-se ao sol. Os pugilistas feridos pelo cesto nem sequer gemem” [Cícero].

Estes exemplos do estrangeiro não nos parecerão tão estranhos assim se considerarmos a que ponto o hábito atrofia nossos sentidos. Não é preciso citar o que se diz da gente que vive junto às cataratas do Nilo; nem a teoria dos filósofos sobre a música celeste, que em suas revoluções produzem os astros, corpos sólidos e polidos cujo roçar mútuo deve certamente ocasionar maravilhosa harmonia aos acentos da qual se lhes modificam os contornos e as órbitas. Essa música ninguém a ouve na terra em virtude de sua continuidade que faz que a ela se acostume o nosso ouvido e não a percebe como não percebem os egípcios o ruído das cataratas. Basta observarmos os ferreiros, os moageiros, os fabricantes de armas que não suportariam o barulho que fazem continuamente se o percebessem como o percebemos. Minha gola de flores acaricia-me o olfato quando principio a usá-la, mas ao fim de dois a três dias somente os que se aproximam de mim lhe sentem o bom perfume. E o mais espantoso é que apesar de interrupções e longos intervalos o hábito possa manter vivo o efeito das impressões que provocou em nossos sentidos. É o que ocorre com quem reside perto dos campanários. Eu moro em uma torre onde pela manhã e à noite um grande sino dobra a Ave-Maria. O ruído abala a própria torre e nos primeiros dias me pareceu insuportável; entretanto dentro em pouco me habituei e o ouço agora sem que me incomode, e até me acontece não acordar ao som do sino.

Platão repreendeu uma criança que jogava nozes [jogo dos romanos, equivalente ao atual jogo de bolinhas de gude], ao que ela respondeu: “Você me repreende por bem pouca coisa”. – “O hábito, retorquiu Platão, não é coisa de nonada”. Acredito que nossos maiores vícios se implantam em nós já na mais tenra infância e que a parte principal de nossa educação se acha nas mãos de nossa ama. Há mães para as quais é uma distração ver os filhos torcerem o pescoço dos frangos, ou se divertirem com martirizar gatos e cães; e pais bastante tolos para descobrirem no fato de os filhos baterem ou injuriarem um camponês ou um laçao o sinal precursor de um temperamento marcial; ou predisposições para a sutileza na peça maliciosa ou a perfídia pregada com habilidade de um camarada. Trata-se no entanto do ponto de partida e do indício certo da crueldade, da tirania e da

traição. Tais vícios se encontram em germe na infância, desenvolvendo-se gradativamente e tanto mais quanto se tornam hábitos. É muito perigoso desculpar essas feias tendências, argumentando com a tenra idade ou o alcance diminuto do ato. Primeiramente porque é a natureza quem fala e que sua voz é então mais pura e ingênua, em sendo mais nova. Em segundo lugar, porque a má ação não o é menos ou mais segundo se trate de escudos ou alfinetes; a má ação é má em si mesma. Acho mais judicioso dizer: por que não me ludibriaria alguém em negócios de dinheiro se o faz em coisas de alfinetes? – do que: roubou-me um alfinete, não roubaria um escudo.

É preciso ensinar cuidadosamente as crianças a odiar os vícios para os quais mostram inclinação; é preciso realçar a seus olhos a fealdade natural do ato, não somente a fim de que não o pratiquem mas também que os aborreçam do fundo do coração; em suma, para que a simples idéia lhes cause horror, qualquer que seja a sua feição.

Bem sei que fui educado na infância a andar sempre pela estrada larga e a recusar-me a introduzir em meus folguedos intrigas e malícias, pois os jogos infantis devem julgar-se não apenas como divertimentos mas ainda como ações de importância. Sinto-me sempre e espontaneamente impelido a hostilizar a trapaça por mais insignificante que seja o passatempo a que me dedique. Em jogando cartas, a dinheiro de cobre ou de ouro, ganhe ou perca, jogue com estranhos ou com minha mulher e filhas, minha maneira de jogar é a mesma. Em tudo e em todo lugar meus próprios olhos bastam para me controlar, para me pôr de sobreaviso em relação a mim mesmo. Ninguém me vigia tão bem nem mais temo eu do que escandalizar.

Acabo de ver em casa um homem de pequena estatura, de Nantes, que veio ao mundo sem braços. E tão bem exercitou os pés a fazer o que os outros fazem com as mãos, que em verdade quase esqueceram suas funções normais. Aliás a eles denomina-os mãos e os utiliza para destrinçar, carregar uma pistola, atirar, enfiar o chapéu, pentear-se, jogar cartas ou dados que mistura e deita com excepcional habilidade. O dinheiro que lhe dei (pois ganha a vida em se exibindo), pegou-o com o pé como nós com a mão. Vi outro, em minha meninice, que por não ter mãos manjava o espadão ou a alabarda com uma dobra ou vinco do pescoço; e os jogava alto e os pegava; e lançava uma adaga e fazia estalar o chicote como qualquer carroceiro de França.

Mas dos efeitos do hábito julgamos melhor pelas estranhas impressões que produzem em nossos espíritos, menos resistentes do que o corpo. Tudo pode sobre nossos juízos e crenças. Deixemos de lado a questão religiosa, a que misturam tantas imposturas de que se imbuíram tantas grandes nações e tantos e tantos homens capazes, questão tão alheia à nossa pobre razão humana, que somos desculpáveis, a menos que sejamos esclarecidos por mercê de Deus, se nela nos perdemos. Haverá em qualquer outro assunto opinião, por mais estranha, que o hábito não tenha introduzido e feito sancionar pelas leis sempre que o julgou necessário? E como é justa esta exclamação de certo autor latino:

“Non pudet physicum, id est speculatorem venatoremque naturae, ab animis consuetudine Imbutis petere testimonium veritatis?”

“Que vergonha para um físico, que deve investigar sem desfalecimento os segredos da natureza, apelar para o costume a fim de provar a verdade!” [Cícero].

Não se depara com nenhuma fantasia da imaginação humana, embora desprovida de sentido, sem que não se encontrem exemplos em algum costume e que, em conseqüência de se haver tornado público, nossa razão não admita e explique. Há povos entre os quais é de rigor voltar as costas a quem saúdam e não olhar nunca quem desejam honrar. Entre outros, quando o rei cospe, a mais cotada dama da corte estende a mão; entre outros ainda, os dignitários se curvam e com um lenço colhem no chão a sujeira. A propósito, uma história: certo fidalgo francês, famoso pelo seu espírito, assoava com os dedos o nariz, coisa contrária aos nossos usos. Defendendo sua maneira de se conduzir, perguntou-me por que motivo tão sujo excremento merecia que tomássemos de um lenço delicado para recebê-lo. E o que é pior, para com isso fazer um embrulho e guardá-lo preciosamente. Era por certo mais repugnante esse hábito do que se desembaraçar de qualquer maneira como procedemos com as demais sujidades. Achei que sua observação não pecava inteiramente por absurda. O hábito impedira-me até então de perceber o estranho da coisa, a qual nos repugnaria profundamente se no-la apresentassem como sendo praticada em outro país.

Os milagres decorrem de nossa ignorância da natureza e não cabem nesta, mas o hábito retira-nos a possibilidade de um juízo sadio. Não são os bárbaros motivo de maior estranheza para nós do que nós para eles; é o que compreenderíamos, após ter refletido sobre os exemplos que nos apresentam o passado e os países longínquos, se nos puséssemos a meditar sobre os de nosso próprio meio e comparássemos com objetividade. A razão humana é um amálgama confuso em que todas as opiniões e todos os costumes, qualquer que seja a sua natureza, encontram igualmente lugar. Infinita em suas matérias, infinita na variedade de formas que assume. Volto agora ao meu assunto.

Há povos entre os quais, à exceção de sua mulher e de seus filhos, ninguém fala ao rei sem intermediários. Em certa nação, as virgens exibem as partes do corpo que o pudor recomenda se sonegarem à vista, enquanto as mulheres casadas as cobrem e escondem cuidadosamente. Alhures, existe o costume (não sem relação com o precedente) de só se considerar obrigatória a castidade para a mulher casada. As solteiras podem entregar-se à vontade e quando emprenham porventura podem provocar o aborto, mediante drogas especiais e sem recorrer ao segredo. Em outros lugares, quando um negociante se casa todos os negociantes convidados à cerimônia dormem com a recém-casada, antes mesmo do marido; e quanto maior o número, maiores honras e consideração se lhe demonstram por sua coragem e resistência. O mesmo ocorre quando um oficial se casa, ou um nobre e outros. Entretanto, se se trata de camponês ou alguém do povo miúdo, cabe ao senhor o direito de dormir com a casada. E em o fazendo exortam-na todos a ser fiel ao marido. Em certos países encontram-se casas de tolerância nas quais os homens substituem as mulheres e aí ocorrem casamentos. Há lugares onde as mulheres vão à guerra com os maridos e não somente tomam parte nos combates mas também participam do comando. Outros onde não se usam apenas anéis no nariz, nos lábios, nas bochechas e nos artelhos, mas ainda varetas de ouro, por vezes bem pesadas, enfiadas nos seios ou nas nádegas; e outros onde limpam os dedos nas coxas, nos testículos, na planta dos pés. E existem países onde os filhos não herdaram, e sim os sobrinhos e irmãos; alhures a herança cabe aos sobrinhos somente, salvo quando se trata da sucessão do príncipe. Vemos que

em outros países os bens pertencem à comunidade e têm os magistrados soberanos o encargo de cultivar as terras e repartir os frutos segundo as necessidades de cada um. E em certas regiões, choram a morte das crianças e festejam a dos velhos; noutras dormem no mesmo leito dez a doze homens com suas mulheres; noutras as mulheres que perdem seus maridos de morte violenta não podem casar novamente; noutras apreciam tão pouco a condição da mulher que matam as crianças de sexo feminino ao nascerem e compram dos vizinhos as mulheres de que precisam; noutras os maridos podem repudiar suas mulheres sem necessidade de alegar o que quer que seja, mas o mesmo não é permitido às mulheres; noutras podem os homens vender suas esposas se são estéreis; noutras cozinham o corpo do defunto e moem-no até que vire uma papa e então bebem-no com o vinho; noutras a sepultura mais desejável é ser comido pelos cães; alhures pelas aves; noutras regiões acreditam que as almas felizes vivem em liberdade em lugares deliciosos gozando tudo o que é agradável, e o eco que às vezes ouvimos é a sua voz; noutras combatem dentro d'água e flecham com segurança nadando; noutras, como sinal de satisfação, erguem os ombros e baixam a cabeça; e descalçam os sapatos ao entrarem na residência real; noutras entregam aos eunucos a guarda das mulheres votadas à vida religiosa, e, para não serem por elas amados, lhes mutilam nariz e lábios; e entre estes mesmos povos vazam os olhos aos sacerdotes, a fim de que mais facilmente se aproximem dos demônios e lhes ouçam os oráculos; noutros países cada qual tem o deus que lhe agrada: tem-no o caçador no leão ou na raposa, e o pescador no peixe; e ídolos para cada uma das paixões humanas. Sol, Lua e Terra constituem suas principais divindades e o juramento consiste em tocar o solo fixando o Sol. E a carne e o peixe entre eles se comem crus. Noutros fazem as mais solenes promessas jurando pelo nome de alguma pessoa falecida e venerada sobre cujo túmulo pousam a mão; noutros, anualmente, como presente de ano novo, manda o rei a seus vassalos um fogo aceso, o qual substitui o que haja na casa e deve ser apagado; e ao novo braseiro vêm os súditos desses príncipes buscar seu próprio fogo sob pena de se tornarem culpados de lesa-majestade; noutros o rei abdica para consagrar-se às práticas religiosas, e, o que acontece muitas vezes, seu sucessor imediato é igualmente obrigado a abdicar passando o poder a quem vem em terceiro lugar; noutros mudam de forma de governo tão freqüentemente quanto o requerem os negócios públicos, depondo o rei se lhes parece conveniente e confiando o poder aos anciãos ou à comunidade; noutros homens e mulheres são circuncisados e todos batizados; noutros enobrecem o soldado que apresenta a seu soberano as cabeças de sete inimigos por ele mortos em um ou mais combates; noutros, coisa rara e pouco de acordo com os princípios sociais, não admitem a imortalidade da alma; noutros as mulheres parem sem apreensões nem lamentações; noutros elas usam perneiras de cobre e, se são mordidas por um piolho, devem mordê-lo também; e não ousariam casar antes de oferecer sua virgindade ao rei; noutros a saudação consiste em tocar o solo com o dedo, erguendo-o para o céu a seguir; noutros os homens que transportam fardos carregam-nos à cabeça; e as mulheres aos ombros, e estas mijam de pé enquanto aqueles o fazem de cócoras; noutros, como sinal de amizade, enviam seu sangue às pessoas queridas; e incensam como aos deuses os homens que querem honrar; noutros não permitem o casamento entre parentes, não somente até o quarto grau, mas de qualquer grau; noutros amamentam os filhos até a idade de quatro anos e mesmo doze; e no entanto consideram perigoso para a vida da criança dar-lhe de mamar antes de um dia inteiro depois do nascimento; noutros cabe aos pais castigar os indivíduos do sexo masculino e às mães, ao abrigo de qualquer indiscrição, as pessoas de seu sexo; e punem os condenados, pendurando-os pelos pés e os defumando; noutros circuncisam as mulheres; noutros utilizam todas as ervas na alimentação, salvo as que têm mau cheiro; noutros nada se fecha e as casas por mais belas que sejam não têm portas nem janelas; não têm cofres com fechadura e os ladrões são punidos muito mais severamente do que alhures; noutros matam os piolhos com os dentes como os macacos e acham repugnante esmagá-los com as unhas; noutros durante a vida inteira não cortam barba nem cabelos, nem unhas; há nações onde só cortam as unhas da mão direita, conservando intactas, por garridice, as da esquerda; e há onde deixam crescer à vontade barba e cabelos do lado direito, raspando-os do outro lado. Em regiões vizinhas, numa é atrás que raspam a cabeça, noutra na frente; noutras os pais alugam seus filhos aos hóspedes para que deles gozem; e os maridos emprestam suas mulheres; noutros não é crime ter filhos da própria mãe, como não o é se unirem os homens a suas filhas e filhos; noutros durante os festins abusam das crianças e as passam de mãos em mãos sem se preocuparem com o parentesco. Há países onde comem carne humana. Em tal outro é dever piedoso matar o pai que atingiu uma certa idade; alhures decide o pai sobre a sorte dos filhos quando ainda se amamentam, designando os que quer conservar e educar e os que destina ao abandono e à morte. Em alguma regiões os maridos velhos emprestam suas mulheres aos jovens, em outras elas são comuns a todos, e isso sem pecado; e ocorre em outras ainda adornarem elas seus vestidos com borlas de lã ou seda assinalando o número de homens que as possuíram. E não terá o costume constituído aquele estado composto unicamente de mulheres que sabem manejar as armas e dar combate? E aquilo que toda a filosofia não consegue inculcar na cabeça dos mais sábios, não o ensina o hábito à gente das classes mais baixas? Pois sabemos que existiram povos que não somente desdenhavam a morte mas ainda lhe festejavam a chegada; entre outros as crianças suportavam sem sinal de dor serem flageladas até a morte; alhures a riqueza era a tal ponto desprezada que o mais miserável habitante da cidade não se houvera dignado baixar-se para recolher uma bolsa cheia de escudos. Conhecemos países mui férteis e tudo produzindo, onde, entretanto, os alimentos mais apreciados são o pão, o agrião e a água. E não se explica também pelos costumes esse milagre da ilha de Quio, onde, em setecentos anos, nenhuma mulher ou moça se viu ultrajada em sua honra?

Em suma, a meu ver, não há o que o costume não faça ou não possa fazer; e com razão afirma Píndaro, ao que me disseram, ser o hábito o rei e imperador do mundo. Alguém, que encontraram a espancar o pai, respondeu ser esse o costume de sua casa; que seu pai espancara assim o avô e este o bisavô, e, mostrando o filho: e este há de espancar-me quando alcançar minha idade.

E o pai, que o filho empurrava aos trancos pela rua, intimou-o a cessar os maus tratos ao chegarem a certo ponto, pois ele próprio só maltratara seu pai até ali, e ali se situava o limite dos injuriosos tratamentos hereditários que os filhos se haviam acostumado a ministrar aos pais em sua família. É por hábito, diz Aristóteles, tanto quanto por doença, que certas mulheres se depilam, roem as unhas, comem carvão e terra; e também pelo mesmo motivo juntam-se os machos aos machos. As leis da natureza nascem do costume, pois todos veneram interiormente as opiniões e os usos aprovados e aceitos pela sua sociedade;

a eles não desobedecem sem remorso, e em os adotando recebem aplausos. Quando na antiguidade queriam os cretenses amaldiçoar alguém, suplicavam aos deuses que o fizesse contrair algum mau hábito.

O principal efeito da força do hábito reside em que se apodera de nós a tal ponto que já quase não está em nós recuperarmos e refletirmos sobre os atos a que nos impele. Em verdade, como ingerimos com o primeiro leite hábitos e costumes, e o mundo nos aparece sob certo aspecto quando o percebemos pela primeira vez, parece-nos não termos nascido senão com a condição de nos submetermos também aos costumes; e imaginamos que as idéias aceitas em torno de nós, e infundidas em nós por nossos pais, são absolutas e ditadas pela natureza. Daí pensarmos que o que está fora dos costumes está igualmente fora da razão, e Deus sabe como as mais das vezes erramos. Se, como nós que estudamos, aprendemos a fazê-lo, todos, ao ouvirem judiciosa observação, aplicassem o ensinamento no que lhes diz respeito, veriam, incontinenti, que não constitui simples frase bonita, mas é uma verdadeira chicotada na tolice habitual de nosso julgamento. Mas recebemos as advertências da verdade como se se endereçassem aos outros e não a nós mesmos, e, em vez de aproveitá-las a fim de melhorar os nossos costumes, nós nos contentamos, muito tola e inutilmente, em a catalogar na memória. Voltemos porém ao imperativo dos costumes.

Os povos, afeitos à liberdade e a se governarem por si mesmos, encaram qualquer outra forma de governo como monstruosa e contrária à natureza.

Os que estão acostumados à monarquia o mesmo pensam de seu sistema. Estes últimos, quaisquer que sejam as oportunidades que se lhes oferecem de mudar, e ainda que tenham tido grandes dificuldades de se desembaraçarem de um chefe indesejável, apressam-se em buscar outro, com o qual terão dificuldades idênticas, porque são incapazes de odiar a dominação de um senhor. É em conseqüência do hábito que nos mostramos satisfeitos com o país onde nascemos, e os selvagens da Escócia desprezam a Touraine como os citas a Tessália.

Perguntando Dario aos gregos se desejavam adotar o costume indiano de comer o cadáver do próprio pai (pois estimavam não haver sepultura mais honrosa do que o seu corpo), ouviu deles que por nada no mundo o fariam; mas tentando persuadir os hindus de abandonarem seu ritual e seguirem o da Grécia, que era de queimar o corpo dos progenitores, mais horror causou ainda. Assim agimos todos, tanto mais quanto o costume nos esconde a verdade essencial das coisas:

***“Nil adeo magnum, nec tam mirabile quidquam
Principio, quod non minuant mirarier omnes Paullatim.”***

***“Não há nada tão grande nem tão agradável à primeira vista
que aos poucos não nos cause menos admiração” [Lucrécio].***

Tendo precisado outrora justificar alguns de nossos costumes, aceitos como certos entre nós e nas regiões circunvizinhas, e não desejando invocar apenas a força das leis e dos exemplos, fui às origens deles e lhes descobri fundamentos tão fracos, que mal me contive para não me desgostar nem ter de os refutar em lugar de convencer os outros de sua valia. Resta o meio a que recorria Platão a fim de fazer cessarem os amores contra a natureza, que se praticavam em seu tempo: conseguir que a opinião pública os condenasse, incitando os poetas a combatê-los, e estigmatizá-los em suas narrativas. Desse modo esperava evitar que uma rapariga, por mais bela que fosse, inspirasse amor a seu pai, e que as irmãs não aspirassem às carícias dos irmãos, ainda que de admirável beleza. Valia-se das lendas de Tiestes, Édipo, Macaréus, as quais cantadas às crianças ao mesmo tempo as divertiam e gravavam em seu espírito úteis lições de moral. Sem dúvida o pudor é uma bela virtude e ninguém lhe contesta a utilidade; é entretanto mais difícil valorizá-la de acordo com a natureza do que a justificando pelo costume, as leis e os preceitos. As causas primeiras que levam a se adotarem tais ou quais maneiras de ser, com dificuldade se descobrem, por minuciosas que sejam as pesquisas; e quem a estas se dedica, mal se refere a elas não ousando sequer elucidá-las. Volta-se antes de tudo para o costume, estendendo-se longamente a respeito e assim triunfa sem percalços. Os que não querem obviar a tais pesquisas erram mais ainda e chegam a conclusões extravagantes. Testemunha-o Crisipo, o qual em mais de um trecho de seus escritos demonstra a nenhuma importância que empresta a quaisquer uniões incestuosas.

Quem desejar desfazer-se da influência exagerada de certos costumes, verá que indubitavelmente alguns de muita autoridade são suscetíveis de abandono e assentam apenas na sua antiguidade decrépita; mas arrancando-lhes a máscara hirsuta e enrugada, e os examinando do ponto de vista da razão e da verdade, o que descobrir o espantará a ponto de indagar de si mesmo se está na plena posse de seu bom-senso, o qual nunca lhe terá entretanto falhado menos. Eu lhe perguntarei então se pode haver algo mais extraordinário do que um povo submetido a leis de que jamais ouviu falar; adstrito, nas questões relativas a seus negócios privados, casamentos, doações, testamentos, compras e vendas, a regras que não conhece; que nunca foram publicadas em sua língua e cuja tradução e interpretação só pode obter por alto preço, e não nas condições que engenhosamente propunha Isócrates (o qual aconselhava aos reis que isentassem de taxas o comércio e as atividades de seus súditos de maneira a serem assaz remuneradores, tornando-lhes ao contrário muito onerosos os processos de demandas), mas nas condições incríveis que nos regem, em que tudo se vende, mesmo os conselhos, e em que o recurso à lei é mercadejado. Rendo graças ao destino do fato de, segundo os historiadores, ter sido um fidalgo gascão quem primeiro protestou quando Carlos Magno quis estender à Gália as leis do Império Romano.

Haverá algo mais contrário às condições naturais da sociedade do que ver uma nação onde é costume – e sancionado por lei – ser venal a profissão de juiz, e serem as sentenças pagas à vista em boa moeda; onde é legal que quem não possa pagar não possa tampouco apelar para a justiça e que esta mercadoria esteja tão valorizada que as pessoas encarregadas de instruir e julgar os processos constituam dentro do Estado uma quarta ordem se acrescentando às três outras já existentes: o clero, a nobreza e o povo? Cabendo a essa quarta ordem a aplicação e a feitura das leis e autoridade soberana sobre nossos bens e nossas vidas, e formando ela uma classe distinta da nobreza, ocorre a existência de uma dupla legislação, compreendendo por um lado as leis que regem as questões de honra e por outro as relativas à administração da justiça, as quais em certos casos se opõem umas às outras. Condenam as primeiras tão severamente quem experimenta um desmentido público quanto punem as segundas aquele

que por isso castiga o autor. Pela lei militar é degradado de honra e nobreza quem recebe um insulto e pela lei civil quem deste se vingando incorre em pena de morte. (Desonra-se quem recorre à lei para a condenação de uma ofensa à sua honra; e quem a ela não recorre para castigar é punido pela lei.) Que pensar dessas duas partes de um só todo e no entanto tão diferentes? A uns incumbe zelar pela paz, a outros pela guerra; uns têm o lucro como prêmio, outros a honra; àqueles a ciência, a estes a virtude; àqueles a palavra, a estes a ação; àqueles a justiça, a estes a intrepidez; àqueles a razão, estes a força; e usam uns a toga e outros o uniforme.

Quanto às coisas indiferentes, como as vestimentas, a quem as quisesse adaptar ao seu objetivo verdadeiro, que é serem cômodas e úteis e bem adequadas ao corpo, o que lhes dá graça e atende às conveniências, eu assinalaria como atingindo, a meu ver, o limite do grotesco, os nossos bonés quadrados e essa longa cauda de veludo pregueado e de enfeites variegados que pende da cabeça de nossas mulheres; e também os nossos calções que, tola e inutilmente, nos amoldam um membro de que mal podemos falar honestamente e que assim acabamos como que exibindo em público.

Essas considerações não devem entretanto desviar um homem sensato do estilo comum; parece-me ao contrário que toda originalidade e extravagância provém mais da loucura e afetação ambiciosa que da verdadeira razão. O sábio precisa concentrar-se e deixar a seu espírito toda liberdade e faculdade de julgar as coisas com serenidade, mas quanto ao aspecto exterior delas cabe-lhe conformar-se sem discrepância com as maneiras geralmente aceitas. A opinião pública nada tem a ver com o nosso pensamento, mas o resto, nossas ações, nosso trabalho, nossas fortunas, e nossa própria vida, cumpre-nos colocá-lo a serviço da coletividade e submetê-lo à sua aprovação. Por isso, o bom e grande Sócrates recusou salvar a vida pela fuga, pois seria desobedecer ao magistrado que o condenava, embora fosse este possivelmente injusto e iníquo. Observar as leis do país em que nos encontramos é a primeira das regras, é uma lei que prima sobre as demais: “é belo obedecer às leis de seu país” [Grotius].

Encaremos a questão de outro ponto de vista. É duvidoso que a vantagem que pode haver em modificar uma lei por todos acatada, seja incontestavelmente maior do que o mal resultante da mudança; tanto mais quanto os usos e costumes de um povo são como um edifício constituído de peças diversas de tal maneira juntadas que é impossível abalar uma sem que o abalo se comunique ao conjunto. O legislador dos Thuriens ordenara que quem quisesse propor a abolição de uma lei existente, ou a adoção de uma nova, se apresentasse diante do povo, corda ao pescoço, a fim de que, em não sendo aprovada a inovação, fosse imediatamente enforcado. O de Lacedemônia sacrificou a vida para obter de seus concidadãos a promessa de não modificarem nenhuma de suas ordenações. O éforo que cortou brutalmente as duas cordas acrescentadas por Frinis à cítara, não se deu ao trabalho de indagar se o instrumento era melhor ou não, se seus acordes eram mais perfeitos; bastou-lhe para condená-las que constituíssem uma modificação ao que desde muito existia. A mesma significação tinha a espada enferrujada que, em Marselha, representava a justiça.

A novidade, qualquer forma que assuma, me aborrece profundamente e creio ter razão, pois vi os seus efeitos altamente desastrosos. Essa que nos atormenta há tantos anos [a Reforma], não produziu ainda todas as suas conseqüências e no entanto podemos dizer que direta ou indiretamente tudo atingiu e foi a causa primeira de muitas desgraças; os dramas e ruínas que se acumulam desde o seu aparecimento são sua obra ou contra ela se engendraram; a ela, somente a ela se deve culpar:

“Heu! patior telis vulnera facta meis.”

“Ah, de mim vem todo o mal que experimento” [Ovídio].

Os que subvertem um Estado são em geral as primeiras vítimas da subversão; raramente se aproveita da perturbação quem ergue o estandarte da rebeldia; ele simplesmente agita e turva a água para outros pescadores. A Reforma abalou e desmantelou as velhas instituições de nossa monarquia. Com ela, esse grande edifício perdeu o equilíbrio e vem rachando na velhice e dando acesso, através das fendas, a todas as calamidades. A majestade real oferece no início, diz um autor antigo, maior resistência do que depois de abalada. Sua queda se acelera então. Se o mal é principalmente imputável aos inventores [os Huguenotes] do movimento, mais criminosos ainda são seus imitadores [a Liga] que se entregam aos mesmos excessos cujo horror presenciaram e de cuja repressão participaram. Se o mal como a honra se gradua, têm os huguenotes sobre os outros da liga a primazia da invenção e de terem tido a coragem de entrar na liça antes dos outros. Os promotores de perturbações desejosos de introduzir a desordem no Estado podem facilmente escolher seus modelos nuns como noutros; oferecem-lhos, ambos, de toda espécie. As nossas próprias leis, feitas para remediar o mal inicial, fornecem meios e desculpas a todos os maus empreendimentos. Acontece-nos hoje o que diz Tucídides das guerras civis de sua época; empregam eufemismos para qualificar as piores paixões políticas, para apresentá-las de um ângulo favorável, desculpar-lhes os atos, alterar e atenuar as idéias que teriam despertado se usassem seus verdadeiros nomes. E tudo isso a pretexto de reformar nossas consciências e nossas crenças:

“Honesta oratio est.”

“O pretexto é honesto” [Terêncio].

Entretanto, por melhor que seja, o pretexto da novidade é muito perigoso e

“Aden nihil motum ex antiquo probabile est.”

“Por isso nunca deveríamos aprovar qualquer modificação nos costumes antigos” [Tito Lívio].

E direi francamente que me parece sinal de excessivo amor-próprio e grande presunção valorizar alguém sua opinião a ponto de tentar, a fim de vê-la triunfante, subverter a paz pública em seu próprio país, facilitando o advento dos males inevitáveis inerentes à guerra civil, sem falar na horrível corrupção da moral e nas mutações políticas que podem ocorrer. Não será mal calcular ir ao encontro de tantas desgraças certas e esperadas para combater erros contestáveis e discutíveis? Haverá vício pior do que esse que choca a própria consciência e o conhecimento natural? O Senado romano, em oposição ao povo quanto ao exercício da religião, obviou à dificuldade respondendo que

***“Ad deos id magis, quam ad se, pertinere: ipsos visuros,
Ne sacra sua pollutantur.”***

"Isso interessava mais aos deuses do que a eles mesmos, e que os deuses saberiam como impedir qualquer profanação" [Tito Lívio].

Resposta análoga à do oráculo de Delfos no momento das guerras púnicas. Temendo a invasão dos persas perguntaram ao deus se deviam esconder os tesouros do templo ou carregá-los. E lhes foi respondido que deixassem tudo como estava e pensassem neles mesmos, pois era capaz de prover sozinho suas necessidades próprias.

A religião cristã é concebida dentro de um espírito eminentemente justo e utilitário: nada recomenda mais, e, de maneira expressa, quanto a inteira obediência dos magistrados e conservação do governo. Que maravilhoso exemplo nos deu a sabedoria divina quando, para assegurar a salvação do gênero humano e essa sua gloriosa vitória contra a morte e o pecado, quis que isso somente ocorresse dentro da ordem política estabelecida! E submeteu seu progresso e a realização de um objetivo tão elevado e salutar à cegueira e à injustiça de nossas instituições e nossos costumes! E admitiu que corresse o sangue de seus eleitos e passassem longos anos até que amadurecesse o inestimável fruto!

Haverá muito que dizer se se quiser comparar aquele que respeita as leis e a forma de governo de seu país com quem empreende sujeitá-las à sua opinião e modificá-las. Tem por ele, o primeiro, ser a sua linha de conduta simples, de obediência e acatamento ao exemplo. Pode fazer o que fizer não agirá por maldade e o pior que lhe pode acontecer é sua infelicidade pessoal:

"Quis est enim, quem non moveat clarissimis monumentis Testata consignataque antiquitas?"

"Quem não se remove ante uma antiguidade atestada e conservada através de tantos brilhantes testemunhos?" [Cícero].

Além do que diz Sócrates que as falhas participam mais da moderação que do excesso. Quanto ao segundo, sua situação é bem mais difícil. Pois quem se mete a escolher e modificar usurpa a autoridade do juiz e precisa demonstrar o erro do que elimina e o bem do que introduz. Essa vulgar consideração me reteve, e freou minha própria mocidade temerária. E me impediu carregar aos ombros tão pesado fardo como o de defender uma ciência dessa importância e ousar para com ela o que em verdade não ousaria nem mesmo em relação à mais fácil das que me ensinaram, e acerca das quais a temeridade de um julgamento teria menos alcance. Considero com efeito soberanamente iníquo querer subordinar as instituições e os costumes públicos, que são fixos, às opiniões variáveis de cada um de nós (a razão privada tem jurisdição privada) e empreender contra as leis divinas o que nenhum governo toleraria contra as leis civis.

Embora a razão humana tenha sobre estas últimas maior ação, não deixam elas de reger aqueles mesmos que as pretendem julgar; e nossa inteligência, por grande que seja, não serve senão para explicá-las e inová-las. Se por vezes a providência divina ignora essas regras a que nos obriga, não o faz para nos eximir de obedecê-las. São efeitos da vontade divina que devemos admirar sem procurar imitar. E os exemplos extraordinários que nos outorga de seu poder, assinalados pelas marcas específicas e manifestas do milagre, estão de tal modo acima do que podemos fazer e ordenar que é loucura e impiedade tentar reproduzi-los. Não os devemos experimentar, e sim contemplá-los com espanto; são atos de sua alçada e não da nossa, e Cotta fala com sabedoria quando diz:

"Quum de religione agitur, Ti. Coruncanium, P. Scipionem, P. Scaevolam, pontifices maximos, non Zenonem, aut Cleanthem, aut Chrysippum, sequor."

"Em matéria de religião ouço T. Coruncanus, P. Scipion, P. Scaevola, soberanos pontífices e não Zenão, Cleante ou Crisipo" [Cícero].

No que diz respeito à grande querela que nos divide atualmente, em que há cem artigos a suprimir ou a introduzir e todos de primeira importância, só Deus sabe quantas pessoas podem vangloriar-se de terem estudado as razões essenciais, a favor ou contra, de cada partido. O número de indivíduos escrupulosos é limitado, se é que existem; e não foram eles feitos para nos perturbar. Mas fora deles, toda essa multidão para onde vai? de que lado se alinha? A Reforma produz o efeito de todo remédio pouco eficiente e mal ministrado: os humores de que procura livrar-nos, ele os excita e os amargura; e eles continuam em nós. Não nos pôde purgar na sua fraqueza, e nos enfraquecem entretanto; e de sua ação tiramos apenas infinitas dores internas.

Como quer que seja, a sorte, em fazendo com que falhe por vezes o nosso julgamento, põe-nos não raro diante de necessidades tão absolutas que cumpre às leis ponderá-las; e recusar-se a admitir uma inovação que acaba por se impor pela violência é obrigação dolorosa para quem deseja, em tudo e por tudo, manter-se fiel ao dever e obediente à regra. Ela o coloca em situação desvantajosa em relação a quem se outorga toda liberdade de ação e considera permitido tudo o que pode servir seus intentos, não conhecendo obstáculos ao que imagina útil a seu ponto de vista:

"Aditum nocendi perfido praestat fides."

"Confiar no pérfido é instigá-lo ao mal" [Sêneca].

Tanto mais quanto as leis ordinárias de um governo normal não prevêm esses acidentes extraordinários. Feitas para um corpo cujos membros principais executam seus deveres, elas supõem que todos, de comum acordo, estão dispostos a respeitá-las; seu funcionamento natural aplica-se a uma ordem de coisas calma, serena, em que todos se acatam; nada podem elas lá onde reinam a licença e a violência.

Censuram ainda agora a esses grandes personagens de Roma, Otávio e Catão, terem, durante as guerras civis suscitadas por Sila e César, exposto sua pátria às últimas extremidades, de preferência a socorrê-la em detrimento das leis, nada fazendo para mudá-las. Nesses casos de absoluta necessidade, em que nada resta a fazer, seria com efeito por vezes mais sábio baixar a cabeça e ceder um pouco às circunstâncias do que se obstinar em não outorgar nenhuma concessão. Declarando qualquer concessão impossível, dá-se à violência a oportunidade de tudo esmagar. Quando as leis não podem obter o que têm o direito

de exigir, mais vale que exijam somente o que podem obter. Foi o que fez aquele que ordenou dormissem elas vinte e quatro horas; e o outro que prescreveu fosse, por uma vez, declarado não ocorrido tal dia do calendário; e também aquele que do mês de junho fez um segundo mês de maio. Os próprios lacedemônios, tão obedientes entretanto às leis de seu país, impedidos de eleger duas vezes seguidas ao cargo de almirante o mesmo personagem, e exigindo a situação se mantivesse Lisandro nesse posto, elegeram Aracus almirante mas nomearam Lisandro superintendente da marinha. Valendo-se de semelhante sutileza, um de seus embaixadores, enviado a Atenas a fim de obter a modificação de certa ordenação, e a quem Péricles objetava ser proibido retirar, depois da inscrição, o quadro [as leis eram afixadas em quadros colocados nos recintos públicos] que promulgava uma lei, disse que nada o impedia de virá-lo do outro lado. E Plutarco louva Filopêmen porque, nascido para comandar, sabia não somente comandar de acordo com a lei, mas também comandar a própria lei quando o requeria a necessidade pública.

Capítulo XXIII

A mesma causa pode levar a resultados diversos

Jacques Amyot, grande esmoler de França, contou-me um dia o seguinte fato muito honroso para um dos nossos príncipes, e da mais alta posição, embora de origem estrangeira. No início de nossas agitações, no sítio de Ruão, foi ele advertido pela rainha, mãe do rei, de uma conjura contra sua vida. As cartas da rainha mencionavam expressamente o chefe da conspiração, fidalgo angevino ou de Nantes, o qual freqüentava então, a fim de alcançar seu objetivo, a casa do príncipe. Este não comunicou a ninguém a advertência. No dia seguinte, passeando na colina Santa Catarina, onde se achavam instalados os canhões que dominavam a cidade sitiada, e tendo a seu lado o grande esmoler e outro bispo, viu o fidalgo que lhe fora assinalado e o mandou chamar. Quando este se achou em sua presença, vendo-o empalidecer e tremer porque não tinha a consciência tranqüila, disse-lhe o príncipe: "Senhor Fulano, deveis imaginar o que quero de vós; vossa expressão o indica. Não procureis ocultar-me o que quer que seja; estou a par de vossas intenções; em buscando um paliativo não faréis senão piorar o vosso caso. Conheceis isto (o conteúdo das peças mais secretas da conjura); pela vossa vida confessai tudo, pois, sem reticências". Quando o pobre homem se viu descoberto, e diante de provas irrecusáveis (pois tudo fora revelado à rainha por um dos cúmplices) não pôde senão implorar de mãos postas a misericórdia do príncipe a cujos pés quis jogar-se. Impediu-o o príncipe, continuando: "Vejam. Vos causei outrora, em qualquer circunstância, alguma pena? Ofendi algum dos vossos por ódio pessoal? Não vos conheço há mais de três semanas, qual o motivo que tendes para quererdes assassinar-me?" Respondeu-lhe o fidalgo com voz trêmula que não era por animosidade particular contra ele mas no interesse geral de seu partido; que o haviam persuadido de que seria obra pia desembaraçar-se de qualquer maneira de tão poderoso inimigo de sua religião [o Protestantismo]. "Pois bem", prosseguiu o príncipe, "vou mostrar-vos quanto a minha religião é mais tolerante do que aquela que praticais; induziu-vos a vossa a matar-me, sem me ouvir e sem que vos tivesse ofendido; a minha manda que vos perdoe, embora se haja provado que queríeis atentar, sem motivo, contra a minha vida. Ide, retirai-vos, que eu não vos veja mais aqui; e será prudente de vossa parte não ouvirdes mais conselho, em vossas empresas, senão de gente melhor do que aquela a quem vos dirigistes desta feita".

Estando o Imperador Augusto na Gália, foi avisado de uma conspiração que contra ele tramava L. Cina. Resolveu punir e convocou seus amigos para um conselho no dia seguinte. Durante a noite foi tomado de intensa agitação ao pensar que deveria condenar à morte um jovem de boa família, sobrinho do grande Pompeu; e refletiam-se as suas perplexidades nos pensamentos que o assaltavam: "Viverei constantemente temeroso e continuamente alerta, enquanto meu assassino poderá locomover-se à vontade? E, no momento em que estabeleço a paz no mundo, deixarei de punir quem atenta contra estes meus dias que tantas vezes escaparam aos perigos das guerras civis e das batalhas dadas em terra e mar? Posso absolvê-lo, quando não somente desejou assassinar-me mas ainda sacrificar-me (os conjurados haviam projetado matá-lo durante um sacrifício)?" E continuou em alta voz, após uns minutos de silêncio: "Por que vives, se tanta gente se interessa pela tua morte? Vale tua vida tanto rigor para defendê-la?" Vendo-lhe a angústia, Lívia, sua mulher, lhe disse: "Aceitarás o conselho de uma mulher? Por que não fazes como os médicos que, em não colhendo bons resultados de seus remédios, indicam os remédios contrários? Até agora a severidade não produziu efeito. Sucedem-se umas às outras as conjurações: Lépidio seguiu-se a Savidiniano, Murena a Lépidio, Cepião a Murena, Inácio a Cepião. Experimenta a doçura e a clemência. Provou-se a culpabilidade de Cina, perdoa-lhe; ser-lhe-á impossível prejudicar-te e teu gesto se acrescentará à tua glória". Augusto, satisfeito com encontrar na mulher um eco dos próprios sentimentos, agradeceu-lhe, descomendou o conselho e ordenou que Cina viesse sozinho. Quando este se apresentou, Augusto mandou que saíssem todos de seu aposento, ofereceu-lhe um assento e assim falou: "Antes de mais nada, Cina, eu te pedirei que silencies. Ouve-me sem interromper. Dar-te-ei depois o tempo que quiseres para a resposta. Tu o sabes, Cina, foste aprisionado no campo de meus inimigos e eu te poupei a vida, embora não somente tivesses abraçado a causa deles mas ainda por pertenceres, em virtude de teu nascimento, à mesma gente. Devolvi teus bens, e tão bem te tratei e tão alto te coloquei que os vencedores invejam a sorte do vencido. O cargo de sacerdote, que solicitaste, eu te concedi, quando o recusara a outros cujos pais sempre lutaram por mim; e devendo-me tais obrigações projetaste assassinar-me". Protestou Cina afirmando não ter alimentado esses maus pensamentos e Augusto prosseguiu: "Não estás cumprindo tua promessa, Cina; comprometer-te-ás a não me interromper. Sim, pensaste matar-me tal dia, em tal lugar, em tal companhia, e de tal maneira". E, vendo-o aterrado e em silêncio, ante informações tão precisas e não por causa da promessa mas sob o efeito do remorso: "Qual o teu móvel? Ser imperador? Seria realmente uma infelicidade para os negócios públicos se só eu constituísse um obstáculo à tua ascensão ao trono; não consegues sequer defender tua própria casa, ultimamente ainda perdeste um processo contra um simples liberto. Tornar-se César! É então isso tudo o que sabes fazer? Se eu, somente, impeço a realização de tuas esperanças, estou disposto a abdicar. Mas acreditas que Paulo, Fábio, os cosseanos e os servilianos te aceitem, eles e esses nobres todos, nobres pelo nome e pelas virtudes que lhes realçam a nobreza?" E, após outros propósitos acerca da situação (pois se entretiveram por mais de duas

horas), concluiu Augusto: "Vai, Cina, dou-te novamente essa vida que, como traidor e parricida, mereces perder; dou-a como a dei outrora, quando, em sendo tu meu inimigo, eu a tinha nas mãos. A partir de hoje, sejamos amigos e vejamos quem de nós terá tido mais boa-fé, eu que te perdôo ou tu que és perdoado". Com estas palavras despediu-o. Tempos depois, deu-lhe o consulado, censurando-lhe por não o ter solicitado. Augusto recebeu a justa recompensa de sua clemência. Cina permaneceu-lhe profundamente dedicado e ao morrer tornou-o herdeiro de todos os seus bens. A partir desse acontecimento que lhe ocorreu aos quarenta anos, nenhuma conjuração mais houve contra ele. O mesmo não aconteceu com o príncipe a que aludimos anteriormente: sua magnanimidade não impediu que sucumbisse mais tarde a um atentado semelhante ao que escapara da primeira vez. De como é coisa vã a prudência humana! Quaisquer que sejam nossos projetos e os conselhos a que recorremos, e as precauções tomadas, o destino aí está de posse dos sucessos!

Dizemos dos médicos que são felizes quando obtêm bons resultados. Como se somente a sua arte não pudesse bastar-se a si mesma; como se fosse a única cujas bases frágeis demais não a pudessem sustentar; como, enfim, se não houvesse senão ela incapaz de êxito sem a assistência da sorte.

Acerca da Medicina penso todo o bem e todo o mal que dizem, pois graças a Deus raramente apelo para ela. Trato-a ao contrário dos outros; não me preocupo nunca com ela e quando adoço, em vez de confiar-me a ela, ponho-me a hostilizá-la, e a temo. Aos que comigo insistem para que recorra a suas drogas, respondo que esperem até eu recobrar minhas forças e restabelecer-me a fim de melhor suportar seus efeitos e o risco que me couber correr. Prefiro deixar atuar a natureza, certo de que ela tem bico e unhas para se defender dos assaltos que a visam e proteger nosso organismo. Receio que eu, desejando ajudá-la no momento em que ela luta contra os golpes imediatos da doença, venha beneficiar esta e dar à Medicina maior trabalho ainda.

Creio que a parte da sorte é grande, não somente no caso da Medicina mas também no de numerosos outros ramos do conhecimento humano que parecem mais independentes. Assim a inspiração poética que se assenhora de um autor e o arrebatava, por que não a atribuir à sorte? Ele próprio confessa que ela ultrapassa sua capacidade, que não vem dele, que ele não poderia atingir tais alturas. Da mesma forma os oradores, quando lhes ocorrem esses movimentos de alma e esses transportes extraordinários que os fazem alçar-se muito além de seus intentos. Da mesma forma na pintura em que o pintor obtém por vezes efeitos muito superiores aos que sua imaginação e seu saber conceberam, e espantam a eles próprios. Mas a sorte manifesta-se ainda mais nitidamente pelas graças e belezas que põe nessas obras, não apenas independentemente da intenção do autor mas igualmente sem que ele o perceba. Um leitor culto descobre amiúde nos escritos alheios perfeições diferentes das que o autor pensou ter alcançado, e assim enriquecem o sentido e a forma da obra.

Quanto aos empreendimentos militares, não há quem ignore qual a parte da sorte. Mesmo em nossos conselhos e nossas deliberações, introduzem-se sorte e azar, pois o que pode a nossa sabedoria não é muito. E quanto mais perspicaz e viva, mais fraca é; e tem razões para desconfiar de si mesma. Sou da opinião de Sila: quando examino atentamente os feitos de guerra mais gloriosos, parece-me que os que os realizaram, tão-somente por desencargo de consciência se aconselharam e deliberaram acerca da conduta necessária. Ao entrar na luta, abandonaram-se principalmente à sua sorte; confiantes em que ela lhes seria propícia, em mais de uma circunstância deixaram-se arrastar além dos limites do razoável. Suas resoluções revelam não raro a marca de uma confiança excessiva ou de um desespero inexplicável que os impelem o mais das vezes a tomar o partido menos racional e lhes aumentam a coragem de maneira sobrenatural. Daí ter ocorrido a vários grandes capitães da antiguidade a idéia de espalhar a crença entre seus soldados de que suas temeridades obedeciam a alguma inspiração, a um sinal ou prognóstico.

Eis por que na incerteza e na perplexidade infundidas pela impossibilidade em que nos achamos de discernir e escolher o melhor, em virtude das dificuldades e acidentes inerentes a todas as coisas, o mais seguro, a meu ver, quando outras considerações a tanto não nos levam, é adotar o partido aparentemente mais honesto e justo; e se há dúvida acerca do caminho mais curto, seguir a linha reta. Assim, nestes dois exemplos que dei, não há dúvida que perdoar a ofensa recebida é mais belo e generoso do que agir de outro modo. Se isso não deu certo com o primeiro não se culpe a sua nobre conduta; pode-se lá saber se, em tomando o partido contrário, escaparia à morte que lhe reservava o destino? Em todo caso teria perdido a glória que lhe valeu seu ato de bondade.

Menciona a história numerosas pessoas que, receando atentados contra sua vida, se empenharam em desfazê-los mediante vinditas e suplícios. Muito poucos tiveram êxito, ao que sei e como testemunham tantos imperadores romanos. Quem se sente ameaçado por semelhante perigo não deve contar demasiado com seu poder nem com sua vigilância, pois é difícil garantir-se contra um inimigo que se dissimula sob a máscara do melhor amigo. E como conhecer as intenções e os pensamentos íntimos daqueles que nos cercam? Pode mandar vir soldados estrangeiros e cercar-se sempre de homens armados: quem não faz questão da própria vida é sempre senhor da vida alheia. Ademais essa contínua suspeição que leva a desconfiar de todos é tormento excessivo!

Díon, avisado de que Calipso procurava uma oportunidade para atingi-lo, não teve coragem de esclarecer a coisa, preferindo morrer, disse, a aceitar a triste obrigação de ter que se proteger não somente contra os inimigos mas também contra os amigos. Alexandre fez mais: avisado, por carta de Parmênion, de que Filipe, seu médico preferido, fora subornado por Dario a fim de envenená-lo, ao mesmo tempo que dava a carta a ler a Filipe, tomou a bebida que este lhe apresentava. Talvez quisesse assim mostrar que, se seus amigos pretendiam atentar contra sua vida, a ela renunciava. Ninguém confiou mais na sorte do que esse príncipe, mas nada sei de sua existência que testemunhe melhor sua firmeza de caráter, nem nada conheço mais belo do que esse ato, por qualquer ângulo que se encare.

Os que recomendam aos príncipes uma constante desconfiança, a pretexto de necessidade de segurança, pregam-lhes a ruína e a desonra, pois nada de nobre se faz sem riscos. Conheço um [Henrique de Navarra], valente e ousado de natureza, ao qual fizeram que perdesse todas as oportunidades de se ilustrar, repetindo-lhe sem cessar que permanecesse no aconchego dos

seus, não tentasse reconciliar-se com seus inimigos, se isolasse, não confiasse em mais poderoso do que ele, quaisquer promessas ou vantagens que lhe parecesse apresentar. E conheço outro que, seguindo caminho inverso, conquistou sua glória de maneira inesperada [Henrique de Guise].

A ousadia que outorga essa glória de que são ávidos os príncipes, provamo-la magnificamente tanto de gibão vestido como de arma na mão, tanto no gabinete como no campo de batalha, tanto com serenidade como com ameaças. A prudência, tão cuidadosa, tão circunspecta, é inimiga dos grandes feitos. Cipião, a fim de alcançar a boa vontade de Sifax, não hesitou em deixar o exército, abandonando a Espanha recém-conquistada e cuja submissão podia ser ainda duvidosa, para passar à África, com dois navios apenas, e entregar-se em país inimigo a um rei bárbaro cuja boa-fé desconhecia. E isso sem garantia, sem reféns, confiando unicamente na sua própria coragem, na sua boa estrela e no pensamento de ver realizar-se os grandes projetos concebidos:

“Habita fides ipsam plerumque fidem obligat.”

“A confiança que depositamos em outrem, nós a temos não raro em paga” [Tito Lívio].

Quem tem ambição e aspira à celebridade deve, ao contrário, evitar uma prudência exagerada, não prestar atenção às suspeitas nem a elas se entregar. O medo e a desconfiança dão origem à ofensa e a provocam. O mais desconfiado de nossos reis recompôs sua situação, confiando-se espontaneamente a seus inimigos, com risco de perder a vida e a liberdade e mostrando plena confiança neles a fim de induzi-los a nele confiarem. Contra suas legiões amotinadas, César opôs apenas a autoridade de seu semblante e a altivez de suas palavras. Tinha tal confiança em si próprio e na sua estrela que não hesitou em se abandonar a uma tropa sediciosa:

***“Stetit aggere fuli
Cespitis, intrepidus vultu: meruitque timeri,
Nil metuens.”***

***“Surgiu sobre um outeiro, de pé, rosto impassível; sem
temor próprio soube inspirá-lo aos outros” [Lucano].***

É evidente que semelhante segurança, e que outorga tão grande ascendência, só é natural e provoca todos os seus efeitos naqueles a quem a perspectiva da morte e do que pode acontecer de pior não cause temor. Receosa, hesitante, incerta do resultado, a atitude de quem visa acalmar não dará nada em uma situação grave. É excelente maneira de conquistar os corações e a boa vontade das gentes apresentar-se altivo e confiante, conquanto assim se faça espontaneamente e não constrangido pela necessidade. E que o sentimento que nos anima seja sincero e franco; e que nosso semblante não revele inquietação.

Vi na minha infância um fidalgo, comandando uma cidade importante, às voltas com violento movimento de efervescência popular. Para acalmar os descontentes tomou, a princípio, a resolução de abandonar o lugar em que se encontrava em segurança e ir ao encontro dos amotinados; triste idéia, a meu ver! Não foi porém a de sair do abrigo, como em geral lho censuram, mas foi a de entrar pelo caminho das concessões e carecer de energia; foi a de ter tentado acalmar os alucinados antes os seguindo, a reboque, do que os esclarecendo acerca de suas faltas; foi a de os ter suplicado em lugar de admoestá-los. Considero que uma severidade mitigada, unida a uma decisão segura, apoiada nas tropas sob suas ordens, convinha melhor à sua condição e aos deveres de seu cargo, e teria dado melhor resultado e fora mais digna para ele; e o houvera honrado. Contra o furor popular nada se há de esperar do emprego da humanidade e da doçura; o que inspira respeito e medo tem mais probabilidades de êxito. Censuraria igualmente a esse fidalgo – que considero corajoso mais do que temerário em ir sem armas nem escolta suficiente jogar-se em pleno mar encapelado pela tempestade, em cheio entre homens tomados de loucura – o fato de não ter levado até o fim sua resolução. Percebendo o perigo, fraquejou. E sua atitude, de pacífica e conciliadora que era, passou a ressentir-se do pavor que se apoderou dele. Sua voz alterou-se, em seu olhar refletiram-se o terror e o arrependimento de se haver impensadamente arriscado: procurou afastar-se e desaparecer. Esse espetáculo sobreexcitou ainda mais a multidão em delírio.

Deliberava-se de uma feita acerca de uma grande parada de tropas de toda natureza – oportunidade não raro escolhida pelos que meditam vinganças, pois então se executam com menor perigo. Havia fortes indícios de que tentativas desse gênero ocorreriam, o que não era muito tranqüilizante para os mantenedores da ordem. Várias opiniões foram emitidas a respeito, como acontece em casos difíceis, e entre elas algumas muito sensatas que mereciam ser apreciadas. Quanto a mim, opinei que se devia evitar tudo o que pudesse demonstrar receio. Que participássemos da parada, que nos misturássemos à tropa de cabeça erguida, rosto sereno, sem apreensão visível, e que em vez de restringi-la (como outros propunham) a ampliássemos; ao contrário, dando a essa manifestação todo o desenvolvimento possível, recomendando aos oficiais que ordenassem a seus soldados darem as salvas de mosquetões bem nutridas, em conjunto e sem economizar pólvora, em honra do personagem que os passasse em revista. Assim se fez. E essas tropas de cuja fidelidade suspeitávamos, sentiram-se encorajadas a uma mútua e vantajosa confiança.

A conduta de Júlio César em circunstâncias semelhantes parece bela a ponto de não poder sobreexceder-se. Pela sua clemência e sua amenidade, procurou antes de mais nada conquistar a afeição de seus inimigos, contentando-se, ao lhe serem anunciadas as conjurações, com se declarar ciente delas. Em seguida, cheio de nobreza, aguardou sem medo e sem maiores preocupações o que pudesse acontecer, entregando-se à proteção dos deuses e de sua estrela. Estava certamente nesse estado de alma ao ser assassinado.

Tendo um estrangeiro propalado que era capaz, mediante certa importância em dinheiro, de indicar a Dionísio de Siracusa, um meio infalível de descobrir as conjurações porventura organizadas contra o tirano, este, a quem se comunicara tal propósito, mandou chamá-lo a fim de se informar acerca de tão útil processo. Disse-lhe o estrangeiro que bastava lhe desse um talento e espalhasse por toda parte haver comprado o segredo. Dionísio achou a idéia boa e mandou dar-lhe seis escudos. Aos olhos de todos era pouco verossímil houvesse o tirano gratificado tão generosamente o estrangeiro sem que este lhe prestasse relevante serviço; e essa crença contribuiu para tornar seus inimigos mais prudentes. Efetivamente, os príncipes que divulgam os avisos de

conjuras contra eles preparadas agem sabiamente. Fazem crer que sua polícia é eficiente e que nada se pode empreender contra eles, que não saibam.

O Duque de Atenas cometeu vários erros em seu recente governo de Florença. E o maior consistiu em que, ao ser notificado de conciliábulos havidos contra sua pessoa, mandou matar Matteo di Morozzo (o qual lhos comunicara) na esperança de que desse modo ninguém viria a saber das reuniões nem poderia imaginar suportassem tão dificilmente a sua tirania.

Lembro de ter lido outrora a história de um alto personagem romano que, proscrito pelos triúmviros, fora bastante hábil para escapar várias vezes aos seus perseguidores. Um dia, um grupo de cavaleiros enviados à sua procura, passou, sem o perceber, junto a uma capoeira onde ele se escondera. Mas, nesse momento, pensando nas penas e dificuldades que vinha tendo há tanto tempo para fugir a essas contínuas e minuciosas batidas e ao desprazer de semelhante vida, considerou o fugitivo que era preferível acabar com isso uma vez por todas. E saindo de seu esconderijo chamou os cavaleiros e se entregou voluntariamente, livrando a todos de uma boa maçada. Entregar-se a seus inimigos é resolução um tanto excessiva. Creio entretanto ser ainda melhor isso do que viver constantemente na apreensão febril de um acidente inevitável. E, estando a inquietação e a incerteza no fundo de todas as precauções que tomamos, mais vale preparar-se corajosamente para o que der e vier e tirar algum consolo daquilo que não temos certeza venha a ocorrer.

Capítulo XXIV

Sobre o pedantismo

Sofri muitas vezes, em criança, com sempre ver nas comédias italianas o mestre-escola no papel de parvo, sem ter a designação de magister, com muito mais honroso sentido entre nós. Entregues que somos à sua orientação, não tinha eu outra alternativa senão aborrecer-me com tal reputação. Bem procurava explicá-la a mim mesmo pela desigualdade natural que existe entre o vulgo e as raras pessoas que se distinguem pelo bom-senso e o saber. Tanto mais quanto os hábitos de uns e outros são inteiramente diversos. Mas, perturbava-me verificar que os homens mais esclarecidos são exatamente os que menos estimam os professores, haja vista o nosso bom Du Bellay:

“Mais je hay par sur tout un sçavoir pedantesque.”

“Odeio sobretudo um saber doutoral”.

E isso vem de longe, pois Plutarco (na ‘Vida de Cícero’) nos diz que entre os romanos ‘grego’ e ‘escolástico’ eram palavras pejorativas que se empregavam como censura. Com a idade achei que se justificava essa opinião e que os mais sábios não são os mais perspicazes.

“Magis magnos clericos non sunt magis magnos sapientes.”

“Os melhores clérigos não são os homens mais sábios.”

[Palavras de Frei João no Gargantua, de Rabelais].

Mas como pode ocorrer que uma alma enriquecida de tantos conhecimentos não se tome mais viva e esperta, e que um cérebro vulgar e grosseiro armazene, sem se apurar, as obras e juízos dos maiores espíritos que o mundo produziu? Ainda não o entendi muito bem.

Para abrigar tantos e tão grandes pensamentos dos outros cérebros, é necessário, dizia-me uma senhorita que ocupava o primeiro lugar entre as nossas princesas, que o próprio cérebro se contraia, se restrinja, se comprima para dar espaço ao que recebe de outrem. Imagino, dizia ela, que assim como as plantas morrem por excesso de seiva e as candeias se apagam com abundância de azeite, os espíritos curvam-se e se ancilam sob o peso dos estudos e das matérias com que os encheram e que eles não puderam deslindar. Parece-me entretanto que outra é a razão, porque mais se enche nossa alma e mais ela se enriquece, e a antiguidade nos fornece exemplos de homens hábeis no governo da coisa pública, grandes capitães e grandes estadistas igualmente grandes sábios. Quanto aos filósofos, desinteressados dos negócios públicos, foram outrora em verdade muitas vezes escarnecidos pela liberdade de expressão dos autores cômicos de seu tempo, porquanto suas opiniões e suas atitudes os tornavam ridículos. Quereis fazê-los juízes dos direitos de um processo, das ações de um homem? Confiai neles! Andam ainda a investigar se a vida e o movimento existem realmente; se não são, homem e boi, uma só coisa; que significa agir; que se deve entender por sofrimento; que espécie de bichos são as leis e a justiça! Falam de um magistrado ou com ele conversam? Mostram-se irreverentes e descorteses. Ouvem louvar o príncipe ou o rei? Não passam para eles de pastores, ociosos como os pastores e ocupados apenas em ordenhar e tosquiar seus animais; mais duramente, porém. Estimais alguém porque possui duas mil jeiras de terra? Riem-se, acostumados que estão a encarar o mundo como propriedade pessoal. Orgulhais-vos de vossa nobreza por terdes sete avós ricos de glórias? Eles os desprezam, pois, atentando unicamente para o universal, computam o número de antepassados que teve cada um de nós entre ricos e pobres, reis e servos, gregos e bárbaros, e ainda que fôsseis descendentes de Hércules achariam vaidade que vos ufanásseis desse presente da sorte. Por isso os desprezava o vulgo como ignorantes das coisas essenciais da vida, que todos apreciavam, e os tachavam de presunçosos e insolentes. Mas esta pintura, tirada de Platão, está longe de retratar os professores. Invejavam-se os filósofos porque pairavam acima do homem comum, desdenhavam os negócios públicos e levavam uma vida especial que não estava ao alcance de qualquer pessoa e se regulava por princípios superiores que não são os que se aplicam normalmente. Quanto aos professores, julgam-nos abaixo do homem comum, incapazes de funções públicas e levando uma vida miserável, de costumes baixos e vis que os coloca no último degrau da sociedade:

“Odi ignava opera, philosopha sententia.”

“Odeio esses homens incapazes de agir e cuja filosofia consiste unicamente em palavras” [Pacúvio].

Ora, os filósofos, grandes pelo saber, maiores ainda o foram quando passaram à ação. Assim aquele geômetra de Siracusa que, arrancado da vida contemplativa a fim de empregar seu gênio inventivo na defesa de seu país, imaginou imediatamente

engenhos espantosos cujos efeitos ultrapassavam tudo o que podia conceber o espírito humano. No entanto os desprezava considerando ele próprio que com tais invenções, simples jogos de sua sabedoria, corrompia a dignidade de sua arte. Daí o fato de, cada vez que tiveram os filósofos de passar da teoria à prática, se elevarem tão alto que se diria terem enriquecido prodigiosamente sua alma e coração no estudo das coisas. Alguns houve que, vendo a direção de sua terra nas mãos de incompetentes, destes se afastaram, calando. Prova-o a resposta de Crates [filósofo cínico do século IV a.C.] a alguém que lhe perguntava até que momento cumpria filosofar: "Até que não haja mais burriqueiros à frente dos nossos exércitos". Heráclito abdicou a realza em favor de seu irmão, e, aos efésios, que o censuravam por passar o tempo a brincar com as crianças diante do templo, observou: "não será melhor agir assim do que gerir os negócios públicos em vossa companhia?" Outros, que tinham o espírito acima da fortuna e do mundo, achavam as cadeiras dos magistrados e até os tronos dos reis baixos e vis, e Empédocles recusou a realza que lhe ofereciam os agrigentinos. Condenando Tales seus concidadãos por se preocuparem demasiado com seus interesses pessoais e com se enriquecerem, eles atalharam que assim falava como a raposa da fábula, por ser incapaz de fazer o mesmo. Em vista do que teve ele a idéia de tentar a aventura, por entretenimento. E, rebaixando o seu saber a serviço do proveito e do dinheiro, organizou uma empresa que em um ano lhe deu lucro tão grande que dificilmente os mais experimentados no ofício poderiam ganhar em toda vida.

Conta Aristóteles que alguns diziam desses Tales, Anaxágoras e semelhantes, que eram sábios mas não prudentes, pois não se ocupavam o bastante com as coisas úteis. Além de não perceber muito bem qualquer diferença entre tais palavras, creio que erravam os que assim se exprimiam e, em se atentando para a fortuna tão penosamente adquirida e módica com que se satisfaziam esses críticos, seríamos antes induzidos a admitir que não são nem sábios nem prudentes, usando as mesmas expressões.

Abandono essa primeira razão e creio ser preferível dizer que o mal provém da maneira por que tratam a ciência. Pelo modo como a aprendemos não é de estranhar que nem alunos nem mestres se tornem mais capazes, embora se façam mais doutos. Em verdade, os cuidados e despesas de nossos pais visam apenas encher-nos a cabeça de ciência; de bom-senso e virtude não se fala. Mostrei ao povo alguém que passa e dissei "um sábio" e a outro qualifiquei de bom; ninguém deixará de atentar com respeito para o primeiro. Não mereceria essa gente que também a apontassem gritando: "cabeças de pote!" Indagamos sempre se o indivíduo sabe grego e latim, se escreve em verso ou prosa, mas perguntar se se tornou melhor e se seu espírito se desenvolveu – o que de fato importa – não nos passa pela mente. Cumpre entretanto indagar quem sabe melhor e não quem sabe mais.

Só nos esforçamos por guarnecer a memória, deixando de lado, e vazios, juízo e consciência. Assim como os pássaros vão às vezes em busca de grão que trazem aos filhotes sem sequer sentir-lhe o gosto, vão nossos mestres pilhando a ciência nos livros e trazendo na ponta da língua tão-somente para vomitá-la e lançá-la ao vento. E é admirável que se encontre tal tolice em meu próprio exemplo! Não faço o mesmo na maior parte deste escrito? Vou filando aqui e além, deste e daquele livro, as sentenças que me agradam, não para armazená-las, que não possuo armazém, mas a fim de transportá-las para este livro no qual não se tornam por certo mais minhas do que lá onde se achavam. Nossa ciência, creio eu, é a do presente; a do passado nós a ignoramos tanto quanto a do futuro. E o que é pior, os estudantes, e aqueles a quem por sua vez ensinarão, recebem dos mestres, sem assimilar melhor, uma ciência que passa assim de mão em mão, como pretexto a exibição, assunto de conversa, usada tal qual a moeda que por ter sido recolhida serve apenas de ficha para calcular:

"Apud alios loqui didicerunt non ipsi secum."

"Aprenderam a falar com os outros, e não consigo mesmos" [Cícero].

"Non est loquendum, sed gubernandum."

"Não se trata de falar, trata-se de governar o barco" [Sêneca].

A natureza, para mostrar que não há nada selvagem em sua obra, permite que surjam nos países onde as artes se acham menos desenvolvidas produções do espírito que ombream com as mais admiráveis. Vem a calhar o provérbio gascão tirado dos tocadores de gaita de fole:

"Bouha prou bouha, mas a remuda lous dits quem"

"Pouco importa se sopras pouco ou muito, conquanto mexas os dedos".

Sabem dizer "como observa Cícero", "eis o que fazia Platão", "são palavras de Aristóteles", mas que dizemos nós próprios? Que pensamos? Que fazemos? Um papagaio poderia substituir-nos. Lembra-me isso aquele rico romano que, à força de dinheiro, se aplicara a recrutar homens versados em todos os ramos da ciência e os tinha sempre à sua volta; e quando, com seus amigos, tinha a oportunidade de falar de qualquer coisa eles o supriam em sabedoria, um lhe soprando uma réplica, outro citando um verso de Horácio, cada qual segundo sua especialidade. Com o tempo chegara a acreditar que o saber era seu porquanto o tirava de 'seus' homens, agindo, assim, como aqueles cujos conhecimentos moram nas bibliotecas suntuosas de sua propriedade. E conheço um que ao ser indagado acerca do que lhe cumpre saber, vai logo buscar um livro para mostrar e jamais ousaria dizer que tem o traseiro sarnento sem previamente procurar em dicionário a significação de sarna e de traseiro.

Cuidamos das opiniões e do saber alheios e pronto; é preciso torná-los nossos. Nisso nos parecemos com quem, necessitando de lume, o fosse pedir ao vizinho e dando lá com um esplêndido braseiro ficasse a se aquecer sem pensar em levar um pouco para casa. Que adianta ter a barriga cheia de comida se não a digerimos? Se não a assimilamos, se não nos fortalece e faz crescer! Imaginaremos, acaso, que Lúculo, que as letras formaram e tornaram, sem experiência, tão grande capitão, as tenha aprendido à nossa moda? Tanto nos apoiamos nos outros que acabamos por perder as forças. Quero fortalecer-me contra o temor da morte? Recorro a Sêneca. Tenho a intenção de arranjar consolo para mim e para outros? Vou a Cícero. Entretanto tudo houvera tirado de mim mesmo se a tanto me tivessem acostumado. Não aprecio esse saber relativo e que mendigamos. Ainda que possamos ser sábios com o saber alheio não seremos avisados senão com a própria sabedoria: "Detesto o sábio que não é sábio por si próprio" [Eurípides]. E diz Ênio igualmente:

“Nequidquam sapere sapientem, qui ipse sibi prodesse non quiret.”

"Vã é a sabedoria que não é útil ao sábio" [Cícero];

“Si cupidus, si

Vanus, et Euganea quantumvis mollior agna.”

"Se é ambicioso, vaidoso e mais mole do que o anho recém-nascido da Euganea" [Juvenal];

“Non enim paranda nobis solum, sed fruenda sapientia est.”

"Não basta adquirir sabedoria, é preciso tirar proveito dela" [Cícero].

Dionísio caçoava dos astrólogos que cuidavam de saber das desgraças de Ulisses mas ignoravam as próprias; dos músicos que afinam suas flautas mas não os seus costumes; dos oradores que estudam para discutir a justiça mas não a praticam. Se a sua alma não se aperfeiçoa, se seus juízos não se tornam mais lúcidos, melhor fora que o estudante gastasse o tempo a jogar péla, pois ao menos o corpo ele o teria mais ágil. Observai-o de volta após quinze ou dezesseis anos: nada se fará dele; o que trouxe a mais é o grego e o latim, que o fizeram mais tolo e presunçoso do que quando deixou a casa paterna. Devia voltar com o espírito cheio, e voltou balofo; incharam-no e continuou vazio.

Tais mestres, como os sofistas seus parentes próximos a que alude Platão, são de todos os homens os que parecem mais úteis à humanidade. No entanto são os únicos que não somente não melhoram a matéria-prima que se lhes confiou, como fazem o carpinteiro e o pedreiro, mas a estragam e ainda cobram por tê-la estragado.

Se meus pedagogos concordassem com a lei proposta por Protágoras a seus discípulos (pagarem o preço pedido ou irem ao templo e declararem sob juramento em quanto avaliavam o proveito tirado das lições recebidas pagando-o de acordo com o trabalho), por certo se decepcionariam com o juramento que me dita a experiência adquirida. No meu dialeto perigordino a esses sábios de pacotilha dá-se por brincadeira o apelido de *‘Lettreféris’*, o que quer dizer *‘lettresferus’*, isto é, indivíduo que as letras atordoaram à maneira de uma martelada. E, de fato, as mais das vezes parecem ter descido tão baixo que nem mais possuem o senso comum. O camponês e o sapateiro vão vivendo simples e ingenuamente, falando do que conhecem; enquanto os outros por se quererem elevar e envaidecer de um saber todo superficial, que não lhes entrou sequer no cérebro, vão-se embaraçando e chafurdando sem cessar. Sabem discursar mas é preciso que outros o apliquem; conhecem bem Galeno, porém não conhecem o doente, e o estonteiam com textos de lei antes de terem ciência da causa. Nada ignoram da teoria, mas não achareis um que a possa pôr em prática.

Vi em minha casa um de meus amigos que, a lidar com um indivíduo dessa espécie, se pôs, por passatempo, a recitar-lhe, em uma trapalhada de frases, citações sem nexos embora entremeadas de palavras relativas ao problema; e assim se divertiu um dia inteiro com o tolo que tomara a coisa a sério e dava tratos à bola para responder às objeções. No entanto o tal indivíduo era homem de letras, gozava de certa reputação e de boa posição social:

***“Vos, O patricius sanguis, quos vivere par est
Occipiti caeco, posticae occurrite sannae.”***

"E vós, patrícios, que não tendes o poder de ver o que se passa atrás de vós, cuidai que aqueles a quem virais as costas não se riam de vós" [Pérsio].

Quem olhar de perto essa espécie de gente, por toda parte encontrada, achará como eu que as mais das vezes ela própria não se entende como não entende os outros. Tem a memória bem guarneçada, mas o juízo absolutamente vazio, salvo quando, pelas suas qualidades naturais, faz exceção. Entre essas exceções incluírei Adrian Turnebus [professor no Colégio de França (1512-1565)], que conheci. Nunca exercera outra profissão senão a de homem de letras, e na minha opinião em mil anos ninguém melhor do que ele mereceu lugar entre os primeiros. No entanto, nada tinha de professoral, a não ser a maneira de trajar e certos modos de conduzir-se na sociedade, que não revelavam o requinte praticado na Corte, o que não importa em verdade. Pois detesto as pessoas que suportam mais dificilmente um terno malfeito do que uma alma e julgam a qualidade do homem pelas reverências, as atitudes, e as botas. Adrian Turnebus era dono da mais bela alma e eu o trouxe a assuntos alheios aos de seu comércio habitual. Via-os tão lucidamente e os apreciava tão judiciosamente que se diria não ter ele jamais se ocupado senão de guerra e de negócios públicos. São naturezas fortes e retas

***“Queis arte benigna
Et meliore luto finxit praecordia Titan.”***

"Qual Titã benigno (Prometeus) moldou do melhor barro." [Juvenal]

e que assim se mantém apesar das instituições defeituosas. Ora, não basta que as instituições não nos tornem piores, é preciso que nos façam melhores.

Em nossos tribunais, quando lhes cabe prover os cargos de sua alçada, só julgam os candidatos pelo saber que possuem. Outros os apreciam também pelo bom-senso, dando-lhes questões a resolver. Estes últimos me parecem estar com a razão. Ambas as coisas são necessárias, embora em realidade valha menos o saber que a inteligência, porquanto esta pode prescindir daquele e o contrário não seja exato. Porque, como diz Stroben, "de que serve o saber sem a inteligência?"

Prouvera a Deus que para o bem de nossa justiça fossem os nossos tribunais tão ricos de bom-senso e de consciência quanto de ciência. Infelizmente,

“Non vita, sed scholae discimus.”

"Não aprendemos a viver, mas a discutir" [Sêneca].

Não cabe justapor o saber à alma, cumpre incorporá-la a ela. Não se trata de negá-la mas sim de impregná-la com ele. Se não modifica nem melhora o estado de imperfeição, fora certamente preferível não adquiri-lo. É uma arma perigosa que embaraça e fere o dono, caso não esteja em mão forte e lhe ignore a maneira de usar:

“Ut fuerit melius non didicisse.”

"Melhor seria não ter aprendido nada" [Cícero].

Talvez por esse motivo não exijamos das mulheres maior saber, e François, Duque de Bretanha, filho de Jean V, ao se tratar de seu casamento com Isabeau, da casa real escocesa, respondeu a quem lhe dizia ter ela sido educada simplesmente sem nenhuma noção das letras, que a preferia assim, pois uma mulher já sabe o bastante quando é capaz de diferenciar uma camisa do gibão do marido. Nada tem, portanto, de extraordinário que nossos antepassados não se hajam preocupado com as letras e que hoje ainda só excepcionalmente as encontremos cultivadas mesmo pelos que participam dos conselhos de nossos reis. Se não lhes desse bom crédito o fim – precípuo em nosso tempo – de ganhar dinheiro na jurisprudência, na medicina, na teologia, nós as veríamos tão desprezadas quanto antes. E que prejuízo decorreria disso, posto que não nos ensinam nem a bem pensar nem a agir?

“Postquam docti prodierunt, boni desunt.”

"Desde que se vêem tantos sábios não se acha mais gente de bem" [Sêneca].

A quem não possui a ciência do mérito qualquer outra é prejudicial. Mas talvez divisemos aí a explicação que procurava há pouco: não tendo o estudo em França quase outro fim senão o lucro, se desfalcamos os que a elas se entregam por temperamento e por preferirem os cargos honoríficos aos lucrativos, e os que a elas renunciavam antes de tomarem gosto a fim de exercer uma profissão sem parentesco com o livro, sobram apenas para tratar das letras os que, sem fortuna, buscam nelas um meio de existência. Ora, estes que tanto por natureza como pela educação têm uma alma de baixo quilate empregam mal o seu saber, o qual não pode nem iluminar um incapaz, nem devolver a vista a quem não vê. Seu objetivo não é dar vista ao cego e sim corrigi-la, e ensinar a andar se as pernas ainda são direitas e capazes de esforço. O saber é uma boa droga, mas não há droga suficientemente forte para resistir às falhas do recipiente. Há quem tenha vista boa e seja vesgo: vê o bem mas não o faz, e vê o saber e não sabe servir-se dele. A principal lei de Platão em sua República é repartir os cargos entre os cidadãos segundo a capacidade de cada um. A natureza tudo pode e tudo faz. Os coxos não servem para os exercícios do corpo; aos exercícios do espírito não se adaptam as almas mancadas. A filosofia é inacessível às almas bastardas e vulgares. Se vemos um homem mal calçado não nos espantamos que seja sapateiro, pois vemos freqüentemente médicos que, enfermos, seguem tratamentos inconvenientes, e teólogos de costumes censuráveis, e, o que é corriqueiro, sábios mais ignorantes do que o homem comum.

Tinha razão Aristo, de Quios, ao dizer outrora que os filósofos são nocivos aos que os ouvem, porquanto em sua maioria não são as pessoas suscetíveis de tirar proveito de seus ensinamentos, os quais quando não fazem bem fazem mal: "Da escola de Aristipo saem devassos, da de Zenão saem selvagens" [Cícero].

No método de educação que Xenofonte atribui aos persas, é dito que ensinavam a virtude aos filhos como nos outros países se ensinavam as letras. Afirma Platão que o filho do rei, herdeiro do trono, era educado da seguinte maneira: ao nascer não o entregavam às mulheres, mas aos eunucos, ocupantes dos mais altos cargos na Corte por causa de sua virtude. Cabia-lhes desenvolver nele as qualidades físicas que o pudessem tornar belo e sadio. Com sete anos, ensinavam-lhe a montar a cavalo e a caçar. Aos catorze anos, confiavam-no a outros personagens: o mais avisado, o mais justo, o mais virtuoso e o mais valente da nação. Ensinava-lhe o primeiro a religião; o segundo a ser sincero; o terceiro a dominar as paixões; o quarto a nada recear.

É de notar-se que na excelente legislação de Licurgo, tão extraordinária pela sua perfeição e particularmente atenta à educação das crianças, considerada como devendo passar antes de tudo na própria pátria das Musas, tão pouco se cuidasse da erudição. Parece que a essa generosa mocidade, que tudo desprezava à exceção da virtude, deviam dar em lugar de professores de ciências, como ocorre em nosso caso, mestres de valentia, prudência e justiça, exemplo que Platão adotou. Sua educação consistia como entre os persas em pedir às crianças julgamento sobre os homens e suas ações. E cumpria-lhes justificar sua maneira de ver, de modo que a um tempo exerciam a inteligência e aprendiam Direito.

Astíages, em Xenofonte, interroga Ciro acerca de sua última lição. Consistiu, responde este, no seguinte: na escola um aluno que possuía um capote curto demais deu-o a seu camarada menor e tomou o deste que era mais comprido. O mestre fez-me juiz da contenda. Eu achei que se devia deixar as coisas como estavam, porquanto parecia que cada qual assim se via possuidor de um capote a seu feitio. Meu mestre mostrou-me então que assim julgando eu não consultara senão a conveniência e que fora preciso antes atentar para a justiça, a qual estabelece que ninguém seja despojado à força daquilo que lhe pertence. E Ciro acrescentou que por esse erro de apreciação fora chicoteado tal qual o somos em França, nas nossas aldeias, quando nos enganamos quanto ao tempo de um verbo grego. Meu professor poderia fazer-me um inteiro discurso – 'in genere demonstrativo' – sem conseguir persuadir-me da superioridade de sua escola sobre essa. Os lacedemônios quiseram encurtar o caminho e como as ciências, ainda que se estudem seriamente só nos podem oferecer teorias acerca da prudência, da sabedoria na conduta e do espírito de decisão, sem nos levar à sua prática, procuraram colocar desde cedo as crianças em contato com a realidade, instruindo-as não por palavras mas pela ação, formando-as e as moldando rigorosamente, por preceitos e frases sem dúvida, mas também e principalmente por exemplos e obras, a fim de que o saber não lhes enchesse apenas a alma mas a ela se incorporasse, tornando-se compleição e hábito; e que não fosse uma aquisição mas uma propriedade natural. A propósito, perguntou-se a Agesilau que deviam, na sua opinião, as crianças aprender, ao que ele respondeu: o que terão de fazer quando crescerem. Não é de estranhar que semelhante educação tenha produzido tão admiráveis efeitos. Conta-se que se iam buscar em outras cidades da Grécia retóricos, pintores, músicos e na Lacedemônia os legisladores, os magistrados e comandantes dos exércitos. Em Atenas aprendia-se a bem falar; lá, a bem fazer. Numa a discutir nas controvérsias dos sofistas e a penetrar o verdadeiro sentido das frases artificialmente constituídas; noutra, a defender-se contra as tentações da volúpia e a encarar com coragem os reveses da sorte ou a morte que nos ameaça. Aqueles a discorrer, estes a agir; contínuo exercício de língua de um lado; e, de outro, da alma. Não admira portanto que a Antípater, que exigia cinquenta crianças como reféns, lhe respondessem, ao contrário do que teríamos feito, que preferiam dar o dobro de homens feitos, de tal modo temiam que perdessem a educação da terra. Quando Agesilau convida Xenofonte a mandar os filhos para Esparta, a fim de aí

serem educados, não pretendia ensinar-lhes a dialética e a retórica, mas o fazia para que aprendessem a mais bela das ciências, a do saber obedecer e mandar.

É divertido ver Sócrates caçoar, a seu modo, de Hípias, o qual lhe conta como ganhou dinheiro com o ensino, sobretudo em certas aldeias da Gália, enquanto em Esparta não pegou um vintém. “Esses espartanos”, diz Hípias, “são uns brancos, incapazes de medir e contar, ignorantes da gramática e dos ritmos, interessados apenas na cronologia dos reis, na fundação e decadência dos Estados e outras tolices que tais”. Quando terminou, Sócrates convenceu-o a pouco e pouco da excelência de sua forma de governo, da felicidade e da virtude de sua vida privada e sugeriu-lhe como conclusão a inutilidade das artes.

Ensinam-nos os exemplos do que se verificou nesse governo e nos do mesmo tipo, que o estudo das ciências amolece e efemina as coragens mais do que as robustece e as torna aguerridas. A nação mais poderosa que existe neste momento é a dos turcos, povo que igualmente estima as armas e despreza as letras. Roma foi mais valente antes de se tornar sábia. Os países mais belicosos de nossos dias são aqueles em que o povo é mais grosseiro e ignorante. Tem-se a prova nos citas, nos persas, em Tamerlão. Quando os godos saquearam a Grécia, o que evitou se incendiassem as bibliotecas foi ter tido um deles a idéia de deixar os livros intactos a fim de que seus inimigos com eles se distraíssem e neles encontrassem uma ocupação sedentária e ociosa, capaz de afastá-los do serviço militar. Quando nosso Rei Carlos VIII se apoderou, quase sem desembainhar a espada, do reino de Nápoles e de boa parte da Toscana, os fidalgos de seu séquito atribuíram a inesperada facilidade da conquista ao fato de os príncipes e a nobreza da Itália passarem o tempo antes nos trabalhos do espírito e no estudo da ciência que em se esforçando por se tornarem vigorosos e guerreiros.

Capítulo XXV

Sobre a educação das crianças

À Sra. Diana de Foix, Condessa de Gurson

Nunca vi pai, por corcunda ou tinoso que fosse o filho, deixar de dá-lo por seu. Não, entretanto, por estar cego pela afeição e não se aperceber do defeito, mas tão-somente porque é seu. Assim eu vejo melhor do que outro não haver aqui senão devaneios de homem que das ciências só provou a casca em sua infância e apenas reteve delas um aspecto geral e informe; um pouco de tudo e até nada de nada, à francesa. Porque, em suma, sei que há uma medicina, uma jurisprudência, quatro partes na matemática, e, grosseiramente, o que visam elas. Porventura saberei ainda, de um modo geral, qual seu objetivo e sua utilidade em nossa vida. Mas, ir além, queimar as pestanas no estudo de Aristóteles, soberano da doutrina moderna, ou me obstinar em qualquer ciência, não o fiz nunca. Nem há arte de que eu possa sequer expor as mais elementares noções. E qualquer menino das classes médias pode dizer-se mais erudito do que eu que não tenho capacidade para examiná-lo sobre as primeiras lições; dessa natureza pelo menos. Se me forcem a fazê-lo, vejo-me obrigado, assaz ineptamente, a tratar de algum assunto de caráter geral pelo qual julgo sua inteligência natural, matéria tão alheia a ele quanto a sua me é estranha.

Não me enfrontei em nenhum livro sólido senão nos de Plutarco e Sêneca em cuja obra, a exemplo das Danaides, busco sem cessar aquilo que logo entrego alhures. Em meus escritos alguma coisa fica; em mim quase nada. A história é mais de minha predileção, ou a poesia que tenho em particular estima. Pois, como dizia Cleantes, assim como o som, prensado no estreito canal de uma trombeta, sai mais agudo e forte, assim se me afigura que o pensamento, constringido pelas regras da poesia, se arremete mais vivamente e me impressiona com maior intensidade.

Quanto às faculdades naturais que aqui ponho à prova, sinto-as vergar sob a carga. Minhas concepções e meus pensamentos só avançam às apalpadelas, cambaleantes, a escorregar entre tropeços; e por mais longe que vá, não fico satisfeito; vejo terras ainda além, mas turvas e enevoadas e não as posso distinguir. E, se me proponho falar à vontade de tudo o que se apresenta à minha fantasia, não empregando nisso senão os meus recursos naturais, acontece-me não raro encontrar por acaso nos bons autores os mesmos assuntos que procuro comentar, como vem de me suceder com Plutarco acerca da força da imaginação; e ao reconhecer-me diante deles tão fraco e insignificante, tão pesado e sem vida, tenho piedade de mim mesmo, e desdém. Todavia sinto prazer em verificar que minhas opiniões têm a honra de ir ao encontro das deles, às vezes; e, embora de longe, sigo-lhes as pegadas. E também tenho esta vantagem que nem todos têm, que é conhecer a profunda diferença que há entre mim e eles. E, no entanto, deixo os meus pensamentos correrem assim fracos e pequenos, como os concebi, sem rebocar nem tapar os buracos que a comparação me revelou. É preciso ter rins sólidos para andar em companhia dessa gente. Os escritores sem discernimento de nosso tempo, e que em seus livros sem valor vão semeando trechos inteiros dos autores antigos para se enfeitarem, fazem o contrário; porque a infinita dessemelhança de brilho entre o que lhes é próprio e o que tomam de empréstimo dá um aspecto tão pálido, desbotado e feio ao que é deles que perdem muito mais do que ganham.

Eis dois sistemas diferentes: Crisipo misturava aos seus livros não somente trechos mas também obras inteiras de outros autores, e em um desses seus trabalhos se acha reproduzida in extenso a ‘Medeia’ de Eurípides; e dizia Apolodoro que se lhe cortassem o alheio ficava o papel em branco. Epicuro, ao contrário, nos trezentos volumes que deixou nunca pôs uma só citação.

Aconteceu-me um dia destes dar com um desses escritos: tinha-me arrastado penosamente até o fim de uma prosa francesa tão axangue, tão descarnada, tão vazia de substância e de sentido que não era, em verdade, mais do que palavras em francês; eis que após tão longa e aborrecida leitura deparei com um trecho elevado, rico, erguendo-se às nuvens. Se tivesse achado a subida suave e a rampa fácil, tudo se desculparia, mas era um precipício tão abrupto, inesperado, que logo às seis primeiras palavras verifiquei andar por outro caminho. Dali descortinei o tremedal de onde vinha, tão baixo e profundo que não mais me animei a descer de novo. Se recheasse com esses ricos despojos um dos meus trabalhos, com eles iluminaria por demais a tolice dos outros.

Censurar nos outros os meus próprios erros não me parece mais inconseqüente do que relevar, como faço amiúde, os dos outros em mim. É preciso apontá-los onde quer que estejam e não lhes dar asilo. Bem sei com que ousadia eu próprio tento igualar-me por todos os meios aos meus furtos e ir de par com eles, não sem a temerária esperança de poder enganar os juizes que os examinam; mas não é tanto pelo proveito que tiro de tais confrontações quanto pelo que pode resultar de vantajoso para as idéias propugnadas e de força para pô-las em evidência. Ademais não procuro lutar corpo a corpo com esses velhos campeões; luto por assaltos, ataques repetidos e rápidos. Não me obstino, não faço senão tocá-los e nunca vou até onde desejaria ir. Se pudesse medir-me com eles seria homem de bem, pois só procuro imitá-los no que têm de melhor. Fazer o que vi fazerem alguns que se revestem da couraça de outrem, de forma a nem sequer mostrarem a ponta dos dedos, e conduzir seu plano como se permite aos cientistas em assunto comum – à sombra das invenções antigas pilhadas aqui e acolá, procurando-as dissimular e tornar suas, é desonestidade e covardia antes de tudo, porquanto não tendo em si nada que os realce pretendem valer pelo que é alheio. Ademais, contentam-se em conquistar por trapaças a ignorante aprovação do vulgo e são mal vistos pelos entendidos, que torcem o nariz a esse trabalho, verdadeiro mosaico de peças e trechos tomados de empréstimo. Ora, o louvor destes é que pesa. Por minha parte, evito-o fazer. E se cito os outros é para melhor dizer de mim. Isto não diz respeito aos centões que se publicam como centões. Vi-os muito engenhosos outrora, entre outros um de Capilupus, sem contar os antigos. São espíritos que se distinguem nisso como em outras coisas, como Lípsio na douda e laboriosa composição de sua ‘Política’.

Como quer que seja e quaisquer que sejam as inépcias que me passam pela mente, não as esconderei, como não esconderia meu relato se em vez de jovem e belo me representasse calvo e grisalho como o sou, em verdade. Exponho aqui meus sentimentos e opiniões, dou-os como os concebo e não como os concebem os outros; meu único objetivo é analisar a mim mesmo e o resultado dessa análise pode, amanhã, ser bem diferente do de hoje, se novas experiências me mudarem. Não tenho autoridade para impor minha maneira de ver, nem o desejo, sabendo-me demasiado mal instruído para instruir os outros.

Alguém, depois de ler o ensaio precedente, dizia há tempos em minha casa que eu me devia ter alongado um pouco mais sobre a educação das crianças. Mas, Senhora, se eu tivesse alguns conhecimentos do assunto não os empregaria melhor do que em fazendo presente deles a esse rapazinho que ameaça sair de vós (sois generosa demais para não começardes por um varão), pois tendo tomado tão grande parte na preparação de vosso casamento, tenho algum direito de me interessar pela grandeza e prosperidade de tudo o que dele provier. Por outro lado, os antigos privilégios que tendes sobre mim, levam-me naturalmente a desejar honras, bens e melhorias em tudo o que vos diz respeito. Mas na realidade disso só entendo que a maior e mais importante dificuldade da ciência humana parece residir no que concerne à instrução e à educação da criança.

O mesmo acontece na agricultura: o que precede à sementeira é certo e fácil; e também plantar. Mas depois de brotar o que se plantou, difíceis e variadas são as maneiras de tratá-lo. Assim os homens: pouco custa semeá-los, mas depois de nascidos, educá-los e instruí-los é tarefa complexa, trabalhosa e temível. O que se revela de suas tendências é tão tênue e obscuro nos primeiros anos, e as promessas tão incertas e enganadoras que se faz difícil assentar um juízo seguro.

Vede como Címon e Temístocles, e tantos outros se desmentiram a si próprios. Os filhotes de ursos e de cães mostram sua tendência natural; os homens, porém, metendo-se desde logo em hábitos, preconceitos, leis, mudam ou se mascaram facilmente.

Certamente é muito difícil modificar as propensões naturais. Daí provém que, em não se tendo escolhido bem o caminho a seguir, trabalha-se inutilmente muitas vezes e se precisam anos para instruir as crianças acerca de coisas em que não chegam a tomar pé. Em todo caso nessa dificuldade a minha opinião é que as encaminhemos sempre para as coisas melhores e mais proveitosas, sem levar demasiado em consideração as vagas indicações e prognósticos que tiramos da infância. Platão, em sua República, parece dar-lhes importância excessiva.

É a ciência, Senhora, um grande ornamento e ferramenta de admirável préstimo, em particular para as pessoas de vossa condição social. Não tem em verdade seu melhor emprego nas mãos humildes e baixas. Orgulha-se muito mais em prestar os seus serviços na direção de uma guerra, no governo de um povo, na amizade de um príncipe ou de um país estrangeiro do que em enunciar uma argumentação dialética, em arrazoar um recurso ou receitar um punhado de pílulas. Eis por que vos quero expor, sobre o assunto, idéias contrárias à opinião vulgar. É tudo o que posso para vos servir neste caso. E o faço porque estou convencido de que não esqueceréis a ciência na educação dos vossos, vós que já lhe saboreastes a doçura e pertenceis a uma família de letrados – pois temos ainda os escritos dos antigos condes de Foix, de que descendeis, vós e o conde; e vosso tio Francisco de Candale continua a produzir outros que levarão aos séculos futuros o conhecimento dessa qualidade de vossa família.

A tarefa do preceptor que lhe dareis, e da escolha do qual depende todo o efeito da sua educação, comporta vários aspectos importantes; mas não toco nas outras partes por não saber dizer nada que valha a pena. Quanto ao ponto em que proponho meus conselhos, ele me acreditará no que quiser. Para um filho de família que procura as letras, não pelo lucro (pois um fim tão abjeto é indigno da graça e do favor das musas e, por outro lado, não depende de nós) nem tanto pelas vantagens exteriores que os oferece como pelas suas próprias, e para se enriquecer e adornar por dentro para um rapaz que mais desejaríamos honesto do que sábio, seria útil que se escolhesse um guia com cabeça bem formada mais do que exageradamente cheia e que, embora se exigissem as duas coisas, tivesse melhores costumes e inteligência do que ciência. Mais ainda: que exercesse suas funções de maneira nova.

Não cessam de nos gritar aos ouvidos, como que por meio de um funil, o que nos querem ensinar, e o nosso trabalho consiste em repetir. Gostaria que ele corrigisse este erro, e desde logo, segundo a inteligência da criança, começasse a indicar-lhe o caminho, fazendo-lhe provar as coisas, e as escolher e discernir por si próprio, indicando-lhe por vezes o caminho certo ou lho permitindo escolher. Não quero que fale sozinho e sim que deixe também o discípulo falar por seu turno.

Sócrates, e posteriormente Agesilau, obrigavam os discípulos a falarem primeiro e somente depois falavam eles próprios.

*“Obest plerumque iis, qui discere volunt,
Auctoritas eorum, qui docent.”*

"Na maior parte das vezes a autoridade dos que ensinam é nociva aos que desejam aprender"
[Cícero].

É bom que faça trotar essa inteligência à sua frente para lhe apreciar o desenvolvimento e ver até que ponto deve moderar o próprio andar, pois em não sabendo regular a nossa marcha tudo estragamos. É uma das mais árduas tarefas que conheço colocar-se a gente no nível da criança; e é característico de um espírito bem formado e forte condescender em tornar suas as idéias infantis, a fim de melhor guiar a criança. Anda-se com mais segurança e firmeza nas subidas do que nas descidas.

Quanto aos que, segundo o costume, encarregados de instruir vários espíritos naturalmente diferentes uns dos outros pela inteligência e pelo temperamento, a todos ministram igual lição e disciplina, não é de estranhar que dificilmente encontrem em uma multidão de crianças somente duas ou três que tirem do ensino o devido fruto. Que não lhe peça conta apenas das palavras da lição, mas também do seu sentido e substância, julgando do proveito, não pelo testemunho da memória e sim pelo da vida. É preciso que o obrigue a expor de mil maneiras e acomodar a outros tantos assuntos o que aprender, a fim de verificar se o aprendeu e assimilou bem, aferindo assim o progresso feito segundo os preceitos pedagógicos de Platão. É indício de azia e indigestão vomitar a carne tal qual foi engolida. O estômago não faz seu trabalho enquanto não mudam o aspecto e a forma daquilo que se lhe deu a digerir.

Nosso espírito, no sistema que condeno, não procede senão por crença e adstrito às fantasias de outrem, servo e cativo de ensinamentos estranhos. Tanto nos oprimiram com as andadeiras que já não temos movimentos livres. Vigor e liberdade extinguiram-se em nós:

"Nunquam tutelae suae fiunt."

"Nunca se dirigem por si próprios" [Sêneca].

Tratei intimamente em Pisa com um homem bom, mas tão aristotélico que o mais geral de seus dogmas é que a pedra de toque e a regra de toda inteligência sólida e de toda verdade estão na doutrina de Aristóteles, fora da qual só há quimeras e inanidade, pois tudo ele viu e disse. Essa afirmação, por ter sido interpretada com certa amplitude e malícia, comprometeu durante muito tempo e muito seriamente seu autor junto à Inquisição em Roma.

Tudo se submeterá ao exame da criança e nada se lhe enfiará na cabeça por simples autoridade e crédito. Que nenhum princípio, de Aristóteles, dos estóicos ou dos epicuristas, seja seu princípio. Apresentem-se-lhe todos em sua diversidade e que ele escolha se puder. E se não o puder fique na dúvida, pois só os loucos têm certeza absoluta em sua opinião.

"Che non men the saver, dubbiar m' aggrata."

"Não menos que saber, duvidar me apraz" [Dante].

Porque se por reflexão própria abraçar as opiniões de Xenofonte e Platão, elas deixarão de ser deles e se tornarão suas. Quem segue outrem não segue coisa nenhuma; nem nada encontra, mesmo porque não procura.

"Non sumus sub rege; sibi quisque se vindicet."

"Não estamos sob o domínio de um rei; que cada qual se governe a si próprio" [Sêneca].

Que ele tenha ao menos consciência de que sabe. Não se trata de aprender os preceitos desses filósofos, e sim de lhes entender o espírito. Que os esqueça à vontade, mas que os saiba assimilar. A verdade e a razão são comuns a todos e não pertencem mais a quem as diz primeiro do que ao que as diz depois. Não é mais segundo Platão, do que segundo eu mesmo, que tal coisa se enuncia, desde que a compreendamos e a vejamos da mesma maneira. As abelhas libam flores de toda espécie, mas depois fazem o mel que é unicamente seu e não do tomilho ou da manjerona. Da mesma forma os elementos tirados de outrem, ele os terá de transformar e misturar para com eles fazer obra própria, isto é, para forjar sua inteligência. Educação, trabalho e estudo não visam senão a formá-la. Que ponha de lado tudo aquilo de que se socorreu e mostre apenas o que produziu. Os ladrões e os que vivem de empréstimos, fazem alarde de suas casas, de suas compras, não do que tomam aos outros. Não se conhecem os ganhos de um magistrado, vêem-se os casamentos e as honrarias que arranhou para os seus. Ninguém publica suas receitas e sim suas despesas. O proveito de nosso estudo está em nos tornarmos melhores e mais avisados. É a inteligência, dizia Epicarmo, que vê e ouve; é a inteligência que tudo aproveita, tudo dispõe, age, domina e reina. Tudo o mais é cego, surdo e sem alma. Certamente tornaremos a criança servil e tímida se não lhe dermos a oportunidade de fazer algo por si. Quem jamais perguntou a seu discípulo que opinião tem da retórica, da gramática ou de tal ou qual sentença de Cícero? Metem-nas em sua memória bem arranjadinhas, como oráculos que devem ser repetidos ao pé da letra. Saber de cor não é saber: é conservar o que se entregou à memória para guardar. Do que sabemos efetivamente, dispomos sem olhar para o modelo, sem voltar os olhos para o livro. Triste ciência a ciência puramente livresca. Que sirva de ornamento mas não de fundamento, como pensa Platão, o qual afirma que a firmeza, a boa-fé, a sinceridade, são a verdadeira filosofia, e que as outras ciências, com outros fins, não são mais do que brilho enganoso. Queria ver se Palnel e Pompeio, esses belos dançarinos de nosso tempo, seriam capazes de nos ensinar suas cabriolas pela vista, sem nos fazer mudar de lugar, como os que querem desenvolver nossa inteligência sem a excitarem; e se podem ensinar-nos a montar a cavalo, manejar uma alabarda ou um alaúde, cantar, sem exercício, como nos querem ensinar a bem julgar e bem falar sem nos exercitar nem a uma coisa nem a outra. Ora, para exercitar a inteligência, tudo o que se oferece aos nossos olhos serve suficientemente de livro: a malícia de um pajem, a estupidez de um criado, uma conversa à mesa, são, como outros tantos, novos assuntos.

Por isso, o comércio dos homens é de evidente utilidade, assim como a visita a países estrangeiros; não para nos informar, como o fazem nossos fidalgos franceses, acerca das dimensões da Santa Rotonda, ou da riqueza das calças da Signora Lívia, dizer-nos se a cabeça de Nero em uma velha ruína qualquer é mais comprida ou mais larga do que em certas medalhas, mas para observar os costumes e o espírito dessas nações e para limar e polir nosso cérebro ao contato dos outros. Gostaria que fizessem a criança viajar desde pequena e em primeiro lugar pelos países vizinhos cuja língua se afasta mais da nossa, pois se não a habituarmos a ela desde cedo, a ela não se acostumará.

Admite-se também geralmente que a criança não deve ser educada junto aos pais. A sua afeição natural entenece-os e relaxa-os demasiado, mesmo aos mais precavidos. Não são capazes de lhes castigar as maldades nem de a verem educada algo severamente como convém, preparando-a para as aventuras da vida. Não suportariam vê-la chegar do exercício, em suor e coberta de pó, ou vê-la montada em cavalo bravo ou de florete em punho, contra um hábil esgrimista, ou dar pela primeira vez um tiro de arcabuz. E no entanto não há outro caminho: quem quiser fazer do menino um homem não o deve poupar na juventude nem deixar de infringir amiúde os preceitos dos médicos:

***“Vitamque sub dio, et trepidis agat
In rebus.”***

“Que viva ao ar livre e no meio dos perigos” [Horácio].

Não basta fortalecer-lhe a alma, é preciso também desenvolver-lhe os músculos. Terá de se esforçar demasiado se, sozinha, lhe couber dupla tarefa. Sei quanto custa à minha a companhia de corpo tão frágil, tão sensível e que nela confia excessivamente. E vejo muitas vezes, nas minhas leituras, que meus mestres em seus escritos põem em evidência feitos de valentia e firmeza de ânimo que decorrem muito mais da espessura da pele e da dureza dos ossos. Vi homens, mulheres e crianças de tal modo conformados que uma bastonada lhes dói menos do que a mim um piparote; e não tugem nem magem quando apanham. Quando os atletas imitam os filósofos em paciência, é de se atribuir a coisa mais ao vigor dos nervos que ao da alma. O hábito do trabalho leva ao hábito da dor:

“Labor callum obducit dolori.”

“O trabalho caleja para a dor” [Cícero].

É preciso acostumar o jovem à fadiga e à aspereza dos exercícios a fim de que se prepare para o que comportam de penoso as dores físicas, a luxação, as cólicas, os cauterios, e até a prisão e a tortura, que nestas ele também pode vir a cair nos tempos que correm, em que tanto atingem os bons como os maus. Estamos arriscados a elas. Todos os que combatem as leis ameaçam os homens de bem com o chicote e a corda. Por outro lado, a presença dos pais é nociva à autoridade do preceptor, a qual deve ser soberana; e o respeito que lhe têm os familiares, o conhecimento da situação e da influência de sua família, são a meu ver de muita inconveniência na infância.

Nessa escola do comércio dos homens, notei amiúde um defeito: em vez de procurarmos tomar conhecimento dos outros, esforçamo-nos por nos tornarmos conhecidos e mais nos cansamos em colocar a nossa mercadoria do que em adquirir outras novas. O silêncio e a modéstia são qualidades muito apreciáveis na conversação. Educar-se-á o menino a mostrar-se parcimonioso de seu saber, quando o tiver adquirido; a não se formalizar com tolices e mentiras que se digam em sua presença, pois é incrível e impertinente aborrecer-se com o que não agrada. Que se contente com corrigir-se a si próprio e não pareça censurar aos outros o que deixa de fazer; e que não contrarie os usos e costumes:

“Licet sapere sine pompa, sine invidia.”

“Pode-se ser avisado sem arrogância” [Sêneca].

Que evite essas atitudes indelicadas de dono do mundo, e a ambição pueril de querer parecer mais fino por ser diferente; e não procure (o que não oferece dificuldade) mostrar seu valor pelas suas críticas e originalidades. As licenças poéticas não são permitidas senão aos grandes poetas; assim também somente as almas superiores e ilustres têm o privilégio de se alçarem acima dos costumes:

***“Si quid Socrates ant Aristippus contra morem et
Consuetudinem fecerunt, idem sibi ne arbitretur licere: magnis
Enim illi et divinis bonis hanc licentiam assequabantur.”***

**“Se Sócrates e Aristipo nem sempre respeitaram os usos e costumes de seu país,
não julgue que possa agir do mesmo modo; grandes
e divinos méritos lhes autorizaram tais licenças” [Cícero].**

Ensinar-lhe-ão a somente discorrer e discutir quando encontrar alguém capaz de responder, e ainda assim a não empregar todos os meios de que disponha mas apenas os mais apropriados a seu assunto. Que o tornem exigente na escolha e peneiramento de suas razões, amigo da exatidão e, portanto, da brevidade. Que lhe ensinem sobretudo a ceder e sustar a discussão ante a verdade, logo que a enxergue, surja ela dos argumentos do adversário ou de sua própria reflexão, pois não lhe cabe desempenhar um papel prescrito e falar de cátedra; e se defende uma causa é porque a aprova; e não fará como aqueles que vendem em moeda sonante a liberdade de poder refletir e reconhecer o erro:

***“Neque, ut omnia, quæ praescripta et imperata sint,
Defendat, necessitate ulla cogitur.”***

“Nenhuma necessidade o obriga a defender o que lhe prescrevem e ordenam” [Cícero].

Se seu preceptor for como eu, formar-lhe-á a vontade para que sirva seu príncipe com lealdade, afeição e coragem; mas o desviará de se prender a ele senão por dever cívico. Além de vários outros inconvenientes dessas obrigações particulares que ferem a nossa liberdade, a opinião de um homem assalariado a serviço de outro ou é menos íntegra e livre, ou tachada de imprudente e ingrata. Um cortesão não tem direito nem vontade de pensar senão bem do senhor que, entre tantos milhares de súditos o escolhe, atende a suas necessidades e o engrandece por suas próprias mãos. Os favores e o interesse corrompem-lhe, não sem razão, a franqueza. E o deslumbram. Por isso é a linguagem dessas pessoas em geral diferente das outras linguagens, e pouco digna de fé.

Que a consciência e a virtude brilhem em suas palavras e que só a razão tenha por guia. Ensinar-lhe-ão a compreender que confessar o erro que descobriu em seu raciocínio, ainda que ninguém o perceba, é prova de discernimento e sinceridade, qualidades principais a que deve aspirar. Teimar e contestar obstinadamente são defeitos peculiares às almas vulgares, ao passo

que voltar atrás, corrigir-se, abandonar sua opinião errada no ardor da discussão, são qualidades raras, das almas fortes e dos espíritos filosóficos.

Ensinar-lhe-ão que em sociedade deve prestar atenção a tudo, pois verifico que os primeiros lugares são muitas vezes ocupados pelos menos capazes e o bafejo da sorte quase nunca atinge os competentes. Tenho observado que, não raro, enquanto conversam à cabeceira da mesa acerca da beleza de uma tapeçaria ou do sabor do malvasia [vinho típico do Mediterrâneo], bons ditos se perdem do outro lado. Terá de sondar o valor de cada um: boiadeiro, pedreiro ou viandante. Cada qual em seu domínio pode revelar-nos coisas interessantes e tudo é útil para nosso governo. As próprias tolices e fraquezas dos outros nos instruem. Observando as graças e maneiras de todos, será levado a imitar as boas e desprezar as más.

Que lhe inculquem no espírito uma honesta curiosidade por todas as coisas; que registre tudo o que haja de singular à sua volta: um edifício, uma fonte, um homem, um antigo campo de batalha ou o lugar por onde passaram César ou Carlos Magno:

*“Qux tellus sit lenta gelu, quae putris ab aestu,
Ventus in Italiam quis bene vela ferat.”*

“Qual o solo que enrija com o frio, qual o que se queima
ao sol; qual o vento marítimo que conduz à Itália”
[Propércio].

Que se instrua acerca dos costumes, dos recursos e alianças de tal ou qual príncipe. É agradável aprender essas coisas, e muito útil sabê-las.

Nessa prática dos homens, entendo que se inclua também, como extremamente importante, a freqüentação daqueles que só vivem na memória dos livros. Pela história, entrará na intimidade dos grandes homens dos mais belos séculos. Pode ser estudo vão, mas pode ser igualmente estudo de fruto inestimável, e diz Platão que era o único estudo que admitiam os lacedemônios. Que proveito não tirará neste assunto da leitura das vidas de Plutarco? Mas que o guia desse menino se lembre do objetivo de sua missão e que procure gravar menos no seu discípulo a data da destruição de Cartago que os costumes de Aníbal ou Cipião; e menos o lugar em que morreu Marcelo do que o fato de aí ter morrido porque faltou a seu dever. Que lhe ensine a apreciar os fatos mais do que os registrar. É a meu ver a matéria a que o espírito se aplica de mais diferentes maneiras. Li em Tito Lívio cem coisas que outros não perceberam, e Plutarco leu outras cem que eu não vi e talvez diversas das que concebeu o autor. Uns estudam a história como um gramático [decorando], outros como um filósofo que analisa e põe em evidência as partes mais difíceis de penetrar em nossa natureza. Há em Plutarco muitos trechos, e extensos, dignos de serem lidos, pois o considero mestre na matéria. Mas há mil assuntos em que apenas tocou de leve e simplesmente aponta onde devemos ir, se nos apetecer, contentando-se algumas vezes em fazer uma alusão no texto palpitante de uma narrativa. É preciso tirá-la e realçá-la. Assim o que nos diz dos habitantes da Ásia, que sempre serviram a um só senhor por não saberem pronunciar a palavra ‘nãõ’, foi sem dúvida o que inspirou a La Boétie sua obra ‘A Servidão Voluntária’. Mesmo quando cita apenas uma palavra, um ato sem importância da vida de alguém, valem suas reflexões um tratado. É pena que as pessoas inteligentes gostem tanto da brevidade; por certo com isso se valoriza sua reputação, mas nós perdemos, não aproveitamos tanto. Plutarco prefere que em lugar do saber lhe louvem o discernimento; gosta mais de nos deixar desejosos do que saciados. Sabia que mesmo quando tratamos de assuntos admiráveis em si podemos falar demais e que Alexandridas censurou justamente alguém que dava aos éforos conselhos bons mas demasiado longos: “Ó estrangeiro, dizes o que é preciso, mas não como é preciso”. Os que são magros de corpo, engrossam-no com enchiamentos; os que têm assunto frágil, incham-no de palavras.

Da freqüentação da sociedade tira-se maravilhosa clarividência para julgar os homens. Vivemos todos apertados, dentro de nós mesmos, e não vemos um palmo diante do nariz. Perguntaram a Sócrates de onde era e ele não respondeu: de Atenas, mas: do mundo. Para ele, cuja inteligência mais vasta e aberta que a de outros abarcava o universo e dele fazia sua cidade, o objeto de sua afeição era o gênero humano; e não agia como nós que apenas olhamos em torno de nós. Quando a vinha se queima sob a geada em minha aldeia, o cura imagina que a cólera divina ameaça a humanidade e crê que já andam os canibais mortos de sede. Ao ver nossas guerras civis, quem não grita que toda esta máquina se subverte, que o dia do juízo está iminente, sem refletir que já se viram coisas piores e que, no entanto, o resto do mundo continua a divertir-se? Eu, em sabendo que ponto alcançam neste momento a licença e a impunidade, admiro-me de as ver tão suaves e brandas. Quem sente sobre a cabeça cair chuva de pedra, logo supõe que todo o hemisfério sofre tormenta e tempestade. Pois não dizia o camponês saboiano que “se esse tolo rei de França tivesse sabido governar o barco era homem para chegar a mordomo do duque”? Sua imaginação não bastava para que concebesse grandeza mais elevada que a de seu senhor. Todos caímos nesse mesmo erro, de conseqüências grandes e perigosas. Só mede as coisas segundo sua verdadeira grandeza quem se representa, como num quadro, essa grande imagem da madre natureza na plenitude de sua majestade; quem lê em sua face uma variedade infinita de formas em constante transformação; quem nela vê, não sua ínfima pessoa mas um reino inteiro ocupar o espaço de um risco de alfinete.

Este mundo tão grande, que alguns ampliam ainda, como as espécies de um gênero, é o espelho em que nos devemos mirar para nos conhecermos de maneira exata. Em suma, quero que seja esse o livro do nosso aluno. A infinita diversidade de costumes, seitas, juízos, opiniões e leis ensina-nos a apreciar sadamente os nossos, a reconhecer suas imperfeições e fraquezas naturais, o que já não é pouco. Tantas revoluções nos diferentes países, tantas mudanças nos destinos públicos, induzem-nos a não encarar como extraordinários os nossos. Tantos nomes, tantas vitórias e conquistas enterradas no esquecimento tornam ridícula a esperança de eternizar o nosso nome pela captura de dez arqueiros e de uma piolheira conhecida tão-somente pelos que dela se assenhorearam. O fausto orgulhoso de tantas cerimônias estrangeiras, a exagerada majestade de tantas cortes e grandezas fazem-nos céticos e permitem à nossa vista sustentar o brilho das nossas sem nos deslumbrarmos. Tantos milhares de homens que nos precederam no túmulo encorajam-nos a não temer ir ao encontro de tão boa companhia no outro mundo. E assim o resto.

Nossa vida, dizia Pitágoras, assemelha-se à grande e populosa assembléia dos jogos olímpicos. Uns se exercitam para conquistar a glória; outros levam sua mercadoria para vender e ganhar. Outros, e não são os piores, nada querem senão ver o porquê e o como de cada coisa e ser espectadores da vida dos outros para assim julgarem e regularem a sua. Aos exemplos se poderão sempre adaptar as mais proveitosas reflexões da filosofia, em cujas regras devem inspirar-se as ações humanas. Dirão ao jovem:

“Quid fas optare: quid asper

Utile nummus habet: patrix carisque propinquis

Quantum elargiri deceat: quern te Deus esse

Jussit, et humana qua parte locatus es in re;

Quid sumus, et quidnam victuri gignimur.”

“O que se deve desejar, que utilidade tem o dinheiro difícil de ganhar, o que exigem de nós a pátria e a família, o que quis Deus fosse o homem sobre a terra, que lugar lhe assinalou na sociedade, o que somos e para que nascemos” [Pérsio]

, o que significam saber e ignorar (objetivo de nosso estudo), o que são valentia, moderação, justiça, servidão e sujeição, licença e liberdade, como se reconhece a verdadeira e duradoura alegria, até que ponto cumpre temer a morte, a dor e a vergonha,

“Et quo quemque modo fugiatque feratque laborem.”

“E como evitar e suportar as aflições” [Virgílio]

, que móveis nos impelem e a causa de tantos impulsos diferentes em nós. Porque me parece que os primeiros raciocínios de que lhe devem embeber o espírito são os que deverão regular-nos os costumes e os juízos, os que lhe ensinarão a conhecer-se, a saber viver e morrer bem.

Entre as artes liberais começemos pela que nos faz livres. Todas contribuem em verdade para a nossa instrução e a satisfação de nossas necessidades, como aliás todas as coisas em certa medida. Mas ela [como se induz do trecho que precede imediatamente, Montaigne refere-se à filosofia] passa antes das demais, porquanto influi mais diretamente em nossa vida e ajuda-nos a orientá-la.

Se soubéssemos restringir as necessidades de nossa existência a justos e naturais limites, veríamos que a maior parte das ciências em uso é sem utilidade para nós. E mesmo nas que nos são proveitosas existem pontos supérfluos ou obscuros que fora melhor abandonarmos, atendo-nos, como queria Sócrates, ao que comportam de útil:

“Sapere aude;

Incipe; Qui recte vivendi prorogat horam,

Rusticus exspectat, dum defluat amnis; at ille

Labitur, et labetur in omne volubilis oevum.”

“Ousa ser avisado; quem adia a hora de viver é como o camponês que espera que o rio acabe de correr; mas ele passa, e passará rolando eternamente” [Horácio].

É de um grande simplismo ensinar aos meninos

“Quid moveant Pisces, animosaque signa Leonis,

Lotus et Hesperia quid Capricornus aqua,”

“O sentido dos Peixes, do Leão resplendente, ou Capricórnio que se banha nas águas da Hespéria” [Propércio]

, a ciência dos astros e os movimentos da oitava esfera antes de lhes abrir os olhos para os próprios sentidos: “que tenho a ver com a Plêiade, e a estrela boieira?” [Anacreonte].

Anaxímenes escrevia a Pitágoras: “Como posso preocupar-me com o segredo das estrelas, quando tenho sempre presente a meus olhos a morte ou a escravidão?” (Preparavam então os reis da Pérsia a guerra contra a sua pátria.) Cada um deve dizer a mesma coisa: “assaltado pela ambição, a avareza, a temeridade, a superstição, e com tantos outros inimigos dentro de mim, como hei de pensar no movimento dos mundos?”

Depois que lhe tiverem dito o que convém para o tornar mais avisado e melhor, falar-lhe-ão da Lógica, da Física, da Geometria, da Retórica; e como já terá a inteligência formada, logo aprenderá a ciência que escolher. O ensino deverá ser ministrado ora por conversas, ora por leituras; ora o preceptor lhe apresentará o próprio texto do autor mais adequado ao fim da educação, ora lhe fornecerá somente o miolo, a substância. E se, de si mesmo, esse preceptor não for tão familiar com os livros para neles descobrir o material necessário à sua missão, poderão juntar-lhe algum letrado que, no momento certo, lhe forneça os alimentos precisos que depois lhe caberá distribuir ao seu aluno. O ensino assim dado será mais fácil e natural do que com o método preconizado por Gaza. Este enuncia preceitos em excesso, prenes de dificuldades e pouco compreensíveis; emprega palavras sonoras e vazias que não se entendem e não suscitam nenhuma idéia; no nosso método a alma acha a que se apegar, com que se alimentar. O que dele tirar o jovem será maior e mais depressa amadurecerá.

E estranho que em nosso tempo a filosofia não seja, até para gente inteligente, mais do que um nome vão e fantástico, sem utilidade nem valor, na teoria como na prática. Creio que isso se deve aos raciocínios capciosos e embrulhados com que lhe atopetaram o caminho. Faz-se muito mal em a pintar como inacessível aos jovens, e em lhe emprestar uma fisionomia severa, carrancuda e temível. Quem lhe pôs tal máscara falsa, lívida, hedionda? Pois não há nada mais alegre, mais vivo e diria quase mais divertido. Tem ar de festa e folguedo. Não habita onde haja caras tristes e enrugadas.

Demétrio, o gramático, encontrando um grupo de filósofos sentados junto ao templo de Delfos, disse-lhes: “Ou muito me engano, ou discorreis de assunto elevado, tanto vos mostrais calmos e alegres”. Ao que lhe respondeu Heracleu de Mégara: “São

os que sabem se o verbo lançar se escreve com s ou com ç, e deblateram acerca da etimologia dos superlativos pior e melhor que franzem a testa em se entretendo de sua ciência predileta. Os estudos filosóficos alegram e satisfazem quem os empreende, e não o entristecem nem o põem carrancudo:

***“Deprendas animi tormenta latentis in aegro
Corpore; deprendas et gaudia; sumit utrumque
Inde habitum facies.”***

“Pelo rosto que os reflete igualmente percebem-se os prazeres e os tormento” [Juvenal].

A alma em que se aloja a filosofia faz com que o corpo participe de sua saúde. Leva ao exterior o brilho de seu repouso e de sua serenidade; modela o aspecto do corpo e o reveste de graciosa segurança, dá-lhe um aspecto ativo e alegre, um ar de satisfação e bonomia. O mais visível sinal de sabedoria é uma alegria constante. O sábio é sempre sereno. São o Barroco e o Baralípton [vocábulos que então designavam duas das dezenove formas de silogismo] que tornam seus adeptos sujos e ressequidos; não a filosofia, pois mal a conhecem de oitiva. Mas o ofício da filosofia é serenar as tempestades da alma e ensinar a rir da fome e da febre, não mediante um epiciclo imaginário qualquer, mas por meio de razões naturais e sólidas. Tem por fim a virtude, a qual não está, como quer a Escolástica, colocada no cimo de algum monte alcantilado, abrupto e inacessível. Os que dela se aproximaram afirmam-na ao contrário, alojada em bela planície, fértil e florida, de onde se descortinam todas as coisas. Pode-se ir até lá em se conhecendo o local, por caminhos ensombrados, cobertos de relva e suavemente floridos, sem esforço e por uma subida fácil e lisa como a da abóbada celeste.

Por não terem freqüentado essa virtude suprema, bela, triunfante, amorosa, tão deliciosa quanto corajosa, inimiga declarada e inconciliável do mau humor, do desprazer, do temor e do constrangimento, e que tem por guia a natureza e por companheiros a felicidade e a volúpia, foi por não a freqüentarem que, na sua ignorância, a julgaram tola, triste, disputadora, aborrecida, ameaçadora e a colocaram sobre um rochedo afastado, dentro do mato, a fim de espantar as gentes como um fantasma.

Meu preceptor, que sabe dever criar no espírito de seu discípulo mais afeto do que respeito pela virtude, dir-lhe-á que os poetas seguem as opiniões vulgares e tornar-lhe-á evidente que os deuses puseram maiores obstáculos no caminho de Vênus que no de Palas. E ao despertar para o amor, apresentar-lhe-á, para que escolha amante, Bradamante ou Angélica; aquela, beleza natural, ativa, generosa, vigorosa mas não machona; esta, beleza mole, afetada, delicada, artificial. Uma fantasiada de rapaz, com brilhante capacete à cabeça; outra vestida de rapariga, penteado alto guarnecido de pérolas. E verá se o amor confirma a educação viril, em sendo a escolha contrária à do efeminado pastor da Frígia. E lhe dirá também que a recompensa e a grandeza da verdadeira virtude estão na facilidade, utilidade e prazer do seu exercício; que ela apresenta tão poucas dificuldades que nela são igualmente fortes as crianças e os homens, os simples e sutis; e faz-se pela moderação e não pela força. Sócrates, seu adepto favorito, propositadamente recusou-se a impô-la pela força, e passou a contar com a simplicidade e a brandura para fazê-la vencedora. É a fonte dos prazeres humanos. Tornando-os legítimos, torna-os seguros e belos; moderando-os, conserva-lhes a disposição; cortando os que recusa aguçam-nos para os que nos permite; e deixa-nos com largueza todos os prazeres naturais, até à saciedade, maternalmente, mas não até o cansaço, pois a moderação, que faz parar o bebedor antes da embriaguez, o comedor antes da indigestão e o lascivo antes do esgotamento, nunca foi inimiga do prazer. Se não tem a fortuna vulgar, dispensa-a e fabrica outra inteiramente sua nem flutuante nem rodante [alusão à imagem da Fortuna sobre uma roda alada]. Sabe ser rica, poderosa e sábia e deitar-se em colchões almiscarados. Ama a vida, a beleza, a glória, a saúde. Mas sua função própria é saber usar esses bens moderadamente e perdê-los sem fraquejar, função bem mais nobre do que penosa, sem a qual decorre a existência fora das regras da natureza na agitação e na confusão. E então pode-se falar de escolhos, sarças e monstros com que depara quem não a conhece.

Se o aluno for de tão estranho temperamento que prefira ouvir histórias à narrativa de uma bela viagem ou à de sábios propósitos; que, ao som do tambor que excita o jovem entusiasmo de seus camaradas, se volte para quem o convida a ver histriões; que não ache mais agradável e reconfortante regressar, empoeirado e vitorioso de um combate do que vencedor na péla ou na dança, não vejo outro remédio senão que o preceptor o estrangule logo, em não havendo testemunhas, ou que o coloque como pasteleiro – ainda que seja filho de duque – em qualquer das nossas boas cidades, pois ensina Platão que é preciso colocar as crianças, não de acordo com as posses dos pais mas segundo as faculdades de seu próprio espírito.

Posto que a filosofia é a ciência que nos ensina a viver e que a infância – como as outras idades – dela pode tirar ensinamentos, por que motivo não lha comunicaremos?

***“Udum et molle lutum est; nunc, nunc properandus, et acri
Fingendus sine fine rota.”***

“Enquanto úmida, a argila é mole; apressemo-nos, e que a roda ágil em girando a modele” [Pérsio].

Ensinam-nos a viver quando passada a vida. Centenas de estudantes contraem doenças venéreas antes de chegarem a aprender o que Aristóteles diz da temperança. Cícero afirmava que, embora vivesse duas vidas de homem, não gastaria tempo em ler os poetas líricos; os disputadores de nossos dias são muito mais desoladoramente inúteis. Nosso jovem tem mais pressa: não deve ficar entregue aos pedagogos senão até aos quinze ou dezesseis anos; o resto é da ação. Empregue-se, pois, esse tempo que é curto no ensino do necessário. Deixem-se de lado todas as árduas sutilezas da dialética, ilusórias e sem efeito sobre a vida; tomem-se os mais singelos preceitos da filosofia, escolham-nos com cuidado e tratem-nos bem: são mais simples de entender que um conto de Boccaccio. Uma criança os aprende, ao sair da ama, mais facilmente do que a ler e escrever. A filosofia tem regras para os recém-nascidos como para os decrépitos.

Estou de acordo com Plutarco quando diz que Aristóteles ocupou menos seu aluno [Alexandre, o Grande] com a arte do silogismo ou com os princípios da geometria do que com bons preceitos sobre a valentia, a coragem, a magnanimidade, a moderação e o destemor. E com este cabedal o enviou, ainda moço, à conquista do império do mundo, apoiado apenas em

trinta mil infantes, quatro mil cavalos e quarenta e dois mil escudos. As outras artes e ciências, acrescenta Plutarco, honrava-as Alexandre e reconhecia o que nelas havia de bom e agradável, mas o pouco prazer que delas tirava não nos permite crer que as quisesse exercer.

***“Petite hinc, juvenesque senesque,
Finem ammo certum, miserisque viatica canis.”***

“Buscai nela [na filosofia], jovens e velhos, um objetivo para vosso espírito; um viático para quando tiverdes encanecido” [Pérsio].

É o que diz Epicuro no início de sua carta a Meniceus: “Por moço que seja, que ninguém se recuse a praticar a filosofia, e que os velhos não se cansem dela”. Quem procede de outro modo parece dizer que ainda não é tempo de viver feliz, ou que já o não é. Mas para tais ensinamentos não quero que prendam o jovem; não quero que o abandonem ao mau humor e à cólera de um mestre-escola furioso; não quero corromper-lhe o espírito torturando-o com trabalho, como o fazem a outros, catorze a quinze horas por dia, a exemplo de um carregador. Não acharia bom tampouco se, inclinado por temperamento para a solidão e a melancolia, e manifestando demasiado amor aos livros, lhe incentivassem esse gosto; isso os torna inaptos para a vida da sociedade e os afasta de melhores ocupações. Quantos homens de meu tempo, tenho visto embrutecidos por uma temerária avidez de ciência!

Carnéades andava tão obcecado por ela que mal tinha tempo para cortar o cabelo e as unhas. Não quero estragar suas generosas disposições com os processos bárbaros de outrem. Dizia-se outrora que a sabedoria francesa começava cedo mas durava pouco tempo. Convenhamos em que ainda agora não há nada mais interessante do que as crianças francesas; mas, em geral, não realizam o que delas se espera e depois de grandes não revelam excelência nenhuma. Ouvi dizer por pessoas sensatas que é porque as mandamos para os colégios, que temos em tão grande número; e que assim se atoleimam.

Para nosso jovem, um gabinete, um jardim, a mesa e a cama, a manhã e a tarde, todas as horas e lugares lhe servirão; em toda parte estudará pois a filosofia, que será sua principal matéria de estudo, como formadora da inteligência e dos costumes, tem o privilégio de se misturar a tudo.

Pedindo-se a Isócrates, o orador, que falasse de sua arte em um banquete, assim se houve com aplauso geral: “Não é hora de fazer o que sei, e não sei fazer o que cumpre se faça no momento”. Com efeito, discorrer ou divagar acerca de temas de retórica em uma assembléia que se reúne para rir e comer seria mistura de má inspiração. E o mesmo se dirá de qualquer arte ou ciência. Só a filosofia, na parte em que trata do homem, seus deveres e obrigações, não deveria ser recusada nem nos festins nem nos jogos como assunto de conversação. E essa é a opinião de muitos sábios. Convidou-a Platão ao seu Banquete e vemos como ela entretém os convivas de maneira suave, adequada ao tempo e ao lugar, embora suas teses figurem entre as mais salutares e de maior alcance desse filósofo:

***“Aeque pauperibus prodest, locupletibus aeque;
Et, neglecta, aeque pueris senibusque nocebit.”***

“Igualmente útil aos pobres e aos ricos; desprezá-la prejudica igualmente jovens e velhos” [Horácio].

É provável que nessas condições nosso jovem ficará menos inútil do que os outros. Mas como os passos que damos quando passeamos numa galeria não nos cansam tanto quanto em um caminho determinado, ainda que sejam três vezes mais, assim também nossas lições, dadas ao acaso do momento e do lugar, e de entremeio com nossas ações, decorrerão sem que se sintam. Os exercícios e até os jogos, as corridas, a luta, a música, a dança, a caça, a equitação, a esgrima constituirão boa parte do estudo. Quero que a delicadeza, a civilidade e as boas maneiras se modelem ao mesmo tempo que o espírito, pois não é uma alma somente que se educa, nem um corpo, é um homem: cabe não separar as duas parcelas do todo. Como diz Platão, é preciso não educar uma sem a outra e sim conduzi-las de par, como uma parrelha de cavalos atrelados ao mesmo carro. E parece até dar mais tempo e cuidado aos exercícios do corpo, achando que o espírito se exercita ao mesmo tempo, e não ao contrário.

Seja como for, a essa educação deve proceder-se com firmeza e brandura e não como é de praxe, pois, como o fazem atualmente, em lugar de interessarem os jovens nas letras, desgostam-nos pela tolice e a crueldade. Deixem-se de lado a violência e a força: nada a meu ver abastarda mais e mais embrutece uma natureza generosa. Se quereis que o jovem tema a vergonha e o castigo não o calejeis nele. Habituai-o ao suor e ao frio, ao vento, ao sol, aos acasos que precisa desprezar; tirai-lhe a moleza e o requinte no vestir, no dormir, no comer e no beber: acostumai-o a tudo. Que não seja rapaz bonito e efeminado, mas sadio e vigoroso. Menino, homem velho, sempre tive a mesma maneira de pensar a esse respeito. A disciplina rigorosa da maior parte de nossos colégios sempre me desagradou. Menos prejudiciais seriam talvez se a inclinassem para a indulgência. São verdadeiras prisões para cativo da juventude, e a tornam cínica e debochada antes de o ser. Ide ver esses colégios nas horas de estudo: só ouvireis gritos de crianças martirizadas e de mestres furibundos. Linda maneira de acordar o interesse pelas lições nessas almas tenras e tímidas, essa de ministrá-las carrancudo e de chicote nas mãos! Que método iníquo e pernicioso! E observa muito bem Quintiliano que uma autoridade que se exerce de modo tão tirânico comporta as mais nefastas conseqüências, em particular pelos castigos. Como seriam melhores as classes se juncadas de flores e folhas e não de varas sanguinolentas! Gostaria que fossem atapetadas de imagens da alegria, do júbilo, de Flora e das Graças, como mandou fazer em sua escola o filósofo Espeusipo. Onde esteja o proveito esteja também a diversão. Há que pôr açúcar nos alimentos úteis à criança e fel nos nocivos. É admirável como Platão se mostra atento em suas ‘Leis’ à alegria e aos divertimentos da juventude da cidade e como se atarda na recomendação das corridas, dos jogos, das canções, dos saltos e das danças cujo patrocínio e orientação se confiaram aos próprios deuses: Apolo, as Musas, Minerva. Alonga-se em mil preceitos sobre os ginásios, enquanto pouco discorre acerca das letras e parece não recomendar particularmente a poesia, a não ser musicada.

É preciso evitar, como inimigas da sociedade, todas as particularidades e originalidades de nossos usos e costumes. Quem não se

espantaria com a compleição de Demofonte, mordomo de Alexandre, que suava à sombra e tiritava ao sol? Já vi quem fugisse do cheiro de maçã mais do que de tiros de arcabuz; e quem se amedrontasse com um rato ou vomitasse à vista de nata; e quem ao revolverem um colchão de penas sentia náuseas. E Germânico não podia suportar nem a vista nem o canto dos galos. Tais fenômenos podem provir de alguma predisposição natural que ignoramos, mas a meu ver obviaríamos a esses males em os atacando desde cedo. Assim o consegui em mim pela educação, com dificuldades certo, mas atualmente, à exceção da cerveja, meu paladar acomoda-se indiferentemente a tudo o que se come e bebe. Enquanto o corpo é ainda maleável, cumpre habituá-lo a toda espécie de usos e costumes. E desde que permaneça senhor de seus apetites e de sua vontade, não se hesite em tornar o jovem capaz de freqüentar qualquer sociedade, no estrangeiro como em sua terra; e que mesmo, se necessário, saiba suportar desregramentos e excessos. Que sua conduta se acomode aos costumes e que possa fazer todas as coisas mas só goste de fazer as boas. Os próprios filósofos não aprovam Calístenes que caiu em desgraça por não ter querido acompanhar seu senhor, Alexandre, o Grande, na bebida. O nosso jovem deverá rir e brincar e dar-se a excessos com o seu príncipe; quero que até na devassidão suplante seus companheiros e que não faça o mal por falta de vontade e não por carência de forças ou informação, pois

“Multum interest, utrum peccare alii quis nolit, an nesciat.”

“É muito diferente não querer fazer o mal e não saber fazê-lo” [Sêneca].

Foi pensando em prestar homenagem a um senhor (o mais afastado, em França, desses excessos) que perguntei em certa reunião quantas vezes se embriagara na Alemanha por conveniência dos negócios do rei. Tomou nesse sentido a pergunta e respondeu que o fizera três vezes e as contou. Conheço quem se tenha visto embaraçado no trato dos negócios com esse país, por não ter igual qualidade. Muitas vezes notei com grande admiração a maravilhosa natureza de Alcebiades, a qual lhe permitia adaptar-se facilmente a tudo, sem prejuízo da saúde, ora ultrapassando a suntuosidade dos persas, ora a austeridade e a frugalidade dos lacedemônios; tão puritano em Esparta como licencioso em Jônia.

“Omnis Aristippum decuit color, et status, et res.”

“Aristipo soube satisfazer-se com todas as situações e fortunas” [Horácio].

Assim desejaria formar o nosso jovem:

***“Quem duplici panno patetia velat,
Mirabor, vitae via si conversa decebit,
Personamque feret non inconcinnus utramque.”***

“Admiraria quem não se envergonhe de seus trapos nem se espante com a riqueza e desempenhe ambos os papéis de bom grado” [Horácio].

Eis as minhas lições. Aproveita-as melhor quem as pratica do que quem apenas as sabe. Para aquele, ver é ouvir e ouvir é ver. “Graças a Deus”, diz alguém em Platão, “filosofar não é nem muito aprender nem tratar das artes”.

***“Hanc amplissimam omnium artium bene vivendi
Disciplinam, vita magis quam literis, persequuti sunt.”***

“Foi muito mais nos costumes do que nos escritos que os filósofos aprenderam a maior de todas as artes: a de bem viver” [Cícero].

Leão, príncipe dos fliásios, perguntou a Heraclides do Ponto, que ciência ou arte professava, ao que ele respondeu: não conheço arte nem ciência, sou filósofo. Censuraram Diógenes pelo fato de que se metesse a filosofar, ignorante como era; e ele respondeu: mais uma razão para isso. E pediu-lhe Hegésias que lhe lesse um livro. “Sois divertido”, disse o filósofo, “quando tendes figos por escolher, escolheis os verdadeiros, os naturais e não os pintados; por que não escolheis igualmente para discutirdes os assuntos reais, da natureza, e não os escritos?”

Estas lições, o jovem as traduzirá em ações e as aplicará aos atos de sua vida. Ver-se-á assim se é prudente em seus cometimentos, se é bondoso e justo no seu proceder; se é sensato e gracioso no seu falar; se tem ânimo na doença, modéstia nos jogos, moderação nos prazeres, o gosto fácil no que concerne aos manjares, seja carne ou peixe, e no que respeite às bebidas, seja vinho ou água;

***“Qui disciplinam suam non ostentationem scientiae, sed legem
Vitae putet: quique obtemperet ipse sibi, et decretis pareat.”***

“Se seus conhecimentos lhe servem, não para mostrar o que sabe mas para ordenar seus hábitos; se se domina e obedece a si próprio” [Cícero].

O verdadeiro espelho de nosso pensamento é a maneira de vivermos.

Zeuxidamo, a alguém que lhe perguntava por que os lacedemônios não punham por escrito o regulamento da valentia e o davam a ler aos jovens, respondeu que era porque queriam antes acostumá-los aos feitos do que às palavras.

Ao fim de quinze a dezesesseis anos compare-se o nosso jovem a um desses latinistas de colégio que terá levado o mesmo tempo a aprender a falar! O mundo é apenas tagarelice e nunca vi homem que não dissesse antes mais do que menos do que devia. E nisto gastamos metade da vida. Obrigam-nos durante quatro ou cinco anos a aprender palavras e a juntá-las em frases, e outros tantos a compor um longo discurso em quatro ou cinco partes; e mais cinco pelo menos a aprender a misturá-las e a combiná-las de maneira rápida e mais ou menos sutil. Deixe-se isso a quem o faz por profissão.

Indo um dia a Orleães encontrei na planície, alguém de Clery, dois professores de colégio que se dirigiam a Bordéus e marchavam a cerca de cinquenta passos um do outro. Pouco atrás deles percebi uma comitiva, à frente da qual ia o falecido Conde de La Rochefoucauld. Um de meus criados indagou do primeiro professor quem era o fidalgo que vinha atrás. O professor, que não vira a comitiva e pensava aludissem a seu companheiro, deu-nos esta resposta divertida: “Não é um fidalgo, é um gramático; quanto a mim, sou um logicista”. Nós que não queremos formar nem um gramático, nem um logicista, mas um fidalgo, deixemo-lo a seus lazeres; temos o que fazer alhures.

Se nosso jovem estiver bem provido de conhecimentos reais, não lhe faltarão palavras; e virão por mal se não quiserem vir por bem. Há quem se desculpe por não poder exprimir as coisas belas que pretende ter na cabeça e lastime sua falta de eloquência para as revelar: é mistificação. Quereis saber o que isso significa, a meu ver? É que entrevê algumas vagas concepções que não tomaram corpo, que não pode destringir, e esclarecer, e por conseguinte expressar. Não se compreende a si próprio. Contemplai-o a gaguejar, incapaz de parir, vereis logo que sua dificuldade não está no parto mas na concepção, e anda ainda a lambar um embrião. Acredito, e Sócrates o diz formalmente, que quem tem no espírito uma idéia clara e precisa sempre a pode exprimir, quer de um modo quer de outro, por mímica até, se for mudo:

“Verbaque praevisam rem non invita sequuntur.”

“Não falham as palavras para o que se concebe bem” [Horácio].

Ora, como diz um outro, de modo igualmente poético embora em prosa:

“Quum res animum occupavere, verba ambiunt.”

“Quando as coisas se assenhoram do espírito as palavras ocorrem” [Sêneca];

ou ainda:

“Ipsae res verba rapiunt.”

“As coisas atraem as palavras” [Cícero].

Pode ignorar ablativos, conjuntivos, substantivos e gramáticas, quem é dono de sua idéia; é o que se verifica com um laçao qualquer ou rapariga do Petit Pont, que são capazes de nos entreter do que quisermos sem se desviarem muito mais das regras da língua que um bacharel de França. Não sabem retórica nem começam por captar a benevolência do leitor ingênuo e nem se preocupam com isso. Em verdade, todos esses belos adornos se apagam ante o brilho de uma verdade simples e natural. Esses requebros servem apenas para divertir o vulgo incapaz de escolher alimento mais substancial e fino, como Afer o demonstra claramente em Tácito.

Os embaixadores de Samos tinham-se apresentado a Cleômenes, rei de Esparta, com uma bela e longa arenga a fim de convencê-lo a ir à guerra contra o tirano Policrates. Depois de os ter deixado falar à vontade, ele respondeu: “De vosso exórdio já não me lembro, nem me recordo do meio. Quanto à conclusão, não me interessa”. Eis, parece-me, uma boa resposta aos discursadores bem documentados.

Há outra: os atenienses deviam escolher um entre dois arquitetos para a construção de um grande edifício. Apresentou-se o primeiro, muito afetado, com um belo discurso cuidadosamente preparado acerca do trabalho que ia executar, e já o povo se manifestava a seu favor quando o segundo pronunciou apenas estas palavras: “Senhores atenienses, o que este acaba de dizer eu o farei”.

Pasmavam-se muitos ante a eloquência de Cícero no auge de sua força. Catão ria-se tão-somente: “Temos”, dizia, “um cônsul divertido”. Antes ou depois, uma sentença útil, uma frase bonita vem a calhar: ainda que não se enquadrem no que precede nem no que segue, valem por si. Não sou dos que pensam que o bom ritmo faz o bom poema; alonguem se assim o entenderem uma sílaba breve, se as idéias são nele agradáveis, se há espírito e inteligência, direi que o poeta é bom, embora possa acrescentar que é também mau versificador:

“Emunctae naris, durus componere versus.”

“Seus versos são duros mas seu gosto é sutil” [Horácio].

Tirem-se de uma obra, diz Horácio, todas as suas ligações e medidas

“Tempora certa modosque, et, quod prius ordine verbum est,

Posterius facias, praeponens ultima primis

Invenias etiam disjecti membra poetae.”

“Trocai o ritmo e a medida, invertei a ordem das palavras, encontrareis o poeta nesses trechos dispersos” [Horácio]

, não se destruirá com isso: os próprios fragmentos continuarão belos. Foi nesse sentido que respondeu Menandro a quem repreenderam porque não começara ainda uma comédia prometida para tal dia: “Está composta e pronta, falta só juntar os versos”. Desde que Ronsard e Du Bellay deram relevo à nossa poesia francesa, não há aprendiz que não se inche de palavras e as cadencie à moda deles:

“Plus sonat, quam valet.”

“Em tudo isso há mais ruído do que sentido” [Sêneca].

Para o vulgo nunca houve tantos poetas. Mas se lhes foi fácil copiar o ritmo daqueles mestres, incapazes se mostraram de imitar as ricas descrições do primeiro e a delicada fantasia do segundo.

Mas que fará o nosso jovem se o apertarem com a sofisticada sutil de algum silogismo, como este, por exemplo: o presunto faz beber, beber estanca a sede, logo o presunto estanca a sede? Rir-se-á, que mais vale rir que responder. Pode ainda tirar de Aristipo a divertida resposta dada em semelhante ocorrência: “por que o resolverei, se não resolvido já me embaraça?” A alguém que propunha a Cleantes essas finuras dialéticas, disse ele: “Vai divertir as crianças com essas peloticas, não desvie de seus pensamentos um homem sério”. Se essas tolas argúcias –

“Contorta et aculeata sophismata”

“Sofismas retorcidos e espinhosos” [Cícero]

– tiverem por fim convencê-lo de uma mentira serão perigosas; mas não terão conseqüências se forem simples farsas, e não vejo por que devam preocupá-la. Há tolos capazes de se desviarem do caminho por um bom dito: uns

“Aut qui non verba rebus aptant, sed res extrinsecus arcessunt,

Quibus verba conveniant.”

"Não aplicam as palavras às coisas a que pertencem e vão buscar coisas a que possam aplicar as palavras" [Quintiliano]

; outros,

"Qui, alicujus verbi decore placentis, vocentur ad id, quod Non proposuerant scribere."

"A fim de colocar uma frase, embicam por assuntos de que não pensavam tratar" [Sêneca].

Prefiro amoldar a frase a meu pensamento a modificar minha idéia para a engastar. Cabe às palavras se adaptarem ao que se quer exprimir e se o francês não o pode fazer, empregue-se o gascão. Quero que o pensamento a ser comunicado domine e penetre a imaginação de quem ouve, a ponto de que não mais se lembre das palavras. Gosto de uma linguagem simples e pura, a escrita como a falada, e succulenta, e nervosa, breve e concisa, não delicada e louçã, mas veemente e brusca:

"Haec demum sapient dictio, quæ feriet."

"Que a expressão impressione e será certa" [Lucano].

Uma linguagem antes difícil do que aborrecida, sem afetação, ousada, desregrada, descosida, expressiva em todos os seus aspectos, não uma linguagem pedante, fradesca, ou de advogado, mas de preferência soldadesca como Suetônio qualifica a de Júlio César, embora eu não perceba muito bem por quê.

De bom grado tenho imitado a maneira excêntrica de se trajarem os jovens de hoje: manto de banda, capa ao ombro, mal esticada a meia, pois assim se dão ares de altivo desdém pelas modas estrangeiras e seus artifícios. Semelhante atitude no modo de falar me agrada ainda mais. Qualquer afetação, sobretudo com a alegria e a liberdade francesas, vai mal ao homem de corte, e em uma monarquia todos devem ser educados como cortesãos, sendo portanto recomendável que nos inclinemos um pouco para o natural e o desdenhoso.

Não aprecio os tecidos em que aparecem a trama e as costuras, e em um corpo bem feito não se devem ver os ossos e as veias

"Quæ veritatî operam dat oratio, incomposita sit et simplex."

Quis accurat loquitur, nisi qui vult putide loqui?"

"A verdade precisa falar uma linguagem simples, sem artifícios; e quem fala com afetação, quem fala com artifícios senão aquele que pretende falar afetadamente?" [Sêneca].

A eloquência que atraí por si mesma prejudica as coisas. Assim como é pequenez de espírito querer-se distinguir por maneiras estranhas de trajar, na linguagem o rebuscamento, a procura de expressões originais e de vocábulos pouco conhecidos decorrem de uma ambição escolástica e pueril. Pudesse eu usar sempre e unicamente a linguagem que se emprega nos mercados de Paris! Errava o gramático Aristófanes em criticar Epicuro por causa da simplicidade das palavras, bem como em seus discursos a perfeita clareza da expressão. Imitar alguém em sua maneira de falar é fácil, qualquer pessoa o faz sem esforço; mais árdua é a imitação da inteligência e da imaginação. Em geral quem encontra vestimenta igual pensa erroneamente que tem o mesmo corpo; no qual se engana muito. A força e os nervos não se tomam de empréstimo: enfeites e capas, sim. A maior parte das pessoas que freqüente fala como eu nos Ensaio, mas não sei se pensa do mesmo modo. Os atenienses, diz Platão, falam abundantemente e com elegância: os lacedemônios são lacônicos; os cretenses têm a imaginação mais fecunda do que a linguagem; e são os privilegiados. Zenão dizia que tinha duas espécies de discípulos: uns, a que chamava 'filólogos', gostavam de aprender as coisas por si e eram seus preferidos; aos outros chamava 'logófilos', e não se importavam senão com as palavras. Não é que o bem falar não seja bonito e bom, mas não é tanto como o apregoam, e lamento que toda a vida se passe nisso. Desejaria em primeiro lugar conhecer bem a minha língua e em seguida as dos vizinhos com quem tenho mais relações. O latim e o grego são sem dúvida belos ornamentos mas custam caro demais. Pois direi aqui o modo de adquiri-los mais barato que de costume, modo esse experimentado por mim mesmo. Quem quiser que o adote.

Meu falecido pai, tendo procurado por todos os meios, entre homens de saber e inteligência, a melhor forma de educação, percebia os inconvenientes do método então em uso. Disseram-lhe que o tempo que levávamos a aprender as línguas que a gregos e romanos nada haviam custado era o único motivo por que não podíamos alcançar a grandeza de alma e os conhecimentos dos antigos. Não creio que essa seja a única causa, mas o que importa no caso é a solução que meu pai encontrou. Logo que desmamei, antes que se me destravasse a língua, confiou-me a um alemão, que morreu médico famoso em França e que ignorava completamente o francês mas possuía perfeitamente o latim. Esse alemão, que meu pai mandara vir de propósito e pagava muito caro, ocupava-se continuamente de mim. Dois outros menos sábios do que ele acompanhavam-me sem cessar quando folgava o primeiro. Os três só me falavam em latim. Quanto aos outros de casa, era regra inviolável que nem meu pai, nem minha mãe, nem criados ou criadas, dissessem em minha presença senão as palavras latinas que haviam aprendido para se entenderem comigo. Excelente foi o resultado. Meu pai e minha mãe adquiriram conhecimento suficiente dessa língua para um caso de necessidade e o mesmo aconteceu com as outras pessoas que lidavam comigo. Em suma, tanto nos latinizamos que a coisa se estendeu às aldeias circunvizinhas onde ainda hoje se conservam, pelo uso, vários nomes latinos de artefices e ferramentas. Quanto a mim, aos seis anos não compreendia mais o francês ou o dialeto da terra do que o árabe. Mas sem método, sem livros, sem gramática, sem regras, sem chicote nem lágrimas, aprendera um latim tão puro quanto o do meu professor, porquanto nenhuma noção de outra língua o podia perturbar. Se por exemplo queriam dar-me um tema, à moda dos colégios, tinham que o dar em mau latim, a fim de que o vertesse para o bom. E Nicolau Gronchi, que escreveu 'De comitatis romanorum', Guilherme Guerente, que comentou Aristóteles, Georges Buchanan, o grande poeta escocês, Marc Antoine Muret, reconhecido na França e na Itália como o melhor orador da época, e que foram todos meus preceptores, dizem todos que eu sabia tão bem o meu latim que temiam discutir comigo. Buchanan, que vi mais tarde no séquito do falecido Marechal de Brissac, disse-me que estava escrevendo sobre a educação das crianças e que tomava a minha como exemplo. Estava então encarregado da educação do Conde de Brissac, que depois vimos tão valoroso e bravo.

Quanto ao grego quase não o compreendo. Meu pai tentou ensinar-me com método mas não como habitualmente, antes sob forma de jogo e folguedo. Inscrevíamos as declinações em pedacinhos de papel que dobrávamos e pregávamos ao acaso, à maneira dos que aprendem aritmética ou geometria. Porque entre outras coisas lhe tinham aconselhado que me levasse a amar as ciências e o dever não pela força, mas por minha própria vontade, e que me educasse pela doçura e sem rigor nem constrangimento, dando-me inteira liberdade. E isso até a superstição, porquanto em sustentando alguns que perturba o cérebro tenro da criança acordá-la em sobressalto e arrancá-la ao sono, mais profundo nelas do que em nós, de repente, bruscamente, mandou que me acordassem ao som de algum instrumento, e nunca faltou quem o fizesse.

Este exemplo basta para julgar do resto, e para pôr em evidência, também, a prudência e a afeição de meu pai, tão bom e que não teve culpa de não colher fruto que correspondesse a tão requintada cultura. Duas foram as causas: a primeira, o campo estéril, e impróprio, pois embora tivesse boa saúde e fosse de temperamento brando e fácil, era tão lerdo, mole e apático que não me podiam arrancar da ociosidade nem para brincar. O que eu via, via bem. E sob o aspecto pesado nutria pensamentos ousados e opiniões acima de minha idade. Mas tinha o espírito lento e que só trabalhava quando o excitavam. Minha compreensão era tardia, a inspiração sem vigor, e sobretudo carecia por completo de memória. Com tudo isso, não há como espantar não obtivesse meu pai algo que valesse a pena. Por outro lado, como aqueles que têm um ardente desejo de se curar seguem toda espécie de conselhos, esse excelente homem, temeroso de não poder levar a cabo a coisa que tanto desejava, acabou por se deixar influenciar pela opinião comum que segue sempre os que vão na frente, como os grous, e obedecer ao costume, por já não ter a seu lado os que lhe tinham dado as primeiras indicações na Itália. E por volta dos seis anos mandou-me para o Colégio de Guyenne, o melhor então em França. Não fora possível juntar mais cuidados aos que meu pai teve em dar-me professores particulares e atentar para minha alimentação em mais de um pormenor contra as regras do colégio. Contudo era um colégio. Meu latim, do qual perdi o hábito por falta de exercício, abastardou-se logo. E o modo inédito que haviam empregado para me ensinar serviu apenas para me fazer pular as primeiras classes. De maneira que com treze anos tinha concluído o meu curso, como dizem, mas na verdade sem qualquer fruto que seja agora de utilidade. Meu gosto pelos livros nasceu do prazer que tive à leitura das fábulas das 'Metamorfoses' de Ovídio. Aos sete ou oito anos mais ou menos fugia para as ler, desprezando quaisquer outros divertimentos; e como a língua era minha língua materna [o latim], era o livro mais fácil que eu conhecia e o mais adequado pelo assunto à minha idade. Quanto aos Lançarotes do Lago, aos Amadis, aos Huões de Bordéus, e outras obras do mesmo gênero, com que divertem as crianças, não as conhecia sequer pelos títulos e não lhes conheço ainda o conteúdo, tão forte foi a minha obediência às proibições que me eram impostas. Com essa paixão me tornava mais descuidado no estudo das outras matérias, mas felizmente encontrei um homem inteligente e cômico de seu dever de preceptor que soube tirar partido desses excessos e de outros semelhantes. De modo que devorei de fio a pavio a 'Eneida', e Terêncio e Plauto, e as comédias italianas, sempre levado pelo que essas obras têm de agradável. Se tivesse tido a mania de me impedir, creio que só houvera trazido do colégio ódio aos livros, como acontece com quase toda a nossa nobreza. Procedeu com inteligência, fingindo nada ver, aguçando-me a curiosidade com deixar-me ler tão-somente às escondidas tais livros e obrigando-me a trabalhar, quanto ao resto, sem exagerada autoridade, pois as principais qualidades que buscava meu pai naqueles a quem me confiava eram a benevolência e a bondade de espírito. Por isso mesmo não tinha eu outro defeito senão indolência e preguiça. Não corria o risco de fazer mal, e sim o de não fazer nada. Ninguém presumia que me pudesse tornar mau; mas inútil, sim. Previam em mim a ociosidade, não a maldade. Reconheço que foi o que sucedeu. As queixas com que me encham os ouvidos são deste gênero: preguiçoso; frio nas relações de amizade e parentesco; desinteressado dos negócios públicos. Os mais maldosos não dizem: por que tomou? por que não pagou? mas sim: por que não faz tal concessão? por que não dá isso ou aquilo?

Agradeceria muito que não me pedissem mais do que devo, mas exigem injustamente o que não devo e com bem maior rigor do que empregam em exigir deles próprios o que devem. Com tais exigências apagam todo o mérito da ação e a gratidão que pudera ganhar e que devera ser tanto maior quanto o que faço, faço-o de boa vontade, não tendo nenhuma obrigação de fazê-lo. Tenho tanto maior liberdade de dispor de minha fortuna quanto não a devo a ninguém; e de mim, porquanto sou independente. Entretanto, se quisesse encarecer o que faço, ser-me-ia fácil responder a essas censuras. E a muitos mostraria que cedem à inveja e se ofuscam menos com que não faça bastante do que com a possibilidade minha de fazer mais.

Contudo, meu espírito não deixava ao mesmo tempo de ter resoluções firmes, juízos seguros e claros sobre objetos de seu conhecimento; e digeriria-os sozinho, sem influência alheia, e era incapaz de me submeter à força e à violência.

Direi ainda desta qualidade que tinha em criança: uma segurança na expressão, uma voz e um gesto flexíveis que me permitiam desempenhar qualquer papel? Antes da idade normal

"Alter ab undecimo tum me vix ceperat annus"

"Mal entrava eu então no ano doze" [Virgílio]

, representei as primeiras personagens das tragédias de Buchanan, de Guerente e de Muret que dignamente se montaram no Colégio de Guyenne. Nisto, como nas demais funções de seu cargo, foi André de Gouveia [humanista lusitano], nosso diretor, o maior diretor de França; e era eu seu melhor intérprete. É este um exercício que não deixo de louvar nos jovens de boa família; vi depois príncipes nossos entregarem-se a ele, a exemplo dos antigos, e o fazerem muito bem. Na Grécia até as pessoas de categoria o podiam fazer como profissionais:

"Aristoni tragico actori rem aperit: huic et genus et fortuna honesta erant:

Nec ars, quia nihil tale apud Graecos pudori est, ea deformabat."

"Revela seu plano ao ator trágico Ariston, homem de berço e fortuna; sua profissão em nada o diminuía posto que nada tinha de desonroso na Grécia" [Tito Lívio].

Sempre acusei de impertinência os que condenam tais distrações, e de injustiça os que recusam a entrada de nossas cidades aos comediantes dignos, privando o povo de um prazer público. Os bons governos tratam de unir os cidadãos, de os juntar, tanto nos

deveres sérios da devoção como nas festividades e jogos; assim se aumentam a solidariedade e a amizade. E não se poderia ademais conceder-lhes passatempos preferíveis a esses a que todos assistem na presença do magistrado. Acharia razoável que este e o príncipe, à sua custa, o dessem algumas vezes ao povo, com afeição e bondade paternal, e que nas cidades maiores houvesse lugares destinados a tais espetáculos que, por vezes, poderiam desviar de más ações para cuja execução se escondem os homens.

Para voltar ao assunto, direi que o melhor é atrair a vontade e a afeição, sem o que se conseguem apenas asnos carregados de livros. Dão-lhes a guardar, com chicotadas, um saco de ciência, a qual, para que seja de proveito, não basta ter em casa: cabe desposar.

Capítulo XXVI

Sobre a loucura de avaliar o certo e o errado unicamente conforme nossa própria capacidade

Não é sem motivo que atribuímos à simplicidade e à ignorância a facilidade com que certas pessoas acreditam e se deixam persuadir, pois penso ter aprendido outrora que acreditar é por assim dizer o resultado de uma espécie de impressão sobre a nossa alma, a qual a recebe tanto melhor quanto mais tenra e de menor resistência:

***“Ut necesse est, lancem in Libra, ponderibus impositis,
Deprimi, sic animum perspicuis cedere.”***

“Assim como o peso faz pender a balança, assim a evidência determina o espírito” [Cícero].

Quanto mais a alma é vazia e nada tem como contrapeso, tanto mais ela cede facilmente à carga das primeiras impressões. Eis por que as crianças, o povo, as mulheres e os enfermos são sujeitos a serem conduzidos pela sugestão. Por outro lado, é tola presunção desdenhar ou condenar como falso tudo o que não nos parece verossímil, defeito comum aos que estimam ser mais dotados de razão que o homem normal. Esse defeito eu o tive outrora. Se ouvia falar de almas do outro mundo, presságios, encantamentos, feitiçaria, ou de outra coisa em que não acreditasse:

***“Somnia, terrores magicos, miracula, sagas,
Nocturnos lemures, portentaque Thessala.”***

“Sonhos, visões mágicas, milagres, feitiçarias, aparições noturnas e outros prodígios de Tessália” [Horácio]

, sentia pena desse pobre povo de que abusavam com tais fantasias.

Acho agora que eu também merecia piedade. Não porque, desde então, a experiência haja acrescentado algo a minhas primeiras convicções, embora eu tenha procurado verificar as crenças que recusava, mas minha razão me impeliu a reconhecer que condenar uma coisa de maneira absoluta é ultrapassar os limites que podem atingir a vontade de Deus e a força de nossa mãe, a natureza; e que o maior sintoma de loucura no mundo é reduzir essa vontade e essa força à medida de nossa capacidade e de nossa inteligência. Chamemos ou não monstros ou milagres às coisas que não podemos explicar, não se apresentarão elas em menor número à nossa vista. Por certo observaremos que é mais o hábito do que a ciência que nos faz considerá-las naturais:

***“Jam nemo, fessus saturusque videndi,
Susplicere in coeli dignatur lucida templa;”***

“Cansados, saciados do espetáculo dos céus, nós não nos dignamos mais erguer nossos olhos para esses templos de luz” [Lucrécio]

; e essas mesmas coisas, se com elas deparássemos de novo, nós as acharíamos tão incríveis quanto quaisquer outras: “se agora, em virtude de uma aparição repentina, essas maravilhas se nos oferecessem pela primeira vez, que acharíamos para as comparar?” Quem nunca viu um riacho, ao deparar com o primeiro, pensou que fosse o oceano; as coisas maiores entre as que conhecemos, nós as estimamos as maiores em seu gênero:

***“Scilicet et fluvius qui non est maximus, ei’st
Qui non ante aliquem majorem vidit; et ingens
Arbor, homoque videtur, et omnia de genere omni
Maxima quae vidit quisque, haec ingentia fingit.”***

“Um rio que não é muito extenso parece imenso a quem não viu maior; do mesmo modo uma árvore, e um homem, e qualquer objeto quando nada se viu maior na espécie” [Lucrécio]

***“Consuetudine oculorum assuescunt animi, neque admirantur,
Neque requirunt rationes earum rerum, quas semper vident.”***

“Familiarizados com as coisas que cotidianamente vemos, não as admiramos mais e não procuramos entender as causas disso” [Cícero].

A novidade de uma coisa, mais do que sua importância, incita-nos a procurar-lhe a origem. O infinito poder da natureza deve ser julgado com mais deferência e tendo em conta nossa ignorância e nossa fraqueza. Quantas coisas pouco verossímeis são afirmadas por gente digna de fé! Se seus testemunhos não bastam para nos convencer, sejamos ao menos prudentes em nosso julgamento, pois considerá-las impossíveis é vangloriar-se de saber até onde vão a possibilidade e a impossibilidade, o que, sem dúvida, é presunção exagerada. Se aprendêssemos com exatidão a diferença entre uma coisa e outra, entre o que está contra a ordem e a natureza e o que se situa simplesmente fora do que admitimos comumente, entre não acreditar cegamente e não duvidar com facilidade, observaríamos fielmente a regra do “nada de mais” que Quílon tanto recomenda.

Quando lemos em Froissart que o Conde de Foix soube no Béarn da derrota do Rei João de Castela, em Jubera, no dia seguinte ao acontecimento, e as explicações que dá, podemos duvidar; o mesmo pode acontecer quando vemos nos ‘Anais’

que, no próprio dia da morte do Rei Filipe de Nantes, o Papa Hono-rato mandou fazer-lhe funerais públicos, ordenando que assim procedessem em toda a Itália. Esses testemunhos não terão talvez autoridade bastante para nos convencer. Entretanto, se entre numerosos exemplos que cita dos antigos, Plutarco diz saber de fonte fidedigna que, no tempo de Domício, a notícia da batalha perdida por Antônio, na Alemanha (a várias jornadas de Roma), foi publicada e espalhada no mundo inteiro no mesmo dia de sua ocorrência; se César admite que a nova de um acontecimento mais de uma vez o precedeu, não diremos deles que são pobres de espírito, que se deixaram ludibriar como o vulgo ou que não são tão clarividentes quanto nós. Pode-se exprimir uma opinião com maior delicadeza, nitidez e espírito do que Plínio, quando o quer? Impossível encontrar juízos mais bem fundamentados; nesses pontos não poderíamos excedê-lo, e não falo aqui de seu saber tão extenso, que entretanto me interessa menos. Contudo, não há estudante que o não tache de inexatidão e não pretenda ensinar-lhe alguma coisa acerca do progresso das obras da natureza.

Quando lemos em Bouchet os milagres das relíquias de Santo Hilário, vá ainda que sejamos incrédulos, pois não tem o autor autoridade suficiente para que o aceitemos sem prova. Mas condenar ao mesmo tempo todos os fatos semelhantes que nos são referidos, parece-me singular presunção. Santo Agostinho, esse grande doutor da Igreja, afirma ter presenciado em Milão uma criança cega recuperar a vista ao tocar nas relíquias de São Ger-vásio e São Protásio: e diz que uma mulher cancerosa foi curada em Cartago com o sinal-da-cruz que lhe fez uma recém-batizada; e que Hespério, um de seus familiares, expulsou os espíritos que freqüentavam sua casa com um pouco de terra trazida do Santo Sepulcro; e que essa terra, conduzida mais tarde à Igreja, devolveu subitamente o uso de seus membros a um paralítico; e que uma mulher, durante uma procissão, em levando aos olhos o ramallete com o qual tocara a urna de Santo Estêvão, recobrou a vista de há muito perdida; e cita outros casos milagrosos a que pessoalmente assistiu. Que diremos dele, que os afirma, e dos Santos Aurélio e Maximino cujos testemunhos invoca? Diremos que se trata de ignorantes e de simples de espírito, ou de perversos e impostores? Haverá em nosso século alguém assaz imprudente para se comparar a ele, tanto quanto à virtude e à piedade como quanto à inteligência e à capacidade?

***“Qui, ut rationem nullam afferrent,
Ipsa auctoritate me frangerent.”***

***“Ainda que não trouxessem nenhum argumento razoável,
eles me persuadiriam com a sua autoridade” [Cícero].***

É ousadia perigosa e de possíveis conseqüências sérias, fora mesmo do que tem de temerário e absurdo, desprezar o que não compreendemos. Que após terdes acertado, com vosso julgamento impecável, os limites entre o verdadeiro e o falso, sobrevenham, como é inevitável, fatos inegáveis, ultrapassando ainda mais em sobrenatural os que recusais, e eis-vos obrigado a vos desmentirdes.

A meu ver o que acarreta tanta confusão em nossas consciências, nestes tempos de perturbações religiosas, é esse abandono parcial que fazem os católicos de sua fé. Imaginam que são moderados e sensatos cedendo aos adversários no que diz respeito a certos pontos em litígio; não vêem a vantagem que lhes dão em bater em retirada, e quanto essa desistência incita os outros a prosseguirem, pois os pontos em que cedem os católicos e que lhes parecem de nonada podem ao contrário ser de grande importância. Ora, é necessário, em tudo, submetermo-nos aos poderes eclesiásticos que reconhecemos; ou tudo lhes recusamos. Não cabe a nós determinar no que lhes devemos ou não obediência. Mais ainda (e posso dizê-lo porque o experimentei, tendo outrora usado essa liberdade de eliminar certas práticas em relação às quais julgava não dever observar os deveres impostos pela Igreja, porque os achava demasiado inúteis ou demasiado singulares, e entretendo-me com homens que sabiam a fundo a ciência teológica me foi demonstrado repousarem eles sobre fundamentos de primeira ordem e seriedade): é unicamente por tolice e ignorância que os tratamos com menos deferência do que o resto. Lembremos em quantas contradições tem caído o nosso julgamento! Quantas coisas que ontem considerávamos artigos de fé, hoje julgamos fábulas! A glória e a curiosidade são dois flagelos de nossa alma; esta nos impele a meter o nariz em tudo; aquela nos proíbe deixar seja o que for sem decisão ou solução.

Capítulo XXVII

Sobre a amizade

Contemplando o trabalho de um pintor que tinha em casa, tive vontade de ver como procedia. Escolheu primeiro o melhor lugar no centro de cada parede para pintar um tema com toda a habilidade de que era capaz. Em seguida encheu os vazios em volta com arabescos, pinturas fantasistas que só agradam pela variedade e originalidade. O mesmo ocorre neste livro, composto unicamente de assuntos estranhos, fora do que se vê comumente, formado de pedaços juntados sem caráter definido, sem ordem, sem lógica e que só se adaptam por acaso uns aos outros:

“Desinit in piscem mulier formosa superne.”

“O corpo de uma bela mulher com uma cauda de peixe” [Horácio].

Quanto ao segundo ponto fiz, pois, como o pintor, mas em relação à outra parte do trabalho, a melhor, hesito. Meu talento não vai tão longe, e não ousou empreender uma obra rica, polida e constituída em obediência às regras da arte. Eis por que me veio à idéia tomar de empréstimo a Etienne de La Boétie algo que honrará, em suma, o restante. É um ensaio a que deu o título de ‘Servidão Voluntária’, mas que outros, ignorando-o, batizaram mais tarde, e com razão, ‘Contra Um’. Escreveu-o La Boétie em sua adolescência, a fim de se exercitar em favor da liberdade e contra a tirania. Há muito circula esse ensaio em mãos de gente séria, entre a qual goza de grande e merecida reputação, pois é cheio de nobreza e de argumentação tão sólida quanto possível. E não é porque o autor não pudesse ter escrito melhor ainda. Se na idade, já mais madura, em que o conheci, tivesse, como eu, concebido a intenção de escrever seus pensamentos, houvera deixado coisas notáveis, bem próximas daquelas de que se orgulha a antiguidade, pois, em particular quanto a isso, era dotado como ninguém. Esse ensaio, que nunca reviu, creio,

depois de composto, é a única coisa que sobra dele; e por efeito do acaso, juntamente com alguns comentários acerca desse edito de janeiro tão famoso na história de nossas guerras civis, comentários que encontrarão talvez lugar alhures. Eis tudo o que, além do catálogo das obras que possuía e que publiquei, pude recolher – eu a quem, por afetuosa atenção, ao render o último suspiro, entregou sua biblioteca e seus papéis. Por isso sou muito apegado a esse ensaio, tanto mais quanto foi o ponto de partida de nossas relações. Fora-me comunicado muito antes que conhecesse o autor cujo nome só então me foi revelado, e assim se preparou essa amizade que nos uniu e durou quanto Deus o permitiu, tão inteira e completa que por certo não se encontrará igual entre os homens de nosso tempo. Tantas circunstâncias se fazem necessárias para que esse sentimento se edifique, que já é muito vê-lo uma vez cada três séculos.

A natureza parece muito particularmente interessada em implantar em nós a necessidade das relações de amizade e Aristóteles afirma que os bons legisladores se preocupam mais com essas relações do que com a justiça. É verdade que a amizade assinala o mais alto ponto de perfeição na sociedade. Em geral sentimentos a que damos o nome de amizade, nascidos da satisfação de nossos prazeres, das vantagens que usufruímos, ou de associações formadas em vista de interesses públicos ou privados, são menos belos, menos generosos, e participam tanto menos da amizade, a qual tem outras causas, visa a outros fins. Essas afeições, que se classificavam outrora em quatro categorias, segundo fossem ditadas pela natureza, a sociedade, a hospitalidade ou as exigências dos sentidos, nem em conjunto nem isoladamente atingem o ideal.

Nas relações entre pais e filhos é mais o respeito que domina. A amizade nutre-se de comunicação, a qual não pode estabelecer-se nesse domínio em virtude da grande diferença que entre eles existe, de todos os pontos de vista; e esse intercâmbio de idéias e emoções poderia por vezes chocar os deveres recíprocos que a natureza lhes impôs, pois, se todos os pensamentos íntimos dos pais se comunicassem aos filhos, ocorreriam entre eles familiaridades inconvenientes. Mais ainda: não podem os filhos dar conselhos ou formular censuras a seus pais, o que é entretanto uma das primeiras obrigações da amizade.

Entre certos povos é costume que os filhos matem os pais; entre outros são os pais que matam os filhos, a fim de evitar, como acontece às vezes, que se constituam em obstáculos recíprocos, porque a natureza pela eliminação de um libera o outro. Houve filósofos que afetaram não levar em consideração os laços de família. Aristipo, por exemplo, a quem falavam da afeição que devia aos filhos, saídos dele, pôs-se a cuspir dizendo que isso também saía dele. E acrescentava que se engendramos filhos engendramos igualmente piolhos e vermes. Outro, que Plutarco procurava reconciliar com o irmão, respondeu: "Não o estimo mais, apenas porque saiu do mesmo buraco".

É, em verdade, um belo nome e digno da maior afeição o nome de irmão; e por isso La Boétie e eu o empregamos quando nos tornamos amigos; mas na realidade, a comunhão de interesses, a partilha dos bens, a pobreza de um como consequência da riqueza de outro, destemperam consideravelmente a união formal. Em devendo os irmãos, para vencer neste mundo, seguir o mesmo caminho, andar com passo igual, inevitável se torna que se choquem amiúde. Mais ainda: é a correspondência dos gostos que engendra essas verdadeiras e perfeitas amizades e não há razão para que ela se verifique, entre pai e filho, ou entre irmãos, os quais podem ter gostos totalmente diferentes. É meu filho, meu parente, mas isso não impede que se trate de um indivíduo pouco sociável, um mau, um tolo. Nas amizades que nos impõem a lei e as obrigações naturais, nossa vontade não se exerce livremente; elas não resultam de uma escolha, e nada depende mais de nosso livre arbítrio que a amizade e a afeição. E não digo isso porque não tenha tido a oportunidade de conhecer o que de melhor pode haver como amizade familiar, porquanto meu pai foi o melhor dos pais, o mais indulgente, e assim permaneceu até a mais avançada velhice. Nossa família era reputada pela excelência das relações entre pais e filhos, e a concórdia entre irmãos era nela exemplar:

"Et ipse

Notus in fratres animi paterni."

"Conhecido eu mesmo pelo amor paternal que dediquei a meus irmãos" [Horácio].

Nossa afeição pelas mulheres, embora proveniente de nossa escolha, não poderia comparar-se à amizade nem substituí-la. Nos seus impulsos, confesso-o:

"Neque enim est dea nescia nostri

Qux dulcem curis miscet amaritiam,"

"Pois somos também conhecidos da deusa que mistura

um doce amargor às suas preocupações" [Catulo]

, ela é mais ativa, mais aguda, mais áspera; é uma chama temerária e volúvel, agitada e versátil; chama febril, sujeita a intermitências de temperatura e que só nos prende por uma parte de nós. O calor da amizade estende-se a todo o nosso ser; é geral e igual; temperada e serena; soberanamente suave e delicada, nada tendo de áspero nem de excessivo. O amor é antes de mais nada um desejo violento do que nos escapa:

"Come segue la lepre il cacciatore

Al freddo, al caldo, alla montagna, al lito;

Ne piu l'estima poi the presa vede;

E sol dietro a chi fugge affretta il piede"

"Como o caçador perseguindo a lebre, no frio e no calor, por montanhas e vales;

desdenha-a ao alcançá-la e só a deseja enquanto a persegue na fuga" [Ariosto].

Quando o amor reveste as formas da amizade, o que ocorre quando se estabelece uma concordância das vontades, ele se esvai ou define. O gozo apaga-o, porque seu objetivo é carnal, e a saciedade o extingue. A amizade, ao contrário, cresce com o desejo que dela temos; eleva-se, desenvolve-se e se amplia na freqüentação, porque é de essência espiritual e a sua prática apura a alma. Juntamente com essa perfeita amizade, conheci outrora essas afeições passageiras acerca das quais não falarei porquanto as descrevem demasiado bem estes versos. Estas duas paixões, eu as experimentei simultaneamente, sem as esconder

uma da outra, mas sem que jamais tampouco houvesse competição entre elas: cheia de nobreza, manteve-se sempre a primeira nas regiões elevadas, olhando desdenhosamente para a outra, que, quase invisível, pairava muito mais baixo.

Quanto ao casamento, além de ser um negócio em que nossa liberdade se restringe às primeiras gestões e cuja duração indeterminada nos é imposta, conclui-se geralmente em vista de outros objetivos e mil e um incidentes estranhos e imprevisíveis se misturam a ele, o que basta para perturbar o curso da mais viva afeição e romper o fio a que ela se prende. Ao passo que, quando se trata de amizade, nada intervém senão ela e ela unicamente. A tanto se acrescenta não estarem, em geral, as mulheres em condições de participar de conversas e trocas de idéias, por assim dizer necessárias à prática dessas relações de ordem tão elevada que a amizade cria; a alma delas parece carecer do vigor indispensável para sustentar o abraço apertado desse sentimento de duração ilimitada e que tão fortemente nos une.

Por certo, se se pudesse formar com uma mulher, livre e voluntariamente, semelhante ligação, em que não apenas a alma provasse plena satisfação mas também o corpo encontrasse seu prazer, em que cada qual assim se entregasse por inteiro, a amizade seria mais perfeita e total; mas não há exemplo de mulher que a tanto tenha chegado e, de comum acordo, todas as escolas filosóficas da antiguidade concluíram ser isso impossível.

Esse outro gênero de licenciosidade contra a natureza que era permitida entre os gregos, mas que nossos costumes reprovam com razão, exigindo como exigia certa diferença de idade e papéis diferentes, não atendia muito mais ao entendimento perfeito e à conformidade de sentimentos a que a amizade aspira:

“Quis est enim iste amor amicitiae? cur neque deformem Adolescentem quisquam amat, neque formosum senem?”

“Que significa afinal esse amor de amizade? Por que não se ama de amor nem um adolescente feio nem um belo ancião?” [Cícero].

E não me desmentirão os filósofos da Academia, pois tomo de empréstimo sua própria descrição: esse delírio, dizem eles, inspirado pelo filho de Vênus, que desde logo se apodera do amante e faz com que se entregue, sobre a flor de mocidade a que se afeioou, aos gestos mais extravagantes e apaixonados que pode insuflar um ardor excessivo, era simplesmente provocado pela beleza das formas exteriores e uma falsa semelhança com o ato do amor. Não era pelo espírito que o adolescente, objeto dessa paixão, podia inspirá-lo, não estava em condições de mostrá-lo, porque jovem demais e em vias de desenvolvimento. Se esses transportes tinham por objeto um indivíduo de sentimentos vulgares, dinheiro, presentes, honrarias, e outros favores igualmente pouco recomendáveis e que, de resto, tais filósofos condenavam, eram os meios postos em prática para vencer quaisquer resistências; se o indivíduo era de caráter mais elevado, faziam-se também os meios mais honrosos: ensinamentos filosóficos que propugnavam respeito à religião, a obediência às leis, o devotamento à pátria até o sacrifício da vida, a coragem, a sabedoria, a justiça. Era então pelas graças do espírito e a elevação da alma, compensando a beleza física já gasta, que o amante procurava ser aceito por aquele a quem propunha uma espécie de associação mental na esperança de acordo mais sério e duradouro. Realizada a ligação, ocorria um momento em que o espírito acordava no ser amado sob a influência das qualidades morais do amante. Um tal resultado não era imediato, pois nossos filósofos não impunham ao amante nenhum limite de tempo e lhe deixavam toda latitude para alcançar seus fins, admitindo que tais condições eram ainda mais normais no objeto da afeição, porquanto descobrir naquele com quem se ligava essas qualidades que constituíam uma beleza escondida e ser por elas seduzido era coisa longa e difícil. O desejo de uma concepção espiritual devia ser o principal: a beleza física não passaria de acidente. No amante o contrário era o certo e por isso davam os filósofos preferência ao papel do amado e pensavam que assim quisessem os deuses. Daí a censura ao poeta Ésquilo que invertera esses papéis nos amores de Aquiles e Pátroclo, dando o papel de amante a Aquiles, o qual imberbe e adolescente fora o mais belo dos gregos. Desta ligação moral e física, e da afeição dela decorrente, elemento essencial e confessável, diziam eles que resultavam conseqüências muito úteis tanto para os interessados como para o país. Que contribuía antes de mais nada para o fortalecimento da nação que aceitava o costume, e se constituía em principal defesa da justiça e da liberdade, como o testemunhavam os salutareos amores de Harmódio e Aristogíton. Daí, tacharem-na de divina, não tendo sido hostilizada senão pelos tiranos e a covardia do povo.

Todavia, pode-se alegar em favor da Academia o fato de que tais amores acabavam por se tornar amizades, o que se adapta bastante bem à definição que os estóicos dão do amor:

“Amorem conatum esse amicitiae faciendae Ex pulchritudinis specie.”

“Amor é o desejo de alcançar a amizade de uma pessoa que nos atrai pela beleza” [Cícero].

Volto à minha tese que diz respeito a uma amizade mais natural e estimável:

“Omnino amicitiae, corroboratis jam confirmatique, et Ingeniis, et aetatibus, judicandae sunt.”

“A amizade atinge sua irradiação total na maturidade da idade e do espírito” [Cícero].

Em suma, isso a que chamamos comumente amigo e amizade não passam de ligações familiares, travadas ao sabor da oportunidade e do interesse e por meio das quais nossas almas se entretêm. Na amizade a que me refiro [com La Boétie], as almas entrosam-se e se confundem em uma única alma, tão unidas uma à outra que não se distinguem, não se lhes percebendo sequer a linha de demarcação. Se insistirem para que eu diga por que o amava, sinto que o não saberia expressar senão respondendo: porque era ele; porque era eu.

E mais do que poderia dizer, de uma maneira geral e no caso em apreço, intervém em ligações dessa natureza uma força inexplicável e fatal que eu não saberia definir. Nós nos procurávamos antes de nos termos visto, pelo que ouvíamos um acerca do outro, e nascia em nós uma afeição em verdade fora de proporções com o que nos era relatado, no que vejo como que um decreto da Providência. Abraçávamo-nos pelos nossos nomes e em nosso primeiro encontro casual em Bordéus, por ocasião de

uma festa pública e em numerosa companhia, sentimo-nos tão atraídos um pelo outro, já tão próximos, já tão íntimos que desde então não se viram outros tão íntimos como nós. La Boétie escreveu em latim uma sátira que se publicou, na qual justifica e explica como nossa amizade tão repentina alcançou tão rapidamente esse grau de perfeição. Devia durar tão pouco, formara-se tão tarde (éramos ambos homens feitos e ele um pouco mais velho do que eu) que não havia tempo a perder e não podia essa amizade tomar por modelo outras amizades banais e moles que são necessariamente precedidas de freqüentação mais ou menos prolongada. A nossa foi única no gênero e deve-se tão-somente a si própria. Não ocorreu em consequência de um fato específico, ou de dois, de três ou de mil; a ela fomos levados por não sei que atração total, a qual em se assenhoreando de nossas vontades as impeliu a um impulso simultâneo e irresistível de se perderem uma na outra, de se fundirem em uma só. E digo 'perderem-se' porque na verdade essa associação de nossas almas se efetuou sem reserva de espécie alguma; nada tínhamos mais que nos pertencesse pessoalmente, que fosse dele ou meu.

Quando, após a condenação de Tibério Graco, em presença dos cônsules romanos que intentavam processo contra os que o haviam acompanhado, perguntou Lélío a Caio Blóssio, o mais íntimo amigo do condenado, até que ponto teria acedido às solicitações de Graco, respondeu-lhe Blóssio: – "Até o fim". – "Como até o fim? E se houvesse mandado incendiar os templos?" – "Jamais o houvera feito". – "Mas se o fizesse?" – "Eu obedeceria". Amigo de Graco em toda a força do termo, como no-lo dizem os historiadores, não temia ofender os cônsules com uma resposta tão ousada e não queria que pensassem não ter ele absoluta certeza da vontade de seu amigo. Os que consideram essa resposta sediciosa não compreendem o ascendente que ele exercia sobre tal vontade, o conhecimento que dela tinha e a segurança do que podia ser. Não conseguem entender esse mistério: Graco e ele eram amigos e mais amigos do que cidadãos, e mais do que amigos ou inimigos de seu país. Sua ambição, seus projetos subversivos vinham depois da amizade; tinham-se dado inteiramente um ao outro, suas vontades marchavam lado a lado. Imaginai-os guiados pela virtude e a razão – e não poderia ser de outro jeito – e convireis em que a resposta de Blóssio foi a que devia ser. Se tivessem divergido em suas ações, não teriam sido amigos um do outro, da maneira por que compreendo a amizade. Ademais, essa resposta não significa muito mais do que se eu afirmasse que, em me vindo a mim mesmo vontade de matar minha filha, eu o faria. Isso não quer dizer que semelhante idéia esteja nas minhas intenções, pois não duvido um só instante de meu domínio sobre a minha vontade, como não ponho em dúvida a deste meu amigo. Todos os argumentos do mundo não me tirarão a certeza que tenho de suas intenções e de sua maneira de pensar. Nenhuma de suas ações poderia ser-me apresentada sem que de imediato lhe percebesse o móvel. Nossas almas caminharam tão completamente unidas, tomadas uma pela outra de tão ardente afeição, essa afeição que penetra e lê no fundo de nós mesmos, que não somente eu conhecia a sua como a minha, mas teria, nas questões de meu interesse pessoal, mais confiança nele do que em mim mesmo.

Não se ponham no mesmo plano as amizades comuns; conheço-as tão bem quanto qualquer outro e algumas das mais perfeitas no gênero, mas seria um erro confundir-lhes as regras. Nessas outras amizades há sempre que segurar as rédeas e caminhar com prudência; o nó da união não é de tal solidez que não se deva desconfiar dele. "Amai", dizia Quílon, "como se tivésseis um dia que odiar, odiai como se tivésseis de amar". Este princípio, abominável no caso de uma amizade exclusiva que nos possua por inteiro, é salutar quando se trata dessas amizades verificáveis no curso habitual da existência e às quais se aplicam estas palavras de Aristóteles: "Ó meus amigos, um amigo é coisa que não existe".

Entre amigos, unidos por esse nobre sentimento, os serviços e favores, elementos essenciais às outras amizades, não entram em linha de conta e isso porque as vontades intimamente fundidas são uma só vontade. Assim como a afeição que tenho por mim não se amplia com um serviço que preste a mim mesmo (embora os estóicos afirmem o contrário); assim como não sou grato a mim mesmo do serviço prestado por mim mesmo, assim também a união de tais amigos atinge tal perfeição que os leva a perder a idéia de se deverem alguma coisa, e odiar e rechaçar todas essas palavras que tendem a estabelecer uma divisão ou diferença, como o favor, obrigação, reconhecimento, pedido, agradecimento e outras. Efetivamente, em tudo lhes sendo comum, vontade, pensamento, maneira de ver, bens, mulheres, filhos, honra e até a vida, e em procurando ser apenas uma alma em dois corpos, na expressão muito certa de Aristóteles, nada se podem pedir ou dar. Eis por que os legisladores, com o fito de emprestar ao casamento uma vaga semelhança com essa ligação de essência divina, proibem as doações entre marido e mulher, tentando assim levar-nos a entender que o que é de cada um deve ser de ambos e que nada do que lhes pertence se pode dividir ou atribuir pessoalmente a um dos cônjuges.

Se nessa amizade a que me refiro, um pudesse dar alguma coisa ao outro, o benfeitor é que seria o favorecido. Colocando ambos acima de tudo a felicidade de obsequiar o outro, quem dá a seu amigo a oportunidade de fazê-lo é quem se mostra mais generoso, pois lhe outorga a satisfação de realizar o que mais lhe apraz. Quando o filósofo Diógenes precisava de dinheiro dizia que ia reclamá-lo dos amigos, e não que lhes ia pedir. A fim de exemplificar com um fato esse estado de alma, vou apelar para os antigos. O corintiano Eudâmidas tinha dois amigos: Charixênio de Lición e Areteu de Corinto. Era pobre e eles ricos. Às vésperas de morrer, assim redigiu seu testamento: "Lego a Areteu o cuidado de tomar conta de minha mãe e suprir-lhe as necessidades durante a velhice; a Charixênio a obrigação de desposar minha filha e constituir-lhe um dote tão elevado quanto possível. No caso em que um deles venha a morrer, lego sua parte ao outro". Os primeiros que viram o testamento muito caçoaram dele, mas os herdeiros o aceitaram com uma alegria espantosa. Vindo a falecer Charixênio cinco dias depois, Areteu substituiu-o na parte que lhe cabia e tratou cuidadosamente do sustento da mãe; e, elevando-se seu patrimônio a cinco talentos, deu dois e meio à sua própria filha, que era filha única, e dois e meio de dote à filha de Eudâmidas. E as casou ambas no mesmo dia.

Este exemplo seria perfeito sem o número de amigos, pois essa perfeita amizade é indivisível. Cada qual se entrega tão inteiramente ao outro que nada resta por dividir. Ao contrário, lamenta não ser duplo ou triplo ou múltiplo e não ter várias almas para as entregar todas ao mesmo. As amizades comuns podem dividir-se: pode-se apreciar a beleza em certo amigo, e noutro o bom gênio. Num a liberalidade, noutro o modo por que se conduz como pai, e em outro ainda sua afeição fraternal, etc. Mas essa amizade que nos enche a alma e a domina não pode subdividir-se. Se temos dois amigos e ambos ao mesmo tempo pedem

socorro, a quem acudiremos? Se solicitam favores antagônicos, qual deles atenderemos? Se um nos exige silêncio acerca de alguma coisa que interessa ao outro, que faremos? Com um amigo único que ocupe em nossa vida lugar preponderante estamos desobrigados de tudo. O segredo que jurei não comunicar a ninguém, posso, sem ser perjuro, comunicá-lo a quem não é outro senão eu mesmo. Já é grande milagre dobrar-se assim. Os que falam de triplicar-se não lhe percebem a grandeza. Nada que possui seu semelhante é extremo. Quem supõe que, tendo dois amigos ama tanto um quanto o outro, e tanto quanto se amam entre si e quanto o amam igualmente, imagina ser possível multiplicar e transformar em confraria essa coisa única e homogênea tão difícil de encontrar no mundo. A história de Eudâmidas o confirma: emprega seus amigos segundo suas necessidades e com isso lhes outorga um favor que testemunha sua amizade para com eles; dá-lhes generosamente os meios de lhe serem úteis e a afeição que lhes dedica é muito maior ainda que a de Areteu.

Em suma, trata-se de sensações incompreensíveis a quem não as sentiu e que fazem com que eu aprecie tanto a resposta daquele jovem soldado a quem Ciro perguntava quanto queria pelo cavalo com o qual acabara de ganhar uma corrida, e se o trocaria por um reino: "Seguramente não, senhor, e no entanto eu o daria de bom grado se com isso obtivesse a amizade de um homem que eu considerasse digno de ser meu amigo". E estava certo ao dizer 'se', pois se encontramos facilmente homens aptos a travar conosco relações superficiais, o mesmo não se verifica quando procuramos uma intimidade sem reservas. É preciso então que tudo seja límpido e ofereça segurança total.

No que concerne às ligações que se sustentam por um só ponto, basta atentar para o que é suscetível de comprometer a solidez desse ponto. Não me importa a religião de meu médico ou de meu advogado, porquanto nada tem a ver com os serviços que deles espero. Assim penso em relação à minha criadagem. Não me informo acerca da castidade de um laçao, quero saber somente se é eficiente; se preciso de um palafrenero não me preocupo em verificar se é jogador e sim se não é imbecil; pouco se me dá seja meu cozinheiro um desbocado, conquanto saiba cozinhar; aliás, não me meto a ensinar às gentes o que devem fazer; outros se encarregam disso. Digo simplesmente o que faço:

"Mihi sic usus est: tibi, ut opus est facto, face."

"Assim procedo; quanto a vós, fazei como entenderdes" [Terêncio].

A familiaridade da mesa associa a pessoa agradável, não o sábio; para o leito procuro a beleza e não a bondade; para conversar, o homem competente; ainda que careça de nobreza de alma. E em tudo penso da mesma maneira.

Assim como aquele que foi encontrado montado a cavalo numa vassoura brincando com os filhos, pedia a quem o surpreendera que nada dissesse a ninguém antes de ser pai, na convicção de que os sentimentos, que uma tal qualidade faria nascer nele, o tornariam mais apto a entender a infantilidade, gostaria de me dirigir aqui somente a pessoas que tenham conhecido aquilo de que falo, não ignorando eu, embora, que uma tal amizade é rara e não esperando portanto deparar com um bom juiz. As próprias obras que a esse respeito nos legou a antiguidade parecem-me insossas, se comparadas com os sentimentos que experimento e cujos efeitos ultrapassam até os preceitos dos filósofos:

"Nil ego contulerim jucundo sanus amico."

"Enquanto for clarividente, não encontrarei nada comparável a um terno amigo" [Horácio].

Dizia Menandro que podia estimar-se feliz quem tivesse encontrado a sombra de um amigo. E tinha por certo razão de o dizer mesmo que houvesse conhecido tal felicidade. Se, com efeito, comparo o resto de minha vida, a qual graças a Deus me foi suave e fácil, isenta de aflições penosas (à exceção da perda de meu amigo), cheia de tranqüilidade de espírito, tendo-me contentado com as vantagens que devo à natureza e a minha condição social sem procurar outras; se comparo minha vida inteira aos quatro anos durante os quais me foi dado gozar a companhia tão amena de La Boétie, ela não passa de fumaça. É uma noite escura e aborrecida. Desde o dia em que o perdi,

***"Quern semper acerbum,
Semper honoratum (sic, di, voluistis) habeo,"***

"Dia infeliz, mas que honrarei sempre, porquanto tal foi a vontade dos Deuses" [Virgílio]

, não faço senão me arrastar melancolicamente. Os próprios prazeres que se me oferecem, em vez de me consolar ampliam a tristeza que sinto da perda, pois éramos de metade em tudo e parece, hoje, que lhe sonego a sua parte:

***"Nec fas esse ulla me voluptate hic frui
Decrevi, tantisper dum ille abest meus particeps."***

"Assim decidi não mais participar de nenhum prazer, agora que já não tenho aquele com quem tudo dividia" [Terêncio].

Já me acostumara tão bem a ser sempre dois que me parece não ser mais senão meio:

***"Illam meae si partem anima tulit
Maturior vis, quid moror altera?
Nec carus aequae, nec superstes
Integer? Ille dies utramque
Duxit ruinam."***

"Como uma morte prematura roubou-me a melhor parte de minha alma, que fazer com a outra? Um só e mesmo dia causou a perda de ambos" [Horácio].

Nada fazia, nem um só pensamento tinha que não lhe percebesse a ausência, como certamente, em caso semelhante, eu lhe faltaria. Porque se me ultrapassava em méritos de toda espécie e em virtude, também me sobreexcedia nos deveres da amizade:

***"Quis desiderio sit pudor, aut modus
Tam cari capitis?"***

"Por que se envergonhar? Por que deixar de chorar tão querida alma?" [Horácio].

*“O misero frater adempte mihi!
 Omnia tecum una perierunt gaudia nostra,
 Quae tuus in vita dulcis alebat amor.
 Tu mea, tu moriens fregisti commoda, frater;
 Tecum una tota est nostra sepulta anima
 Cujus ego interitu tota de menthe fugavi
 Haec studia, atque omnes delicias animi.
 Alloquar? audiero nunquam tua verba loquentem?
 Nunquam ego te, vita frater amabilior
 Aspiciam posthac; at certe semper amabo;”*

“Ó irmão, como sou infeliz por te haver perdido! Contigo pereceram de um só golpe todas as nossas alegrias e esse encanto que tua suave amizade deitava em minha vida. Ao morrer, irmão, despedaçaste toda a minha felicidade; minha alma desceu ao túmulo com a tua. Desde que não és mais, disse adeus ao estudo e a todas as coisas da inteligência. Não poderei mais falar-te e ouvir-te? Nunca mais te verei, então, ó irmão mais caro do que a vida! Ah, ao menos amar-te-ei sempre” [Catulo].

Projetara incluir aqui seu ‘Discurso sobre a Servidão Voluntária’ [inserido pelo editor no final deste volume]; mas esse escrito foi posteriormente publicado. Os que o publicaram, indivíduos que procuram perturbar nossa situação política atual e modificá-la, sem saber se a melhorarão, fizeram-no de má fé, intercalando-o entre outros escritos de autoria alheia e concebidos dentro de um mau espírito, razão pela qual desisti de meu intento. Não querendo entretanto que sobre a memória do autor pese a opinião desfavorável de quem não o viu de perto nas suas opiniões e ações, advirto que este ensaio, que foi composto na sua juventude e tão-somente a título de exercício, ventila um tema freqüentemente tratado nos livros. Não ponho em dúvida que La Boétie pensasse o que escrevia, pois era demasiado consciencioso para mentir, mesmo em se divertindo. E sei também que se pudesse escolher teria preferido nascer em Veneza a nascer em Sarlac; e com razão. Mas obedecer e submeter-se às leis sob as quais vivia era um princípio que, para ele, primava entre os demais. Nunca houve melhor cidadão; ninguém desejou mais a tranqüilidade de seu país, nem foi mais inimigo das perturbações e das idéias novas que ocorreram em seu tempo. Muito mais se devotara a extingui-las do que a fornecer argumentos que lhes favorecessem a propagação. Seu espírito era moldado sobre o modelo de séculos diferentes dos nossos.

Em troca dessa obra apresentarei outra, mais livre e leve, elaborada nessa mesma fase de sua vida.

Capítulo XXVIII

29 sonetos de Etienne de La Boétie para Madame de Grammont, Condessa de Guissen

Madame, eu a presenteio com algo que não é meu, seja porque já é seu ou porque não encontrei nada mais à altura da sua dignidade. Mas onde quer que estes versos sejam vistos, pela exaltação que deles redundará tendo essa gloriosa Corisanda de Andoins como seu guia, pensei que seria bom adorná-los com o seu nome honrado. Julguei este presente adequado para vossa senhoria, ainda mais considerando como na França são poucas as senhoras que melhor podem avaliar a Poesia – ou utilizá-la com maior propriedade – que vosso próprio merecimento: e desde que nestes dias de tristeza nada pode dar a eles mais vida ou vigor de espírito que você, por esse pacto esmerado e altamente harmônico, possivelmente uma entre um milhão de outras raras belezas com que a Natureza ricamente a enfeitou. Senhora, estes versos são dignos de vossa apreciação: e estou persuadido que você será de minha opinião; que aqueles que nunca saíram da Gascônia, que tenham mais inteligência ou melhor capacidade inventiva e que testemunhem ter procedido de um veio mais rico. E não permita que nenhum ciúme se aposse de você, porquanto tens o restante daquilo de que eu outrora fui causador por mandá-los imprimir sob o nome do meu Senhor de Foix, seu respeitável, nobre e bem-amado parente: pois têm estes verdadeiramente um tipo de jovialidade, e uma ênfase mais penetrante que quaisquer outros, e a qual eu não consigo expressar bem: ele os fez em sua juventude primaveril, quando estava inflamado por uma chama nobre e gloriosa, como eu um dia hei de contar aos seu dignos ouvidos. Posteriormente ele fez outros em favor de sua esposa, na época em que a cortejou e pediu em casamento, e começou a sentir que eu percebia que ele não era um guerreiro insensível e um marido indiferente. Eu sou desses cuja opinião é que a divina Poesia não é nenhuma moda passageira, e tão efetivamente aplaudida como um assunto vigoroso, audacioso e incontrolável. Os supracitados vinte e nove Sonetos de Boétie, aqui mencionados nas impressões anteriores deste livro, foram desde então impressos com os outros trabalhos dele.

1 C’est Amour, c’est Amour, c’est luy seul, je le sens:
 Mais le plus vif amour, la poison la plus forte
 A qui onq pauvre coeur ait ouverte la porte.
 Ce cruel n’a pas mis un de ses traictz perçans,
 Mais arcq, traits et carquois, et luy tout, dans mes sens.
 Encor un mois n’a pas que ma franchise est morte,
 Que ce venin mortel dans mes veines je porte,
 Et desjà j’ay perdu et le coeur et le sens.
 Et quoy? si cet amour à mesure croissoit,
 Qui en si grand tourment dedans moy se conçoit!

2 C’est fait, mon coeur, quitons la liberté.
 Dequoy meshuy serviroit la deffence,
 Que d’agrandir et la peine et l’offence?
 Plus ne suis fort, ainsi que j’ay esté.
 La raison fust un temps de mon costé,
 Or, revoltée, elle veut que je pense
 Qu’il faut servir, et prendre en recompence
 Qu’oncq d’un tel neud nul ne feust arresté.
 S’il se faut rendre, alors il est saison,
 Quand on n’a plus devers soy la raison.

Ô croistz, si tu peuz croistre, et amande en croissant.
Tu te nourris de pleurs; des pleurs je te prometz,
Et, pour te refreschir, des souspirs pour jamais;
Mais que le plus grand mal soit au moings en naissant!

Je voy qu'Amour, sans que je le deserve,
Sans aucun droict, se vient saisir de moy;
Et voy qu'encor il faut à ce grand Roy,
Quand il a tort, que la raison luy serve.

3 C'estoit alors, quand, les chaleurs passees,
Le sale Automne aux cuves va foulant
Le raisin gras dessoubz le pied coulant,
Que mes douleurs furent encomencees.
Le paisan bat ses gerbes amassees,
Et aux caveaux ses bouillans muis roulant,
Et des fruitiers son automne croulant,
Se vange lors des peines avancées.
Seroit ce point un presage donné
Que mon espoir est desjà moissonné?
Non certes, non! Mais pour certain je pense,
J'auray, si bien à deviner j'entends,
Si l'on peult rien prognostiquer du temps,
Quelque grand fruit de ma longue esperance.

4 Ce dict maint un de moy: "De quoy se plaint il tant,
Perdant ses ans meilleurs, en chose si legiere?
Qu'a il tant à crier, si encore il espere?
Et, s'il n'espere rien, pour quoy n'est il content?"
Quand j'estois libre et sain, j'en disois bien autant;
Mais certes celuy là n'a la raison entiere,
Ains a le coeur gasté de quelque rigueur fiere,
S'il se plaint de ma plainte, et mon mal il n'entend.
Amour, tout à un coup, de cent douleurs me point:
Et puis l'on m'advertit que je ne crie point!
Si vain je ne suis pas que mon mal j'agrandisse,
A force de parler: s'on m'en peut exempter,
Je quitte les sonnetz, je quitte le chanter
Qui me deffend le deuil, celuy là me guerisse.

5 Ce n'est pas moy que l'on abuse ainsi:
Qu'à quelque enfant, ces ruzes on emploie,
Qui n'a nul goust, qui n'entend rien qu'il oye:
Je sçay aymer, je sçay hayr aussi.
Contente toy de m'avoir jusqu'ici
Fermé les yeux; il est temps que j'y voie,
Et que meshui las et honteux je soye
D'avoir mal mis mon temps et mon souci.
Oserois tu, m'ayant ainsi traicté,
Parler à moy jamais de fermeté?
Tu prendz plaisir à ma douleur extreme;
Tu me deffends de sentir mon tourment,
Et si veux bien que je meure en t'aimant:
Si je ne sens, comment veus tu que j'aime?

6 Ce sont tes yeux tranchans qui me font le courage.
Je veoy saulter dedans la gaie liberté,
Et mon petit archer, qui mene à son costé
La belle gaillardise et plaisir le volage;
Mais apres, la rigueur de ton triste langage
Me monstre dans ton coeur la fiere honesteté;
Et, condamné, je veoy la dure chasteté
Là gravement assise et la vertu sauvage.
Ainsi mon temps divers par ces vagues se passe:
Ores son oeil m'appelle, or sa bouche me chasse.
Helas! en cest estrif, combien ay je enduré!
Et puis qu'on pense avoir d'amour quelque assurance
Sans cesse, nuict et jour, à la servir je pense,
Ny encor de mon mal ne puis estre assuré.

7 J'ay tant vescu, chetif, en ma langueur,
Qu'or j'ay veu rompre, et suis encor en vie.
Mon esperance avant mes yeulx ravie,
Contre l'escueil de sa fiere rigueur.
Que m'a servy de tant d'ans la longueur?
Elle n'est pas de ma peine assouvie:
Elle s'en rit, et n'a point d'aultre envie
Que de tenir mon mal en sa vigueur.
Doncques j'auray, mal'heureux en aymant,
Tousjours un coeur, tousjours nouveau torment,
Je me sens bien que j'en suis hors d'alaine,

8 J'ay veu ses yeulx perçans, j'ay veu sa face claire;
Nul jamais, sans son dam, ne regarde les Dieux:
Froit, sans coeur me laissa son oeil victorieux,
Tout estourdy du coup de sa forte lumiere:
Comme un surpris de nuict aux champs, quand il esclaire,
Estonné, se pallist si la fleche des cieulx,
Sifflant, luy passe contre et luy serre les yeulx;
Il tremble, et veoit, transi, Jupiter en cholere.
Dy moy, Madame, au vray, dy moy, si tes yeulx verts
Ne sont pas ceulx qu'on dict que l'Amour tient couverts?
Tu les avois, je croy, la fois que je t'ay veüe;

Prest à laisser la vie sous le faix:
Qu'y feroit on, sinon ce que je fais?
Piqué du mal, je m'obstine en ma peine.

Au moins il me souvient qu'il me feust lors advis
Qu'Amour, tout à un coup, quand premier je te vis,
Desbanda dessus moy et son arc et sa veüe.

9 J'estois prest d'encourir pour jamais quelque blasme,
De colere eschaufé, mon courage brusloit,
Ma fole voix au gré de ma fureur branloit,
Je despitois les Dieux, et encores Madame,
Lors qu'elle, de loing, jecte un brefuet dans ma flamme:
Je le sentis soudain comme il me rabilloit,
Qu'aussi tost devant lui ma fureur s'en alloit,
Qu'il me rendoit, vainqueur, a sa place mon ame.
Entre vous qui, de moy, ces merveilles oiés,
Que me dites vous d'elle? et je vous prie, voyez,
S'ainsi comme je fais, adorer je la dois?
Quels miracles en moi pensés vous qu'elle fasse
De son oeil tout puissant, ou d'un rai de sa face,
Puis qu'en moi firent tant les traces de ses doigtz?

10 Jà reluisoit la benoïste journée
Que la nature au monde te devoit,
Quand des thresors qu'elle te reservoit
Sa grande clef te feust abandonnee.
Tu prins la grace à toy seule ordonnee,
Tu pillas tant de beautez qu'elle avoit,
Tant qu'elle fiere, a lors qu'elle te veoit,
En est par fois elle mesme estonnee.
Ta main de prendre en fin se contenta,
Mais la nature encor te presenta,
Pour t'enrichir, ceste terre où nous sommes.
Tu n'en prins rien: mais, en toy tu t'en ris,
Te sentant bien en avoir assez pris
Pour estre ici royne du coeur des hommes.

11 Je tremblois devant elle, et attendois, transi,
Pour venger mon forfait quelque juste sentence,
A moi mesme consent du poids de mon offence,
Lors qu'elle me dict: "Va, je te prens à merci.
Que mon loz desormais par tout soit esclarci:
Emploie là tes ans, et, sans plus, meshuy pence
D'enrichir de mon nom par tes vers nostre France,
Couvre de vers ta faulte, et paie moi ainsi".
Sus donc, ma plume! Il faut, pour jouir de ma peine,
Courir par sa grandeur d'une plus large veine.
Mais regarde à son oeil, qu'il ne nous abandonne.
Sans ses yeux, nos espritz se mourroient languissants:
Ilz nous donnent le coeur, ilz nous donnent le sens:
Pour se payer de moy, il faut qu'elle me donne.

12 Je voy bien, ma Dourdouigne, encor humble tu vas:
De te montrer Gasconne, en France, tu as honte.
Si du ruisseau de Sorgue on fait ores grand conte,
Si a il bien esté quelquefois aussi bas.
Voys tu le petit Loir comme il haste le pas?
Comme desjà parmy les plus grands il se conte?
Comme il marche hautain d'une course plus prompte
Tout à costé du Mince, et il ne s'en plaint pas?
Un seul olivier d'Arne, enté au bord de Loire,
Le fait courir plus brave et luy donne sa gloire.
Laisse, laisse moy faire; et un jour, ma Dourdouigne,
Si je devine bien, on te cognoistra mieux:
Et Garonne, et le Rhone, et ces autres grands Dieux,
En auront quelque enuie, et, possible, vergoigne.

13 Lors que lasse est de me lasser ma peine,
Amour, d'un bien mon mal refreschissant,
Flate au coeur mort ma playe languissant,
Nourrit mon mal, et luy faict prendre alaine.
Lors je conçoÿ quelque esperance vaine;
Mais aussi tost ce dur tyran, s'il sent
Que mon espoir se renforce en croissant,
Pour l'estoufer, cent tourmans il m'ameine.
Encor tout frez: lors je me veois blasmant
D'avoir esté rebelle, à mon tourmant.
Vive le mal, ô Dieux, qui me dévore!

14 N'ayez plus, mes amis, n'ayez plus ceste envie
Que je cesse d'aimer; laissés moi, obstiné,
Vivre et mourir ainsi, puisqu'il est ordonné:
Mon amour, c'est le fil auquel se tient ma vie.
Ainsi me dict la fee; ainsi en Aeagrie,
Elle fait Meleagre à l'amour destiné,
Et alluma la souche à l'heure qu'il fust né,
Et dict: "Toy et ce feu, tenez vous compaignie".
Elle le dict ainsi, et la fin ordonnee
Suyvit apres le fil de ceste destinee.
La souche (ce dict on) au feu fut consommee.

Vive à son gré mon tourmant rigoureux!
Ô bien heureux, et bien heureux encore,
Qui sans relasche est toujours mal'heureux!

Et des lors (grand miracle), en un mesme momant,
On veid, tout à un coup, du miserable amant
La vie et le tison s'en aller en fumee.

15 Ô coeur léger, ô courage mal seur,
Penses tu plus que souffrir je te puisse?
Ô bonté creuze, ô couverte malice,
Traître beauté, venimeuse douceur!
Tu estois donc toujours seur de ta soeur?
Et moy, trop simple, il falloit que j'en fisse
L'essay sur moy, et que tard j'entendisse
Ton parler double et tes chantz de chasseur?
Depuis le jour que j'ay prins à t'aymer,
J'eusse vaincu les vagues de la mer:
Qu'est ce meshuy que je pourrois attendre?
Comment de toy pourrois j'estre content?
Qui apprendra ton coeur d'estre constant,
Puis que le mien ne le luy peut apprendre?

16 Ô l'ai je dict? hélas! l'ai je songé?
Ou si, pour vrai, j'ai dict blasphème telle?
Ça, faulce langue, il faut que l'honneur d'elle,
De moi, par moi, dessus moy, soit vangé.
Mon coeur chez toi, ô Madame, est logé:
Là donne lui quelque geine nouvelle,
Fais luy souffrir quelque peine cruelle;
Fais, fais lui tout, fors lui donner congé.
Or seras tu (je le sçai) trop humaine,
Et ne pourras longuement voir ma peine.
Mais un tel faict, faut il qu'il se pardonne?
A tout le moins, hault je me desdiray
De mes sonnetz, et me desmentiray:
Pour ces deux faux, cinq cent vrais je t'en donne.

17 Ô vous, mauditz sonnetz, vous qui prinestes l'audace
De toucher à Madame! ô malings et pervers,
Des Muses le reproche, et honte de mes vers!
Si je vous feis jamais, s'il fault que je me face
Ce tort de confesser vous tenir de ma race,
Lors, pour vous, les ruisseaux ne furent pas ouverts
D'Apollon le doré, des Muses aux yeulx verts;
Mais vous receut naissants Tisiphone en leur place.
Si j'ay oncq quelque part à la posterité,
Je veulx que l'un et l'autre en soit desherité.
Et si au feu vengeur dez or je ne vous donne,
C'est pour vous diffamer: vivez, chetifz, vivez;
Vivez aux yeulx de tous, de tout honneur privez;
Car c'est pour vous punir, qu'ores je vous pardonne.

18 Ô, entre tes beautez, que ta constance est belle!
C'est ce coeur asseuré, ce courage constant,
C'est, parmi tes vertus, ce que l'on prise tant:
Aussi qu'est il plus beau qu'une amitié fidelle?
Or, ne charge donc rien de ta soeur infidele,
De Vesere, ta soeur: elle va s'escartant,
Tousjours flotant mal seure en son cours inconstant:
Voy tu comme, à leur gré, les vans se jouent d'elle?
Et ne te repent point, pour droict de ton ainsage,
D'avoir desjà choisi la constance en partaige.
Mesme race porta l'amitié souveraine
Des bons jumeaux, desquelz l'un à l'autre despart
Du ciel et de l'enfer la moitié de sa part,
Et l'amour diffamé de la trop belle Heleine.

19 Or, dis je bien, mon esperance est morte.
Or est ce faict de mon ayse et mon bien.
Mon mal est clair: maintenant je veoy bien,
J'ay espousé la douleur que je porte.
Tout me court sus, rien ne me reconforte,
Tout m'abandonne, et d'elle je n'ay rien,
Sinon toujours quelque nouveau soustien,
Qui rend ma peine et ma douleur plus forte.
Ce que j'attends, c'est un jour d'obtenir
Quelques souspirs des gent de l'advenir:
Quelqu'un dira dessus moy par pitié:

20 Pardon, Amour, Pardon: ô seigneur, je te voïe
Le reste de mes ans, ma voix et mes escrits,
Mes sanglots, mes souspirs, mes larmes et mes cris:
Rien, rien tenir d'aucun que de toy, je n'advouïe.
Hélas! comment de moy ma fortune se joue!
De toy, n'a pas long temps, Amour, je me suis ris:
J'ay failly, je le voy, je me rends, je suis pris;
J'ay trop gardé mon coeur; or je le desadvouïe.
Si j'ay, pour le garder, retardé ta victoire,
Ne l'en traite plus mal: plus grande en est ta gloire;
Et si du premier coup tu ne m'as abbattu,

”Sa dame et luy nasquirent destinez,
Également de mourir obstinez,
L’un en rigueur, et l’autre en amitié.

Pense qu’un bon vainqueur, et n’ay pour estre grand,
Son nouveau prisonnier, quand un coup il se rend,
Il prise et l’ayme mieux, s’il a bien combatu.

21 Puis qu’ainsi sont mes dures destinees,
J’en saouleray, si je puis, mon soucy,
Si j’ay du mal, elle le veut aussi:
J’accompliray mes peines ordonnees.
Nymphes des bois, qui avez, estonnees,
De mes douleurs, je croy, quelque mercy,
Qu’en pensez-vous? Puis-je durer ainsi,
Si à mes maux tresves ne sont donnees?
Or si quelqu’une à m’escouter s’encline,
Oyés, et pour Dieu, ce qu’orez je devine:
Le jour est prez que mes forces jà vaines
Ne pourront plus fournir à mon tourment;
C’est mon espoir; si je meurs en aimant,
A donc, je croy, failliray je à mes peines.

22 Quand tes yeux conquerans estonné je regarde,
J’y veoy dedans à clair tout mon espoir escript;
J’y veoy dedans Amour luy mesme qui me rit,
Et m’y monstre, mignard, le bon heur qu’il me garde.
Mais, quand de te parler par fois je me hazarde
C’est lors que mon espoir desseiché se tarit;
Et d’avouer jamais ton oeil, qui me nourrit,
D’un seul mot de faveur, cruelle, tu n’as garde.
Si tes yeux sont pour moy, or voy ce que je dis:
Ce sont ceux là, sans plus, à qui je me rendis.
Mon Dieu, quelle querelle en toi mesme se dresse,
Si ta bouche et tes yeux se veulent desmentir?
Mieux vaut, mon doux tourment, mieux vaut les despartir,
Et que je prenne au mot de tes yeux la promesse.

23 Quand viendra ce jour là, que ton nom au vray passe
Par France dans mes vers? combien et quantes fois
S’en empresse mon coeur, s’en demangent mes doigts?
Souvent dans mes escrits de soy mesme il prend place.
Maulgré moy je t’escris, maulgré moy je t’efface.
Quand Astree viendrait, et la foy, et le droit,
Alors, joyeux, ton nom au monde se rendroit.
Ores, c’est à ce temps, que cacher il te face,
C’est à ce tempts maling une grande vergoigne.
Donc, Madame, tandis, tu seras ma Dourdouigne.
Toutesfois laisse moy, laisse moy ton nom mettre;
Ayez pitié du temps: si au jour je te metz,
Si le temps te cognoist, lors je te le promet,
Lors il sera doré, s’il le doit jamais estre.

24 Quant à chanter ton los par fois je m’aventure,
Sans ozer ton grand nom dans mes vers exprimer,
Sondant le moins profond de ceste large mer,
Je tremble de m’y perdre, et aux rives m’assure;
Je crains, en loüant mal, que je te face injure.
Mais le peuple, estonné d’ouïr tant t’estimer,
Ardant de te cognoistre, essaie à te nommer,
Et, cherchant ton saint nom ainsi à l’aventure,
Esblouï, n’attaint pas à veoir chose si claire;
Et ne te trouve point, ce grossier populaire,
Qui n’ayant qu’un moyen, ne veoit pas celuy là:
C’est que s’il peut trier, la comparaison faicte,
Des parfaites du monde, une la plus parfaite,
Lors, s’il a voix, qu’il crie hardiment: ”La voylà!”

25 Quoy? qu’est ce? ô vans, ô nuës, ô l’orage!
A point nommé, quand moy d’elle aprochant,
Les bois, les monts, les baisses vois tranchant,
Sur moy, d’aguest, vous passez vostre rage.
Ores mon coeur s’embrase d’avantage.
Allez, allez faire peur au marchant
Qui dans la mer les thresors va cherchant:
Ce n’est ainsi qu’on m’abbat le courage.
Quand j’oy les ventz, leur tempeste et leurs cris,
De leur malice, en mon coeur, je me ris:
Me pensent ils pour cela faire rendre?

26 Si contre Amour je n’ay autre deffence,
Je m’en plaindray, mes vers le maudiront,
Et apres moy les roches rediront
Le tort qu’il fait à ma dure constance.
Puis que de luy j’endure cette offence,
Au moings tout haut, mes rithmes le diront,
Et nos neveux, a lors qu’ilz me liront,
En l’outrageant, m’en feront la vengeance.
Ayant perdu tout l’aise que j’avois,
Ce sera peu que de perdre ma voix.
S’on sçait l’aigreur de mon triste soucy,

Face le ciel du pire, et l'air aussi:
Je veus, je veus, et le declaire ainsi,
S'il faut mourir, mourir comme Leandre.

Et fut celuy qui m'a faict ceste playe,
Il en aura, pour si dur coeur qu'il aye,
Quelque pitié, mais non pas de mercy.

27 Si ma raison en moy s'est peu remettre,
Si recouvrer asthure je me puis,
Si j'ay du sens, si plus homme je suis,
Je t'en mercie, ô bien heureuse lettre.
 Qui m'eust (hélas), qui m'eust sceu reconnoistre,
 Lors qu'enragé, vaincu de mes ennuyes,
 En blasphémant, Madame je poursuis?
 De loing, honteux, je te vis lors paroistre,
Ô saint papier; alors je me revins,
Et devers toy devotement je vins:
Je te donrois un autel pour ce fait,
 Qu'on vist les traictz de ceste main divine;
 Mais de les veoir aucun homme n'est digne,
 Ny moi aussi, s'elle ne m'en eust faict.

28 Toy qui oys mes souspirs, ne me sois rigoureux,
Si mes larmes à part, toutes mienes, je verse,
Si mon amour ne suit en sa douleur diverse
Du Florentin transi les regretz langoureux,
 Ny de Catulle aussi, le foulastre amoureux,
 Qui le coeur de sa dame en chastouillant luy perce,
 Ny le sçavant amour du mi-gregeois Properce:
 Ils n'ayment pas pour moy, je n'ayme pas pour eulx.
Qui pourra sur aultruy ses douleurs limiter,
Celuy pourra d'altruy les plainctes imiter:
Chascun sent son tourment, et sçait ce qu'il endure.
 Chascun parla d'amour ainsi qu'il l'entendit.
 Je dis ce que mon coeur, ce que mon mal me dict.
 Que celuy ayme peu, qui ayme à la mesure!

29 Vous qui aimez encore ne sçavez,
Ores, m'oyant parler de mon Leandre,
Ou jamais non, vous y devez aprendre,
Si rien de bon dans le coeur vous avez.
 Il oza bien, branlant ses bras lavez,
 Armé d'amour, contre l'eau se deffendre
 Qui pour tribut la fille voulut prendre,
 Ayant le frere et le mouton sauvez.
Un soir, vaincu par les flos rigoureux,
Voyant desjà, ce vaillant amoureux,
Que l'eau maistresse à son plaisir le tourne,
 Parlant aux flos, leur jecta cette voix:
 "Pardonnez moy, maintenant que j'y voisis,
 Et gardez moy la mort, quand je retourne".

Capítulo XXIX

Sobre a moderação

Como se tivéssemos infecioso o tato, ocorre-nos corromper em as manuseando, as coisas que, em si, são belas e boas. A virtude pode tornar-se vício se ao seu exercício nos dedicamos com demasiada avidez e violência. E jogam com as palavras os que dizem não haver excesso na virtude porque não há virtude onde há excesso:

*"Insani sapiens nomen ferat, aequus iniqui,
Ultra quam satis est, virtutem si petat ipsam."*

"Não é sábio o sábio, nem justo o justo, se seu amor à virtude é exagerado" [Horácio].

Trata-se de uma sutileza filosófica. Pode-se dedicar imoderado amor à virtude e ser excessivo em uma causa justa. Preconiza o apóstolo, a esse respeito, um equilíbrio razoável: "Não sejas mais comportados do que o necessário; ponde alguma sobriedade no bom comportamento" [São Paulo]. Vi um dos grandes deste mundo prejudicar a religião por se entregar a práticas religiosas incompatíveis com a sua condição social. Aprecio os caracteres moderados e prudentes: ultrapassar a medida, ainda que no sentido do bem, é coisa que me espanta, se não me incomoda, e a que não sei como chamar. Mais estranha do que justa se me afigura a conduta da mãe de Pausânias que foi a primeira a denunciá-lo e a contribuir com a primeira pedra para a morte do filho [a mãe de Pausânias depositara um tijolo diante do templo de Minerva onde se refugiara o rei, seu filho; os lacedemônios, aprovando-lhe o julgamento simbólico, ergueram muros em torno do refúgio e assim compeliram o prisioneiro a morrer de fome]; nem tampouco aprovo a atitude do ditador Postúmio mandando matar o filho que, no entusiasmo da mocidade, saíra das fileiras para atacar o inimigo, com felicidade aliás. Não me sinto propenso nem a aconselhar nem a imitar tão bárbara virtude, e tão cara. Falha o arqueiro que ultrapassa o alvo da mesma maneira que aquele que o não alcança. Minha vista se perturba se de repente enfrenta uma luz violenta, e então vejo tão pouco como na escuridão.

Cálices diz, em Platão, que a filosofia levada ao extremo é prejudicial e aconselha que não nos dediquemos a ela além dos limites de sua utilidade. Praticada com moderação é agradável e cômoda; mas se ultrapassa tais limites, ela acaba tornando o homem insociável e viciado, desdenhoso da religião e das leis que nos governam, inimigo da boa conversação, dos prazeres permitidos, incapaz de exercer funções públicas, de prestar socorro a alguém e a si próprio, bom para ser impunemente esbofeteado. Cálices tem razão: levada ao exagero, a filosofia escraviza nossa franqueza natural e, mediante sutilezas importunas,

nos desvia do belo caminho que a natureza nos traça.

A amizade que dedicamos às nossas mulheres é legítima. Não deixa entretanto a teologia de freá-la e de restringi-la. Creio ter lido outrora em Santo Tomás um trecho em que, entre outras razões alegadas contra o casamento de parentes próximos, havia esta: a possibilidade de ser a amizade, por uma mulher nessas condições, imoderada. Porque se à afeição inteira, perfeita e natural do marido pela mulher se acrescenta ainda a do parentesco, é de se temer que a sobrecarga arraste o homem para além do razoável.

As ciências que regem os costumes, como a teologia e a filosofia, tudo controlam. Não há ato privado e secreto que não conheçam e que escape à sua jurisdição. Errados os que lhe censuram tal ingerência, pois nisso se assemelham às mulheres que se entregam a todas as fantasias mas se envergonham de se mostrar ao médico. Que os maridos – se ainda existem demasiado propensos às relações conjugais – saibam que esses prazeres são reprovados quando não há moderação e que assim também podem pecar por licenciosidade e desregramento tal qual nos casos de relações ilegítimas. As carícias vergonhosas a que a paixão pode impelir no ardor dos primeiros transportes, em se tratando de nossas mulheres, são não apenas indecentes mas ainda prejudiciais. Que não seja, ao menos, por nosso intermédio que aprendam o despudor. Para as nossas necessidades não precisam ser mais sabidas do que são. Quanto a mim, nunca agi senão de maneira mais simples e natural.

O casamento é uma ligação consagrada pela religião e o respeito; eis por que o prazer que dele auferimos deve ser um prazer recatado, sério, até certo ponto austero; deve ser um ato de volúpia particularmente discreto e consciencioso. Sendo o seu objetivo essencial a procriação, há quem duvide de sua legitimidade se não tivermos a esperança de um fruto, como no caso de estar a mulher grávida ou ser demasiado idosa. Trata-se então de um homicídio, segundo Platão.

Em certos povos, em particular entre os muçulmanos, é abominável ter relações sexuais com uma mulher grávida. E há quem reprove igualmente qualquer aproximação com a mulher nas épocas de suas regras. Zenóbia somente dava satisfação ao marido em vista da concepção. Deixava-o em seguida divertir-se com outras durante a gravidez e só o aceitava novamente depois do parto. Eis um belo exemplo de casamento.

É provável que Platão tenha colhido em algum poeta esfaimado de prazeres a seguinte história: Júpiter, de uma feita, andava em tal estado de excitação que, sem esperar que sua mulher alcançasse o leito, a possuiu no chão mesmo, e com a violência do prazer esqueceu as grandes e importantes resoluções que acabara de tomar em sua corte celeste, de acordo com os outros deuses; e vangloriava-se do fato dizendo que a sensação de então fora tão grande quanto a que tivera ao desvirginá-la às escondidas dos pais.

Os reis da Pérsia admitiam que suas mulheres lhes fizessem companhia nos festins, mas quando o vinho começava a esquentar os espíritos e que não podiam mais conter-se, mandavam-nas de volta a seus apartamentos a fim de que não compartilhassem dos apetites imoderados, e determinavam que fossem substituídas por cortesãs, às quais não deviam o mesmo respeito.

Não são decentes para todas as pessoas os mesmos prazeres. Epaminondas mandara encarcerar um jovem debochado; pediu-lhe Pelópidas que o soltasse. Epaminondas recusou-o; cedeu entretanto à solicitação da jovem amante do rapaz, dizendo que tal satisfação se dava a uma amiga e não a um capitão. Sófocles, quando pretor juntamente com Péricles, disse ao ver passar um belo rapaz: Oh! que lindo jovem! Ao que Péricles atalhou: uma tal exclamação seria permitida a qualquer um menos a um pretor, pois o magistrado deve ser casto e não só nas ações como nos olhares.

O Imperador Elío Vero respondeu à sua mulher, que se queixava de que ele a abandonasse para ter relações alhures: que o fazia porque era consciencioso, porquanto o casamento é ato digno e honroso e não de lasciva concupiscência. Nossa história eclesiástica conservou e honrou a memória daquela mulher que repudiou o marido não querendo prestar-se a suas carícias insolentes e desregradas.

Em suma, não há prazer, por mais legítimo, que não seja censurável em seus excessos. A bem dizer o homem é um pobre animal. Têm apenas um prazer, um único cujo gozo pleno e puro a natureza lhe concede, e sua razão recomenda que não abuse dele. Não se acha bastante miserável, é preciso ainda que pelo raciocínio e o estudo aumente sua miséria:

“Fortunae miseris auximus arte vias.”

“Esforçamo-nos nós mesmos por agravar a miséria de nossa condição” [Propércio].

A sabedoria humana toalmente se empenha em restringir o número e o sabor dos nossos prazeres, ao passo que se mostra judiciosamente engenhosa em dissimular ou embelezar os males da existência, atenuando-lhes os efeitos. Se estivesse em mim, houvera seguido caminho mais natural, isto é, verdadeiro, cômodo e perfeito, e talvez tivesse conseguido contê-la, embora nossos médicos, tanto os do espírito como os do corpo, e como que de comum acordo, só considerem capazes de curar ou mitigar nossas enfermidades físicas e morais, os tormentos, a dor, o esforço penoso. Para tanto, inventaram-se as vigílias, os jejuns, os cilícios, os exílios longínquos e voluntários, a prisão perpétua, as vergas e outras aflições, mas aflições reais de que resultem tristes mortificações e não como ocorreu com um tal Gálio, o qual, exilado em Lesbos, aí levava uma vida airosa. Souberam em Roma que o que lhe haviam imposto como castigo se transformara em prazer. Voltaram atrás então e o chamaram para junto da mulher e da família, com ordem de não se deslocar, regulando assim a natureza do castigo pelos seus efeitos. Em verdade, não seria o jejum regime salutar para quem com ele se sentisse mais alegre e saudável; ou o peixe para quem o preferisse à carne. Da mesma forma, na outra terapêutica são as drogas sem efeito para quem as toma com prazer, pois o amargor e o suplício de tomá-las ajuda a cura. O ruibarbo perderia sua eficiência em quem o aceitasse de bom grado; para que opere é preciso que o remédio excite o estômago e a regra que determina que cada coisa seja curada pela coisa contrária falha aqui: o mal é que cura o mal.

Esta impressão tem alguma relação com essa outra mui antiga, de conciliar o céu e a natureza mediante sacrifícios humanos, e que tiveram universalmente todas as religiões. Ainda em épocas mais ou menos recentes Amurat, por ocasião da tomada do istmo de Corinto, imolou seiscentos jovens gregos à alma de seu pai, a fim de que o sangue redimisse os pecados do defunto.

Nessas regiões ultimamente descobertas, ainda puras e virgens comparativamente às nossas, é costume sejam os ídolos embebidos de sangue humano, o que por vez ocorre em meio a horríveis requintes de crueldade. As vítimas são queimadas vivas e retiradas da fogueira semi-assadas, para que lhes arranquem o coração e as entranhas. Alhures esfolam-nas vivas e com a pele sanguinolenta revestem outras pessoas, ou as mascaram, e assim procedem mesmo quando as vítimas são do sexo feminino. Isto dá azo por vezes a exemplos notáveis de firmeza de ânimo e de resolução. Esses infelizes, velhos, mulheres e crianças, destinados ao sacrifício, vão eles próprios esmolar oferendas para a cerimônia e se apresentam ao massacre dançando e cantando junto com os espectadores.

Os embaixadores do rei do México, querendo dar a Cortez uma alta idéia do poder de seu senhor, após afirmar que tinha trinta vassallos, cada qual com um exército de cem mil guerreiros, e que ele residia na cidade mais bela e forte do mundo, acrescentaram que lhe cumpria sacrificar aos deuses cinqüenta mil homens anualmente. E disseram ainda que se mantinha em estado de guerra contra alguns grandes povos vizinhos, não somente a fim de exercitar a juventude do império mas ainda para suprir com prisioneiros a cerimônia. Com esse mesmo Cortez aconteceu em certa aldeia sacrificarem em sua honra cinqüenta homens. E mais um fato: alguns desses povos, vencidos por ele, enviaram-lhe uma delegação a fim de reconhecer sua autoridade e obter sua amizade. E os mensageiros ofereceram-lhe presentes de três espécies, dizendo: "Senhor, eis cinco escravos. Se és um deus altivo, que se alimente de carne e sangue, come-os; mais ainda te amaremos. Se és um deus complacente, aqui estão incenso e plumas. Se és um homem, toma estes pássaros e estes frutos".

Capítulo XXX

Sobre os canibais

Quando o Rei Pirro entrou na Itália, e verificou a formação de combate do exército romano, disse: "Não sei que espécie de bárbaros são estes (pois os gregos assim chamavam a todas as nações estrangeiras), mas a formação de combate, que os vejo realizar, nada tem de bárbaro". A mesma coisa diziam os gregos do exército que a seu país Flamínio conduziu. E Filipe assim falou igualmente, ao perceber do alto de um outeiro a bela ordenação do acampamento daquele que, sob Públio Sulpício Galba, acabava de entrar em seu reino. Isso mostra a que ponto devemos desconfiar da opinião pública. Nossa razão, e não o que dizem, deve influir em nosso julgamento.

Durante muito tempo tive a meu lado um homem que permanecera dez ou doze anos nessa parte do Novo Mundo descoberto neste século, no lugar em que tomou pé Villegaignon e a que deu o nome de "França Antártica". Essa descoberta de um imenso país parece de grande alcance e presta-se a sérias reflexões. Tantos personagens eminentes se enganaram acerca desse descobrimento que não saberei dizer se o futuro nos reserva outros de igual importância. Seja como for, receio que tenhamos os olhos maiores do que a barriga, mais curiosidade do que meios de ação. Tudo abraçamos mas não apertamos senão vento.

Platão mostra-nos Sólon afirmando ter ouvido dos sacerdotes de Sais, no Egito, que antes do dilúvio existia em frente de Gibraltar uma grande ilha chamada Atlântida, mais extensa do que a África e a Ásia reunidas e que os reis dessa região não possuíam apenas a ilha mas exerciam igualmente sua autoridade tão longe, em terra firme, que ocupavam a África até o Egito e a Europa até a Toscana. Que haviam empreendido ir até a Ásia e subjugar as nações do Mediterrâneo até o golfo formado pelo mar Negro; que para tanto haviam atravessado a Espanha, a Gália, a Itália e chegado à Grécia onde os atenienses sustaram a arremetida; que algum tempo depois sobreviera o dilúvio que os afogara juntamente com os atenienses e sua ilha.

É muito provável que nesse cataclismo horrível as águas tenham provocado modificações inimagináveis em todos os países habitados da terra. Assim é que se atribui à ação das águas do mar a separação da Sicília com a Itália:

*"Haec loca, vi quondam et vasta convulsa ruina,
Dissiluisse ferunt, quum protenus utraque tellus
Una foret"*

"Dizem que essas regiões, outrora um só continente, foram
violentamente separadas pela força das águas" [Virgílio]

; e a da ilha de Chipre com a Síria e a de Negro ponto com a terra firme da Beócia. Em compensação, alhures, o mar teria juntado terras separadas por estreitos que foram aterrados por limo e areia:

*"Sterilisque diu palus, aptaque remis,
Vicinas urbes alit, et grave sentit aratrum."*

"Um pantanal há muito estéril, e que percorriam a remo, alimenta hoje
as cidades vizinhas e conhece o arado fecundo do lavrador" [Horácio].

Não há muitos indícios entretanto de que seja a Atlântida o Novo Mundo que acabamos de descobrir, pois quase tocava a Espanha e seria efeito incrível da inundação tê-la transportado à distância em que se encontra, de mais de mil e duzentas léguas. Ademais os navegadores modernos já verificaram não tratar-se de uma ilha, mas de um continente contíguo às Índias Orientais, por um lado, e por outro às terras dos pólos; e se destes se acha separada é por tão pequeno estreito que não se deve tampouco considerá-la uma ilha.

Creio que ocorreram nessas grandes massas movimentos semelhantes aos que se constata em nossas regiões, naturais uns, acidentais e violentos outros. Quando observo a ação exercida pelo rio Dordonha, no decurso de minha existência, abaixo de casa, na margem direita; quando vejo quanto em vinte anos conquistou de terras, e o que solapou de alicerces das construções erguidas à sua margem, concludo que não se trata de um fato normal. Se, com efeito, assim tivesse sido sempre, ou que isso devesse continuar, a configuração do mundo acabaria por mudar. Mas esses movimentos não são constantes: ora as águas se expandem por um lado, ora por outro; e ora param. Não falo aqui das cheias súbitas cujas causas conhecemos. Na região de

Médóc, junto ao mar, tem meu irmão, Senhor de Arzac, uma de suas terras enterradas sob as areias que o mar lhe vai jogando em cima. Os telhados de algumas habitações se vêem ainda e essa propriedade e suas culturas transformaram-se em bem magras pastagens. Dizem os habitantes que de uns tempos para cá avança o mar tão rapidamente que já perderam quatro léguas de terras. Essas areias são seus arautos; como uma espécie de dunas movediças precedem-no de cerca de meia légua e conquistam insensivelmente a região.

Outro testemunho da antiguidade, que se quer aplicar a esse descobrimento, se encontraria em Aristóteles, se for de sua autoria a obra intitulada 'Maravilhas Extraordinárias'. Nela se conta que alguns cartagineses, tendo-se aventurado pelo Atlântico afora, além do estreito de Gibraltar, teriam acabado, após uma longa navegação, por descobrir uma grande ilha fértil, coberta de bosques, regada por grandes e profundos rios, e muito afastada da terra firme. E que atraídos, eles e outros mais tarde, pela qualidade e fertilidade do solo, para ali teriam transportado suas mulheres e filhos, nela se fixando. De tal amplitude se revestira essa migração que as autoridades de Cartago teriam proibido expressamente e sob pena de morte que emigrassem quaisquer outros. E teriam expulso da ilha os que ali já residiam, com receio de que se multiplicassem a ponto de suplantarem e arruinar o domínio da metrópole. Esta narrativa de Aristóteles, tal qual a de Sólon, não deve referir-se às nossas novas terras.

O homem que tinha a meu serviço, e que voltava do Novo Mundo, era simples e grosseiro de espírito, o que dá mais valor a seu testemunho. As pessoas dotadas de finura observam melhor e com mais cuidado as coisas, mas comentam o que vêem e, a fim de valorizar sua interpretação e persuadir, não podem deixar de alterar um pouco a verdade. Nunca relatam pura e simplesmente o que viram, e para dar crédito à sua maneira de apreciar, deformam e ampliam os fatos. A informação objetiva nós a temos das pessoas muito escrupulosas ou muito simples, que não tenham imaginação para inventar e justificar suas invenções e igualmente que não sejam sectárias. Assim era o meu informante, o qual, ademais, me apresentou marinheiros e comerciantes que conhecera na viagem, o que me induz a acreditar em suas informações sem me preocupar demasiado com a opinião dos cosmógrafos. Fora preciso encontrar topógrafos que nos falassem em particular dos lugares por onde andaram. Mas, porque levam sobre nós a vantagem de ter visto a Palestina, reivindicam o privilégio de contar o que se passa no resto do mundo. Gostaria que cada qual escrevesse o que sabe e sem ultrapassar os limites de seus conhecimentos; e isso não só na matéria em apreço mas em todas as matérias. Há quem tenha algum conhecimento especial ou experiência do curso de um riacho, sem saber de resto mais do que qualquer um, e no entanto para, valorizar sua pitada de erudição, atira-se à tarefa de escrever um tratado acerca da configuração do mundo. Este defeito muito comum acarreta graves inconvenientes.

Mas, voltando ao assunto, não vejo nada de bárbaro ou selvagem no que dizem daqueles povos; e, na verdade, cada qual considera bárbaro o que não se pratica em sua terra. E é natural, porque só podemos julgar da verdade e da razão de ser das coisas pelo exemplo e pela idéia dos usos e costumes do país em que vivemos. Neste a religião é sempre a melhor, a administração excelente, e tudo o mais perfeito. A essa gente chamamos selvagens como denominamos selvagens os frutos que a natureza produz sem intervenção do homem. No entanto aos outros, àqueles que alteramos por processos de cultura e cujo desenvolvimento natural modificamos, é que deveríamos aplicar o epíteto. As qualidades e propriedades dos primeiros são vivas, vigorosas, autênticas, úteis e naturais; não fazemos senão abastardá-las nos outros a fim de melhor as adaptar a nosso gosto corrompido. Entretanto, em certas espécies de frutos dessas regiões, achamos um sabor e uma delicadeza sem par e que os torna dignos de rivalizar com os nossos. Não há razão para que a arte sobrepuje em suas obras a natureza, nossa grande e poderosa mãe. Sobrecarregamos de tal modo a beleza e riqueza de seus produtos com as nossas invenções, que a abafamos completamente. Mas, onde permaneceu intacta e se mostra como é realmente, ela ridiculariza nossos vãos e frívolos empreendimentos:

***"Et veniunt hederæ sponte sua melius;
Surgit et in solis formosior arbutus antris;
Et volucres nulls dulcius arte canunt."***

"A hera cresce ainda melhor sem cuidados; o medronheiro nunca se apresenta tão belo como nos antros solitários e o canto dos pássaros é assim tão suave porque natural" [Propércio].

Nem apelando para todas as nossas forças e os nossos talentos seríamos capazes de reproduzir o ninho do pássaro mais insignificante, com sua contextura e sua beleza, nem de o tornar adequado ao uso a que se destina; e não saberíamos tampouco tecer a teia de uma mirrada aranha. Todas as coisas, disse Platão, produzem-nas a natureza ou o acaso, ou a arte. As mais belas e grandes são frutos das duas primeiras causas; as menores e mais imperfeitas, da última.

Esses povos não me parecem, pois, merecer o qualificativo de selvagens somente por não terem sido senão muito pouco modificados pela ingerência do espírito humano e não haverem quase nada perdido de sua simplicidade primitiva. As leis da natureza, não ainda pervertidas pela imissão dos nossos, regem-nos até agora e mantiveram-se tão puras que lamento por vezes não as tenha o nosso mundo conhecido antes, quando havia homens capazes de apreciá-las. Lamento que Licurgo e Platão não tenham ouvido falar delas, pois sou de opinião que o que vemos praticarem esses povos, não somente ultrapassa as magníficas descrições que nos deu a poesia da idade de ouro, e tudo o que imaginou como suscetível de realizar a felicidade perfeita sobre a terra, mas também as concepções e aspirações da filosofia. Ninguém concebeu jamais uma simplicidade natural elevada a tal grau, nem ninguém jamais acreditou pudesse a sociedade subsistir com tão poucos artificiosos. É um país, diria eu a Platão, onde não há comércio de qualquer natureza, nem literatura, nem matemáticas; onde não se conhece sequer de nome um magistrado; onde não existe hierarquia política, nem domesticidade, nem ricos e pobres. Contratos, sucessão, partilhas aí são desconhecidos; em matéria de trabalho só sabem da ociosidade; o respeito aos parentes é o mesmo que dedicam a todos; o vestuário, a agricultura, o trabalho dos metais aí se ignoram; não usam vinho nem trigo; as próprias palavras que exprimem a mentira, a traição, a dissimulação, a avareza, a inveja, a calúnia, o perdão, só excepcionalmente se ouvem. Quanto a República que imaginava lhe pareceria longe de tamanha perfeição!

“Viri a diis recentes.”

“São homens que saem das mãos dos deuses” [Sêneca].

“Hos natura modos primum dedit.”

“Como essas, foram as primeiras leis da natureza” [Virgílio].

A região em que esses povos habitam é de resto muito agradável. O clima é temperado a ponto de, segundo minhas testemunhas, raramente se encontrar um enfermo. Afirmaram mesmo nunca terem visto algum epilético, remeloso, desdentado ou curvado pela idade. A região estende-se à beira-mar e é limitada do lado da terra por platôs e altas montanhas, a cerca de cem léguas, o que representa a profundidade de seus territórios. Têm peixe e carne em abundância, e de excelente qualidade, contentando-se com os grelhar para os comer. O primeiro indivíduo que viram a cavalo inspirou-lhes tal pavor que embora já houvessem estado com ele de outras feitas, o mataram a flechadas e só então o reconheceram. Suas residências constituem-se de barracões com capacidade para duzentas a trezentas pessoas, e são edificadas com troncos e galhos de grandes árvores enfiados no solo e se apoiando uns nos outros na cumeada, à semelhança de certos celeiros nossos cujos tetos descem até o chão fechando os lados. Possuem madeiras tão duras que com elas fabricam espadas e espetos para grelhar os alimentos. Seus leitos, formados de cordinhas de algodão, suspendem-se ao teto, como nos nossos navios. Cada qual tem o seu, dormindo as mulheres separadas dos maridos. Levantam-se com o sol e logo merendam, não fazendo outra refeição durante o resto do dia. Não bebem ao se alimentarem, agindo nesse ponto, segundo Suidas, como outros povos. Fora das refeições, bebem quanto e quando querem. Sua bebida extrai-se de certa raiz; tem a cor de nossos claretos e só a tomam morna. Conserva-se apenas dois ou três dias, com um gosto algo picante, sem espuma. É digestiva e laxativa para os que não estão acostumados e muito agradável para quem se habitua a ela. Em lugar de pão, comem uma substância branca parecida com o coentro cozido. Experimentei; é doce e algo insosso. Passam o dia a dançar; os jovens vão à caça de animais grandes contra os quais empregam o arco unicamente. Enquanto isso, uma parte das mulheres diverte-se com preparar a bebida, o que constitui sua principal ocupação.

Todas as manhãs, antes que iniciem a refeição, um ancião percorre o barracão, que tem bem cem passos de comprimento, e prega aos ocupantes sem cessar as mesmas coisas: valentia diante do inimigo e amizade a suas mulheres. E nunca esquecem, ao fazer esta última recomendação, de lhes lembrar que são elas que fabricam a bebida e a conservam morna. Podem ver-se em muitos lugares, em particular em minha casa, esses leitos, cordas, espadas, pulseiras de madeira que lhes protegem o pulso no combate, e longos caniços furados de um lado que tocam para ritmar suas danças. Cortam os pêlos todos e se escanhoam melhor do que nós, usando apenas navalhas de madeira ou pedra. Acreditam na imortalidade da alma. As que mereceram aprovação dos deuses alojam-se no céu do lado do nascente; as amaldiçoadas do lado do poente.

Têm não sei que tipos de sacerdotes ou profetas que aparecem raramente e moram nas montanhas. Quando surgem, há grandes festas e realiza-se uma assembléia solene a que se apresentam todas as aldeias. Cada uma das habitações a que me referi forma uma aldeia e distam uma da outra cerca de uma légua de França. O profeta fala-lhes em público, exortando-os à virtude e ao dever. Sua moral resume-se em dois pontos: valentia na guerra e afeição por suas mulheres. Prediz também o futuro e o que devem esperar de seus empreendimentos, incitando à guerra ou a desaconselhando. Mas importa que diga certo, pois do contrário, se o pegam, é condenado como falso profeta e esquartejado. Por isso não se revê jamais quem uma vez errou. Adivinhar é dom de Deus, enganar é uma impostura merecedora de castigo. Entre os citas, por exemplo, quando os adivinhos se enganavam em suas previsões, jogavam-nos, pés e mãos algemados, dentro de um carro de boi cheio de gravetos a que deitavam fogo. Os que têm a seu cargo dirigir os fatos cometidos à sagacidade humana, são desculpáveis se recorrerem a todos os meios a seu alcance. Mas não devem ser punidos os outros, pela sua impostura, os que nos iludem apresentando-se como donos de uma faculdade extraordinária e fora do nosso conhecimento?

Esses povos guerreiam os que se encontram além das montanhas, na terra firme. Fazem-no inteiramente nus, tendo como armas apenas seus arcos e suas espadas de madeira, pontiagudas como as nossas lanças. E é admirável a resolução com que agem nesses combates que sempre terminam com efusão de sangue e mortes, pois ignoram a fuga e o medo. Como troféu, traz cada qual a cabeça do inimigo trucidado, a qual penduram à entrada de suas residências. Quanto aos prisioneiros, guardam-nos durante algum tempo, tratando-os bem e fornecendo-lhes tudo de que precisam até o dia em que resolvem acabar com eles. Aquele a quem pertence o prisioneiro convoca todos os seus amigos. No momento propício, amarra a um dos braços da vítima uma corda cuja outra extremidade ele segura nas mãos, o mesmo fazendo com o outro braço que fica entregue a seu melhor amigo, de modo a manter o condenado afastado de alguns passos e incapaz de reação. Isso feito, ambos o moem de bordoadas às vistas da assistência, assando-o em seguida, comendo-o e presenteando os amigos ausentes com pedaços da vítima. Não o fazem entretanto para se alimentarem, como o faziam os antigos citas, mas sim em sinal de vingança, e a prova está em que, tendo visto os portugueses, aliados de seus inimigos, empregarem para com eles, quando os aprisionavam, outro gênero de morte, que consistia em enterrá-los até a cintura, crivando de flechas a parte fora da terra e enforcando-os depois, imaginaram que essa gente da mesma origem daqueles seus vizinhos que haviam espalhado o conhecimento de tantos vícios, que essa gente, muito superior a eles no mal, não devia ter escolhido sem razão um tal processo de vingança, o qual por isso adotaram, porque o acreditavam mais cruel, e abandonaram seu sistema tradicional.

Não me parece excessivo julgar bárbaros tais atos de crueldade, mas que o fato de condenar tais defeitos não nos leve à cegueira acerca dos nossos. Estimo que é mais bárbaro comer um homem vivo do que o comer depois de morto; e é pior esquartejar um homem entre suplícios e tormentos e o queimar aos poucos, ou entregá-lo a cães e porcos, a pretexto de devoção e fé, como não somente o lemos mas vimos ocorrer entre vizinhos nossos conterrâneos; e isso em verdade é bem mais grave do que assar e comer um homem previamente executado.

Crisipo e Zenão, chefes da escola estoica, admitiam não haver mal em tirar partido de nossos cadáveres se necessário, nem

mesmo em nos alimentarmos deles como o fizeram nossos antepassados que, assediados por César em Alésia, resolveram, a fim de prosseguir resistindo, matar a fome comendo os velhos, as mulheres e todos os que não fossem úteis ao combate:

***“Vascones, ut fama est, alimentis talibus usi
Produxere animas.”***

“Dizem que os gascões prolongaram a vida valendo-se de semelhantes alimentos” [Juvenal].

E os médicos não temem empregá-los em toda espécie de usos internos e externos em benefício de nossa saúde. Mas não se ouviu jamais ninguém que tivesse o julgamento moral assaz pervertido para desculpar a traição, a deslealdade, a tirania, a crueldade, nossos defeitos habituais. Podemos portanto qualificar esses povos como bárbaros em dando apenas ouvidos à inteligência, mas nunca se os compararmos a nós mesmos, que os excedemos em toda sorte de barbaridades.

Fazem a guerra de um modo nobre e generoso e ela é neles desculpável e bela na medida em que pode ser desculpável e bela essa doença da humanidade, pois não tem entre eles outra causa senão a da inveja da virtude. Não entram em conflito a fim de conquistar novos territórios, porquanto gozam ainda de uma uberdade natural que sem trabalhos nem fadigas lhes fornece tudo de que necessitam e em tal abundância que não teriam motivo para desejar ampliar suas terras. Têm ademais a felicidade de limitar seus desejos ao que exige a satisfação de suas necessidades naturais, tudo o que as excede lhes parecendo supérfluo. Tratam-se mutuamente por irmãos quando são da mesma idade, e aos mais jovens chamam filhos; e pais aos velhos, indistintamente. Quando morrem estes, passam os seus bens aos herdeiros naturais; as heranças não são divididas, conservando todos os participantes a posse do todo, sem outro título que o que lhes dá a natureza ao criá-los. Se os povos vizinhos descem das montanhas para os atacar e são vitoriosos, o benefício de sua vitória consiste unicamente na glória que auferem dela e na vantagem de se terem mostrado superiores em valentia e coragem, pois não saberiam que fazer dos bens dos vencidos. Voltam para suas terras onde nada lhes falta e onde podem gozar a felicidade de saber contentar-se com sua condição. Se são vencidos, seus inimigos procedem de igual maneira. Aos prisioneiros não se exige senão que se confessem vencidos. Mas não se encontra um só, em um século, que não prefira a morte a assumir uma atitude ou a proferir uma palavra suscetíveis de desmentirem uma coragem que timbram em ostentar acima de tudo. Não se vê nenhum que não prefira ser matado e comido a pedir mercê. Dão-lhes inteira liberdade, a fim de que a vida lhes seja mais cara, e não cessam de entretê-los acerca da morte que os espera brevemente, das torturas que experimentarão, dos preparativos para o suplício, de seus membros decepados e do festim que farão com eles. Tudo isso no intuito de lhes arrancar alguma palavra de queixa ou fraqueza, ou de os levar à fuga, com o que mostram tê-los apavorado e triunfado de sua firmeza de ânimo. Nisso, em verdade, e só nisso consiste a vitória:

***“Victoria nulla est,
Quam quae confessor animo quoque subjugat hostes.”***

“A vitória verdadeira é a que constrange o inimigo a confessar-se vencido” [Cláudio].

Os húngaros, que são muito belicosos, não prosseguiram na guerra senão até que o inimigo se rendesse; logo que se confessava vencido, deixavam-no ir sem o molestar, nem exigir resgate. Apenas queriam que promettesse não mais pegar em armas contra eles. Quando vencemos nossos inimigos, devemos-lo antes a vantagens ocasionais e não a nosso mérito exclusivo. Ter braços e pernas sólidos é apanágio do carregador e não da virtude; independe de nós, e é coisa toda física, ter boa saúde. E é golpe de sorte abalar o inimigo ou conseguir com que tenha o sol nos olhos e se ofusque. E é tão-somente prova de habilidade e treino, que pode oferecer igualmente um covarde ou um plebeu, saber manejar o florete. O valor de um homem, e a estima que nos inspira, medem-se pelo seu caráter e força de vontade. A valentia não decorre do vigor físico e sim da firmeza de ânimo e da coragem; não consiste na superioridade de nossa montaria e de nossas armas, mas na nossa. Quem sucumbe sem que sua coragem se abata;

“Si succiderit, de genu pugnat”

“Quem, se cai, combate de joelho” [Sêneca]

; quem, apesar das ameaças de morte não perde sua altivez; quem, agonizante, permanece impassível e com o olhar desafia ainda o inimigo, não é por nós abatido e sim pelo destino. Morre mas sem ser vencido. Os mais valentes são por vezes os mais infelizes, o que faz com que haja derrotas mais gloriosas do que as vitórias. As quatro brilhantes vitórias de Salamina, Platéia, Mícale e Sicília, as mais belas que testemunhou o sol, serão mais gloriosas do que a que conquistou o Rei Leônidas nas Termópilas? Quem jamais preparou a vitória com mais cuidado da glória e mais ardente desejo de vencer, do que Ischolas sua derrota? Quem preparou a sua salvação mais engenhosa e estranhamente do que ele a sua perda? Fora encarregado de defender uma passagem do Peloponeso contra os árcades. Compreendendo que os não poderia rechazar, em virtude da topografia local e da inferioridade numérica de suas forças; certo de que tudo o que se opusesse ao inimigo seria destruído; julgando por outro lado indigno de sua própria coragem e de sua grandeza de alma, tanto quanto de um lacedemônio, faltar ao dever, entre duas resoluções extremas escolheu uma que as conciliasse: dispensou os mais jovens e vigorosos da tropa, a fim de os conservar para a defesa do país, e, com os que menos falta deviam fazer, resolveu defender a passagem entregue a sua guarda, cobrando com a morte dos defensores o mais caro possível a vitória do inimigo. Foi o que aconteceu: logo cercados de todos os lados pelos árcades, Ischolas e os seus sucumbiram e foram levados ao fio de espada após verdadeira carnificina. Que troféu assinalado aos vencedores não fora antes devido a vencidos dessa ordem? A verdadeira vitória reside na maneira por que combatemos e não no resultado final. E não consiste a honra em vencer mas em combater.

Voltemos à nossa história. Com tudo isso que lhes fazem, não conseguem nem de longe que os prisioneiros cedam; ao contrário, durante os dois ou três meses que permanecem presos, afetam alegria e incitam seus senhores a se apressarem em submetê-los às provações com que os ameaçam. Desafiam-nos e os injuriam, censurando-lhes a covardia e lhes recordando os combates que perderam em outras ocasiões. Tenho em meu poder o canto de um desses prisioneiros. Eis o que diz: “Que se

aproximem todos com coragem e se juntem para comê-lo; em o fazendo comerão seus pais e seus avós que já serviram de alimento a ele próprio e deles seu corpo se constituiu. Estes músculos, esta carne, estas veias, diz-lhes, são vossas, pobres loucos. Não reconheceis a substância dos membros de vossos antepassados que no entanto ainda se encontram em mim? Saboreai-os atentamente, sentireis o gosto de vossa própria carne”. Haverá algo bárbaro nesta composição? Os que lhes descrevem os suplícios e os representam no momento em que são esbordoados, pintam-nos cuspidos no rosto dos que os trucidam em meio a caretas. E, com efeito, até exalarem o último suspiro, não param de desafiar os inimigos tanto pelas atitudes como pelos propósitos. Por certo, em relação a nós são realmente selvagens, pois entre suas maneiras e as nossas há tão grande diferença que ou o são ou o somos nós.

Os homens têm várias mulheres, em tanto maior número quanto mais famosos e valentes. Particularidade que não carece de beleza, nesses lares o ciúme, que entre nós impele nossas esposas a impedir que busquemos a amizade e as boas graças de outras mulheres, entre eles as induz a arranjam outras para seus maridos. A honra deste primando entre todas as demais considerações, põem elas todo o cuidado em ter o maior número possível de companheiras, pois esse número comprova a coragem do esposo. Entre nós falariam de milagre. Não se trata disso e sim da virtude matrimonial elevada ao máximo. Não nos mostra a Bíblia, Sara e as mulheres de Jacó, Lia e Raquel, pondo suas serventes à disposição de seus maridos? Não auxiliou Lúvia, contra seu interesse, a satisfação dos desejos de Augusto? E Estratonice, mulher de Dejótaro, não somente emprestou ao marido uma de suas mais belas serventes, para que a usasse como entendesse, mas ainda educou os filhos da concubina e os ajudou a suceder ao pai. E não se imagine que se trate da observação servil de um costume, imposta pela autoridade dos costumes tradicionais, e que se aplique sem maior discussão, porquanto são os selvagens demasiado estúpidos para se rebelarem. Eis alguns traços que demonstram o contrário. Transcrevi aqui um de seus cantos guerreiros: pois tenho também uma canção de amor: “Serpente, pára; pára, serpente, a fim de que minha irmã copie as cores com que te enfeitas; a fim de que eu faça um colar para dar à minha amante; que tua beleza e tua elegância sejam sempre preferidas entre as das demais serpentes”. É a primeira estrofe e o estribilho da canção; ora, eu conheço bastante a poesia para julgar que este produto de sua imaginação nada tem de bárbaro, antes me parece de espírito anacreôntico. Aliás a língua que falam não carece de doçura. Os sons são agradáveis e as desinências das palavras aproximam-se das gregas.

Três dentre eles (e como lastimo que se tenham deixado tentar pela novidade e trocado seu clima suave pelo nosso!), ignorando quanto lhes custará de tranqüilidade e felicidade o conhecimento de nossos costumes corrompidos, e quão rápida será a sua perda, que suponho já iniciada, estiveram em Ruão quando ali se encontrava Carlos IX. Entreteve-se o rei com eles, longamente; mostraram-lhes como vivíamos no cotidiano; ofereceram-lhes grandes festas; ensinaram-lhes como era uma cidade grande. Alguém lhes havendo perguntado mais tarde o que pensavam da cidade e o que ela lhes tinha revelado, citaram três coisas. Esqueci a terceira, e o lamento, mas lembro-me das duas outras. Disseram antes de tudo que lhes parecia estranho tão grande número de homens de alta estatura e barba na cara, robustos e armados e que se achavam junto do rei (provavelmente se referiam aos suíços da guarda) se sujeitassem em obedecer a uma criança e que fora mais natural se escolhessem um deles para o comando. Em segundo lugar observaram que há entre nós gente bem alimentada, gozando as comodidades da vida, enquanto metades de homens emagrecidos, esfaimados, miseráveis mendigam às portas dos outros (em sua linguagem metafórica a tais infelizes chamam ‘metades’); e acham extraordinário que essas metades de homens suportem tanta injustiça sem se revoltarem e incendiarem as casas dos demais.

Conversei longamente com um deles, mas meu intérprete compreendia tão mal e se mostrava tão embaraçado com as perguntas que, graças à sua estupidez, não pude obter algo mais sério de meu interlocutor. Tendo-lhe perguntado de onde provinha sua ascendência sobre os seus (era um chefe e nossos marinheiros o tratavam como rei), respondeu-me que tinha o privilégio de marchar à frente dos outros quando iam para a guerra. À minha pergunta: quantos homens o acompanhavam? mostrou um terreno como para dizer: o que cabia naquele espaço, cerca de cinco mil homens. Indaguei ainda se nas épocas de paz ele conservava alguma autoridade, e disse-me: “Quando visito as aldeias que dependem de mim, abrem-me caminhos no mato para que eu possa passar sem incômodo”. Tudo isso é, em verdade, interessante, mas, que diabo, essa gente não usa calças!

Capítulo XXXI

O homem deve abster-se de julgar a Divina Providência

No desconhecido situa-se o verdadeiro campo de ação da impostura; já porque a própria extravagância a favorece e lhe dá crédito, já porque, escapando à razão comum, não temos meios para a combater. Eis por que, diz Platão, é mais fácil ser acreditado quando se fala de coisas da natureza divina do que de coisas de natureza humana; pois a ignorância dos ouvintes abre bela carreira aos argumentos inverificáveis. Daí resulta nada encontrar mais credulidade do que o que menos se conhece; e não haver quem fale com mais segurança do que os que nos contam fábulas, os alquimistas, os profetas, os astrólogos, os quiromantes, os médicos, e gente da mesma espécie, a que eu juntaria de bom grado, se ousasse, um punhado de sujeitos que se metem constantemente a interpretar e controlar os desígnios de Deus, pretendendo penetrar as causas de tudo, os segredos da vontade divina e as razões insondáveis de suas obras. E apesar dos desmentidos contínuos que lhes infligem os acontecimentos, e embora se vejam jogados de um lado para outro, não cessam de se entregar à sua mania, de pintar com o mesmo carvão o preto e o branco.

Entre certos índios, há uma prática digna de elogios. Se lhes ocorre algum malogro em duelo ou combate, pedem publicamente perdão ao sol, seu deus, como se o houvessem ofendido, reconhecendo assim auferirem felicidade e desgraça da divindade, juiz de seus projetos e ações. Ao cristão basta-lhe crer que tudo dimana de Deus, aceitar e agradecer conformado o bem e o mal

que, em sua infinita sabedoria, Ele lhe oferece sem que possamos penetrar-lhes os móveis. O que eu reprovo é que se apele para os nossos sucessos felizes como meio de exaltar e consolidar nossa religião. Nossa fé assenta em outros alicerces, e não lhe é necessária a ajuda dos acontecimentos. Habituar o povo a semelhantes argumentos, aos quais já é por demais levado, apresenta um perigo: se uma reviravolta se opera nos favores da sorte, se esta nos é contrária, a fé pode abalar-se. É o que ocorre neste momento em nossas guerras religiosas: os que levaram vantagem na batalha de Roche-Abeille argumentaram com seu êxito, como se decorresse de uma aquisicência divina; posteriormente explicaram as derrotas de Montcontour e Jarnac como um castigo, a exemplo do que um pai administra por vezes aos filhos. Mas se o povo, a quem assim falamos, não nos é inteiramente devotado, sem dificuldade compreende que procuramos tirar duplo benefício de uma só coisa, que com a mesma boca soprados calor e frio. Melhor fora entretê-lo acerca daquilo que na realidade constitui os princípios fundamentais da verdade.

Bela foi a batalha naval que ultimamente vencemos contra os turcos e sob o comando de D. João da Áustria; mas Deus permitiu que em idênticas circunstâncias perdêssemos batalhas não menos importantes. Em suma, é-nos difícil pesar as coisas divinas, sem as diminuir, unicamente com a nossa balança. Quem quisesse tirar uma conclusão do fato que Ário e o Papa Leão, principais chefes da heresia a que o primeiro deu o nome, tenham morrido em épocas diferentes mas em condições idênticas e particulares (tomados de dores e obrigados a abandonar a discussão para irem à privada e aí sucumbirem repentinamente) e levasse o exagero a ver na circunstância de lugar mais uma prova da vingança divina, poderia citar ainda em abono de sua tese a morte de Heliofábalos também ocorrida na retrete. Mas como explicar por que teve Irineu igual fim?

Deus quer mostrar assim que os bons têm outra coisa a esperar e os maus outra a temer, que não as graças e desgraças deste mundo. Delas dispõe, segundo seus desígnios impenetráveis, e nos tira desse modo os meios de nos vangloriarmos ou de as explorarmos. Enganam-se contudo os que se prevalecem disso para justificar atos humanos; não invocam uma só prova a favor que não se apresentem imediatamente duas contra, e Santo Agostinho o demonstra vitoriosamente a seus contraditores. É uma questão que foge ao domínio da razão. Somos obrigados a nos contentar com a luz que apetece ao sol comunicar-nos, e quem tente fixá-la, a fim de absorver maior quantidade em seu corpo, não se espante se com sua temeridade presunçosa perder a vista: "Porquanto que homem pode saber o conselho de Deus? Quem pode alcançar o querer do Senhor?" [Sabedoria, IX, 13].

Capítulo XXXII

Devemos fugir da volúpia ainda que nos custe a vida

Sempre vi convirem as escolas antigas em que é chegada a hora de morrer quando nos cabe esperar da vida mais males do que bens; e conservá-la quando só nos causa tormentos e nos pesa, é ir de encontro ao que a própria natureza determina, como dizem estas sentenças de outrora:

Ou uma vida tranqüila ou uma morte feliz; é belo morrer quando a vida é opróbrio; não viver é melhor do que viver desgraçado
[segundo Thibaudet, Crispino de Heracléia; segundo Michaut, Strobeu].

Mas levar o desprezo à morte a ponto de recorrer a ela a fim de evitar honrarias, riquezas, grandezas e outros bens que aos nossos olhos constituem a fortuna, como se não nos bastasse apelar para a razão a fim de os abandonar, nunca o vira ainda, quando me caiu entre as mãos um trecho em que Sêneca aconselha Lucílio, poderoso personagem da Corte do imperador, junto ao qual gozava de grande prestígio, a renunciar à vida de prazeres e luxos que levava, a renunciar à ambição e substituir a tais desordens uma existência solitária, tranqüila, dedicada à filosofia. Lucílio objetou alegando certas dificuldades, ao que Sêneca respondeu: "Estimo que é preciso renunciar a esse gênero de vida ou à própria vida. Embora te aconselhe o meio mais suave, que é o de desfazer o que tão mal amarraste em lugar de cortares o nó, só to aconselho sob a condição de o cortares se não puderes desfazê-lo de outro modo. Não há homem, por mais covarde, que não prefira cair uma vez por todas a viver constantemente sob a ameaça de uma queda iminente". Teria achado acertado um tal conselho na boca dos estoicos; surpreendeu-me que fosse tirado de Epicuro, o qual escreve, a propósito, coisas idênticas a Idomeneu. Parece-me ter observado em certos fatos de nossa época essa mesma tendência, embora mitigada pela moderação cristã.

Santo Hilário, bispo de Poitiers, inimigo declarado da heresia ariana, soube, na Síria, que Abra, a filha única que deixara na Gália com a mãe, era pedida em casamento por grandes senhores do país, por ser bem educada, bela, rica e jovem. Escreveu-lhe o santo, como sabemos, que não atentasse para esses pedidos, por vantajosos e desejáveis que lhe parecessem, porquanto em sua viagem lhe havia encontrado partido melhor e mais digno, um marido poderoso e magnífico que lhe faria presente de jóias e vestidos de valor incalculável. Na realidade, aspirava a levá-la a desprezar os prazeres mundanos para que se dedicasse a Deus. Pensando, depois, que a morte da filha era ainda o meio mais rápido e certo de atingir esse objetivo, não cessou de pedir a Deus, mediante preces e promessas, que a fizesse sair do mundo e a chamasse a si, o que aconteceu. Pouco depois de sua volta ela morreu, do que tirou ele singular alegria.

Santo Hilário parece sobreexceder aos outros porque apela antes de mais nada para a morte, o que os outros só fazem como último recurso, e também porque se trata de sua filha única. Mas a história tem uma continuação que não quero omitir, embora não se prenda precisamente a meu assunto. A mulher de Santo Hilário sabendo, dele, que a morte da filha fora premeditada e solicitada, e quanto mais feliz seria longe deste mundo, tomou-se de tão ardente desejo de ir para o céu gozar a eterna beatitude que suplicou ao marido a mesma graça. E Deus, acedendo às preces comuns, chamou-a a si logo depois. E essa morte, acolhida com entusiasmo, causou a ambos excepcional satisfação.

Capítulo XXXIII

Não raro a sorte na razão se apóia

A inconstância da sorte faz que se apresente necessariamente a nós sob os mais diversos aspectos.

Haverá algo mais justo do que o seguinte fato? O Duque de Valentinois resolvera envenenar Adriano, cardeal de Cornete, em casa de quem seu pai, o Papa Alexandre VI, e ele próprio deviam cear. Mandou-lhe por isso com antecedência uma garrafa de vinho envenenado, recomendando ao despenseiro que a guardasse cuidadosamente. O papa chegou antes de seu filho e pediu algo para beber. O despenseiro, imaginando que lhe haviam especialmente recomendado o tal vinho porque era particularmente bom, serviu-o ao papa. Chegando o duque naquele momento, e certo de que não era a sua garrafa, bebeu também. O pai teve morte imediata; quanto ao filho, ficou gravemente e durante muito tempo doente. Um fim mais desgraçado lhe estava reservado.

A sorte parece por vezes brincar conosco. Embora de partidos opostos, como acontece entre vizinhos de um e outro lado da fronteira, o Senhor d'Estrée, então porta-estandarte do Senhor de Vendôme, e o Senhor de Liques, tenente do Duque d'Ascot, eram ambos pretendentes à mão da irmã do Senhor de Fougueselles. Venceu o Senhor de Liques. No próprio dia do casamento, e o que é pior, antes de a possuir, teve ele a idéia fantasista de romper uma lança em honra da jovem esposa e foi duelar perto de St. Oner. O Senhor d'Estrée ganhou e fê-lo prisioneiro. E aguardou que a jovem,

*“Conjugis ante coacta novi dimittere collum,
Quam veniens una atque altera rursus hyems
Noctibus in longis avidum saturasset amorem,”*

*“Forçada a renunciar ao amor de seu novo esposo antes que as longas
noites de um ou dois invernos saciassem a avidez de seu desejo” [Catulo]*

, lhe requeresse em pessoa a liberdade do marido, ao que ele aquiesceu, pois a nobreza de França nada recusa às senhoras.

E parece por vezes que a sorte aja também com arte. Constantino, filho de Helena, funda o Império de Constantinopla, o qual séculos depois termina outro Constantino filho de outra Helena. De outras feitas ela se compraz em exceder nossos milagres. Assim é, dizem, que o Rei Clóvis, que assediava Angoulême, viu caírem as fortificações da cidade por efeito de divina proteção. Conta também Bouchet que o Rei Roberto, que sitiava certa cidade, dela se afastou para ir a Orleães tomar parte nas festividades de Santo Agnan. A certo momento da missa, ruíram os baluartes da cidade assediada, sem terem sido objeto de nenhum assalto. Nas guerras da região milanesa, idêntico prodígio se verificou, porém contra nós: sitiando por nossa conta a cidade de Arona, mandou o Capitão Rense colocarem uma mina sob um grande trecho das muralhas, o qual se ergueu da terra subitamente mas tornou a cair no mesmo lugar, verticalmente, de modo que os sitiados continuaram tão protegidos quanto antes.

Por vezes a sorte cura. Jason de Pheres, com um abscesso no peito, fora desenganado pelos médicos. Resolvido a libertar-se da dor, ainda que lhe custasse a vida, jogou-se de corpo e alma no combate. Traspassado por um golpe de lança, teve o abscesso vazado e sarou.

Não se mostrou ela, com o pintor Protógenes, mais talentosa do que ele na mesma arte? Protógenes pintara, e muito bem, um cão exausto e agonizante, e andava muito contente com sua obra, salvo quanto à espuma e à baba que não conseguia representar com perfeição. Despeitado, tomou de uma esponja impregnada das diversas cores e lançou-a contra a tela no intuito de a destruir. A sorte tão bem orientou o golpe que a esponja deu na goela do cão e fez o que o artista não pudera fazer.

Vemo-la não raro retificar e corrigir os nossos projetos. Isabel, rainha da Inglaterra, voltava a seu reino, vinda da Zelândia, e conduzia um exército em socorro do filho contra o marido. Estava perdida se entrasse no porto como pretendia, porquanto seus inimigos aí a esperavam. Quis a sorte, contra a sua vontade, jogá-la em outro ponto da costa onde desembarcou em segurança. E não estava com a verdade aquele personagem da antiguidade que, querendo jogar uma pedra em um cachorro, atingira a sogra e a matara? E dizia: “A sorte é mais sábia do que nós” [Menandro].

Hécetas subornara dois soldados a fim de que assassinassem Timoleão durante sua estada em Ádrana, na Sicília. Combinaram os conjurados que agiriam durante um sacrifício que a vítima devia oferecer. Misturados à multidão, faziam-se reciprocamente sinais de que o momento era propício, quando alguém assentou um golpe de espada na cabeça de um deles, matando-o e fugindo a seguir. Acreditando-se descoberto e perdido, o segundo correu ao altar pedindo mercê e prometendo tudo revelar. E enquanto contava a verdade, eis que surge o agressor, arrastado pelo povo que o pretendia linchar, até aos pés de Timoleão e outros personagens importantes. Aí pede ele perdão e narra como com razão matara o assassino de seu pai. Comprovando-se com testemunhas, por acaso presentes, que dizia a verdade, que seu progenitor fora realmente assassinado na cidade dos leontinos por aquele de quem agora se vingava, teve, como recompensa por ter salvo assim ao se vingar aquele a quem os sicilianos chamavam ‘Pai do Povo’, dez minas áticas. Não ultrapassa qualquer previsão humana um tal golpe de sorte?

Terminarei com um fato que nos mostra a sorte revelando particular favor, bondade e devoção sem iguais. Inácio e seu filho, proscritos de Roma pelos triúnviros, resolveram matar-se mutuamente, a fim de escapar à crueldade dos tiranos. De espada em mãos precipitam-se um contra o outro e a sorte dirige tão bem os golpes que eles se ferem mortalmente. Mas como homenagem a tão bela amizade permite ela que tenham ainda força de retirar os ferros dos ferimentos, caindo ensangüentados nos braços um do outro. E assim morrem tão estreitamente abraçados que os carrascos lhes cortam as cabeças deixando os corpos nobremente ligados e afetuosamente aspirando pelos seus ferimentos o sangue e as últimas manifestações vitais de cada um.

Capítulo XXXIV

Uma falha em nossa forma de governo

Meu falecido pai, homem de juízo sadio, formado unicamente pela experiência e tendência natural, disse-me de uma feita que pensara outrora em fazer com que nas cidades houvesse um lugar onde o cidadão necessitado de alguma coisa pudesse levar seu pedido a um funcionário, o qual o registraria mais ou menos da seguinte maneira: “Fulano procura vender pérolas; – Sicrano deseja companhia para ir a Paris; – Beltrano precisa de um laçao; – X. quer colocação; pede um operário; etc”. Parece-me que esse modo de informação seria de grande comodidade para o público, pois a todo instante há necessidades que exigem satisfação e em se ignorando não se acertam.

Considero extremamente vergonhoso para nosso século que dois homens de grande saber, Lílio Gregório Giraldi, na Itália, e Sebastião Chasteillon, na Alemanha, tenham morrido de fome. Penso que pelo menos umas mil pessoas os houvessem socorrido ou oferecido condições vantajosas de trabalho se tivessem tido notícia de sua miséria. O mundo não está assim tão corrompido que não se encontre ninguém capaz de dispor com satisfação de seu patrimônio (enquanto a sorte lho permite) a fim de colocar ao abrigo da necessidade personagens excepcionais, que se distinguiram por qualquer motivo e que a infelicidade levou não raro às mais lamentáveis situações. E os poriam em estado que, a menos de serem insensatos, os contentaria.

Na direção econômica da casa, tinha meu pai um hábito que louvo assaz mas que não soube imitar. Além do registro das transações cotidianas, em que se inscrevem as pequenas contas, os pagamentos que não passam pelo tabelião, registro esse que mantinha em dia nosso homem de negócios, meu pai exigia de seu secretário que anotasse em um diário todas as informações de alguma utilidade para a história da família, o que é muito curioso de se ver quando o tempo começa a apagar lembrança dos fatos, e o que nos pode tirar de certas dificuldades, pois por esse diário sabemos quando se iniciou ou terminou tal tarefa, quem nos veio visitar, com quantas pessoas em seu séquito, quanto durou a sua estada; e sabemos quando viajamos, quais as nossas ausências, os casamentos e falecimentos, as boas e más notícias, as modificações verificadas entre nossos principais servidores, etc. Acho conveniente lembrar esse uso antigo que nos permite reviver o passado, e considero-me um tolo por não o ter seguido.

Capítulo XXXV

Sobre o hábito de usarmos roupas

Qualquer que seja o assunto que deseje ventilar, choco-me com a barreira dos costumes aceitos e que nos governam. Nesta estação fria, ponho-me a meditar acerca do hábito que faz com que esses povos recém-descobertos andem nus, e pergunto a mim mesmo se o fazem por causa da temperatura elevada (como o dizem, no que respeita aos índios e aos mouros) ou porque originalmente assim andaram os homens. Estando tudo o que existe sob os céus submetido às mesmas leis, como diz a Bíblia, admitem as pessoas sensatas que nas questões dessa ordem, para distinguir as leis naturais das por nós inventadas, é preciso que nos reportemos às regras gerais que presidem ao trabalho da natureza neste mundo e que não sofrem alteração. Ora, tudo, à exceção do homem, se acha naturalmente provido do que é necessário à própria conservação; não é portanto admissível que somente nós tenhamos sido criados em condições tão miseráveis e defeituosas que não possamos prescindir de socorro estranho. Eis por que considero que, assim como as plantas, as árvores, os animais e tudo o que vive foram naturalmente providos de meios para se defenderem contra as injúrias do clima,

*“Propterea que fere res omnes ant corio sunt,
Aut seta, ant conchis, ant callo, ant cortice tectae,”*

*“Razão por que todos os seres se cobrem de couro, de
pêlo, de carapaças, calosidades ou casca” [Lucrécio]*

, assim nos ocorreu igualmente. Mas assim como há quem use a luz artificial que enfraquece a luz do dia, enfraquecemos a eficiência dos meios naturais que nos protegem substituindo-os por outros artificiais.

É fácil de se compreender que é o costume que nos faz parecer natural o que não o é, pois, entre os povos que não usam roupa, alguns habitam em climas semelhantes ao nosso e outros bem mais rudes. Nós mesmos trazemos sempre descobertas as partes mais sensíveis de nosso corpo: olhos, boca, nariz e orelhas; enquanto nossos camponeses – tal qual nossos antepassados – ainda andam de peito e ventre descobertos. Se tivéssemos nascido com saias e calças, sem dúvida teria a natureza dotado de pele mais espessa as partes de nosso corpo expostas às intempéries das estações, como os dedos e a planta do pé. Por que isso nos há de parecer inverossímil? Entre minha maneira de vestir e a de um camponês de minhas terras, há maior diferença do que entre a do camponês e a de quem só tem a pele por vestimenta. Quantas pessoas, particularmente na Turquia, não andam inteiramente nuas por simples devoção?

Não sei quem perguntava a um mendigo, em pleno inverno vestido de uma só camisa e que no entanto se mostrava alegre como se estivesse envolvido em peles até as orelhas, como podia andar de bom humor sendo assim tão miserável, ao que lhe respondeu o mendigo: “Tendes o rosto descoberto, senhor, pois eu dos pés à cabeça sou inteiro cara”. Contam os italianos, creio eu, que o bobo do rei de Florença a quem seu senhor perguntava como, tão mal vestido, suportava um frio que, a ele rei, incomodava e muito, respondeu: “Fazei como eu, carregai convosco todas as vossas roupas e não sentireis mais frio do que eu”. O Rei Masinissa até a mais avançada velhice não pôde acostumar-se a cobrir a cabeça e assim andava no frio, na borrasca e na chuva. O mesmo dizem do Imperador Severo. Heródoto relata que, examinando com outros os mortos após as batalhas dos egípcios contra os persas, verificou terem aqueles o crânio sem dúvida muito mais duro, o que explica o fato de os persas usarem toucas e turbantes, enquanto os egípcios desde criança raspam a cabeça e jamais a cobrem. O Rei Agesilau, até o momento em que se viu abalado pelas enfermidades, usava a mesma roupa tanto no inverno como no verão. César, diz

Suetônio, marchava à frente de seus exércitos quase sempre a pé e de cabeça descoberta, chovesse ou fizesse sol. O mesmo dizem de Aníbal:

***“Tum vertice nudo,
Excipere insanos imbres, coelique ruinam.”***

"Enfrentando a chuva
e o desabamento dos céus" [Sílio Itálico].

Um veneziano, que esteve muito tempo no reino de Pegu, de onde acaba de voltar, conta que nessa região homens e mulheres cobrem o corpo todo menos os pés, que têm descalços mesmo a cavalo. Platão aconselha como muito saudável não cobrir pés nem cabeça senão com aquilo que lhes deu a natureza. O fidalgo que os poloneses escolheram como rei, em substituição àquele que lhes havíamos dado, é seguramente um dos maiores príncipes de nosso século; nunca usou luvas. No inverno, e qualquer que seja o tempo, sai com o boné que costuma pôr dentro de casa. Não suporto andar desabotoado, com roupas folgadas; os camponeses da minha vizinhança se sentiriam entevados em se abotoando. Varro acredita que a obrigação de nos descobrirmos na presença dos deuses ou de um magistrado foi criada mais em vista da nossa saúde, a fim de que nos fortalecêssemos contra as intempéries, do que em sinal de respeito.

Como falamos de frio, e em França gostam de cores variadas no vestuário (não no que me diz respeito, porquanto só me visto de branco e de preto, como o fazia meu pai), variando o meu assunto, direi que o Capitão Du Bellay relata ter experimentado em sua viagem ao Luxemburgo um frio tão intenso que o vinho destinado aos soldados se cortava com machadinhas e machados e era servido a peso à tropa que o levava em cestas. Aliás, Ovídio afirma que

***“Nudaque consistunt, formam servantia testae,
Vina; nec hausta meri, sed data frusta, bibunt.”***

"O vinho gelado conserva a forma do recipiente que o continha;
não o bebem líquido e o distribuem em pedaços".

As geadas são tão fortes à entrada do Palus Méotides [Mar de Azov], que no mesmo local em que batera a pé o inimigo, o lugar-tenente de Mitridates ganhou, no verão seguinte, uma batalha naval contra os mesmos adversários. Os romanos acharam-se em estado de grande inferioridade por ocasião do combate de Placência contra os cartagineses, porque lutaram gelados até o sangue e com os membros retesados pelo frio. Ao passo que Aníbal tivera o cuidado de acender grandes fogueiras ao longo de suas linhas, para que seus soldados pudessem aquecer-se; e a seus diversos corpos de exército mandara distribuir azeite, a fim de que esfregassem pernas e braços, tornando-os não somente mais elásticos mas ainda protegendo os poros da pele contra o vento glacial que então soprava.

A retirada dos gregos da Babilônia em demanda da pátria ficou famosa pelos sofrimentos e obstáculos que tiveram de vencer. Foram, entre outras desventuras, assaltados nas montanhas de Armênia por forte tempestade de neve, a qual os fez perder momentaneamente o caminho, impedindo-os de reconhecerem a região. Constrangidos a permanecer no lugar, aí passaram um dia e uma noite sem comer nem beber; e houve alguns que, embora perfeitamente conscientes, foram tomados pelo frio, e para sempre paralisados. Alexandre conheceu um país onde enterravam no inverno as árvores frutíferas para protegê-las da geada; podemos, aliás, observar por vezes a mesma coisa em nossa terra.

Voltemos ao vestuário. O imperador do México mudava de roupa quatro vezes por dia e nunca punha duas vezes a mesma. As que despia serviam para suas liberalidades: dava-as de presente, como recompensa. Assim também fazia com os vasos, os tapetes e os utensílios de sua cozinha, pois deste modo não podiam servir duas vezes.

Capítulo XXXVI

Sobre Catão, o Jovem

Não cometo esse erro tão comum de julgar os outros por mim. Acredito de bom grado que o que está nos outros possa divergir essencialmente daquilo que está em mim. Não obrigo ninguém a agir como ajo e concebo mil e uma maneiras diferentes de viver; e, contrariamente ao que ocorre em geral, espantam-me bem menos as diferenças entre nós do que as semelhanças. Não imponho a outrem nem meu modo de vida nem meus princípios; encaro-o tal qual é, sem estabelecer comparações. O fato de não ser continente não me impede de admirar e aprovar os Feuillants [ordem religiosa] e os capuchinhos que o são; pela imaginação ponho-me muito bem em sua pele e os estimo e honro tanto mais quanto divergem de mim. Aspiro particularmente a que julguem cada qual como é, sem estabelecer paralelos com modelos tirados do comum. Minha fraqueza não altera absolutamente o apreço em que deixo quem possui força e vigor.

“Sunt qui nihil suadent, quam quod se imitari posse confidunt.”

"Há pessoas que só aconselham aquilo que imaginam poder imitar" [Cícero].

Embora me arraste ao nível do solo, não deixo de perceber nas nuvens, por mais alto que se elevem, certas almas que se distinguem pelo heroísmo. Já é muito para mim ter o julgamento justo, ainda que não o acompanhem minhas ações, e manter ao menos assim incorruptível essa qualidade. Já é muito ter boa vontade, mesmo quando as pernas fraquejam.

Nosso século, pelo menos no meio em que vivemos, é tão viciado que não somente não pratica a virtude como ainda não a concebe sequer. Dir-se-ia que já não passa ela de jargão acadêmico:

***“Virtutem verba putant, ut
Lucum ligna:”***

"Pensam que a virtude é apenas uma palavra, e em um bosque
sagrado não vêem senão madeira para queimar" [Horácio].

“Quam vereri deberent, etiam si percipere non possent.”

“A virtude que deveriam respeitar ainda que não possam entender” [Cícero].

A virtude tornou-se um penduricalho bom para se pendurar no gabinete, uma palavra solta na ponta da língua, um simples enfeite, como um brinco.

Não se verificam mais atos de virtude. Os que assumem esse aspecto não lhe têm a essência. São o lucro, a glória, o hábito e o medo que nos levam a praticá-los. Os atos de justiça, coragem ou bondade que emanam de nós podem ser considerados pelos outros como provocados pela virtude, mas não é a virtude que no-los inspira. Têm outro objetivo, provêm de outras causas e a virtude só admite o que se faz por ela e para ela.

Após a grande batalha de Platéia, vencida pelos gregos sob as ordens de Pausânias contra os persas comandados por Mardônio, tendo os vencedores que determinar, segundo o costume, a quem competia a glória do êxito, atribuíram-na aos espartanos pelo valor excepcional que haviam demonstrado durante o combate. Quando estes, excelentes juízes em matéria de virtude, tiveram de decidir a qual deles em particular cabia a honra de ser proclamado o melhor, reconheceram que Aristodemo fora quem enfrentara o perigo com maior coragem. Não lhe deram entretanto o prêmio, porque sua coragem fora sobreexcitada pelo desejo de apagar a censura que lhe valera sua conduta nas Termópilas e de se redimir, por morte digna, do passado vergonhoso.

Nossos julgamentos estão longe de ser justos, porquanto se ressentem da depravação dos nossos costumes. Vejo a maioria dos belos espíritos de nosso tempo esforçar-se por diminuir a glória das belas e generosas ações que nos revela a antiguidade, depreciando-as e inventando circunstâncias e causas inexistentes para as explicar. Grande sutileza em verdade! Dêem-me a ação mais bela, mais pura, e conseguirei sem dificuldade atribuir-lhe as piores intenções por móvel. Deus sabe quanto nossa vontade íntima pode ser diversamente interpretada. A má língua dos espertos mostra-os menos maliciosos do que grosseiros e estúpidos.

Sinto-me tentado a empregar na defesa e louvor dos grandes homens os mesmos processos abusivos de que usam para os diminuir. Pois não hesitaria em engrandecer ainda mais, e quanto possível, essas admiráveis figuras, tão raras e escolhidas entre as demais pelos próprios sábios, para servirem de exemplo ao mundo. Não hesitaria em ampliar ainda, quanto pudesse, a sua glória por meio de interpretações e de circunstâncias favoráveis a meu ponto de vista, que conseguiria inventar. E creio que o resultado da imaginação se situaria bem abaixo de seus méritos. É dever do homem de bem representar a virtude sob as mais belas formas e não teria nada a criticar se a paixão nos induzisse a exagerar os elogios a essas manifestações dignas de nosso respeito. O que fazem os detratores, fazem-no ou por maldade ou porque são impelidos a colocar os fatos da história ao seu alcance, ou, melhor, porque sua inteligência carece da força e clarividência necessárias à concepção do esplendor da virtude em toda a sua pureza. Assim, diz Plutarco que em seu tempo havia quem atribuísse a morte de Catão, o jovem, ao medo que tivera de César, o que o irritava mui justamente. E pode-se imaginar quanto mais se irritaria se ouvisse o que depois se disse, a saber, que essa morte tivera por causa a ambição. Que tolice! Pois Catão teria muito mais facilmente perpetrado uma ação generosa e justa pondo as aparências contra si do que se vangloriando. Esse grande homem foi realmente um modelo que a natureza escolheu para nos mostrar a que ponto podem chegar, no homem, a virtude e a resolução.

Não me cabe aqui comentar tema tão rico em ensinamentos. Quero apenas estabelecer um paralelo (a fim de realçar sua glória e incidentemente a deles) entre cinco trechos de poetas latinos consagrados ao elogio de Catão. Creio que uma simples criança culta verá logo serem os dois primeiros fracos em relação aos outros. O terceiro, o mais comovente, perde-se pelo exagero; entre este e os dois precedentes há lugar para um ou mais trechos de valor intermediário. Diante do quarto não poderá deixar de cair de mãos postas, de admiração. Mas o primeiro lugar dará ao último trecho que se distancia de todos os outros sem que o intervalo que o separa dos demais possa ser preenchido por nenhum espírito humano. Maravilhar-se-á e ficará tomado de intensa emoção.

Coisa espantosa: temos muito mais poetas do que pessoas aptas a julgar e interpretar a poesia. E mais fácil fazê-la do que compreendê-la. A não considerarmos senão a questão secundária da forma, poderemos julgá-la pela aplicação dos preceitos, pela arte com que foi composta; mas no que tem de bom, de sublime, de divino, está acima de todas as regras e de todos os raciocínios. Quem procura, com calma e reflexão, analisar-lhe a beleza não o consegue, como não consegue analisar o esplendor de um relâmpago. Ela não seduz nossa inteligência; encanta-a e a devasta. O êxtase de quem a sabe penetrar se repercute sobre quem a ouve recitar e interpretar. Assim o ímã não somente atrai a agulha mas também lhe infunde a propriedade de atrair outras agulhas. É o que se vê melhor no teatro; a inspiração sagrada das musas, que se apodera do poeta e o enche de cólera, de tristeza, de ódio, contagia o ator e, por este, o público. É o caso das agulhas presas umas às outras.

Desde a infância, a poesia produziu em mim o efeito de me penetrar e comover profundamente; mas esse sentimento poético muito vivo e natural em mim foi influenciado de modo diferente segundo a forma, não na sua maior ou menor elevação, porquanto só conheci o que havia de melhor em cada gênero, mas pelo próprio tom da poesia: em primeiro lugar a fluidez graciosa e engenhosa, em seguida a sutileza aguda e nobre; finalmente a força viril e madura. Os nomes de Ovídio, Lucano, Virgílio, que encarnam esses gêneros, são exemplos do que afirmo.

Diz um dos poetas, Marcial, que “assim foi Catão, maior na vida do que o próprio César”. E outro, Manílio, observa: “que Catão, indomável, triunfou da morte”. Outro, Lucano, referindo-se às guerras civis entre César e Pompeu, comenta: “Os deuses abraçam a causa do vencedor, Catão defende a do vencido”. Diz o quarto, Horácio, elogiando a César: “Todos estão a seus pés, só o altivo Catão faz exceção”. Eis afinal Virgílio, o corifeu, que, após haver enumerado os nomes dos maiores homens de Roma, assim termina: “Enfim Catão, que a todos dita as leis”.

Capítulo XXXVII

Como rimos e choramos mesmas coisas

Mostra-nos a história Antigônio muito descontente com o filho que lhe apresenta a cabeça do Rei Pirro, seu inimigo, morto momentos antes em combate contra ele. E tendo-a visto põe-se a chorar. O Duque René de Lorena, que lamentou igualmente a morte de Carlos de Borgonha, na derrota que acabava de sofrer, pôs luto no enterro do inimigo. O Conde de Montfort na batalha de Auray, ganha contra Carlos de Blois que lhe disputava o ducado de Bretanha, mandou procurar o corpo do morto e o acompanhou ao túmulo.

Tais fatos não nos autorizam entretanto a concluir sem hesitação que:

***“E così avven, the l’animo ciascuna
Sua passion sotto ‘l contrario manto,
Ricopre, con la vista or’chiara, or’bruna.”***

"Assim a alma esconde sob um véu enganoso as paixões contrárias que a perturbam; não raro está ela triste quando seu rosto irradia alegria, e alegre quando parece triste" [Petrarca].

Dizem os historiadores que quando lhe apresentaram a cabeça de Pompeu, César virou o rosto, desviando o olhar, como o faria diante de um triste e feio espetáculo. Tinham estado tanto tempo de acordo e associados na gestão dos negócios públicos, seus destinos se haviam ligado tão amiúde, haviam prestado mútuos serviços tantas vezes, e tantos interesses lhes tinham sido comuns, que não se dirá fosse hipócrita a atitude de César ou contrária a seus sentimentos íntimos, como insinua Lucano:

***“Tutumque putavit
Jam bonus esse socer; lacrymae non sponte cadentes,
Effudit, gemitusque expressit pectore laeto;”***

"Logo que pensou poder enternecer-se", sem riscos, sobre o genro, fingiu chorar e arrancou alguns gemidos de um coração transbordante de alegria" [Lucano].

Sem dúvida nossas ações, em sua maioria, são máscara e artifício, e é verdade por vezes que

“Haereditis fletus sub persona rises est,”

"As lágrimas do herdeiro se fazem risos sob a máscara" [Públio Siro].

Cabe, porém, a fim de emitir um juízo em semelhantes circunstâncias, considerar a que ponto somos por vezes agitados por paixões diversas.

Em nosso corpo, dizem os médicos, produz-se um conjunto de humores diferentes; um deles domina, aquele que segundo o nosso temperamento atua mais comumente sobre nós. Da mesma forma, entre os múltiplos sentimentos que agitam nossa alma um prevalece, mas não a ponto de impedir que, em virtude da facilidade e flexibilidade que tem a alma de modificar o curso de suas impressões, os mais fracos sejam capazes, ocasionalmente, de sobrepujar o mais forte durante alguns momentos. É o que explica por que as crianças, ingênuas, naturais nas suas expansões, riem e choram muitas vezes pelo mesmo motivo. E nenhum de nós pode vangloriar-se de não ter, não obstante o prazer que pensa auferir de uma bela viagem, sentido faltar-lhe a coragem de deixar família e amigos; e, se não chegou a derramar lágrimas de verdade, não foi nunca sem um aperto no coração que pôs o pé no estribo.

Por bela que seja a chama que aquece o coração da jovem de boa família, no momento de entregá-la ao esposo cumpre arrancá-la ao pescoço de sua mãe; em que pesem as palavras do céptico jovial:

***“Estne novis nuptis odio Venus? anne parentum
Frustrantur falsis gaudia lachrymulis,
Uberrim thalami quasi intra limina fundunt?
Non, ita me divi, vera gemunt, juverint.”***

"Será Vênus odiosa às jovens esposas, ou caçoam elas da alegria dos pais com todas as lágrimas derramadas à entrada do quarto nupcial? Que eu morra, se tais lágrimas são sinceras!" [Catulo].

Eis por que não há como estranhar que lamentemos a morte de quem não gostaríamos que vivesse.

Quando admoesto meu criado, faço-o tão severamente quanto possível; minhas imprecações são reais, minha cólera não é fingida; mas, passada a borrasca, viro a página. E se precisa de mim vou-lhe em socorro de bom grado. Quando o trato de tonto ou de animal, não o faço para marcá-lo definitivamente, porém não penso desdizer-me se acho, pouco depois, que é um bom sujeito. Nenhum adjetivo nos é aplicável sem restrição. Se não fosse próprio de um louco falar sozinho, não houvera dia em que não me ouvissem gritar comigo mesmo e dizer-me: espécie de idiota! embora com isso não quisesse em absoluto definir-me. Quem me vê emburrado diante de uma mulher e logo em seguida sorridente, e pensa que em um caso ou noutro não sou sincero, é um imbecil. Nero, dizendo adeus à sua mãe, que ia ser afogada por sua ordem, mostrou-se comovido, cheio de horror e piedade.

Dizem que a luz do sol não nos atinge de um jato; que o sol nos envia raios sucessivos mas com uma tal rapidez e em tal profusão que não lhes podemos apreender a intermitência:

***“Largus enim liquidi fons luminis, aetherius sol,
Irrigat assidue coelum candore recenti,
Suppeditatque novo confestim lumine lumen.”***

"Fonte fecunda de luz, o sol brilhante inunda sem descontinuidade o céu de uma claridade renascente, substituindo sem cessar seus raios por outros raios novos" [Lucrecio].

Da mesma forma, lançam-se de nossa alma, sem que nos apercebamos, mil e uma manifestações.

Xerxes, às margens do Helesponto, considerava quanto seus exércitos que atravessavam o estreito estavam fora de proporção com a Grécia contra a qual os conduzia. Experimentando a princípio um sentimento de bem-estar diante de tantos milhares de homens de que era senhor, satisfação e alegria lhe vieram ao rosto. Mas eis que se põe a pensar que todas essas vidas terão terminado dentro de um século ao mais tardar e ante essa idéia sua fronte se enruga e a tristeza arranca-lhe lágrimas, o que lhe censura Artábano, seu tio e testemunha da súbita mudança de atitude.

Com absoluta resolução chegamos a vingar-nos de uma injúria e sentimos um contentamento singular por termos alcançado o objetivo; no entanto choramos por vezes. Não é, porém, porque atingimos a meta que choramos; desse ponto de vista não mudamos, mas nossa alma vê a coisa com outros olhos, encara-a por outro ângulo, pois tudo pode ser encarado de diferentes lados e apresentar aspectos diversos.

O parentesco, as relações antigas, a amizade do passado voltam-nos ao espírito e a passagem de um aspecto a outro é tão brusca que se torna imperceptível:

*“Nil adeo fieri celeri ratione videtur,
Quam si mens fieri proponit, et inchoat ipsa,
Ocius ergo animus, quam res se perciet ulla,
Ante oculos quorum in promptu natura videtur.”*

“Nada há tão rápido quanto o espírito quando
concebe ou age; a alma é móvel por isso, e mais do
que tudo o que nos apresenta a natureza”
[Lucrécio].

E erramos quando com esses movimentos todos queremos constituir um conjunto a desenrolar-se de maneira seguida.

Quando Timoleão chora a morte que, em conseqüência de madura e generosa resolução, acaba de cometer, não é sobre a liberdade devolvida à sua pátria que derrama lágrimas, nem sobre o tirano que imolou; é o irmão que ele chora. Cumpriu uma parte de seu dever; deixemo-lo desempenhar a outra.

Capítulo XXXVIII

Sobre a solidão

Deixemos de lado qualquer comparação, por demasiado longa, entre a vida solitária e a vida mundana; e quanto a esta bela frase que dissimula a ambição e a avareza: não nascemos para nossa própria satisfação e sim para a de todos, apelemos para os que estão na dança e que após cuidadoso exame de consciência nos respondam se os trabalhos, os encargos e os aborrecimentos da vida na coletividade são procurados e aceitos por outros motivos que não o proveito pessoal ambicionado. Os meios pouco confessáveis que empregamos em nosso século para avançar, bem demonstram o nenhum valor do objetivo fixado. Se para combater nossa tendência para a solidão a atribuírem à ambição, responderemos que é precisamente esta que nos inspira, pois quem mais do que a ambição foge da sociedade, e que deseja mais senão a inteira liberdade?

Praticar o bem ou o mal é possível em toda parte, entretanto se o que diz Bias é certo, “que a maioria dos homens é também a pior”, ou o que se escreve no Eclesiastes, “que sobre mil não há um que preste”, ou ainda o poeta,

*“Rari quippe boni: numero vix sunt totidem quot
Thebarum portae, vel divitis ostia Nili,”*

“Raros são os bons, apenas se achariam tantos quantas
as portas de Tebas ou as embocaduras do Nilo” [Juvenal]

, grande é o contágio do mal para quem vive na sociedade. É preciso imitar os viciados ou odiá-los, alternativas igualmente perigosas. Imitá-los porque são muitos; odiá-los porque são diversos. Por isso os negociantes que viajam por mar evitam que subam a seus navios pessoas dissolutas, blasfemadoras ou más, porquanto um tal aglomerado de gente só pode ter péssimas conseqüências. Por isso, também, dizia Bias àqueles em cuja companhia enfrentava violenta tempestade e que invocavam a proteção divina: “Calai, que Deus não perceba que estais aqui comigo”. O exemplo de Albuquerque, vice-rei da Índia, é mais típico ainda. Correndo o risco de morrer em acidente marítimo, tomou uma criança pequena aos ombros, a fim de que, no perigo comum, sua inocência lhe servisse de garantia.

Não é que o homem sábio não possa viver satisfeito onde quer que seja e isolar-se no meio dos cortesãos que entopem o palácio; mas se lhe for dado escolher, evitará até o simples espetáculo deles, dizem os filósofos. Se necessário resignar-se-á a ficar; se puder, escolherá outra situação. Não lhe parecerá suficiente libertar-se dos próprios vícios, se tiver ainda de lutar contra os dos outros. Charondas punia como maus os que comprovadamente andavam em más companhias. Não há ser mais sociável ou menos sociável do que o homem; é ele uma coisa pela sua própria natureza e outra em conseqüência de seus vícios. Antístenes não foi a meu ver judicioso quando, a alguém que lhe censurava as más companhias, respondeu: “os médicos também vivem com os doentes”. Em verdade os médicos cuidam da saúde dos doentes, mas comprometem a sua, pelo contágio e a influência perniciosa da presença contínua da doença.

O fim que visamos quando procuramos a solidão é, creio, viver mais à vontade e como nos agrada; mas nem sempre acertamos com o caminho. Amiúde imaginamos ter abandonado quaisquer ocupações e não fazemos senão mudar de atividade. O governo de uma família não causa menos aborrecimentos que o de um Estado. Ao que quer que se entregue, o espírito entrega-se por inteiro, e em sendo as ocupações domésticas menos importantes nem por isso são menos importunas. Mais ainda: podemos retirar-nos da Corte, renunciar aos negócios, não estaremos contudo ao abrigo dos principais tormentos da vida:

***“Ratio et prudentia curas,
Non locus effusi late maris arbiter, aufert;”***

"São a razão e a prudência, e não essas praias de onde se vê a imensidade do mar, que dissipam a tristeza" [Horácio].

A ambição, a avareza, a indecisão, o medo, a concupiscência não nos abandonam tão-somente porque mudamos de lugar:

“Et

Post equitem sedet atra cura;”

"A preocupação monta na garupa e galopa com eles" [Horácio].

Acompanham-nos até nos claustros e nas escolas de filosofia. Não há desertos, cavernas nos rochedos, mortificações e jejuns que nos libertem:

“Haeret lateri lethalis arundo.”

"A seta mortal continua presa a seus flancos" [Virgílio].

Diziam a Sócrates de alguém que de nenhum defeito se corrigira durante a longa viagem que realizara: "bem o creio", retrucou o filósofo, "ele se levava a si mesmo em sua companhia".

“Quid terras alio calentes

Sole mutamus? patriae quis exsul

Se quoque fugit?”

"Por que procurar países iluminados por outros sóis? Bastaria então fugir da pátria para fugir de si mesmo?" [Horácio].

Se preliminarmente não descarregamos a alma do peso que a oprime, mais se machucará com o movimento; assim o navio se estraga menos se a carga é bem distribuída. Mais mal do que bem faz-se ao doente em o mudando de lugar. Com o movimento, o mal acumula-se no fundo dele, como o conteúdo de um saco quando sacudido, e como a estaca afunda e se solidifica quanto mais a tentam abalar. Não basta pois deslocar-se, evitar a multidão; é preciso ainda afastar de nós as idéias que nos são comuns, a ela e a nós. É preciso que nos seqüestremos e tomemos posse de nós mesmos:

“Rupi jam vincula, dicas

Nam luctata canis nodum arripit; attamen illi,

Quum fugit, a collo trahitur pars longa catenae.”

"Quebrei os ferros, dizeis? Sim; o cão, depois de ter puxado a corrente e a ter partido, foge mas arrastando uma parte ao pescoço" [Pérsio].

Carregamos nossos ferros conosco, nossa liberdade não é completa. Voltamos o olhar para o que deixamos e que nos emprenha a imaginação:

“Nisi purgatum est pectus, quae praelia nobis

Atque pericula tunc ingratis insinuandum?

Quantae conscindunt hominem cupedinis acres

Sollicitum curae? quantique perinde timores?

Quidve superbia, spurcitia, ac petulantia, quantas

Efficiunt clades? quid luxus desidiesque?”

"Se a alma não é pura, quantos riscos corremos! Quantas lutas sem proveito contra nós mesmos! Quantas preocupações amargas, quantos temores, quantas inquietações roem o homem prisioneiro de paixões! Que devastações produzem em nosso espírito o orgulho, a luxúria, a cólera, o luxo, a moleza, a preguiça!" [Lucrecio].

“In culpa est animus, qui se non effugit unquam.”

"Nosso mal está dentro da alma e esta não pode fugir de si mesma" [Horácio].

É necessário, pois, extirpá-lo dela e então nos concentrarmos em nós mesmos. Nisso consiste a verdadeira solidão, a que podemos gozar na cidade e na Corte, mas que gozamos melhor no isolamento. Se projetamos viver sozinhos, longe de todos, façamos com que nossa satisfação só dependa de nós; destruamos tudo o que nos amarra aos outros, arranjam-nos de maneira a viver efetivamente sós, e, nesta condição, sem mais preocupações.

Estílpon escapara do incêndio de sua cidade natal, mas perdera a mulher, os filhos e tudo o que possuía. Vendo-o sereno em tão sombria situação, perguntou-lhe Demétrio Poliorcetes se não tivera prejuízos. "Ao que ele respondeu que, mercê de Deus, nada perdera de seu". É o que exprimia de modo jocoso o filósofo Antístenes: "O homem deve abastecer-se de provisões suscetíveis de flutuar, a fim de que possa, em caso de naufrágio, salvá-las a nado". E, com efeito, o sábio nada perde em conservando a posse de si mesmo.

Quando a cidade de Nola foi saqueada pelos bárbaros, Paulino, bispo do lugar, perdeu todos os seus bens e foi feito prisioneiro. Nem por isso deixou de endereçar diariamente a Deus esta prece: "Preservai-me, Senhor, de sentir esta desgraça, pois o que está em mim, bem o sabeis, não foi até agora atingido". As riquezas que o faziam realmente rico, os bens que o faziam bom, continuavam intactos. Cumpre, pois, selecionar os tesouros que podem ser preservados de quaisquer danos e escondidos em lugar fora do alcance de qualquer um e que só nós mesmos podemos revelar. É preciso ter, se possível, mulher, filhos, fortuna e principalmente saúde, mas não se prender a isso a ponto de prejudicar nossa felicidade. É preciso ter como reserva um recanto pessoal, independente, em que sejamos livres em toda a acepção da palavra, que seja nosso principal retiro e onde estejamos absolutamente sozinhos. Aí nos entreteremos de nós com nós mesmos, e a essa conversa, que não versará nenhum outro assunto, ninguém será admitido. Aí nos abandonaremos a nossos pensamentos sérios ou divertidos, como se não tivéssemos

mulher nem filhos, nem bens, nem casa, nem criadagem, de maneira que se um dia eles nos faltarem não nos custe demasiado a carência. Temos uma alma suscetível de se recolher, de se bastar em sua própria companhia, de atacar e defender-se, de dar e receber; não nos arreecemos, portanto, nesse diálogo com nós mesmos, de vegetar em uma aborrecida ociosidade.

“In solis sis tibi turba locis.”

“Na tua solidão, sê para ti mesmo o mundo” [Tibulo].

A virtude satisfaz-se com ser, sem necessidade de regras, palavras, conseqüências.

Em nossas ocupações habituais não há uma entre mil que nos diga respeito. Este, que vês furioso e fora de si, escalar as ruínas do forte, em meio à fuzilaria; e o outro que, cadavérico, esfomeado, coberto de cicatrizes e decidido antes a morrer do que a deixar passar o inimigo, imaginas que agem por conta própria? Pois é por conta de fulano e beltrano, que nunca viram, fulano e beltrano que não se preocupam sequer com seus feitos e mergulham no ócio e nos prazeres enquanto eles se matam. Aquele que vês sair depois da meia-noite de seu gabinete de estudo, tomado de pituíta, olhos doentes, miseravelmente vestido, pensas que passou seu tempo a buscar nos livros o que lhe cumpre fazer para se aperfeiçoar no bem, para se satisfazer com a sorte e progredir em sabedoria? Nada disso! Morrerá na tarefa ou acabará revelando à posteridade o ritmo em que se escreveram os versos de Plauto ou a verdadeira ortografia de certa palavra latina. Quem não troca deliberadamente a saúde, o repouso, a vida, pela reputação e a glória, as mais inúteis e vãs, e falsas, das moedas correntes? Como se nossa própria morte já não nos inspirasse suficiente terror, interessamo-nos pela de nossas mulheres, filhos e servidores! Como se não tivéssemos bastantes aborrecimentos, acrescentamos aos nossos os dos nossos vizinhos e amigos!

“Vah! quemquamne hominem in animum instituere, aut Parare, quod sit carius, quam ipse est sibi?”

“Como pode um homem pretender amar mais a alguma coisa do que a si mesmo?” [Terêncio].

A solidão parece-me em particular indicada, e necessária, àqueles que consagraram à humanidade a mais bela parte de sua vida, a mais ativa e produtiva, como o fez Tales. Já vivemos bastante para os outros, vivamos para nós ao menos durante o pouco tempo que nos resta. Isolemo-nos, e na calma, rememoremos nossos pensamentos e nossas intenções. Não é nada fácil um retiro consciencioso; isso nos preocupará suficientemente para que não procuremos atrelar-nos a outros empreendimentos. Desde que Deus nos dá lazeres a fim de nos prepararmos para deixar este mundo, mãos à obra, arrumemos nossas bagagens. Com antecedência digamos adeus a todos; libertemo-nos desses compromissos que nos amarram a outrem e nos distraem de nós mesmos.

É preciso romper com quaisquer obrigações imperativas. Talvez ainda gostemos disto ou daquilo, mas só a nós mesmos poderemos desposar. Em outras palavras, o que está fora de nós pode não nos ser indiferente, mas não a ponto de se colar a nós de modo que não se arranque sem nos esfolar e sem levar alguma parcela de nós. A coisa mais importante do mundo é saber pertencermos-nos.

Já é tempo de nos retirarmos da sociedade, porquanto nada mais lhe podemos dar e quem não está em condições de emprestar não deve pedir emprestado. Se nos faltam forças, recuemos e nos recolhemos. Quem puder então emprestar a si próprio os serviços que de costume se esperam da amizade e da sociedade, preste-os. Mas nessa queda que o torna inútil, importuno e pesado a outrem, evite tornar-se inútil, importuno e pesado a si próprio. Que se elogie e se trate, mas se domine; que respeite e tema sua razão e sua consciência para que não dê, sem se envergonhar, um passo em falso diante delas:

“Rarum est enim, ut satis se quisque vereatur.”

“É raro, com efeito, que alguém saiba respeitar-se suficientemente” [Quintiliano].

Diz Sócrates que os jovens devem instruir-se; os homens feitos procurar agir acertadamente; os velhos abandonar toda ocupação civil ou militar e viver para sua idéia, sem obrigações precisas. Há temperamentos mais ou menos predispostos a se conformarem com tais princípios. Os tímidos, os fracos, cujos sentimentos e vontade não se dobram (e sou desses tanto por tendência natural como pelo raciocínio) aceitam-nos mais facilmente do que aqueles cuja atividade e necessidade de ação levam a se meter em tudo, a se apaixonar por tudo, aqueles que se oferecem, se apresentam e se dão em quaisquer circunstâncias.

É preciso valermos-nos das vantagens que porventura encontramos em torno de nós, mas na medida em que nos convêm e sem fazer delas um alicerce essencial. Não o seriam, pois a razão e a natureza não o aprovam. Por que, desobedecendo às suas leis, nos colocaríamos, no que respeita à nossa comodidade, sob a dependência de outrem? Antecipar-se aos acidentes que pode provocar a má sorte, não é coisa de se fazer. Privar-se voluntariamente das satisfações ao nosso alcance, como o fazem alguns por devoção e certos filósofos por convicção; dispensar criados; dormir ao relento; vaziar os próprios olhos; deitar fora riquezas; procurar a dor, como o fazem muitos na esperança de que os sofrimentos em vida lhe acarretem a eterna beatitude no outro mundo; ou como fazem outros que pensam, em descendo ao degrau mais baixo da sociedade, garantir-se contra queda maior, são coisas que resultam de exagerada virtude. Que as naturezas particularmente severas e resolutas assim se defendam contra os vendavais deste mundo é coisa que as honra e vale como exemplo:

***“Tuta et parvula laudo,
Quum res deficiunt, satis inter vilia fortis
Verum, ubi quid melius contingit et unctius, idem
Hos sapere et solos aio bene vivere, quorum
Conspicitur nitidis fundata pecunia villis.”***

“Quanto a mim, se não posso ter muito, contento-me com pouco e louvo a possível mediocridade; se minha fortuna melhora, proclamo que não há sábios e homens felizes senão entre aqueles cuja renda provém de boas terras” [Horácio].

Creio que muito se pode fazer sem ir tão longe. Basta-me a mim, quando a sorte me sorri, preparar-me para suas infidelidades, e representar-me, enquanto tenho o espírito livre, o mal que me pode ocorrer; assim em plena paz nos entregamos às justas e aos torneios, a fim de nos exercitarmos para a guerra. Não considero o filósofo Agesilau menos digno, só porque usava baixela de ouro e prata, de acordo com sua fortuna; estimo-o mais por tê-la usado com moderação e liberalidade do que se dela se houvesse desfeito.

Procuo verificar até onde podem ir as necessidades a que estamos expostos. Quando vejo um pobre mendigar à minha porta, tento fazer com que meu pensamento se amolde ao seu. E passando dele a outros em idênticas condições, sou impelido a pensar na morte, na pobreza, na perda de consideração, na doença, que podem ocasionalmente acontecer-me. A apreensão que experimento atenua-se à idéia da paciência com que outros, em piores situações, acatam suas desventuras, pois não posso acreditar que a fraqueza de espírito seja, em semelhante ocorrência, mais eficiente que a firmeza de ânimo, ou que a razão não possa conduzir aos mesmos resultados que o hábito. Sabendo quanto essas comodidades da vida, tão supérfluas, são frágeis, ao gozá-las não deixo de pedir a Deus a mercê de fazer com que me sinta satisfeito comigo mesmo e com o que possuo. Vejo pessoas ainda jovens e em perfeita saúde ter sempre em casa quantidade de pílulas para o caso de sobrevir um resfriado, o qual tanto menos receiam quanto imaginam ter o remédio à mão. É preciso agir de maneira idêntica; e se nos sentimos expostos a alguma doença séria devemos prover-nos de drogas que acalmem e adormeçam o órgão ameaçado.

A ocupação que cumpre escolher quem procura a solidão, não deverá ser nem cansativa nem aborrecida, pois de outro modo não valeria a pena isolar-se no intuito de encontrar o repouso. Depende ela da predileção natural de cada um. A minha tendência não me induz a valorizar minhas propriedades; os que apreciam uma tal atividade a ela se entreguem pois, mas com moderação: "que busquem colocar-se acima das coisas, em vez de se sujeitar a elas" [Horácio], sem o que a ocupação se transformará em servidão, como diz Salústio.

Entre as ocupações que comporta a exploração de uma propriedade, algumas há que eu compreendo e desculpo. Cuidar do jardim, por exemplo, o que, segundo Xenofonte, fazia Ciro. E é possível encontrar um meio-termo entre o trabalho grosseiro, pesado, exigente de atenção que se impõe a quem se dedica por inteiro a ele e a displicência profunda, excessiva dos que deixam tudo ao abandono:

***"Democriti pecus edit agellos
Cultaque, dum peregre est animus sine corpore velox."***

*"O gado dos vizinhos vinha comer as colheitas de Demócrito enquanto,
liberto do corpo, seu espírito viajava pelo espaço" [Horácio].*

Ouçamos o conselho de Plínio, o Jovem, a seu amigo Canínio Rufo a respeito da vida solitária: "No retiro absoluto que criaste, e onde tens a possibilidade de viver como entendes, aconselho-te a abandonares a teus servidores as tarefas penosas e humilhantes, e te entregares ao estudo das letras, a fim de chegares a produzir alguma coisa pessoal". Plínio quer dizer com isso que aplicasse seus lazeres em criar um nome. É o que pensava Cícero, que dizia querer empregar a solidão e o repouso que lhe deixariam os negócios públicos em conquistar com seus escritos uma glória imortal:

***"Usque adeone
Scire tuum, nihil est, nisi to scire hoc, sciat alter?"***

"Teu saber nada valerá se não souberem que tens saber" [Pérsio].

Seria normal, a meu ver, que olhasse para fora do mundo quem dele quer retirar-se. Plínio e Cícero só o fazem entretanto por metade; tudo dispõem para o momento em que se hão de retirar, mas por uma ridícula contradição, embora separados do mundo, deste é que pretendem tirar sua satisfação.

Os que por devoção procuram a solidão, e se animam na certeza de outra vida acenada pelas promessas divinas, são mais coerentes. Aspiram a Deus, infinitamente bom e poderoso, e sua alma, livre, encontra à saciedade a satisfação dos desejos que concebe no retiro. Aflições e dores são-lhes vantajosas, porquanto constituem créditos a mais para um dia possuírem a saúde e a felicidade eternas. A morte se lhes afigura desejável porque os introduzirá na perfeição. O rigor das regras que se impõem é atenuado desde o início pelo hábito, e os apetites da carne, repelidos sem cessar, adormecem afinal, pois nada os entretém melhor do que o uso e os exercícios. Essa outra vida feliz e imortal que se lhes promete, merece, sozinha, que renunciem sem restrições às comodidades e doçuras da nossa. Quem pode abrasar a alma com a chama dessa fé que nada abala e dessa esperança que engendra uma convicção real e constante, leva na solidão uma existência cheia de volúpias e de delícias, que deixa muito distantes todas as satisfações outorgadas por qualquer outro gênero de vida.

Nem o objetivo que aponta Plínio, nem o meio que propõe satisfazem portanto. Vamos assim de mal a pior. Dedicar-se às letras é trabalho tão penoso como outro qualquer e igualmente perigoso para a saúde, o que é o ponto essencial a ser considerado. E não nos devemos deixar encantar pelo prazer que tiramos dele, pois é sempre o prazer excessivo, que o homem aúfere da satisfação do que mais aprecia, que o perde, seja ele avarento, voluptuoso ou ambicioso. Os sábios advertem-nos assaz contra a traição de nossos apetites; ensinam-nos a discernir, entre os prazeres que se nos oferecem, os verdadeiros e não suscetíveis de amargor dos que não são sem mistura e dos quais cumpre esperar mais fadiga do que satisfação. A maior parte dos prazeres, dizem, acaricia-nos e nos abraça para nos estrangular, como faziam os bandidos a que os egípcios chamavam filistas. Se a dor de cabeça da embriaguez ocorresse antes e não depois, evitaríamos beber demais; pois a volúpia age como a embriaguez: para melhor nos enganar vai à frente, escondendo-nos as conseqüências que acarreta. As letras são um agradável passatempo, mas se nos devemos absorver nelas a ponto de perdermos a alegria e a saúde, o que em suma nos é mais precioso, renunciemos. Sou de opinião que as vantagens que elas nos oferecem não compensam tais prejuízos. Os homens enfraquecidos por alguma enfermidade prolongada acabam por se entregar ao médico e se submetem a determinadas regras de vida a que não devem desobedecer; ora, quem, por desgosto ou aborrecimento, se retira da vida na sociedade deve guiar-se pelas regras da razão, e

ordenar a nova existência com prudência e sensatez.

Deverá renunciar a qualquer trabalho, como quer que se apresente, e também de um modo geral evitar as paixões que perturbam a tranqüilidade do corpo e do espírito, e “escolher o caminho mais adequado a seu temperamento” [Propércio].

Que se dedique ao governo da casa, ao estudo, à caça ou a outro exercício se nisso se compraz, mas que não vá além do prazer porque então começa a fadiga. É preciso não inventar tarefas nem ocupações senão dentro dos limites em que se impõem para nos manter em forma e preservar dos incômodos que acarreta o exagero contrário, a ociosidade que amolece e embota. Há ciências estéreis e árduas que em sua maioria interessam principalmente a sociedade. Que as estudem os que estão a serviço desta. Quanto a mim, só aprecio os livros agradáveis e fáceis, que me distraem, cuja leitura é agradável, ou então os que me consolam e me fornecem regras para orientar a vida e preparar-me para a morte,

**“*Tacitum sylvas inter reptare salubres,
Curantem, quidquid dignum sapienti bonoque est.*”**

“Passeando em silêncio pelos bosques e ocupando-me de tudo
o que é digno de um homem bem ordenado e virtuoso” [Horácio].

As pessoas mais sábias do que eu, de alma mais forte e elevada, podem criar para si um repouso inteiramente espiritual. Eu, que a tenho como todo mundo, preciso que as comodidades do corpo me ajudem. E, tendo chegado à idade de perder as que mais me apeteçam, procuro as que me permite ainda esta época da vida, e arranjo-me para as aproveitar. É preciso, por todos os meios possíveis, inclusive unhas e dentes se necessário, que conservemos o gozo das satisfações da vida que os anos nos arrancam aos poucos, umas após outras, das mãos:

**“*Carpamus dulcia; nostrum est,
Quod vivis; cinis, et manes, et fabula fiet.*”**

“Gozemos; somente os dias que damos ao prazer são nossos;
brevemente não serás mais que cinza, sombra, fábula” [Pérsio].

Plínio e Cícero sugerem-nos como objetivo a glória. Não me interessa nem de longe. A disposição de espírito mais contrária à vida solitária está na ambição. Glória e repouso são incompatíveis entre si. Plínio e Cícero somente livraram o corpo da multidão; mais do que nunca a ela se prenderam pelo espírito e a intenção:

“*Tun’, vetule, auriculis alienis colligis escas?*”

“Velho pândego, então só trabalhas para divertir o povo?” [Pérsio]

; recuaram para melhor saltar e mediante violento impulso caíram em cheio no rebanho.

Quereis ver a que ponto estão errados? Comparemos sua opinião com as de Epicuro e Sêneca, filósofos pertencentes a escolas diversas e escrevendo um a Idomeneu e outro a Lucílio, seus amigos, a fim de induzi-los a abandonarem a vida pública, com suas grandezas, e a se retirarem: “Vivestes até agora – dizem eles – nadando e flutuando pelos mares; voltai ao porto para morrerdes. Passastes a vida em plena luz, vivei à sombra o tempo que vos resta. Não vos libertaríeis de vossas ocupações se ao mesmo tempo não renunciásseis aos benefícios que vos outorgam; eis por que é preciso que abandonéis qualquer idéia de glória e renome. Seria prejudicial para vosso repouso que a irradiação de vossos feitos do passado vos acompanhasse em vosso refúgio, pondo-vos demasiado em evidência. Com os outros prazeres renunciái ao que emana do aplauso dos homens. Quanto a vosso saber e a vossas capacidades, não vos preocupeis; não estarão perdidos se vós mesmos valerdes mais. Lembrai-vos daquele sujeito a quem perguntavam por que se esforçava tanto por adquirir um saber de que poucas pessoas teriam conhecimento; respondeu ele: ‘Contento-me com poucos; contento-me com um; contento-me com nenhum.’ Estava certo. Vós e mais um já vos bastareis neste teatro da vida, em vos servindo mutuamente de público; e se estais só, sede a um tempo ator e espectador. Que o público seja para vós uma só pessoa e que uma só pessoa tenha a importância de um grande público. É covarde ambição querer auferir glória e renome da ociosidade e da solidão; fazei como os animais que apagam suas pegadas à entrada de seu covil. Não vos deveis esforçar para que o mundo fale de vós; só vos deveis preocupar com o que dizeis a vós mesmos. Recolhei-vos em vós, mas antes preparai-vos para vos receber. Pois seria loucura confiardes em vós se não sabeis governar-vos. Pode-se errar na vida solitária como quando se vive na sociedade. Enquanto não puderdes mostrar uma atitude irrepreensível, enquanto não inspirardes a vós mesmos respeito e pudor,

“*Obversentur species honestae animo.*”

“Oferecei a vosso espírito nobres imagens” [Cícero]

; tende sempre presentes à imaginação Catão, Fócion, Aristides, diante dos quais os próprios loucos esconderiam seus erros; e fazei-vos juizes de vossas intenções. Se estas não forem o que deveriam ser, a deferência que por eles tendes vos indicará o caminho certo. Eles vos ajudarão a vos bastardes, a nada pedirdes senão a vós mesmos, a fazerdes com que vosso espírito se atenha às meditações em que possa comprazer-se. Assim compreenderéis quais os verdadeiros bens, de que gozamos na medida em que os vamos entendendo, e assim sereis felizes, sem desejar que vossa vida se prolongue e vosso nome se torne famoso”.

Eis um conselho de verdadeira e natural filosofia, e não de uma filosofia de ostentação e verbosidade como a de Plínio e Cícero.

Capítulo XXXIX

Considerações acerca de Cícero

Mais um fato que ressaltará a diferença entre Epicuro e Sêneca de um lado e Cícero e Plínio de outro: os escritos deste, que se assemelham bem pouco aos de seu tio [o naturalista Plínio], e os de Cícero são testemunhos irrecusáveis de naturezas ambiciosas. Pois, entre outras coisas, não solicitam eles abertamente aos historiadores de seu tempo que não os esqueçam em

suas obras? O destino, como que para zombar, fez que nos chegassem às mãos esses vaidosos apelos quando de há muito perdidas as obras em que se fala deles.

Mas o que revela a mesquinhez de sentimentos desses personagens de alto coturno é terem querido tirar renome e glória de sua intemperança e futilidade de linguagem, e até guardando para a posteridade as cartas que escreviam a parentes e amigos, indo ao cúmulo de publicar algumas que não chegaram a ser enviadas, sob a alegação de não desejarem perder seu trabalho e suas vigílias. Não me parece decente que dois cônsules romanos, primeiros magistrados de uma república que governava o mundo, empregassem seus lazes em preparar e adornar belas missivas no intuito de adquirir a reputação de bem escreverem a língua de suas amas-de-leite. Faria pior um simples mestre-escola que com isso ganhasse a vida? Se os feitos de Xenofonte e César não houvessem ultrapassado de muito sua eloquência, duvido que os tivessem escrito. O que procuraram tornar conhecido foi sua conduta nos acontecimentos de que participaram e não sua maneira de os contar. Se a perfeição da linguagem pudesse granjear uma glória de bom quilate, Cipião e Lélcio não teriam por certo cedido a um escravo africano a honra que podiam auferir de suas comédias e outros escritos em que ressaltam as mais deliciosas sutilezas da língua latina, pois é indiscutível ser deles a obra de Terêncio, coisa que o próprio autor confessa e se evidencia em sua beleza e perfeição. E lamentaria muito que me provassem o contrário.

É grotesco e injurioso procurar valorizar alguém em lhe atribuindo qualidades, por mais louváveis que sejam em si, que não convenham à sua condição social; ou que não devam figurar em primeiro plano. É como se elogiasses um rei por ser bom pintor, ou bom arquiteto, ou bom atirador, ou bom corredor de argolas [jogo da época, espécie de cavalhada, em que competia ao cavaleiro arrancar a argola com a lança]. Tais elogios somente são honrosos quando se acrescentam aos que a pessoa merece pelas qualidades adequadas à situação que ocupa. No caso tomado como exemplo, o espírito de justiça do príncipe, a habilidade com que governa na paz como na guerra. Assim é que seus conhecimentos de agricultura honraram Ciro; que sua eloquência e sua cultura literária honraram Carlos Magno. Vi outrora personagens, que deviam seus títulos e sua situação a seu talento caligráfico, renegarem seu aprendizado, exibirem uma letra ruim, afetarem profunda ignorância de tão vulgar saber que o povo acredita não se encontrar entre as pessoas de certa classe, e tentarem recomendar-se por qualidades mais importantes. Os companheiros de Demóstenes, enviado em missão junto a Filipe, elogiavam o príncipe por ser belo, eloqüente e grande bebedor. Tais qualidades, atalhou Demóstenes, honrariam mais uma mulher, um advogado e uma esponja, do que um rei. Este deve

***“Imperet bellante prior, jacentem
Lenis in hostem.”***

“Comandar, esmagar o inimigo que resiste, mostrar-se clemente em relação aos que reduz à impotência” [Horácio].

Não é profissão real dançar bem ou caçar bem:

***“Orabunt causas alii, coelique meatus
Describent radio, et fulgentia sidera dicent;
Hic regere imperio populos sciat.”***

“Que outros discurssem com eloquência; que outros, armados de compassos, descrevam os movimentos dos céus, predigam o curso dos astros. Seu papel consiste em saber governar” [Virgílio].

Plutarco vai mais longe e acha que mostrar-se alguém superior nas coisas acessórias, é prova de que não aproveitou seu tempo, não o empregou quanto devia no estudo do necessário e do útil. o que levava Filipe, rei da Macedônia, a dizer a seu filho Alexandre, o Grande, o qual cantava em um festim exibindo um talento suscetível de infundir inveja aos melhores músicos: “Não tens vergonha de cantar assim tão bem?” E idêntico sentimento fez que um músico, com o qual o mesmo Filipe discutia arte, respondesse: “Deus vos preserve, senhor, de experimentardes algum dia desastres de tal monta que possais chegar a ser mais perito do que eu nessa matéria”. Um rei deve poder responder como o fez de uma feita Ificrates a um orador que em sua arenga o apostrofara nestes termos: “Quem és, para te mostrares tão bravo? Guerreiro, arqueiro, lanceiro?” – “Não sou nada disso, mas sou aquele que sabe comandar toda essa gente”. Antístenes viu um indício da mediocridade de Ismênia no fato de o louvarem por ser excelente tocador de flauta.

Quando ouço alguém se referir ao estilo dos ‘Ensaio’, preferiria que calasse. Pois não são tanto as expressões que relevam; são as idéias que denigram e com tanto maior mordacidade quanto o fazem de maneira indireta. Pude enganar-me, mas quantos outros se prestam mais ainda à crítica no mesmo gênero! O fato é que, bem ou mal, nenhum escritor ventilou maior número de assuntos, nenhum, em todo o caso, os deitou no papel. Para que aí se agrupem mais e mais, enuncio-os apenas; se os desenvolvesse, muitos volumes mais seriam necessários e não apenas um. Muitos fatos aí se mencionam que nada dizem. Quem os quiser analisar engenhosamente fará longos ensaios. Nem eles nem minhas alegações servem sempre simplesmente de exemplo ou se apresentam para dar autoridade ao texto, e maior interesse à obra. Não os encaro apenas do ponto de vista do partido que deles tiro: comportam por vezes, independentemente de minha intenção, a semente de uma matéria mais rica e ousada e revelam, indiretamente, algo mais requintado, tanto para mim, que não quero exprimir mais, como para os que se encontrarem comigo.

Voltando à questão do talento literário, acho que entre só saber exprimir-se defeituosamente e saber unicamente falar bem, não há muito que escolher.

“Non est ornamentum virile concimitas.”

“A elegância não é adorno para o homem” [Sêneca].

Dizem os sábios que, do ponto de vista do saber, só a filosofia e, do ponto de vista dos atos, só a virtude se acertam a todas as idades e condições sociais.

Encontramos em Epicuro e Sêneca alguma coisa semelhante às idéias de Plínio e Cícero: eles também dizem que as cartas que escrevem a seus amigos viverão eternamente. Mas é de outro modo e se adaptando, em vista de um fim útil, à vaidade dos outros. Explicam-lhes que se é o desejo de renome e fama que os amarra ainda às funções públicas e os induz a temerem a solidão, suscetível de prejudicar tal resultado, podem tranquilizar-se: eles, Epicuro e Sêneca, gozam de suficiente crédito sobre a posteridade para lhes assegurar, ainda que tão-somente pelas cartas que lhes enviam, que seus nomes serão conhecidos e mais famosos do que o seriam pelos atos de sua vida pública.

Além dessa diferença, as cartas de nossos dois filósofos não são dessas cartas vazias e sem consistência que apenas se salientam por alguma delicadeza de expressão, algum ritmo harmônico; são substanciais, cheias de sabedoria, e quem as lê não se faz mais eloqüente e sim mais avisado; não nos ensinam a bem dizer, e sim a bem fazer. Abaixo a eloqüência que atrai nossa atenção para ela mesma e não para seus temas. Observemos, entretanto, que a de Cícero, de tão perfeita adquiriu valor próprio. A propósito, contarei uma anedota que põe em evidência a sua natureza. Tinha de falar em público e não lhe sobrara tempo para preparar convenientemente seu discurso. Eros, um de seus escravos, veio preveni-lo de que o comício fora adiado para o dia seguinte. Pois Cícero ficou tão contente com a notícia que o alforriou.

Uma palavra acerca desse gênero epistolar em que meus amigos julgam que eu poderia alcançar algum êxito e que de bom grado teria escolhido para publicar meus devaneios se soubesse a quem endereçar as cartas. Para tanto fora preciso que tivesse hoje, como tinha outrora, uma pessoa com a qual mantivesse relações contínuas, que me agradassem, me animassem e me inspirassem. Pois raciocinar ao léu como fazem outros, só o faria em sonho. Inimigo declarado de tudo que é falso, não poderia entreter-me de coisas sérias com correspondentes imaginários. Fora mais atento e claro no que escrevo se me dirigisse a um amigo, de cuja inteligência e caráter tivesse idéia precisa, do que me dirigindo a um público formado de toda espécie de gente. E estou certo de que me teria dado muito bem. Meu estilo, espontâneo e familiar, não convém ao trato dos negócios públicos, mas é bem meu, de acordo com minha maneira de falar, que é substancial, desordenada, sincopada, de um tipo muito particular.

Não sei escrever cartas cerimoniais, que são no fundo uma seqüência de belas frases amáveis. Os longos protestos de afeição e de dedicação não estão em minhas forças nem são de meu gosto. Não acredito nisso e não sei dizer o que não penso. Eis-me bem longe dos hábitos de hoje, que comportam um esbanjamento de fórmulas obsequiosas e servis, realmente de uma prolixidade jamais vista, e em que se abusa nas relações comuns de palavras como vida, alma, devoção, servo, escravo, de modo que, se desejamos acentuar uma simpatia especial e respeitosa, os termos para fazê-lo nos faltam.

Aborreço-me parecer adulator, e como tenho naturalmente a expressão concisa, direta, sem adornos, considera-me algo desdenhoso quem não me conhece por outros aspectos. Os que eu mais admiro e respeito são os que menos demonstro admirar e respeitar, e quando me sinto particularmente feliz esqueço as convenções mundanas. Em relação às pessoas de que dependo, mostro-me pouco solícito e algo altivo; e agrado ainda menos os que me são mais caros. Parece-me que devem ler em meu coração e que minhas palavras trairiam a expressão certa de meus sentimentos. Trate-se de dar boas-vindas, de dizer adeus, de agradecer, de oferecer meus préstimos, ou de quaisquer outros cumprimentos enfáticos que determina o cerimonial da boa sociedade, não conheço ninguém que se sinta tão inibido quanto eu. Nunca escrevi uma carta de recomendação que o destinatário não achasse seca ou mole.

Os italianos gostam de editar correspondências. Posso cerca de cem volumes de cartas, entre as quais as de Aníbal Caro se me afiguram as melhores. Se possuísse todas as cartas que escrevi às mulheres, na mocidade, quando minha pena traduzia os impulsos de meu coração, talvez nelas se encontrassem páginas dignas de ser divulgadas entre os jovens ociosos e atormentados com idênticas paixões.

Escrevo sempre minhas cartas às pressas, tão precipitadamente que embora tenha uma péssima caligrafia prefiro ainda escrevê-las eu mesmo a recorrer a alguém, pois não acho quem possa acompanhar-me quando dito. Ademais não recopio nunca. Habituei os altos personagens que me conhecem a admitirem minhas rasuras e correções, bem como meu papel sem dobra nem margens. As cartas que mais exigem de mim são as que menos importam; quando demoro em redigi-las é sinal de que não me sinto disposto a enviá-las. Começo em geral sem plano predeterminado; uma frase puxa a outra. Hoje os preâmbulos e os enfeites ocupam mais espaço do que o próprio assunto. Escrever duas cartas custa-me tanto quanto dobrar e lacrar uma única, por isso deixo a outrem esse cuidado. Não menos alegremente outorgaria a alguém, ao encerrar meu assunto, a tarefa de acrescentar essas longas arengas, esses protestos e cumprimentos com que terminamos nossas cartas e que espero ver abolidos algum dia por alguma nova moda. Da mesma forma, aborreço-me transcrever a teoria de títulos e qualidades do destinatário, o que muitas vezes, de medo de me enganar, me levou a não escrever, principalmente a homens de finanças e de leis. Inventaram-se tantos cargos novos, proliferaram a tal ponto as distinções honoríficas e de tal ordem é sua hierarquia que, além da dificuldade em diferenciá-las, nos arriscamos a confusões e ofensas tanto mais graves quanto custaram muito caro a seus donos. Sobrecarregar as páginas de rosto de nossos livros com dedicatórias e louvações parece-me igualmente de muito mau gosto.

Capítulo XL

A apreciação do bem e do mal dependem em grande medida da opinião que deles temos

Os homens, diz antigo ditado grego, atormentam-se com a idéia que têm das coisas e não com as coisas em si. Seria grande passo, em alívio da nossa miserável condição, se se provasse que isso é uma verdade absoluta. Pois se o mal só tem acesso em nós porque julgamos que o seja, parece que estaria em nosso poder, ou não o levarmos a sério ou o colocarmos a nosso serviço. Se tal coisa depende de nós, por que não a resolveremos, liquidando-a ou tirando vantagem dela? Se aquilo a que chamamos mal não é nem mal nem tormento, e se somente nossa fantasia lhe atribui tal qualidade, podemos modificá-lo. E, em o podendo, é absurdo de nossa parte, e sem que nada nos obrigue, apegarmo-nos à solução mais aborrecida. E por que atribuir à doença,

à indignação, ao desprezo um gosto ácido e mau se o podemos modificar? Pois o destino apenas suscita o incidente; a nós é que cabe determinar a qualidade de seus efeitos. Vejamos, portanto se é possível afirmar com autoridade que aquilo a que chamamos mal não o é em si, ou, o que dá na mesma, se ainda que o seja depende de nós mudar-lhe a aparência e as conseqüências.

Se as coisas que tememos tivessem um caráter próprio, a todos se imporiam de igual maneira, produzindo idênticas conseqüências. Todos os homens são, efetivamente, da mesma espécie e, com pequenas diferenças, providos de órgãos semelhantes, instrumentos de concepção e julgamento. A diversidade de opiniões acerca das coisas mostra claramente que atuam sobre nós segundo um dado estado de espírito. Quando um que seja as admita como são realmente, mil outros as deformam e modificam. Encaramos a morte, a pobreza e a dor como nossos piores inimigos. Ora, essa morte que alguns consideram "a mais horrível entre as coisas horríveis" outros a julgam "o único refúgio contra os tormentos da vida – o maior benefício que nos deu a natureza – a única garantia de nossa liberdade – o único amparo imediato e comum a todos contra os males". Aguardam-na alguns a tremerem de medo; outros, preferem-na à vida. E não falta até quem a considere demasiado acessível:

***"Mors! utinam pavidos vitae subducere nolles.
Sed virtus to sola daret!"***

**"Ó morte, quisessem os deuses que desdenhasses os poltrões
e que somente a virtude merecesse tua preferência" [Lucano].**

Mas não nos ocupemos com tão gloriosas coragens.

Teodoro respondeu a Lisímaco que ameaçava matá-lo: – "Farás uma bela coisa, à semelhança do que pode fazer a cantárida". Em sua maioria os filósofos propositadamente se adiantaram à chegada da morte, ou se apressaram, ajudando-a. Quanta gente do povo nos é dado ver que, ao ser conduzida para a morte, e não simplesmente para a morte mas para a morte ignominiosa, acompanhada às vezes de cruéis suplícios, demonstra grande firmeza de ânimo, ou por ostentação ou naturalmente, a ponto que se diria nada ter mudado em sua vida? Tais indivíduos resolvem seus problemas domésticos, fazem recomendações aos amigos, cantam, dirigem exortações à multidão, não desdenhando, não raro, a piada. E bebem à saúde de seus conhecidos com coragem idêntica à de Sócrates.

Um deles, que conduziam à forca, pediu que "evitassem de passar por tal rua porquanto corria o risco de encontrar certo negociante a quem devia um dinheirinho e receava ser preso". Outro disse ao carrasco que não lhe bulisse no pescoço, pois era muito coceguento e poderia ter um acesso de riso. Outro respondeu ao confessor que lhe afirmava cearia à noite com Nosso Senhor: – Vá em meu lugar, hoje estou de jejum. – Outro, que pedira para beber, vendo o carrasco fazê-lo antes, no mesmo recipiente, recusou "com medo da sífilis". Conhecem todos a história daquele picardo a quem, quando subia a escada para a forca, apresentaram uma mulher prometendo-lhe mercê se com ela casasse. Ele a examinou um instante, e voltando-se para o carrasco exclamou: "cumpre o teu dever; é coxa". Contam que na Dinamarca igual ocorrência se verificou. A um condenado à decapitação fizeram idêntica proposta e ele a recusou porque a moça tinha as bochechas caídas e o nariz muito pontudo. Em Tolosa, um laçao, acusado de heresia, dava como única razão de sua crença a palavra de seu patrão, jovem clérigo, como ele preso. Pois preferiu a morte a deixar-se persuadir do erro de seu senhor. E relatam as crônicas que em Arrás, ao se apoderar Luís XI da cidade, muita gente do povo se entregou à prisão para não gritar "Viva o rei". Entre os butões, seres assaz desprezíveis, "houve quem conservasse até o último instante" o espírito jocoso. Um deles, condenado à forca, no momento em que o carrasco o empurrava no vácuo, exclamou: Viva o prazer! o que era seu refrão habitual. Outro, a ponto de morrer, fora estendido sobre uma esteira junto à lareira e lhe perguntou o médico onde lhe doía: – Entre a cama e a chama, respondeu. E ao padre que, para ministrar-lhe a extrema-unção, lhe procurava os pés encolhidos e crispados pela enfermidade, observou: vós os achareis na ponta de minhas pernas. E exortando-o um dos presentes a recomendar-se a Deus: Vai alguém vê-lo hoje? Ao que o outro retorquiu: Tu mesmo, e dentro em breve, se lhe aprover. – Não poderá ser amanhã à noite? – Amanhã ou outro qualquer momento pouco importa; não demorará muito, por isso trata de te recomendar a Ele. – Então é melhor que eu mesmo apresente as recomendações.

No reino de Narsingpur as mulheres dos sacerdotes são ainda hoje enterradas vivas com os corpos de seus maridos; as outras mulheres que não pertencem à mesma casta são queimadas vivas nos funerais de seus esposos e todas suportam a sorte não somente com firmeza de ânimo, mas também com alegria. À morte do rei, suas mulheres, suas concubinas, seus favoritos, seus oficiais e servidores apresentam-se com fervor à fogueira em que arde o seu senhor e na qual vão precipitar-se, considerando grande honra acompanhá-lo ao outro mundo.

Durante nossas últimas guerras na região milanesa, foi Milão tantas vezes tomada e retomada que o povo, impacientado com essas mudanças repetidas de destino, adquiriu tal indiferença ante a morte, que meu pai – de quem eu o ouvi – contou que, de uma feita, em uma só semana, vinte e cinco chefes de família se suicidaram. Esse fato lembra o que ocorreu no sítio de Xanthe a Bruto. Os habitantes, homens, mulheres e crianças, precipitaram-se em massa ao encontro da morte e com tal desejo de perder a vida, que mais não se teria feito para salvá-la. E foi somente com penosos esforços que pôde Bruto poupar alguns.

Qualquer idéia pode apoderar-se de nós com força bastante para que a sustentemos até a morte. O primeiro artigo do juramento, tão impregnado de coragem, que fizeram os gregos durante as guerras médicas, determinava que todos se comprometessem antes a morrer do que a se sujeitar à dominação dos persas. E quantos na guerra entre turcos e gregos preferiram a morte cruel a renunciar a circuncisão e a aceitar o batismo? E de atos semelhantes há exemplos em todas as religiões.

Tendo os reis de Castela banido os judeus de suas terras, vendeu-lhes o Rei João de Portugal, à razão de oito escudos por cabeça, a faculdade de se refugiarem em seu reino durante determinado tempo, ao fim do qual deviam partir. Para tanto se comprometia a fornecer-lhes navios que os transportassem à África. Vencido o prazo, após o qual os que não deixassem o

território seriam reduzidos à escravidão, verificou-se haver número escasso de embarcações. Os que puderam embarcar, rudemente maltratados pelas equipagens, sofreram mil e uma indignidades; e andaram a navegar de um lado para outro até que, esgotadas as provisões, se vissem constrangidos a comprá-las, e mui caro, dos que os transportavam, a ponto de, em se prolongando tal estado de coisas, chegarem a desembarcar com apenas a camisa do corpo. Ao se informarem desse tratamento inumano, os que haviam ficado em Portugal conformaram-se com a servidão. Alguns fingiram mesmo mudar de credo. O Rei Manuel, sucessor de João, em subindo ao trono, devolveu-lhes inicialmente a liberdade. Mais tarde, mudando de opinião, ordenou-lhes que saíssem do reino e lhes assinou três portos de embarque. Diz o Bispo Osório, historiador latino digno de fé em nossa época e que escreveu a crônica daqueles tempos, que, em não os tendo convertido a liberdade, esperava o rei se decidissem ante tais condições, a fim de se livrarem do saque dos marinheiros a que deviam ser entregues, ou ainda para não trocarem uma terra a que se haviam acostumado e na qual possuíam grandes riquezas, por qualquer região estrangeira deles desconhecida. Vendo-os resolvidos a partir e assim perdidas suas esperanças, o rei suprimiu dois dos portos autorizados, ou porque esperasse que um percurso maior e os maiores incômodos disso resultantes atemorizassem certo número, ou porque em os reunindo todos em um só local teria maiores facilidades na execução do projeto concebido de separá-los dos filhos menores de catorze anos, os quais, longe dos pais, se educariam segundo a nossa religião. Osório acrescenta que a execução dessa medida teve conseqüências horríveis. A afeição natural pelos filhos juntando-se ao apego à própria fé (de encontro ao que se chocava a bárbara ordem) fez que numerosos pais e mães se destruíssem a si próprios e, espetáculo mais horroroso ainda, por amor e compaixão, jogassem os filhos em poços a fim de subtraí-los à violência imposta. Finalmente, esgotado o prazo para a partida, e dada a falta de meios de transporte, retornaram os judeus à servidão. Alguns se tornaram cristãos, mas ainda hoje, cem anos passados, poucos portugueses estão convencidos da sinceridade de sua fé, bem como dos demais de sua raça, muito embora o hábito e o tempo, mais do que a coerção, sejam os fatores de maior influência nas mudanças de tal natureza. Em Castelnaudary, cinqüenta albigenses, acusados de heresia, recusaram-se a renegar sua crença e foram queimados vivos, todos juntos, suportando o suplício com uma coragem admirável:

***“Quoties non modo ductores nostri, sed universi etiam
Exercitus, ad non dubiam mortem concurrerunt?”***

***“Quantas vezes não vimos enfrentarem a morte certa não somente
nossos generais mas também nossos exércitos inteiros?” [Cícero].***

Vi um de meus amigos íntimos desejar a morte à força. Absolutamente imbuído dessa idéia, que ele próprio enraizara em si através de uma argumentação especiosa contra a qual nada pude, valeu-se com ardor febril da primeira oportunidade honrosa que se lhe ofereceu para pô-la em prática sem que o percebessem. Temos vários exemplos de pessoas, inclusive crianças, que em nossa época se suicidaram para abreviar a incômodos de nonada. A esse propósito não nos diz um autor antigo: “Que não havemos de temer, se receamos o que a própria covardia escolhe como refúgio?” [Sêneca].

Não acabaria mais se aqui enumerasse todos os indivíduos de sexos, condições e seitas diferentes que, em tempos mais felizes, aguardaram a morte com resolução, ou a procuraram voluntariamente, e a procuraram não somente para pôr fim aos males desta vida como também, alguns, por andarem fartos dela ou porque esperavam vida melhor no outro mundo. São em número infinito, e mais cômodo me parece suputar aquelas para quem a morte foi motivo de temor. Um exemplo basta: estando o filósofo Pirro em um navio, presa de violenta tempestade, aos que maior pavor evidenciavam mostrava ele um porco indiferente ao temporal, e os instava a tomá-lo como exemplo. Ousaremos pois sustentar que a razão, essa faculdade de que tanto nos orgulhamos, e em virtude da qual nos consideramos donos e senhores dos demais seres, nos foi dada para objeto de tormento? De que nos serve entender as coisas se com isso nos tornamos mais covardes, se esse conhecimento nos tira o repouso e a tranqüilidade de que gozaríamos sem ele, se nos reduz a condição pior que a do porco de Pirro? Para nosso maior bem é que fomos dotados de inteligência; por que fazê-la voltar-se contra nós, contrariamente aos desígnios da natureza e à ordem universal que querem que cada um use suas faculdades e seus meios de ação da maneira mais conveniente à sua comodidade?

Admitamos, direis, que tendes razão no que concerne à morte, mas que pensais da indigência? E da dor, que Aristipo, Jerônimo e a maioria dos sábios consideraram o maior dos males, isso com que concordam, na realidade, mesmo os que o negam em suas palavras? Sofrendo Possidônio aguda crise de dolorosa enfermidade, recebeu a visita de Pompeu, o qual se desculpou de haver escolhido tão mau momento para ouvi-lo divagar sobre filosofia: “Não permita Deus”, disse o filósofo, “que me domine a dor a ponto de me impedir de dissertar”, e pôs-se a falar precisamente acerca da atitude de desprezo a ser assumida diante da dor. Enquanto discorria, ia entretanto aumentando o sofrimento: “Por mais que me castigues, ó dor, jamais convirei em que és um mal”. Que prova esta história de que se prevalecem os filósofos para discursar acerca do desprezo que devemos votar à dor? É questão de palavras. Se não se comovia com as alfinetadas da dor, por que interrompeu seu discurso? Por que pensava fazer ato meritório em não a chamando um mal? Não se trata aqui simplesmente de imaginação. Podemos opinar com conhecimento de causa, porquanto são nossos próprios sentidos os juízes:

“Qui nisi sunt veri, ratio quoque falsa sit omnis.”

“Se nos enganam, a razão igualmente nos engana” [Lucrécio].

Poderemos forçar nossa carne a admitir que chicotadas sejam cócegas? E nosso paladar a apreciar a babosa como um vinho de Graves? [Bordéus branco]. O porco de Pirro entra aqui em apoio de nossa tese: não se apavora ante a morte iminente; mas se o batermos, gritará. Negaremos a lei geral da natureza, que se manifesta em tudo o que, sob a abóbada celeste, tem vida e treme ao golpe da dor? Até as árvores parecem gemer quando as mutilamos!

Só sentimos a morte pelo pensamento, tanto mais quanto é coisa de um instante:

“Aut fuit, aut veniet; nihil est praesentis in illa.”

“Ou a morte foi, ou será; nada é presente nela” [La Boétie].

“Morsque minus poenae, quam mora mortis, habet”

“A morte é menos cruel do que sua espera” [Ovídio].

Milhares de homens, milhares de animais morrem sem se sentirem ameaçados. Dizemos também que o que tememos principalmente na morte é a dor, seu sinal precursor. Entretanto, a julgar por um Pai da Igreja:

“Malam mortem non facit, nisi quod sequitur mortem.”

“A morte não é um mal senão pelo que vem depois” [Santo Agostinho].

Creio estar mais perto da verdade dizendo que nem o que a precede, nem o que a ela se segue são partes integrantes da morte. Falamos erroneamente a esse respeito. A experiência mostra que é antes a inquietação causada pelo sentimento da morte que faz com que lhe sintamos vivamente a dor, e nossos sofrimentos nos são penosos quando os pressentimos capazes de nos conduzir a tal fim. Mas o raciocínio enche-nos de vergonha por temermos coisa tão repentina, inevitável e que não se sente; e mascaramos nossa covardia com os pretextos mais plausíveis. Os males que, como consequência, só nos trazem sofrimento, nós os consideramos sem perigo. Quem encara como doença as dores de dentes, a gota, por dolorosas que sejam, se não nos ameaçam a vida?

Admitamos um momento que na morte principalmente a dor nos preocupe. Não é também a dor que se nos apresenta no caso da pobreza, e no-la torna sensível pela sede, o frio, o calor, as vigílias? Ocupemo-nos pois unicamente com ela. Admito seja o pior acidente que nos possa acontecer, e isso tanto mais quanto sou o homem no mundo que lhe quer mais mal, e a evito quanto posso, embora, graças a Deus, não tenha tido por enquanto muita intimidade com ela. Mas está em nós, senão aniquilá-la, ao menos diminuí-la em nos mostrando pacientes e em livrando dela nossa alma e nossa inteligência, ainda mesmo que mantenha em suas garras o nosso corpo. Se assim não fosse, que valor teriam a virtude, a valentia, a força, a magnanimidade, a firmeza de ânimo? Que papel desempenhariam se não pudéssemos desafiar a dor?

“Avida est periculi virtus.”

“A virtude é ávida de perigos” [Sêneca].

Se não devêssemos dormir ao deus-dará, agüentar dentro da armadura o calor do meio-dia, comer carne de cavalo e asno, ser cortado em pedaços, deixar extrair uma bala da nossa carne, sofrer quando nos recosem ou nos cauterizam, ou nos colocam sondas, como adquiriríamos nossa superioridade sobre o homem comum? E não nos convidam os sábios a evitar o mal e a dor, quando nos dizem que entre muitas ações igualmente boas cabe-nos desejar cumprir a que maiores dificuldades apresenta em sua execução?

“Non est enim hilaritate, nec lascivia, nec risu, aut joco comite Levitatis, sed saepe etiam tristes firmitate et constantia sunt beati.”

“Não é pela alegria e pelos prazeres, nem pelos divertimentos e pelo riso, companheiros habituais da frivolidade, que nos tornamos felizes; nós o somos também amiúde na tristeza, pela decisão e pela perseverança” [Cícero].

Eis por que nossos pais nunca compreenderam que as conquistas feitas pela força e correndo os riscos da guerra fossem mais vantajosas do que as obtidas sem perigo pela inteligência e pela diplomacia:

“Laetius est, quoties magno sibi constat honestum.”

“A virtude é tanto mais doce quanto mais nos custa” [Lucano].

Há mais, e isso nos deve consolar: é que, naturalmente,

***“Si gravis, brevis;
Si longus, levis.”***

“Quando a dor é violenta, dura pouco;
e quando se prolonga, é leve” [Cícero].

Não a sentimos muito tempo se é excessiva; ou deixará de sê-lo ou porá fim à nossa existência, o que dá na mesma. Se não a podemos suportar ela nos destrói: “Lembra-te de que as grandes dores terminam com a morte; de que as pequenas nos deixam numerosos intervalos de repouso e de que somos capazes de dominar as de intensidade média. Enquanto são suportáveis, suportemo-las com paciência; se não o são, se a vida nos aborrece, saiamos dela como de um teatro” [Cícero].

O que faz que tão impacientemente suportemos a dor é que não estamos habituados a procurar em nossa alma nossa principal satisfação; não contamos suficientemente com ela, que é a única e soberana senhora de nossa condição neste mundo. O corpo só tem (salvo quanto ao mais e ao menos) uma maneira de ser e de fazer; a alma, sob formas diversas e variadas e segundo o estado em que se acha, submete a si as sensações do corpo e outros acidentes. Daí a necessidade de estudá-la, e acordar nela seus meios de ação que são todo-poderosos. Não há raciocínio, nem prescrição, nem força que possam prevalecer contra suas preferências. Entre tantos milhares de meios à nossa disposição, escolhamos um que assegure nosso sossego e nossa conservação e estaremos não somente resguardados contra qualquer insulto, como também ofensas e males redundarão, se nos aprover, em vantagens para nós. E talvez até nos regozijemos com eles. A alma tira partido de tudo indiferentemente: erro e sonho servem-lhe tanto quanto a realidade, para nos proteger e satisfazer. É fácil verificar que nosso estado de espírito é que excita em nós a dor e a volúpia; nos animais, sobre os quais o espírito não atua, as sensações físicas manifestam-se naturalmente, tal qual são sentidas, e são por conseguinte mais ou menos uniformes em cada espécie, como se constata pela similitude das reações. Se não interviéssemos no comportamento de nossos membros, por certo nos sentiríamos melhor, pois sem dúvida lhes deu a natureza reações justas e moderadas em relação à dor; e não poderiam deixar de ser justas, porquanto em todos seriam idênticas. Mas como nos emancipamos de seus ditames, e nos entregamos à mais anárquica fantasia, procuremos ao menos orientar-nos no sentido que nos seja mais agradável.

Platão receia que atentemos demasiado para a dor e a volúpia, o que, a seu ver, tornaria a alma dependente em excesso do corpo. Acredito antes que a desligam deste e a libertam. Assim como a fuga torna o inimigo mais encarniçado na perseguição, orgulha-se a dor de nos fazer tremer. Em relação a quem a enfrenta ela se mostra mais cordata; resistamos, pois, e contenhamo-la. Batendo em retirada, deixando que nos acue, provocamos e chamamos a nós a ruína que nos ameaça. Em se retesando, o corpo suporta melhor a carga; assim também a alma.

Mas, passemos aos exemplos de interesse particular para as pessoas que como eu sofrem dos rins. Veremos que ocorre com a dor o mesmo que com os cristais que se coloram de acordo com o fundo em que repousam; e que ela só ocupa em nós o lugar que lhe damos:

“Tantum doluerunt, quantum doloribus se inseruerunt.”

“Quanto mais eles se entregam à dor, tanto mais ela os domina” [Santo Agostinho].

Sentimos mais agudamente um golpe de bisturi dado pelo médico do que dez estocadas no calor da luta. As dores do parto, que os médicos, e também Deus, estimam grandes e que cercamos de tantos cuidados, não lhes dão atenção certos povos. Deixo de lado as mulheres de Esparta, mas entre as suíças, na nossa criadagem, não se percebe que pariram, a não ser por andarem, ao depois, atrás de seus maridos com a criança ao pescoço, que antes carregavam no ventre. E essas ciganas feias que surgem por vezes em nossa terra lavam seus filhos recém-nascidos no riacho em que se banham ao mesmo tempo. Sem falar de tantas raparigas que dão à luz diariamente, e clandestinamente, crianças também concebidas às escondidas. Mas a nobre e bela esposa de Sabino, patrício romano, a fim de não comprometer a outrem, suportou sozinha e sem gemido as dores do parto de dois gêmeos. Um jovem de Lacedemônia, que roubou uma raposa e a escondeu sob o manto, deixou que ela lhe rasgasse o ventre para não confessar a tolice, porque temia mais a vergonha que nós a punição. Outro, ao apresentar o incenso, deixa-se queimar por uma brasa caída em sua manga, a fim de não perturbar a cerimônia. E não se mencionam numerosos casos de crianças de sete anos que nos sacrifícios da iniciação, entre os lacedemônios, suportavam, sem chorar e até morrerem, a flagelação? Cícero viu-os baterem-se em grupos, de unhas e dentes, até perderem os sentidos para não se confessarem vencidos: “Jamais os costumes vencerão a natureza, que é invencível; mas a moleza, os prazeres, o ócio, a indolência alteram nossa alma; as falsas opiniões e os maus hábitos corrompem-na” [Cícero].

Todos conhecem a história de Scevola que, tendo-se introduzido no acampamento inimigo para matar o chefe, não o conseguiu e, desejoso de atingir de qualquer maneira seu objetivo de libertar a pátria, teve uma idéia estranha. Confessando seu projeto a Porsena, o rei visado, acrescentou, a fim de assustá-lo, que no campo romano havia muitos como ele próprio decididos a tentar o golpe que falhara. E para mostrar que espécie de homem era ele, aproximou-se de um braseiro, estendendo o braço e assim o manteve a grelhar e sem demonstrar sofrimento até que o monarca inimigo, horrorizado, mandasse afastar o braseiro. E que dizer daquele que não interrompeu a leitura enquanto lhe amputavam um membro? E do outro que persistiu em motejar e rir-se das torturas, a ponto de se exasperarem os carrascos e se confessarem vencidos após os mais cruéis suplícios inventados para dominá-lo? É verdade que era filósofo!

Um gladiador de César não cessou de gracejar enquanto lhe abriam os ferimentos e os sondavam: “Já se viu um gladiador, por ínfimo que seja, gemer ou mudar de fisionomia? Que arte não põe ele em sua própria queda para esconder tal vergonha aos olhos do público! Derrubado afinal pelo adversário e condenado pelo povo, virou jamais a cabeça ao receber o golpe de misericórdia?” [Cícero].

Passemos às mulheres. Quem não ouviu falar daquela que, em Paris, mandou que a esfolassem na esperança de obter uma pele mais suave? Há quem arranque dentes sadios e viçosos para que a voz se tome mais doce ou para que eles tenham mais bela aparência. Quantos exemplos de desprezo à dor não temos nós desse gênero? São capazes de tudo e nada temem por pouco que sua beleza se beneficie:

***“Vallere quis cura est albos a stirpe capillos,
Et faciem, dempta pelle, referre novam.”***

“Existe quem mande arrancar os cabelos brancos e se raspe para obter pele nova” [Tibulo].

Vi quem engolisse areia, e cinza, e sacrificasse o estômago a fim de conseguir uma tez pálida. Para ter o porte fino e elegante das espanholas, a quantas torturas se sujeitam, afetadas, arrojadas, entaladas até se ferirem e por vezes morrerem!

Entre muitos povos de nossa época acontece comumente que, para provar a veracidade de suas palavras, se inflijam voluntariamente castigos. Nosso rei cita casos vistos na Polônia, verificados como comprovantes de declarações que lhe foram feitas. Em França, afora casos semelhantes de imitação, vi na Picardia, pouco antes de voltar dessas famosas reuniões de Blois, uma moça que, para demonstrar a sinceridade de suas promessas, e sua fidelidade, espetou o braço cinco vezes com um estilete que trazia aos cabelos, sangrando abundantemente. Os turcos dão-se grandes cutiladas em honra de suas damas, e a fim de que não se apaguem queimam as chagas longamente, não só para sustar o sangue mas também para que se formem cicatrizes. Isso me foi dito e jurado por pessoas que o presenciaram. Nesse mesmo país vêem-se todos os dias indivíduos que, por algumas moedas, talham profundamente o braço ou a coxa. Agrada-me que abundem os testemunhos das coisas que importa estabelecer, e nesse ponto o cristianismo nos fornece provas concludentes. Depois de nosso divino Guia, quantos quiseram, como ele e por devoção, carregar a cruz! Testemunhas dignas de fé informam-me de que São Luís usou cilício até o momento em que, na velhice, o proibiu seu confessor. E todas as sextas-feiras fazia-se açoitar por um padre, com um açoite de cinco ferros que para tal trazia sempre consigo entre seus apetrechos domésticos.

O último Duque de Guyenne, Guilherme, pai de Eleonora, que trouxe para a casa de França esse ducado, usou constantemente, como penitência e durante dez ou doze anos, uma couraça sob o hábito religioso. Foulques, Conde de Anjou, foi até Jerusalém

com uma corda ao pescoço, para aí se fazer açoitar diante do túmulo do Senhor. E não se vêem todos os anos, na sexta-feira santa, homens e mulheres aos magotes flagelarem-se reciprocamente até se rasgarem a pele e porem a nu os ossos, espetáculo de que fui não raro testemunha e não me seduziu jamais? Tais pessoas usam máscaras e algumas há que o fazem por dinheiro para garantir a salvação de outrem. Demonstram um desprezo à dor tanto maior quanto a avareza é um estimulante menos forte do que o fanatismo.

C. Maximus enterrou o filho, personagem consular; Catão o seu, pretor nomeado; L. Paulus os dois que tinha, a poucos dias de intervalo, e seus rostos não refletiram a menor emoção, nada revelou-lhes a tristeza. De uma feita disse eu de alguém, gracejando, que frustrara a justiça divina: por um cruel destino, perdera no mesmo dia, de morte violenta, três filhos já grandes; pouco faltou para que considerasse o acidente como um favor e um benefício particular da Providência. Não aprecio esses sentimentos antinaturais: perdi dois ou três filhos, em verdade ainda de peito. Conquanto eu não tenha morrido de dor, não deixou a coisa de me chocar. Trata-se, aliás, de uma das infelicidades a que o homem é mais sensível. Existem muitas outras causas de aflições que se verificam comumente e não me perturbariam se me atingissem. Desdenhei algumas que me ocorreram, dessas que todos consideram deverem afetar realmente; e não ousaria sem corar vangloriar-me em público de minha indiferença:“

***Ex quo intelligitur, non in natura,
Sed in opinione, esse aegritudinem.”***

“De como se verifica que a aflição não provém da natureza, mas decorre da opinião” [Cícero].

Esta é, com efeito, uma potência que tudo ousa e não tem medida. Quem jamais procurou a segurança e o repouso com mais ansiedade do que mostraram Alexandre e César na busca da inquietação e das dificuldades? Terez, pai de Sitalce, dizia amiúde que quando não estava em guerra não lhe parecia houvesse alguma diferença entre ele e o seu moço de estrebaria. Quando cônsul, a fim de assegurar a submissão de certas cidades da Espanha, Catão proibiu o porte de armas aos habitantes, em conseqüência do que muitos se mataram:

“Ferox gens, nullam vitam rati sine armis esse.”

“Nação feroz que não acreditava se pudesse viver sem combater” [Tito Lívio].

E não conheceis inúmeros que renunciaram à doçura de uma existência tranqüila em seu lar, entre amigos e conhecidos, para irem viver em horríveis desertos inabitáveis? E outros não adotaram um tipo de vida abjeta, degradante, em que afetam comprazer-se, desprezando a sociedade? O Cardeal Borromeu, recém-falecido em Milão, a quem a nobreza, a imensa fortuna, o clima italiano e a mocidade outorgavam todas as alegrias e gozos, viveu constantemente em tal regime de austeridade que usava a mesma batina, no inverno como no verão; dormia unicamente sobre a palha; e as horas que os deveres do cargo não lhe consumiam, ele as passava de joelhos, estudando continuamente, tendo ao lado de seu livro um pedaço de pão e um pouco de água, que era tudo de que se compunha sua refeição, e também o tempo que lhe destinava. Conheço quem, com perfeito conhecimento de causa, tirasse proveito e promoção da infidelidade da mulher, coisa cuja simples idéie já apavora tanta gente.

Se a vista não é o mais necessário dos nossos sentidos, é pelo menos o que nos dá maior prazer; e de todos os nossos órgãos, os que contribuem para gerar parecem os mais úteis e os que proporcionam maior felicidade. Certas pessoas, entretanto, os detestam unicamente por causa das inefáveis satisfações que nos fornecem, e os sacrificam por isso mesmo que são valiosos. É provavelmente análogo o raciocínio de quem vaza voluntariamente os olhos.

A opinião que temos das coisas é que as valoriza. Isso se vê pelo grande número daquelas que não examinamos a não ser para as avaliar, antes que a nós mesmos. Não lhes ponderamos nem a qualidade nem a utilidade, mas apenas o que nos custam para as obtermos, como se o que pagamos fosse parte integrante delas; e o valor que lhes atribuímos mede-se não pelos serviços que nos prestam, mas pelo que demos para consegui-las. Isso me induz a achar que as usamos de maneira estranha, pois valem segundo o que pesam e na medida do peso. E nunca as deixamos desvalorizarem-se. O preço dá valor ao diamante; a dificuldade à virtude; a dor à devoção; o amargor ao remédio. Há quem para chegar à pobreza jogue ao mar seus escudos, esse mesmo mar que outros esquadrinham e batem para encontrar a riqueza. Epicuro disse: ser rico não significa despir-se de preocupações, mas tão-somente trocá-las por outras, e em verdade não é a carência e sim a abundância que acarreta a avareza.

Eis o que a esse respeito me sugere a experiência:

Minha vida ao sair da infância apresentou três fases. A primeira durou cerca de vinte anos durante os quais vivi de recursos fortuitos, na dependência de outros, sem renda própria, sem uma situação definida nem previsão orçamentária. Gastava tanto mais alegre e descuidadamente quanto tudo provinha dos acasos felizes da sorte. Nunca passei melhor; nunca me aconteceu achar fechada a bolsa dos amigos. Impusera a mim mesmo, de resto, e como dever primeiro, pagar minhas dívidas em seu vencimento, o que me valeu mais de uma vez a prorrogação do mesmo, porquanto meus credores se comoviam com o meu esforço. Tal lealdade me tornou econômico e nunca enganei a ninguém. Sinto naturalmente algum prazer em pagar o que devo, como se me desfizesse de um fardo incômodo, imagem da servidão. Por outro lado, satisfaz-me fazer algo justo e que contente a outros. Abro exceção para os pagamentos em que é preciso regatear e contar. Quando me encontro nessa necessidade e não posso dar a outro a incumbência, vergonhosamente e por certo erroneamente, adio quanto possível o cumprimento da obrigação, a fim de evitar essas discussões a que, por temperamento e maneira de me exprimir, sou infenso. Nada detesto mais do que regatear: é uma justa de trapaças e impudências em que, após uma hora de conversas, cada qual transige, falhando à palavra dada e às afirmações reiteradas. E isso por alguns vinténs a mais ou a menos. Também me via em apertos quando tinha de pedir emprestado, e, não me animando a fazê-lo oralmente, corria o risco por escrito, o que me parece menos penoso e torna mais fácil a recusa. Entregava mais facilmente e com menor inquietação à minha estrela a satisfação de minhas necessidades do que me ocorreu depois, ao se desenvolverem em mim o espírito de previdência e o raciocínio. As pessoas que têm negócios a administrar consideram em geral horrível viver nessa constante incerteza. Em primeiro lugar não se lembram de que a maioria

dos homens assim vive. Quanta gente de bem abandonou a renda certa – e quanta o faz diariamente – para ir em busca de favores reais e de fortuna! César, para se tornar César, endividou-se em cerca de um milhão em ouro. Quantos negociantes se iniciam no comércio mandando vender sua fazenda às Índias

“Tot per impotentia freta.”

“Por tantos mares borrascosos” [Catulo].

Nesta época em que tão cara se faz a devoção, não vivem mil e uma congregações – e sem percalços – contando diariamente com as liberalidades do céu para comer? Em segundo lugar essa gente ordeira não pensa que o que se lhes afigura assegurado não é menos incerto e arriscado do que o próprio acaso. Com mais de mil escudos de renda estou tão perto da miséria como se a beirasse. Não somente o destino tem em suas mãos cem meios de abrir uma brecha na riqueza para a entrada da pobreza (e por vezes não há meio termo entre a fortuna excessiva e a miséria)

“Fortuna vitrea est: turn, quum splendet, frangitur”

“A fortuna é de vidro; quanto mais brilha tanto mais frágil” [Públio Siro]

; não somente tem esse destino a possibilidade de derrubar e dismantelar todas as defesas que possamos erguer a fim de nos protegermos; mas acho também que a indignância existe em geral tanto entre os que possuem como entre os que não têm nada. Direi mesmo que, sozinha, ela incomoda menos do que em companhia da riqueza, resultando esta menos da renda que da ordem na sua administração:

“Faber est suae quisque fortunae”

“Cada qual é o artesão de sua fortuna” [Sêneca]

, e um rico necessitado, com dificuldades, me parece mais miserável do que um pobre, simplesmente pobre:

“In divitiis mopes, quod genus egestatis gravissimum est.”

“A indignância no meio da riqueza é a mais pesada das pobreza” [Sêneca].

Os maiores príncipes, aqueles mesmos que são os mais ricos, quando carecem de dinheiro, quando seus recursos se esgotam, são os mais habitualmente impelidos às piores ações, pois haverá coisa mais triste do que se fazer tirano e se apossar injustamente dos bens de seus súditos?

A segunda fase de minha existência ocorreu quando eu tinha dinheiro. Tomando gosto nisso, não demorei em criar reservas, importantes para a minha condição, estimando que somente o que sobreexcede a despesa comum constitui um haver e que não podemos ter por seguro um bem apenas augurado, por mais justas que sejam as esperanças, pois, dizia a mim mesmo, que me aconteceria se me surpreendesse tal ou qual acidente? O resultado de pensamento tão fútil e doentio foi que me esforcei, com a criação dessa reserva supérflua, por me garantir contra qualquer eventualidade desagradável. E aos que observavam serem essas eventualidades demasiado numerosas para que me precavesse contra elas, eu respondia que, senão me podia resguardar de todas, podia atentar para algumas e em particular as mais prováveis. Isso não se verificava sem me causar apreensões. Mantinha-as secretas e eu, que falo tão livremente de tudo que me diz respeito, não falava a verdade quanto ao dinheiro que possuía. Agia como muitos outros, os ricos que se dizem pobres e os pobres que afirmam ser ricos, dispensando a consciência de um testemunho sincero, o que constitui ridícula e vergonhosa prudência. Se viajava, parecia-me sempre não estar suficientemente provido de dinheiro e quanto mais levava comigo tanto mais preocupado me tornava, já por causa da insegurança das estradas, já porque não depositava confiança na fidelidade da criadagem encarregada das bagagens. Se deixava meu cofre em casa, quanta suspeita e inquietação, tanto piores quando não podia confessar-me a ninguém e tinha o espírito constantemente voltado para esse lado. Afinal de contas guardar o dinheiro dá mais trabalho do que ganhá-lo. E se não fazia tudo o que estou a dizer, não me custava menos evitar de fazê-lo. Disso tirava em verdade pouco ou nenhum proveito, e embora me fosse permitido gastar mais, não me pesava menos o gesto, pois, como diz Bion: “Quem tem farta cabeleira não sofre menos do que o calvo, se lhe arrancam um cabelo”. Adquirido o hábito e fixada a mente no pecúlio a juntar, não mais ousamos esborciná-lo; é um edifício que tememos ver desmoronar-se em o tocando e é preciso um grande aperto para que o parcelemos. E empenhar minhas roupas ou vender um cavalo me fora menos penoso do que mexer nessa bolsa querida que tão bem guardava. O perigo está em que é difícil estabelecer limites precisos para essa mania de entesourar (assim ocorre com as coisas que julgamos boas) e pôr um paradeiro nela. Vamos sempre ampliando o que acumulamos e fixando tais limites, sempre mais alto, a ponto de nos privarmos pouco honrosamente do gozo de nossos próprios bens, guardando o total sem usá-lo. Desse ponto de vista as pessoas mais ricas do mundo seriam as encarregadas de controlar as portas e os baluartes de uma cidade importante. Todo indivíduo possuidor de muito dinheiro tem tendência para a avareza.

Platão assim classifica os bens corporais ou humanos: a saúde, a beleza, a força, a riqueza. E diz: a riqueza não é cega, iluminada pela prudência é muito clarividente. Dionísio, o Jovem, teve um dia uma idéia divertida. Avisado de que um de seus siracusanos enterrara um tesouro para escondê-lo, mandou-lhe que o trouxesse. O homem obedeceu, não porém sem primeiro levar uma parte com a qual se estabeleceu noutra cidade. Sua desventura matara nele o gosto de entesourar e pôs-se a viver largamente. Soube-o Dionísio, e ordenou a restituição do tesouro, dizendo que o fazia de bom grado porquanto o dono aprendera a usá-lo.

Assim continuei durante alguns anos pensando unicamente em economizar. Não sei que bom demônio me guiou, como ao siracusano, e me levou a mudar de conduta e a abandonar por completo esse espírito de poupança. A uma viagem muito dispendiosa devo a resolução de renunciar a tão tola maneira de viver. E desse modo cheguei a uma terceira fase, certamente muito mais agradável e normal, penso eu, deixando que corram despesas e renda, sobreexcedendo-se mutuamente ao acaso, mas sem diferenças sensíveis. Vivo assim ao sabor do momento, contentando-me com atender às necessidades do presente e às despesas previstas. Quanto ao imprevisto, não bastariam todas as previsões do mundo, e seria loucura imaginar que com suas próprias mãos nos armasse a fortuna contra o destino; é com os nossos meios que devemos combatê-lo; qualquer arma de

ocasião nos trairia no momento crítico. Se junto ainda, não o faço em vista de despesa futura, nem para comprar terras, de que não preciso, mas para me divertir:

“Non esse cupidum, pecunia est; non esse emacem, vertigal est.”

“É ser rico não se mostrar ávido de riquezas; é uma renda não comprar” [Cícero].

Não temo que meus rendimentos falhem nem desejo que aumentem:

“Divinarum fructus est in copia; copiam declarat satietas.”

“O fruto da riqueza é a abundância e a abundância acarreta a saciedade” [Cícero].

Felicito-me a mim mesmo por me haver corrigido dessa inclinação para a avareza em uma idade em que para ela tendemos naturalmente, e por me haver desfeito dessa loucura, a mais ridícula das loucuras humanas e tão comum nos velhos. Feraulez, que passara por essas duas fases da fortuna, achando que à ampliação de seus bens não correspondera um aumento igual do apetite, da sede, da possibilidade de dormir e acariciar a mulher, e tendo em mente ainda os aborrecimentos decorrentes da administração de suas riquezas, resolveu fazer a felicidade de um rapaz pobre, amigo fiel que sonhava com enriquecer. Deu-lhe todo o seu patrimônio, que era considerável, excessivo até, com o acréscimo da forte valorização devida à guerra e às liberalidades de Ciro, seu bondoso e generoso senhor, sob a condição de se encarregar o beneficiado de alimentá-lo e sustentá-lo decentemente como hóspede e amigo. Desde então viveram igualmente satisfeitos com a mudança de situações.

Eis um gesto que de bom grado imitaria e muito louvo o sábio partido que tomou um velho prelado meu conhecido, o qual entrega muito simplesmente sua bolsa e suas rendas e o cuidado de sua existência ora a um ora a outro servidor. Desse modo viveu longos anos tão ignorante de seus negócios domésticos quanto um estranho. A confiança na bondade alheia é um testemunho nada desprezível da própria bondade, e Deus a protege. E talvez isso explique por que esse prelado teve sempre a casa tão dignamente administrada. Feliz de quem regula tão bem suas necessidades que suas rendas lhe bastam, sem que se tornem motivo de preocupação ou perturbação e sem que repartição ou recuperação sejam um entrave a outras ocupações mais de acordo com seus gostos e às quais se possa dedicar conveniente e tranqüilamente.

Abastança e indigência dependem, pois, da idéia que delas temos. A riqueza, como a glória e a saúde, só atrai e causa prazer na medida em que empresta prazer e atração a quem a possui. Estamos bem ou normal neste mundo segundo o que pensamos: contente está quem se acredita contente e não aquele que os outros imaginam contente. Nossa crença é que faz seja ou não seja real a felicidade. A fortuna não nos outorga o bem ou o mal; ela se limita a fornecer-nos os elementos do bem e do mal, os quais nossa alma, mais poderosa do que ela, trabalha e aplica como lhe apraz, tornando-se dessa maneira única senhora e causa de nossa condição. Os efeitos externos tiram cor e sabor de nossa constituição interna, como as roupas que usamos nos aquecem não com seu calor próprio, mas com o nosso, que conservam e desenvolvem. Se com eles cobríssemos um corpo frio, inverso seria o resultado. Desse modo conservam-se a neve e o gelo. Todas as coisas dependem da maneira por que são encaradas: o estudo é motivo de tormento para o preguiçoso; o bebedor sofre sem vinho; a frugalidade é um suplício para o comilão; o exercício uma tortura para o delicado ocioso, etc. As coisas não são nem dolorosas nem difíceis em si. Para julgar de sua elevação e grandeza é necessário uma alma com essas qualidades, sem o que lhes atribuiríamos nossos próprios defeitos. Um remo é reto e, no entanto quando mergulha na água parece curvo. Não basta ver a coisa, importa como vê-la.

Por que, entre tantos raciocínios que de mil maneiras provam que o homem deve desprezar a morte e dominar a dor, não encontramos um que nos convença? Por que entre tantos argumentos por outros aceitos, não achamos um do nosso gosto que nos persuada igualmente? Que quem não pode engolir o medicamento enérgico e detergente, suscetível de destruir o mal, absorva pelo menos um lenitivo que alivie: “nós nos amolecemos, não menos pela volúpia do que pela dor e nesse estado nada mais temos de viril e forte; uma picada de abelha basta para arrancar-nos gritos; saber dominar-se, eis o segredo” [Cícero].

Seja como for, não se escapa da filosofia exagerando a acuidade da dor e a fraqueza humana: apenas a forçamos a opor-nos às irrespondíveis réplicas de sempre: “Se não vale a pena viver, viver sem que valha a pena não é imprescindível. Ninguém verá prolongar-se o seu mal se não o quiser”. Mas a quem não se dispõe a suportar a morte nem a vida, a quem não quer resistir nem fugir, como ajudar?

Capítulo XLI

Não cedemos a outros a glória que conquistamos

De todas as quimeras do mundo, a mais admitida e universalmente espalhada é a do cuidado com nossa reputação e nossa glória, que apreciamos a ponto de, em troca de tão vã imagem, de uma simples voz sem corpo, renunciarmos às riquezas, ao repouso, à saúde, à vida, bens efetivos e substanciais.

La fama, ch'invaghisce a un dolce suono

Gli superbi mortali, et par si bella,

E un eco, un sogno, anzi d'un sogno un'ombra,

Ch'ad ogni vento si dilegua a sgombra.”

“A fama, que com a doçura de sua voz vos encanta, arrogantes mortais, e vos parece tão bela, não passa de um eco, um sonho ou, antes, a sombra de um sonho que se dissipa e se esvai com o vento” [Tasso].

De todas as idéias despropositadas que podem passar pela mente dos homens é ela a mais indomável tenaz,

“Quia etiam bene proficientes animos tentare non cessat.”

“Porque não cessa de tentar os espíritos mais avançados na virtude” [Santo Agostinho].

Parece, com efeito, que dela mais do que de quaisquer outras se libertam com maior dificuldade os filósofos.

Não há nenhuma cuja futilidade seja mais claramente demonstrada pela razão, mas ela tem raízes tão vivas dentro de nós que não sei se jamais alguém conseguiu livrar-se inteiramente dela. Depois de tudo dito a fim de a evitar, quando o pensamos ter conseguido, provoca ela em nós uma tal reação contra os argumentos emitidos que estes não mais se sustentam. Pois, como afirma Cícero, exatamente os que mais a combatem querem que seus nomes figurem nos livros que escreveram a respeito e que o seu desprezo pela glória os glorifique.

Com tudo negociamos. Empréstamos se necessário nossos bens e nossas vidas aos amigos, mas despojarmo-nos de honrarias em benefício de outrem ou lhes cedermos um pouco de glória são gestos que ainda não se viram.

Durante a guerra contra os cimbrós, Lutácio Catulo desenvolveu mil esforços a fim de sustar a debandada de seus soldados diante do inimigo. Nada conseguindo, misturou-se a eles, simulando covardia, para que parecessem segui-lo, e não fugir; sacrificava assim sua reputação para salvar a honra do exército. Quando, em 1537, Carlos Quinto invadiu a Provença, dizem que Antônio de Leve, vendo que o imperador estava decidido e considerando que o resultado da invasão seria infinitamente glorioso, opinou entretanto em sentido contrário e o desaconselhou a fim de que toda a glória e a honra da empresa coubessem inteiramente ao monarca e que se proclamasse que graças à segurança de suas concepções e à sua providência tinha, em oposição a todos, levado a cabo e com grande êxito o empreendimento. Glorificava-o deste modo em detrimento próprio.

Tendo dito os embaixadores da Trácia, ao apresentar suas condolências a Arquileônidas, por ocasião da morte de seu filho, que o jovem não tivera quem o igualasse, refutou o elogio a mãe de Brásidas, endereçando-o a todos: "não faleis assim; Esparta, a meu ver, possui numerosos cidadãos maiores e mais valentes". Na batalha de Crécy o Príncipe de Gales, ainda jovem, comandava a vanguarda. O principal peso do ataque fora dirigido contra ele. Os fidalgos que o acompanhavam, considerando que a situação era crítica, chamaram em seu socorro o Rei Eduardo. Este perguntou pelo filho e, ao ser informado de que estava vivo e a cavalo, observou: "Poderia roubar-lhe a honra de um combate em que se empenhou durante tanto tempo; qualquer que seja o destino, o mérito há de caber-lhe. E não quis ir nem mandar socorro, certo de que se lá fosse teriam dito que tudo se perderia sem ele e lhe houvessem atribuído o resultado da jornada" [Tito Lívio]. Certas pessoas pensavam em Roma, e isso se dizia comumente, que os altos feitos de Cipião eram em parte da autoria de Lélío, o qual, entretanto, jamais cessou de exaltar a grandeza e a glória de seu general e de ajudá-lo sem cuidar em absoluto de sua própria fama. A alguém que dizia a Teopompo, rei de Esparta, que se os negócios públicos iam tão bem era porque ele sabia comandar, respondeu o monarca: "Digam, antes, que o povo sabe obedecer".

As mulheres que herdavam o título de par, tinham, apesar do sexo, o direito de assistir e opinar nas causas de sua jurisdição; e os pares eclesiásticos, apesar de seu caráter religioso, eram obrigados a assistir nossos reis quando em guerra, não somente enviando seus amigos e servidores mas também em pessoa. Em virtude disso é que vimos o Bispo de Beauvais ao lado de Filipe Augusto na batalha de Bouvines, em que tomou parte e na qual se conduziu com bravura, sem contudo tirar proveito e glória de exercício tão sangrento e brutal. Pôs nesse dia vários inimigos fora de combate, entregando-os sempre ao primeiro fidalgo que encontrava para que os degolasse ou os conservasse prisioneiros. Entre outros, assim entregou Guilherme, Conde de Salisbury, nas mãos do Senhor Jean de Nesle. Por sutil desencargo de consciência consentia em espancar mas não em derramar sangue; e por isso combatia unicamente armado de maça. Há tempos, alguém que era censurado pelo rei por ter erguido a mão contra um padre, negou o crime com segurança afirmando que apenas o batera e espezinhara...

Capítulo XLII

Das desigualdades entre nós

Disse algures Plutarco que a diferença entre um animal e outro é menor do que a que vai de um a outro homem. Referia-se à alma e às qualidades intelectuais. Por mim, acho que há uma tal desproporção entre Epaminondas, tal qual o imagino, e certa pessoa muito minha conhecida, que não hesitaria em ser mais peremptório, dizendo que a diferença entre tal e tal homem é maior do que entre tal homem e tal bicho. "Ah, como pode um homem ser superior a outro!" [Terêncio]. O espírito humano comporta tantos graus quantas braças vão daqui ao céu.

No que concerne à apreciação das coisas, é espantoso que tudo julgando pelas suas qualidades específicas não nos encaremos da mesma maneira. Elogiamos um cavalo por ser vigoroso e ágil:

"Volucrem

***Sic laudamus equum, facili cui plurima palma
Fervet, et exultat rauco victoria circo,"***

***"Apreciamo-lo por sua rapidez, pelos numerosos prêmios que
ganhou em circos sob os aplausos de bulhenta multidão" [Juvenal]***

, e não por causa do arreo; elogiamos o galgo pela velocidade e não pela coleira; o falcão pela potência de vôo e não pela correia e a sineta; por que, pois, não apreciamos o homem pelas suas qualidades específicas? Tem um belo trem de vida, um magnífico palácio, tanto de rendimento, comentamos; e tudo isso lhe diz respeito evidentemente, mas não é ele. Ninguém compra nabos em sacos. Se queremos adquirir um cavalo de justa começamos por lhe tirar a manta a fim de examiná-lo nu. E se permanece coberto, como o apresentavam outrora aos príncipes, são as partes menos importantes que se sonegam à vista para que não fiquemos a admirar o pêlo e as ancas, e nos atardemos na apreciação das pernas, dos olhos, e dos pés, coisas essenciais no cavalo:

***"Regibus hic mos est: ubi equos mercantur, opertos
Inspiciunt; ne, si facies, ut saepe, decora
Molli fulta pede est, emptorem inducat hiantem"***

"Têm os reis por costume quando compram cavalos examiná-los cobertos, com receio de se o cavalo tem a cabeça bonita e os pés cansados, o comprador se deixe seduzir pelo aspecto de um traseiro bem-feito, de uma certa elegância" [Horácio].

Por que, portanto, antes de julgar um homem o encaramos já todo empacotado? Nada do que nos mostra é dele e ele esconde tudo o que pode esclarecer-nos a seu respeito. O que precisamos saber é quanto vale a espada e não a bainha, porquanto talvez não demos grande coisa por ela. É necessário julgar o homem em si e não pelos seus adornos. Como diz espiritualmente um filósofo do passado: "Sabeis por que o achais grande? Porque o medis com o pedestal". O pedestal de uma estátua não é parte integrante dela. Devemos medi-lo sem pernas de pau, nem riquezas, nem dignidades: em mangas de camisa. É o seu físico adequado a suas funções? É ele sadio e alegre? Como tem a alma? Bela, capaz, bem dotada sob todos os aspectos? Tem a fortuna influência sobre ela? Perturba-se ante um perigo iminente? É indiferente ao tipo de morte que, a cada instante, a pode atingir? É calma, igual, satisfeita com a sorte? Eis o que é preciso procurar saber e nos permite avaliar as diferenças existentes entre os homens:

***"Sapiens, sibi que imperiosus,
Quern neque pauperies, neque mors, neque vincula terrent;
Responsare cupidinibus, contemnere honores
Fortis; et in seipso totus teres atque rotundus,
Externi ne quid valeat per laeve morari;
In quem manca ruit semper fortuna?"***

"É sábio e sabe dominar-se? capaz de resistir às paixões e desprezar as honrarias? Fechado por inteiro dentro de si mesmo, semelhante a uma bola perfeita que nenhuma aspereza impede de rodar, é influenciado pela fortuna?" [Horácio].

Um tal homem está quinhentas braças acima dos reinos e ducados; é ele próprio o seu império.

"Sapiens, ... Pol! ipse fingit fortunam sibi;"

"O sábio é o artesão de sua própria felicidade!" [Plauto].

Que tem ainda a desejar?

***"Nonne videmus,
Nil aliud sibi naturam latrare, nisi ut, quoi
Corpore sejunctus dolor absit, mente fruatur,
Jucundo sensu, cura semotu' metuque?"***

"Não estamos vendo que a natureza só exige de nós um corpo sadio e uma alma serena, isenta de preocupações e receios?" [Lucrecio].

Comparemos com ele a turba de homens estúpidos, de alma vil, servil, inconstante, joguetes de toda espécie de paixões tormentosas, dependentes, todos, de outrem; dele a eles a distância é maior que do céu à terra. Entretanto, nossa cegueira é de tal ordem que pouca ou nenhuma atenção damos a esse homem. Quando consideramos um camponês e um rei, um nobre e um plebeu, um magistrado e um simples particular, um rico e um pobre, uma enorme diferença nos salta aos olhos, mas essa diferença não consiste por assim dizer senão na diversidade de calçado que usam uns e outros. Na Trácia o rei distinguia-se do povo de modo singular, muito mais do que podemos imaginar: tinha uma religião própria, um deus particular, Mercúrio, que seus súditos não deviam adorar. Aos deuses do povo, Marte, Baco, Diana, não rendia homenagem.

Tudo isso, em suma, não passa de cenário, não constitui diferença essencial entre os homens. Assim, esses atores de comédia que vemos exibirem-se no palco com atitudes de duques e imperadores para logo depois voltarem a ser lacaios ou carregadores, suas profissões originais.

Esse imperador, por exemplo, cuja pompa em público nos ofusca,

***"Scilicet grandes viridi cum luce smaragdi
Auto includuntur, teriturque thalassina vestis
Assidue, et Veneris sudorem exercita potat;"***

"Porque brilham nele, engastadas em ouro, grandes esmeraldas da mais linda água, vestido de magníficos trajes verde-mar que não tardará em sujar nas orgias e nos baixos prazeres" [Lucrecio]

, ide espí-lo atrás da cortina: é apenas um homem vulgar, por vezes mais vil do que a maioria dos outros.

"Ille beatus introrsum est, istius bractea felicitas est;"

"O sábio encontra sua felicidade em si mesmo; os demais não possuem senão uma felicidade superficial" [Sêneca].

A covardia, a indecisão, a ambição, o despeito, a inveja perturbam o potentado como qualquer outro homem.

***"Non enim gazae, neque consularis
Submovet lictor miseros tumultus
Mentis, et curas laqueata circum
Tecta volantes."***

"Nem os tesouros, nem os fachos consulares, afugentam as inquietações e preocupações que adejam sob os tetos dourados" [Horácio].

Mesmo junto de seus exércitos não escapa a elas:

***“Re veraque metus hominum curaeque sequaces
Nec metuunt sonitus armorum, nee fera tela;
Audacterque inter reges, rerumque potentes
Versantur, neque fulgorem reverentur ab auro.”***

"A apreensão, as preocupações peculiares ao homem, não se espantam nem com o ruído das armas nem com os golpes cruéis; freqüentam ousadamente as cortes dos reis, e não respeitam o esplendor que envolve os tronos" [Lucrécio].

Poupam-no, por acaso, mais do que a nós, a febre, a enxaqueca, a gota? Quando a velhice pesar sobre seus ombros, virão aliviá-los os arqueiros de sua guarda? Quando tremer com receio da morte, acalmar-se-á com a presença dos seus fidalgos camareiros? Quando o ciúme ou o desejo o atingirem, reconfortá-lo-ão os nossos cumprimentos? Esse dossel recamado de ouro e pérolas não tem o poder de atenuar as dores de uma cólica:

***“Nee calidae citius decedunt corpore febres
Textilibus si in picturis, ostroque rubenti
Jactaris, quam si plebeia in veste cubandum est.”***

"Deitado sobre a púrpura, sobre tapetes caros ou na esteira do plebeu, a febre ardente não vos deixará mais cedo" [Lucrécio].

Os adutores de Alexandre, o Grande, repetiam-lhe sem descontinuar que era filho de Júpiter. De uma feita, olhando o sangue que lhe escorria de um ferimento, disse ele: "Então, que vos parece? Não achais que é um sangue vermelho como o de qualquer ser humano? Ou é ele da cor do sangue que Homero põe nos fermentos dos deuses?" O poeta Hermodoro compusera em honra de Antígono uns versos em que o denominava filho do sol. "Quem limpa a minha retrete bem sabe que não é verdade", observou-lhe Antígono agastado com a bajulação.

Esse homem não passa afinal de um homem. Se não tiver valor próprio não lho dará o império do mundo.

***“Puellae
Hunc rapiant; quidquid calcaverit hic, rosa fiat,”***

"Que as jovens o disputem, que por toda parte as rosas nasçam sob os seus pés" [Pérsio]

, de que servirá tudo isso se tem a alma grosseira e o espírito lerdo? Sem vigor e sem espírito não se chega a sentir a felicidade e nem mesmo a volúpia.

***“Haec perinde sunt, ut ilius animus; qui ea possidet
Qui uti scit, ei bona; illi, qui non uritur recte, mala.”***

"O valor das coisas depende de quem as possui: boas para os que sabem utilizá-las, são más para os que as empregam mal" [Terêncio].

Para saborear os bens quaisquer que sejam, que nos outorga a fortuna, cumpre ter o sentimento que a sensação cria. É pelo gozo e não pela posse que somos felizes: "Não são essas terras, esses palácios, esses montes de ouro e prata, que hão de curar a febre de quem os possui ou lhe purgar a angústia da alma. O gozo exige a saúde do corpo e da alma. Para quem deseja ou teme, que significam tais riquezas? São quadros para olhos remelentos, estufas para paralíticos" [Horácio]. Se se trata de um tolo seu gosto estragado nada apreende; não pode apreciar, como um endefluxado não aprecia a suavidade do vinho grego; como um cavalo permanece indiferente à riqueza de seus arreios. Por isso diz Platão que a saúde, a beleza, a força, as riquezas e tudo o que consideramos felicidade são males para quem tem um juízo errado, enquanto quem possui um espírito bem formado os encara como o que realmente são. E essa divergência verifica-se igualmente em sentido inverso. Ademais, para corpo e alma em mau estado, de que servem essas vantagens exteriores? A menor picada basta para tirar todo o prazer que poderia ter em governar o mundo. À primeira pontada da gota, seja senhor e majestade,

“Totus et argento conflatus, totus et auro;”

"Coberto de ouro e prata" [Tibulo]

, perde ele a lembrança dos palácios e grandezas. E por ser príncipe deixará de corar, de empalidecer, de ranger os dentes quando tomado de cólera?

Se se trata de homem inteligente e bem nascido pouco acrescenta a realza à sua felicidade:

***“Si ventri bene, si lateri est, pedibusque tuffs, nil
Divitix poterunt regales addere majus;”***

"Se tens bom estômago, válidos os pés e os pulmões, as riquezas dos reis nada te darão a mais" [Horácio].

Percebe que tudo isso é aparência e trapaça. Será talvez da opinião do Rei Seleuco que dizia que "quem soubesse quanto pesa um cetro não se daria o trabalho de o erguer se encontrasse um no chão", e com essas palavras queria mostrar como são grandes e penosos os encargos de um bom rei. E sem dúvida não é fácil lidar com os negócios alheios, se os nossos já nos custam tanto suor. Quanto a mandar, o que se afigura sumamente agradável, em considerando a fraqueza da razão humana e quanto é difícil escolher quando se duvida, sou de opinião que é mais cômodo seguir do que guiar; e repousa o espírito não andar senão por caminhos já abertos e não responder senão por si próprio:

***“Ut satius multo jam sit parere quietum,
Quam regere imperio res velle.”***

"Mais vale obedecer tranqüilamente que levar a mão ao leme do Estado" [Lucrécio].

Acrescente-se a isso o que afirmava Ciro, a saber, que o comando só deve caber a quem valha mais que os comandados.

Segundo Xenofonte, o Rei Híeron pretendia que quanto ao gozo das volúpias íntimas estão os soberanos em piores condições que os particulares, pois a facilidade com que as satisfazem tira-lhes algo desse sabor agridoce que lhes empresta a dificuldade.

“Pinguis amor, nimiumque patens, in taedia nobis

Vertitur, et, stomacho dulcis ut esca, nocet.”

“Amor demais enoja, como perturba o estômago um prato agradável comido com exagero” [Ovídio].

Imaginem que às religiosas do coro apeteça a música? A saciedade torna-a aborrecida. Os festins, as danças, as mascaradas, os torneios divertem quem não os vê amiudadamente e os deseja ver, mas para quem os tem como espetáculo comum são insossos e nada atraentes. Assim também não são as mulheres excitantes para quem delas goza à saciedade. Quem não tem tempo de ter sede, não tem prazer em beber. As peloticas dos prestidigitadores divertem-nos, mas para eles são corvéias. Por isso gostam os príncipes de por vezes se fantasiar e viver nas baixas classes da sociedade:

“Plerumque gratae divitibus vices

Mundaeque parvo sub lare pauperum

Coenae, sine aulaeis et ostro,

Sollicitam explicuere frontem.”

“Alguma mudança não desagrada aos grandes; às

vezes uma refeição frugal, sem tapetes nem púrpuras

sob o teto do pobre, lhes desanuvia a fronte” [Horácio].

Nada incomoda mais do que a abundância. Que desejo não se amortecerá diante de trezentas mulheres, como as tem o sultão em seu harém? Que prazer de caçar teria quem o fizesse com sete mil falcões?

Além disso o brilho da grandeza comporta a meu ver inconvenientes dos mais incômodos, quando os grandes se dispõem a gozar os prazeres mais doces. Estão por demais visados, gente demais se preocupa com eles, tanto que não compreendo que não exijam deles que escondam melhor e dissimulem seus erros. Pois o que é para nós indiscrição neles considera o povo tirania, desprezo, desobediência à lei. Além da inclinação para o vício, dir-se-ia que juntam a seus desmandos o prazer de violar e espezinhar as ordenações. Platão está certo quando em seu ‘Górgias’ define como tirano aquele que na cidade tem licença de fazer o que bem entende e acrescenta que o espetáculo e a publicidade dos abusos chocam mais, por vezes, do que os próprios abusos. Todos receiam ser espionados e controlados; eles o são até em suas atitudes e pensamentos, porquanto todos pretendem ter o direito de os julgar e interesse em fazê-lo. Sem contar que as manchas são tanto mais visíveis quanto o lugar em que se encontram é mais aparente e iluminado. Um sinal ou verruga na fronte vêem-se melhor do que uma cicatriz alhures. É por esse motivo que os poetas sempre representam Júpiter, em suas aventuras galantes, sob um aspecto diferente do verdadeiro, e que, entre as muitas cenas do gênero que lhe atribuem, em uma só, ao que me parece, é ele apresentado em toda a sua majestade.

Híeron conta igualmente quanto o incomoda a realeza, impedindo-o de viajar livremente, mantendo-o por assim dizer prisioneiro, sem poder ultrapassar as fronteiras do país e cercando-o por toda parte de uma importuna multidão. É preciso convir em que, as mais das vezes, vendo nossos reis à mesa, assediados por desconhecidos faladores e curiosos, tenho sentido mais dó do que inveja. Dizia o Rei Afonso, a propósito, que a sorte dos asnos era preferível à sua; deixam-nos ao menos pastar à vontade, o que os reis não conseguem de seus servidores. Nunca admiti que pudesse ser agradável para um homem sensato e normal suportar os olhares de dezenas de pessoas quando precisa ir à retrete. Tampouco compreendo que se acomode melhor um rei com os serviços de alguém que possui dez mil libras de rendimento, que tomou Casal ou defendeu Siena, do que com os de um bom e experiente criado de quarto. As vantagens do príncipe são em sua maioria puramente imaginárias e cada camada social tem seus príncipes. César chamava reizinhos aos senhores que, na Gália de seu tempo, tinham o direito de julgar.

Salvo o título de Sire, vai-se longe atualmente na imitação dos nossos reis. Nas províncias afastadas da Corte, na Bretanha por exemplo, onde o senhor vive em permanência em seu feudo, a administração da casa, as relações com seus súditos, os oficiais que o cercam, o gênero de vida que leva, as ocupações, o protocolo seguido, sua vida íntima no meio dos servidores, até as próprias idéias, tudo se assemelha e se ajusta ao que se faz na Corte. Ouve falar do rei uma vez por ano, como ouve falar do rei da Pérsia; e se o reconhece é em virtude de algum parentesco longínquo assinalado em seus arquivos. Em verdade, nossas leis dão-nos grande liberdade. O peso da autoridade real não se faz sentir mais do que duas vezes na vida de um fidalgo francês. A sujeição completa e efetiva só se impõe àqueles que a consideram vantajosa porque a trocam por proventos e honrarias. Quem permanece sossegado em suas terras e sabe dirigir seus negócios sem querelas nem processos é tão livre quanto o doge de Veneza:

“Paucos servitus, plures servitutem tenent.”

“Poucos homens são atados à servidão, inúmeros a ela se amarram” [Sêneca].

Mas o que Híeron coloca entre os maiores inconvenientes da realeza é a carência de amizades e relações cordiais que constituem o mais doce e perfeito encanto da existência humana. “Pois que prova de afeição posso alcançar de quem, queira ele ou não, me deve tudo o que possuí? Posso levar em conta a humildade de suas palavras e a sua respeitosa cortesia, se não tem a possibilidade de se conduzir diferentemente? As homenagens que me prestam os que me temem não me honram; são prestadas à realeza e não a mim pessoalmente. Como diz Sêneca, a maior vantagem da realeza está em que o povo é não somente obrigado a sofrer mas ainda a louvar os gestos do senhor. E não vejo que o bom como o mau rei, o que detestam como o que amam, são tratados da mesma maneira? De igual modo, com o mesmo cerimonial trataram o meu predecessor e assim tratarão o meu sucessor. O fato de meus súditos não me ofenderem não significa afeição; nem o poderia assim considerar, porquanto ainda que o quisessem não estaria em suas possibilidades ofender-me. Ninguém me freqüenta por amizade, porque esse sentimento não pode existir quando as relações e as trocas de idéias são tão raras; a altura de minha posição afasta-me de qualquer intimidade. Entre mim e os outros homens há demasiada desigualdade e desproporção. Seguem-me porque é bonito

ou por costume; e mais do que a mim à minha fortuna, a fim de aumentar a deles próprios. Tudo o que me dizem e fazem não passa de dissimulação, estando sua liberdade controlada pelo grande poder que tenho sobre eles. Nada vejo em torno de mim que não se esconda sob uma máscara”.

Os cortesãos elogiavam de uma feita o Imperador Juliano porque se esforçava por ser justo. “Orgulhar-me-ia de vossas louvações – disse ele – se viessem de pessoas que ousassem denunciar e censurar meus atos, caso me conduzisse de outra maneira”.

Todas as verdadeiras vantagens de que gozam os príncipes são comuns aos homens de fortuna média (somente os deuses cavalgam animais alados e se alimentam de ambrósia); não diferem de nós quanto ao sono e ao apetite; o aço de suas armaduras não é mais bem temperado do que o das nossas; suas coroas não os abrigam do sol e da chuva.

Diocleciano, elevado aos píncaros da fortuna, tudo abandonou um dia para gozar os prazeres de um simples cidadão. Tempos depois, exigindo os negócios públicos que assumisse novamente a direção do Estado, respondeu aos que lhe foram solicitar que aceitasse o cargo: “não procuraríeis persuadir-me se vísseis o belo renque de árvores que eu mesmo plantei em minhas terras, e os melões que semeiei”.

Anacársis é de opinião que o Estado mais feliz seria aquele em que, dadas as condições iguais de tudo e de todos, a preeminência se medisse pela virtude e fosse o vício relegado para o último lugar.

Quando o Rei Pirro quis entrar na Itália, Cíneas, seu avisado conselheiro, lhe disse, querendo mostrar-lhe a inanição de sua ambição: “Com que fim, Senhor, concebeis semelhante empreendimento? – Com o fim de me tornar senhor da Itália. – E feito isso? – Passarei à Gália e à Espanha. – E depois? – Irei subjugar a África, e quando afinal for senhor do mundo irei repousar e viver satisfeito e tranqüilo. – Por Deus, Senhor, dizei o que vos impede de fazê-lo desde logo se tal é vossa vontade? Por que não gozar imediatamente esse repouso a que aspirais e vos poupar assim tantas dificuldades, tantos acasos a que vos ides aventurar?”

***“Nimirum, quia non cognovit, qux esset habendi
Finis, et omnino quoad crescat vera voluptas.”***

“E sem dúvida porque não conhecia os limites que devemos opor aos nossos desejos, limites além dos quais cessa o prazer verdadeiro” [Lucrecio].

Termino com esta máxima de Cornélio Nepos, que acho singularmente ajustada ao nosso assunto:

“Mores cuique sui fingunt fortunam.”

“É com seus costumes que cada um constrói o seu destino”.

Capítulo XLIII

Sobre as leis suntuárias

A maneira pela qual nossas leis procuram regular as nossas despesas extravagantes e ostensivas, com a mesa e o vestuário, parece contrária ao fim visado. O verdadeiro modo de atingir um tal objetivo seria infundir no homem o desprezo pelo ouro e a seda, como coisas vãs e inúteis; e em vez disso, nós as valorizamos ainda mais, o que é maneira bem tola de os desgostar delas. Dizer, como o temos feito, que só os príncipes poderão comer chernote [peixe teleosteo do Mediterrâneo], usar veludo e tecidos de ouro, proibindo-o ao povo, é dar importância a essas coisas e aumentar em todos o desejo de as ter. Que os reis renunciem corajosamente a esses sinais de grandeza, pois não carecem de outros; semelhantes excessos são mais desculpáveis em particulares do que nos príncipes. O que vemos em certos países mostra-nos que não faltam meios melhores de estabelecer distinções exteriores nos graus de hierarquia social (o que considero aliás medida inteligente em um governo), sem que se recorra a um exibicionismo suscetível de desenvolver a corrupção e que comporte inconvenientes tão visíveis.

É realmente admirável ver como, nessas coisas de nonada, impõe o costume com facilidade e rapidez a sua autoridade. Mal decorrerá um ano que, em virtude do luto pela morte de Henrique II, se usava tecido de lã, e já a seda tanto se desacreditara que, vendo alguém assim vestido, logo se imaginava fosse algum burguês da cidade. Tornara-se peculiar aos médicos e cirurgiões. E embora em todas as classes da sociedade todos se vestissem de igual modo, a elegância natural de cada um bastava para revelar a que classe pertencia. Da mesma forma, rapidamente se fez moda no exército o uso de sujos gibões de camurça ou tecido ordinário; e logo se abandonaram as belas e ricas vestimentas, que passaram mesmo a ser criticadas. Dêem o exemplo os reis, renunciando a tais despesas: em menos de um mês, sem decreto nem ordenação, será coisa feita; todos os seguiremos. Ao contrário do que diz hoje, deveria a lei determinar que ninguém, à exceção dos funâmbulos e prostitutas, teria o direito de usar tecidos de cores vivas e jóias.

Foi assim que Seleuco corrigiu os costumes corruptos dos lócrios. Determinavam suas ordenações que as mulheres de condição livre não podiam fazer-se acompanhar de mais de uma criada, a menos que estivessem embriagadas. Que somente as mulheres públicas e de vida airada pudessem sair à noite, usar jóias de ouro e vestidos bordados. Que à exceção dos que, por profissão, prostituem mulher e filhas, nenhum homem tivesse anéis de ouro ou roupa de tecido fino, no gênero do tecido fabricado em Mileto. Com essas exceções, que estigmatizavam quem delas se beneficiava, desviou engenhosamente seus concidadãos das futilidades e dos prazeres perniciosos. Foi um modo muito eficiente de chamar os homens ao dever e à obediência, incentivando neles o sentimento de honra e a ambição.

Nossos reis tudo podem nessas reformas exteriores. Seu gosto faz a lei:

“Quicquid principes faciunt, praecipere videntur.”

“Tudo o que fazem os príncipes, dir-se-ia que o prescrevem” [Quintiliano].

O resto da França acompanha a Corte. Que abandonem essas braguilhas tão feias que exibem as partes ocultas do corpo; e esses gibões tão amplos e pesados que nos deformam e incomodam quando precisamos armar-nos; e esses cabelos efeminados;

e esse hábito de beijar os que saudamos, no rosto ou nas mãos, gesto que só aos príncipes era outrora devido; e que condenem esse hábito de, em lugar de respeito, se apresentar o fidalgo sem espada, desbragado como se saísse da retrete; e mais esse outro costume (contrário ao privilégio que sempre teve a nobreza francesa) de manter a cabeça descoberta em torno deles, ainda que longe, e não somente deles mas de cem outros, pois temos numerosos terços e quartos de rei que exigem a mesma coisa. Que o queiram realmente, e essas inovações e outras muitas do mesmo gênero igualmente lamentáveis, logo serão desprezadas e desaparecerão. Trata-se de erros superficiais mas de mau prognóstico: quando vemos rachar o reboco da parede temos aviso de que a estrutura se desconjunta.

Platão em suas leis acha que não há no mundo calamidade mais nefasta para a República do que permitir que a mocidade introduza modificações no vestuário, nos gestos, nas danças, nos exercícios e nas canções, em obediência a impressões instáveis; e que corra atrás das novidades e aplauda os inventores. Pois com isso se corrompem os costumes e se tornam as antigas instituições objeto de desprezo. Em tudo, com exceção do que é ruim, devem-se temer as mudanças: das estações, dos ventos, dos alimentos e dos humores. Nenhuma lei tem valor efetivo, fora daquelas a que Deus deu uma duração tal que ninguém lhes conhece a origem nem as viu diferentes.

Capítulo XLIV

Sobre o sono

Ordena-nos a razão que sigamos sempre o mesmo caminho, mas não nos diz que o façamos sempre com o mesmo passo. E embora o sábio não deva permitir que as paixões humanas o desviem do caminho certo, pode ele muito bem ponderá-las a fim de apressar ou retardar a própria marcha, em vez de se manter no meio delas como um gigante imóvel e impassível. Se a própria virtude fosse encarnada, o pulso bater-lhe-ia mais rapidamente, segundo fosse ela jantar ou se lançasse ao assalto. Há mesmo circunstâncias em que é necessário que se inflame e se exalte.

Eis por que observei como coisa rara que por vezes os grandes personagens em seus mais importantes empreendimentos se conservam tão serenos que nem sequer perdem o sono.

No dia da batalha que travou contra Dario, Alexandre, o Grande, dormiu tão profundamente e até já manhã alta, que, em sendo quase hora de combater, Parmênion foi obrigado a entrar-lhe no quarto a fim de acordá-lo, chamando-o duas ou três vezes pelo nome. Na noite em que resolveu suicidar-se, o Imperador Otão, depois de pôr em ordem seus negócios domésticos, dividir seu dinheiro entre seus servidores, afiar a espada com a qual se ia matar, já tão-somente à espera de saber se seus amigos estavam em segurança, adormeceu tão profundamente que seus criados o ouviam roncar. A morte desse imperador apresenta certa analogia com a do grande Catão. Este, às vésperas de se suicidar e à espera da notícia de que os senadores que afastava de si tinham embarcado em Útica, pôs-se a dormir tão bem que do quarto vizinho lhe ouviam o ruído da respiração. A pessoa que mandara ao porto, tendo-o acordado para dizer que a tempestade perturbava consideravelmente a manobra das velas, enviou ele outro e se enfiando novamente no leito voltou a adormecer; e assim ficou a dormir até a volta do segundo mensageiro com a notícia de que a partida se efetuara.

Encontramos ainda em Catão certa similitude com o que contamos de Alexandre. Quando da grande e perigosa borrasca que por pouco não fez vingar a sedição do tribuno Metelo, o qual, a propósito da conjuração de Catilina, queria publicar o decreto chamando Pompeu e seu exército a Roma, ao que somente Catão se opusera, graves palavras e pesadas ameaças tinham sido trocadas no Senado entre Metelo e ele. No dia seguinte, devia efetuar-se a publicação no Fórum. Os dois adversários iam encontrar-se. Metelo apoiado pelo povo e por César, então favorável a Pompeu, devia apresentar-se acompanhado de numerosos escravos estrangeiros e de espadachins dispostos a todas as violências; Catão tinha por si apenas sua indomável coragem. Por isso, seus parentes, servidores e muita gente boa estavam preocupadíssimos. Pensando no perigo que ia correr, houve muitos que passaram a noite em casa dele, mas não puderam descansar nem comer. Sua mulher e filhas não paravam de chorar. Ele, ao contrário, reconfortava todo mundo. Depois de haver ceado como de costume, foi deitar-se e dormiu um sono tão profundo que pela manhã um de seus colegas do tribunato teve que ir acordá-lo a fim de que chegasse até o tribunal onde os partidos se defrontariam. Conhecendo, pelos atos de sua vida, quanto era grande sua coragem, podemos sem receio de nos enganarmos atribuir essa calma em tais circunstâncias ao fato de estar sua alma muito acima de semelhantes acidentes, os quais para ele não eram motivo de maior preocupação que os incidentes habituais da vida.

Na batalha naval que ganhou na Sicília contra Sexto Pompeu, Augusto, no momento de iniciar o combate, dormia tão profundamente que foi preciso que seus amigos o acordassem. Isso deu ensejo a que Marco Antônio mais tarde alegasse não ter tido ele a coragem sequer de assistir às evoluções de seus navios e de não se ter mostrado a seus soldados senão depois que Agripa lhe veio anunciar que a vitória era sua. Mário, o Jovem, fez pior ainda: no dia de seu último esforço contra Sila, após haver ordenado a tropa, dado a palavra de ordem e o sinal de combate, deitou-se à sombra de uma árvore para descansar e dormiu tão profundamente que só acordou quando seus homens em fuga passaram por ele; nada tinha visto da luta. Atribuem o fato a uma fadiga excessiva provocada por exagerado trabalho e falta de sono. Não podia mais consigo.

Cabe aos médicos dizer-nos se o sono é tão necessário ao homem que sua vida dele dependa. Em apoio dessa asserção temos em Roma o caso de Perseu, rei da Macedônia, que fizeram morrer impedindo-o de dormir. Mas, por outro lado, Plínio relata casos de pessoas que viveram durante muito tempo sem dormir. Heródoto fala de povos que dormem a metade do ano e velam os outros seis meses. E os biógrafos de Epimênides contam que esse sábio dormiu durante cinqüenta e sete anos seguidos.

Capítulo XLV

Sobre a batalha de Dreux

Houve em nossa batalha de Dreux particularidades raramente vistas. Os que não são favoráveis ao Duque de Guise observam que não há desculpas para o fato de ter ele sustado a ação de sua tropa e contemporizado enquanto o inimigo esmagava o Senhor Condestável, comandante dos exércitos, e lhe arrebatava a artilharia. E dizem que ele teria feito melhor, a fim de evitar as perdas consideráveis que se verificaram, atacando o adversário pelo flanco em lugar de aguardar a possibilidade de fazê-lo pela retaguarda. Além do que demonstra o resultado da batalha, devemos convir, sem sectarismo, em que não somente os chefes mas também cada soldado deve ter em vista unicamente o êxito final, e que nenhum incidente particular por mais interessante que seja deve desviá-los desse objetivo.

Filopêmen, em um encontro com Macânidas, fizera-se preceder de numeroso grupo de arqueiros e lanceiros. O inimigo, depois de os ter rechaçado, divertiu-se em os perseguir a galope e se encontrou assim desfilar ao longo do corpo de batalha de Filopêmen. Este, apesar da emoção provocada em seus soldados, não julgou conveniente mexer-se para ir em socorro dos seus. Deixou que a cavalaria os perseguisse e os liquidasse sob suas vistas e só atacou os infantes inimigos quando os viu sem possibilidade de serem apoiados pelos cavaleiros. E embora se tratasse de lacedemônios, derrotou-os facilmente tanto mais quanto os atacou quando imaginavam ter ganho e começavam a debandar. Isso feito, lançou-se contra Macânidas. É este um caso que tem grande analogia com o do Duque de Guise.

Na batalha, tão vivamente disputada, de Agesilau contra os beócios, batalha a que Xenofonte assistiu e declara ter sido a mais encarniçada que jamais presenciou, Agesilau não quis aproveitar a vantagem que a sorte lhe oferecia, de deixar desfilar o corpo principal do exército inimigo e atacá-lo pela retaguarda, muito embora não duvidasse da vitória. Achava que assim agindo daria prova antes de habilidade que de valentia. Para demonstrar seu valor e sua coragem excepcional, preferiu atacar de frente. E errou, pois sofreu sério malogro e foi gravemente ferido. Obrigado a reunir de novo sua gente, tomou então o partido que recusara antes. Abriu uma brecha na tropa para dar passagem aos ardorosos beócios e depois que estes passaram e já marchavam em desordem como gente que se acredita fora de perigo, perseguiu-os carregando contra eles pelos flancos. Não conseguiu, entretanto, romper suas fileiras nem apressar-lhes a retirada. Foram-se devagar, sempre agressivos, até se porem a salvo.

Capítulo XLVI

Sobre os nomes

Por grande que seja a diversidade das ervas, chamam a tudo salada. Vou fazer o mesmo e, a propósito de nomes, apresentar aqui uma salganhada de coisas. Cada país tem, não sei por quê, nomes que são levados a mal. Assim, em nossa terra, João, Guilherme, Benedito. Dir-se-ia igualmente que na genealogia dos príncipes certos nomes se reproduzem fatalmente: Ptolomeu, no Egito; Henrique, na Inglaterra; Carlos, em França; Baudouin, nas Flandres; e em nossa velha Aquitânia, os Guilhermes, de que dizem derivar o nome atual de Guyenne, etimologia que não se aceitaria facilmente se outras tão pouco admissíveis não se encontrassem no próprio Platão.

É coisa de nonada e no entanto digna de nota, em virtude de sua singularidade, o que relata uma testemunha ocular: Henrique, Duque da Normandia, filho de Henrique, segundo rei da Inglaterra, deu em França um festim no qual o número de nobres convidados era tão considerável que, por divertimento, sendo os mesmos divididos em grupos de pessoas de nomes idênticos, o mais numeroso foi o dos Guilhermes, pois cento e dez cavaleiros assim batizados tomaram lugar à mesa. E não se contaram os simples fidalgos nem os serviçais.

Não é mais singular agrupar à mesa os convivas pelos nomes do que servir os pratos na ordem de suas iniciais, como o fez o Imperador Geta. Serviram em primeiro lugar os que começavam por m; e em seguida os outros.

Dizem que é vantajoso ter bom nome ou renome, isto é, ter crédito e reputação. Há igualmente utilidade em ter um nome bonito e que seja fácil de se pronunciar e reter na memória. Nós mesmos, entre nossos serviçais, chamamos de preferência os que nos vêm mais facilmente aos lábios.

Vi o Rei Henrique II não poder pronunciar exatamente o nome de um fidalgo daqui da Gasconha e esse mesmo príncipe opinar que se desse a uma das camareiras da rainha o nome de sua terra natal, porquanto considerava que o nome de sua família era por demais vulgar. Sócrates considera que dar belos nomes a seus filhos é um cuidado que os pais não devem esquecer.

Conta-se que a fundação de Notre Dame La Grande, em Poitiers, é devida ao fato de um jovem debochado, que morava no local, haver encontrado uma prostituta à qual indagou do nome. Em lhe respondendo que era Maria, acordou nele repentinamente seus sentimentos religiosos. Tomado então de respeito pelo santo nome da Virgem, não só expulsou imediatamente a mulher como se corrigiu em definitivo. Em vista desse milagre, ali se construiu uma capela a Nossa Senhora e mais tarde a igreja que conhecemos. Foi pela voz e o ouvido que a devoção, atuando diretamente sobre a alma, provocou essa reviravolta no jovem.

O fato seguinte, do mesmo gênero, verificou-se em conseqüência de ação imediata sobre os sentidos: Pitágoras, em companhia de alguns jovens, em uma festa, percebeu que, em se esquentando os espíritos, se propunham penetrar violentamente em uma casa respeitável. Determinou então à orquestra que tocasse outras músicas, graves, severas, monótonas, as quais adormeceram pouco a pouco os entusiasmos.

E não dirá a posteridade que essa Reforma que surgiu em nossos dias não foi exata e vigilante, pois se aplicou não apenas em combater os erros e os vícios, em encher o mundo de devoção, humildade, obediência, paz e toda sorte de virtudes, mas também em proscrever nossos nomes de batismo, Carlos, Luís, Francisco, substituindo-os por Matusalém, Ezequiel, Malaquias,

muito mais de acordo com os dogmas da fé? [Montaigne ironiza o sectarismo dos reformadores].

Um fidalgo da minha vizinhança, suputando a superioridade do passado sobre os tempos atuais, não esquecia de levar em conta o sabor e a elegância dos nomes da nobreza antiga: Grumedan, Quedragan, Agesilau. Só em os ouvir já se sentia que eram de gente bem diferente dos Pedros e Miguéis!

Agrada-me que Jacques Amyot tenha conservado em seus escritos em francês os nomes latinos em latim. Agrada-me que não os tenha alterado e modificado, a fim de lhes emprestar um feitiço francês. A princípio isso me pareceu algo estranho, mas já sua tradução de Plutarco, tão conhecida, contribuirá para que o estranhasse menos. Muitas vezes desejei que os que escrevem crônicas em latim, transcrevessem os nomes próprios como são; metamorfoseando-os em grego ou romano para os tornar mais graciosos, fazendo de Vandemont, 'Vallemontanus', acabam confundindo-nos. Não sabemos mais onde estamos.

Encerrando nossas reflexões sobre os nomes, digamos que é mau hábito e de péssimas conseqüências chamar cada qual pelo nome de suas terras ou de seu castelo. Isso, mais do que tudo, faz que se misturem as raças e não mais possam distinguir-se uma da outra. Um caçula de boa família que recebeu uma terra cujo nome tomou de empréstimo, e com ele se tornou conhecido e respeitado, não o pode honestamente abandonar. Em falecendo, dez anos após, passa a terra às mãos de um estranho que faz a mesma coisa. Como será possível deslindar tal embrulhada? A esse respeito, aliás, não é necessário procurar exemplos fora de nossa casa real, em que há tantos nomes quantas partilhas houve, a ponto de não mais sabermos sua origem. Com tal liberdade e fantasia procedem nesse sentido em nossos dias, que não sei de pessoa elevada pela fortuna a uma situação qualquer, que não lhe descubram logo títulos genealógicos ignorados de seu progenitor, enxertando-o em alguma ilustre linhagem. E são as mais obscuras famílias que melhor se prestam a tais falsificações. Quantos fidalgos não temos nós em França que, pelo que dizem (mais do que pelo que dizem os outros), são de raça real! Isso foi observado um dia muito espirituosamente por um de meus amigos nas seguintes circunstâncias: em certa reunião, tendo-se verificado uma desavença entre dois senhores, um dos quais, pelos seus títulos e alianças, tinha preeminência incontestável sobre a nobreza comum, procurava cada um dos presentes igualar-se ao mais ilustre alegando sua origem, a semelhança do nome, velhos títulos familiares, o brasão, sendo que o que menos podia alegar se dizia tataraneto de um rei de além-mar. Quando passaram à sala de comer, meu amigo, em vez de se dirigir para seu lugar, começou a recuar, multiplicando as reverências e suplicando à assistência que lhe desculpassem a temeridade que tivera de se manter até então em pé de igualdade com tão eminentes fidalgos. Só agora porém estava sendo informado de suas qualidades e privilégios e solicitava que lhe permitissem desde já prestar homenagem à sua condição social, e que não lhe cabia sentar-se junto a tão numerosa coorte de príncipes. E terminando a brincadeira com mil sarcasmos disse: "Contentemo-nos, por Deus, com aquilo com que se contentaram nossos pais e com o que somos. Que nossa condição nos baste, e nos bastará se soubermos honrá-la; não neguemos a fortuna e a condição de nossos antepassados. Evitemos essas ridículas invencionices que não podem senão confundir quem quer que tenha a impudência de as alegar".

Como os nomes, nada provam os brasões. É o meu 'de blau semeado de trevos de ouro, com uma pata de leão do mesmo, armada de goles e posta de frente'. Quem me garante que não sairá de minha família? Não poderá um genro transportá-lo alhures? E talvez um novo rico se apodere dele em não tendo outro. Não há coisa mais sujeita a freqüentes mudanças e confusões.

Estas reflexões acarretam outras de ordem diferente. Examinemos sobre que assenta essa glória e essa reputação pelas quais revolvemos céu e terra; em que consiste essa fama que tanto nos esforçamos por conquistar? Em suma é a Pedro ou a Guilherme que se aplica; a eles cabe guardá-la, a eles interessa. Admirável faculdade a da esperança! Em um simples mortal ela abarca o infinito, a imensidade, a eternidade, e, como por efeito de uma miragem, substitui à indigência absoluta tudo o que pode imaginar e desejar! Com ela, deu-nos a natureza um brinquedo maravilhoso. Mas, afinal de contas, que são Pedro ou Guilherme senão um som ou três ou quatro rabiscos de pena, e em verdade tão pouco precisos que podemos por vezes indagar, perplexos, a quem cabe a honra de tantas vitórias: Guesquin, Glesquin ou Gueaquin? [nos documentos antigos, o nome de Du Guesclin figura mais de uma vez deturpado, conhecendo-se numerosas variantes]. O problema poderia dar azo a uma polêmica ainda mais espinhosa do que a que Luciano imaginou entre as letras sigma e tau. O prêmio, no caso atual, não é de valor desprezível, pois

***"Non levia aut ludicra petuntur
Praemia."***

"Eles não apontam nenhuma recompensa leve ou jocosa" [Virgílio]

; a coisa tem sua importância, tratando-se, como se trata, de determinar a qual dos nomes diversamente ortografados se devem atribuir tantos assédios empreendidos e sustentados, tantas batalhas travadas, ferimentos recebidos, cativo suportado, serviços prestados à coroa real pelo famoso condestável.

Nicolas Denisot ocupou-se unicamente com as letras de seu nome, cujo arranjo modificou para fazer 'Conde d'Alsinois', tornando esse nome ilustre com suas poesias e sua pintura. Suetônio, historiador, apreciava o significado do seu: não podendo chamar-se Lenis (doce) que era o sobrenome de seu pai, adotou o de Tranqüilo ao qual fez herdeiro da reputação de seus escritos. Quem sabe que o Capitão Bayard tirou sua fama dos feitos perpetrados por Pierre Terrail? E que Antoine Escalin deixou que o Capitão Paulin e o Barão de La Garde lhe roubassem a glória de tantas viagens marítimas e de funções exercidas em terra e mar?

Além das variações que sofrem, esses rabiscos de pena são comuns a milhares de pessoas. Quantos em um país não têm os mesmos nomes e sobrenomes? E quantos outros em países e raças diferentes, através dos séculos? A história conservou os nomes de três Sócrates, cinco Platões, oito Aristóteles, sete Xenofontes, vinte Demétrios, vinte Teodoros; e quantos mais não permaneceram ignorados? Nada impede que meu palafreheiro se chame Pompeu, o Grande; e nada se opõe a que finalmente a ele, depois de morto, e não ao homem que foi executado no Egito, se atribua a glória do nome. E qual dos dois a aproveitará?

“Id cinerem et manes credis curare sepultos?”

"Acreditais que com isso se preocupem as cinzas e os manes dos mortos?" [Virgílio].

Que podem sentir Epaminondas e Cipião, o Africano, esses dois êmulos pelo valor que os eleva acima dos outros homens, o primeiro diante de tão belo verso gravado no pedestal de sua estátua há tantos séculos: "Por mim Lacedemônia perdeu seu esplendor"; e o segundo ante o dístico escrito em seu louvor: "Do levante ao poente não há guerreiros cujas frentes cinjam tão nobres louros" [Cícero].

Tais testemunhos impressionam de modo agradável os sobreviventes, excitando neles a inveja e a ambição; e, sem refletir, estes emprestam aos mortos suas próprias sensações, iludindo-se ao mesmo tempo acerca de sua capacidade de conquistar a celebridade. Só Deus sabe entretanto. Contudo:

***Romanus Graiusque, et Barbaras induperator
Erexit; caucus discriminis atque laboris
Inde habuit: tanto major famae sitis est, quam
Virtutis.***

"Essa esperança incitou gregos, romanos e bárbaros. Nela está a razão de seus trabalhos, dos perigos que correram, pois mais que de virtude têm os homens sede de renome" [Juvenal].

Capítulo XLVII

Sobre a incerteza dos nossos juízos

De qualquer coisa é fácil falar: pró ou contra, diz Homero com muita razão. Eis, por exemplo, o que afirma Plutarco: "Aníbal venceu os romanos mas não soube aproveitar a vitória". Quem assim pensasse e considerasse um erro, como é comum entre nós [os católicos], não ter o partido católico explorado o êxito que alcançamos em Montcontour, ou censurasse ao rei da Espanha não haver aproveitado a vantagem conseguida contra os franceses em St. Quentin, poderia, em apoio de sua tese, apresentar os seguintes argumentos: semelhantes erros procedem de uma alma embriagada pelo êxito inicial e cuja coragem limitada, satisfeita com um princípio de sorte, perde a vontade de prosseguir, já embaraçada com o resultado obtido; seus braços não podem abarcar mais. Semelhante chefe não merece o bem que o destino lhe pôs nas mãos, pois dá ao inimigo a possibilidade de se refazer. Poder-se-á esperar dele que ouse renovar seu ataque contra um adversário recuperado, e armado, já agora, de despeito e ansioso por se vingar, se não ousou ou não soube persegui-lo em desordem e tomados de pavor?

“Dum fortuna calet, dum conficit omnia terror.”

"Quando a sorte já se decidira e que ao terror tudo cedia?" [Lucano].

Mesmo porque, que há de esperar melhor do que o que deixou escapar? A guerra não é como a esgrima em que quem consegue maior número de toques ganha; se continua de pé cumpre recomeçar, sempre com mais resolução, não havendo vitória enquanto não terminem as hostilidades. Em seguida àquela batalha perto de Oricum, em que correu os maiores riscos, César criticou os soldados de Pompeu por terem perdido a oportunidade de ganhar se houvessem sabido vencer. E ele próprio agiu de outra maneira quando lhe coube persegui-los.

Em apoio da tese contrária, pode-se dizer que não opor limites a seus desejos é característico dos espíritos impacientes e insaciáveis; que querer ultrapassar as medidas em que nos é concedida a proteção divina constitui um abuso; que se expor a um malogro após uma vitória é entregá-la novamente à mercê da sorte; que um dos princípios mais sábios da arte militar consiste em não impelir o inimigo ao desespero. Sila e Mário durante a guerra civil haviam batido os marseis; vendo um punhado deles retomar a ofensiva, como que furiosos, porque desesperados, acharam que não deviam enfrentá-los. Se o Senhor de Foix não se tivesse deixado levar pelo entusiasmo a perseguir encarniçadamente o inimigo depois de sua vitória em Ravena, não a houvera estragado com sua morte. Seu exemplo, ainda recente, serviu, de resto, de lição ao Senhor de Enghien, em Cerisolles, preservando-o de igual desventura.

É perigoso assaltar um homem ao qual se tirou toda possibilidade de salvação fora da luta, pois a necessidade é um mestre-escola violento:

“Gravissimi sunt morsus irritatae necessitatis.”

"Terríveis são as mordidas da necessidade excitada" [Pórcio Latro]

e

“Vincitur haud gratis, jugulo qui provocat hostem.”

"Quem desafia a morte só é vencido com danos para o vencedor" [Lucano].

Foi o que fez com que Pharax impedisse que o rei da Lacedemônia, que acabava de vencer os mantineanos, se atirasse contra um milhar de argensianos, os quais, ainda intactos, haviam escapado ao desastre. E persuadiu-o a que os deixasse se retirarem sossegadamente, a fim de não ter de guerrear com homens valentes e despeitados, estimulados pela desgraça. Clodomiro, rei da Aquitânia, depois de sua vitória contra Gondemar, rei da Borgonha, perseguiu-o tão ardorosamente que o obrigou a voltar-se contra o perseguidor. No combate que se seguiu foi ele morto e perdeu assim por causa de sua obstinação o fruto da vitória.

Será preferível ter soldados abundante e suntuosamente armados ou será melhor armá-los tão-somente de acordo com as necessidades? Sertório, Filopêmen, Bruto, César e outros são favoráveis à primeira alternativa; alegam que a honra e a vaidade estimulam o soldado; que, ademais, em devendo salvar armas que, pelo seu valor venal, constituem uma espécie de fortuna e um como que legado, tanto mais tenaz se mostra na luta. E diz Xenofonte que por esse motivo os povos da Ásia levavam para a guerra com seus exércitos suas mulheres e concubinas, com suas jóias e o que possuíam de mais precioso.

Quanto ao segundo método, pode-se alegar que mais vale desviar do soldado a idéia de conservação do que o induzir a pensar nisso, pois assim dobraremos seu desprezo aos perigos. Fazer exibição de luxo é, também, excitar no inimigo o desejo de vencer para se apropriar de ricos despojos, como se observou mais de uma vez, e o que constituiu o móvel dos romanos contra os salamis. Antíoco mostrava com orgulho a Aníbal o exército que reunia contra Roma, faustoso e magnífico em toda espécie de equipamentos, e lhe perguntava: "Achais que este exército será suficiente para os romanos? – Será sem dúvida suficiente, respondeu Aníbal, por cobiçosos que sejam".

Licurgo proibira aos seus concidadãos não somente qualquer luxo no equipamento de guerra mas ainda que despojassem o inimigo vencido, querendo desse modo que se honrassem de sua pobreza e frugalidade tanto quanto da vitória.

Nos assédios e outras circunstâncias que nos põem ao alcance do inimigo, permitimos em geral a nossos soldados que lhe dirijam bravatas e insultos. Não sem razão aliás. É de certa importância afastar da tropa qualquer esperança de mercê ou entendimento, mostrando-lhe que nada devem esperar de um inimigo que de tal modo insultou e que só lhe resta portanto vencê-lo. Vitélio fez a experiência mas em seu detrimento. Achando-se em presença de Otão cujo exército se compunha de soldados de reduzido valor, desacostumados de há muito à guerra, amolecidos pelos prazeres da cidade, de tal modo os agastou com ditos venenosos, censurando-lhes a pusilanimidade, a saudade das mulheres belas e das festas deixadas em Roma, que acabou por fazer-lhes das tripas coração e jogá-los contra si, o que nenhuma exortação conseguira. E em verdade as ofensas graves podem facilmente fazer com que os que, de má vontade, combatem a serviço de seu rei, lutem com outra disposição a seu próprio serviço.

Considerando-se a importância da preservação do chefe em um exército, e que a sua cabeça, de que dependem as demais, é a mais visada, parece não se deva desprezar essa determinação, seguida por numerosos grandes chefes, de se fantasiar ou camuflar ao entrarem em combate. Entretanto, o inconveniente dessa tática não é menor do que as vantagens, pois, em não sendo reconhecido pelos seus, a coragem que lhes inspira com seu exemplo e presença pode faltar. Não percebendo as marcas distintivas que de hábito o assinalam, imaginam que tenha morrido ou que, desesperando do êxito, se haja retirado do campo de batalha. Quanto aos fatos, vemo-los corroborar ora um ora outro desses métodos. O que ocorreu com Pirro na batalha travada na Itália contra o cônsul Levínio depõe a um tempo a favor e contra. Tornara-se irreconhecível, tomando para lutar as armas de Demogacles a quem dera as suas. Salvou-lhe por certo a vida essa idéia, mas quase foi vítima do referido inconveniente e quase perdeu a batalha. Alexandre, César, Lúculo gostavam de ir para o combate com vestimentas e armas luxuosas, de cores vivas, reveladoras de suas personalidades; Ágis, Agesilau, o grande Gilipo, ao contrário, iam para a guerra com costumes severos que não denunciavam sua condição de chefes.

Entre as críticas que fizeram a Pompeu, relativas à batalha de Farsália, figura a de ter aguardado firmemente o ataque do inimigo. Eis o que a propósito diz Plutarco, mais conhecedor do assunto do que eu: "Isso, além de atenuar a violência com que se dão os primeiros golpes ao fim de uma carga, priva os combatentes do entusiasmo que, quando se lançam aos berros uns contra os outros, como ocorre habitualmente, com impetuosidade e excitação, lhes aumenta a coragem no momento do choque decisivo. Ao passo que, em permanecendo imóveis no lugar, em vez de se esquentarem como que se lhes coalha o sangue".

Mas se César houvesse perdido não se diria, de maneira igualmente sensata, que uma posição é tanto mais forte e difícil de se tomar quanto nela nos mantemos firmemente? E que quem suspende a marcha, se concentra e poupa suas forças para o momento decisivo, leva vantagem sobre quem já se acha abalado por uma carga que quase lhe esgotou o fôlego? Por outro lado, um exército compõe-se de tantas frações diversas que não pode, ao se atirar com fúria contra o adversário, fazê-lo com precisão suficiente para que sua ordem de batalha não se perturbe e rompa, e para que os mais entusiastas não se empenhem antes de contar com o apoio dos companheiros de armas.

Na batalha, tão contrária às leis da moral, em que dois irmãos disputaram o império persa, o lacedemônio Clearco que comandava os gregos (os quais haviam abraçado o partido de Ciro) conduziu-os ao combate tranqüilamente, sem se apressar, e ao chegar a cinquenta passos do inimigo mandou-os que acelerassem. Diminuindo assim o espaço a ser transposto com rapidez, poupava-lhes as forças, e conquanto os conservasse em formação, dava-lhes a vantagem da impetuosidade que aumentava sua potência de choque e a precisão das armas de arremesso. Outros, nos exércitos sob suas ordens, assim resolveram esse ponto controverso: "Se o inimigo vos ataca, aguardai-o de pé firme; se ele assim vos espera, atacai-o".

Quando da invasão da Provença por Carlos Quinto, o Rei Francisco I teve de escolher entre ir ao encontro dele na Itália, ou o esperar em seus Estados. Optou por esta decisão, embora soubesse da vantagem que consiste em levar a guerra para fora de suas fronteiras, de maneira a ter intactos os recursos do país em homens e dinheiro. Ademais, as necessidades da guerra acarretam devastações a que de bom grado não podemos expor o que nos pertence, tanto mais quanto o habitante se resigna menos a elas quando são causadas pelos seus, o que pode levar a sedições e motins, do que quando provocadas pelo inimigo. Finalmente, a licença de roubar e pilhar, que atenua grandemente as misérias da guerra para o soldado, não se pode exercer em seu próprio país; e como, então, não há mais nenhum benefício a esperar senão o soldo, difícil se faz segurá-lo, tão perto de sua mulher e de seu lar. Acrescentemos que quem põe a toalha paga as despesas da festa; que é mais agradável atacar do que se defender; que o abalo provocado pela perda de uma batalha é tão violento que, em ocorrendo ela em nosso solo, é raro que o país inteiro não seja atingido, pois nada é tão contagioso quanto o medo, nada se espalha mais depressa, sendo de temer que as cidades a cujas portas a borrasca se abate, que recolham chefes e soldados ainda pasmos e tremendo de pavor, tomem, sob a emoção, qualquer resolução pernicioso. Todas essas considerações não impediram que o rei chamasse suas forças de além Alpes e resolvesse aguardar o inimigo. Na verdade, apoiava-se em razões de outra ordem: imaginou que estando em seu próprio território, no meio de populações amigas, teria todas as facilidades. Rios e meios de comunicação estando em sua posse, os comboios de víveres e de dinheiro se efetuariam com segurança e sem escolta. Seus súditos se mostrariam tanto mais dedicados quanto mais próximo o perigo. Dispondo de numerosas cidades e pontos de resistência seguros, poderia combater quando

quisesse e somente quando achasse oportuno e vantajoso. Em lhe convindo contemporizar, fá-lo-ia sem riscos, deixando que o inimigo se consumisse na espera e se desagregasse sozinho em virtude das dificuldades que teria de vencer em uma região onde tudo seria contra ele; onde tudo, em frente, atrás, nos flancos, lhe seria hostil e onde estaria na impossibilidade de dar repouso a seus homens, de acampar em caso de epidemias; onde não encontraria com que proteger seus feridos; onde não poderia obter dinheiro e víveres senão pela força; onde não teria a oportunidade de se refazer e tomar fôlego; onde, não conhecendo a região nem em conjunto nem em seus pormenores, não se defenderia contra as emboscadas e os ataques de surpresa; e onde finalmente, em perdendo uma batalha, veria sua situação irremediavelmente comprometida, não tendo onde reunir os destroços de seu exército. Em suma, não faltariam exemplos que se invocassem em prol de uma ou outra resolução.

Cipião considerou – e com razão – muito mais vantajoso levar a guerra ao território de seu inimigo na África do que defender sua própria terra e combater na Itália um adversário que aí já se encontrava. Aníbal, ao contrário, perdeu-se por abandonar suas conquistas em país estrangeiro a fim de ir defender o seu. A sorte foi contrária aos atenienses que deixando o inimigo em seu próprio território invadiram a Sicília. Mostrou-se entretanto favorável a Agátocles, rei de Siracusa, o qual, desprezando o inimigo às portas de sua capital, foi atacá-lo na África.

Temos por hábito dizer, e com justeza, que os acontecimentos e suas conseqüências decorrem – particularmente na guerra – da sorte que não quer sujeitar-se às regras de nossa inteligência e de nossa razão, o que assim exprime um poeta latino:

***“Et male consultis pretium est: prudentia fallit
Nec fortune probat causas, sequiturque merentes,
Sed vaga per cunctos nullo discrimine fertur.
Scilicet est aliud, quod nos cogatque regatque
Majus, et in proprias ducat mortalia leges.”***

“Muitas vezes a imprevidência acerta e a prudência engana; a sorte não está forçosamente com os mais dignos; sempre inconstante, como cega joga-se de qualquer lado. Uma força superior nos domina, dita nossos atos e mantém a ordem mortal sob suas leis” [Manílio].

Dir-se-ia que essa influência se exerce sobre nossos projetos e deliberações; e que até os nossos raciocínios se ressentem da incerteza da sorte. Raciocinamos ao acaso e inconsideradamente, diz o Timeu de Platão, porque, como nós mesmos, é a nossa razão grandemente influenciada pelo acaso.

Capítulo XLVIII

Sobre os cavalos de guerra, ou *destriers*

Eis-me agora gramático, eu que nunca aprendi nenhuma língua senão pela prática e que não sei ainda o que seja adjetivo, subjuntivo ou ablativo. Parece-me ter ouvido dizer que os romanos tinham cavalos a que chamavam funales (de tiro) e outros que denominavam dextrarios, os quais se conduziam à direita ou se empregavam nas postas fora das diligências. Daí chamarmos ‘*destriers*’ aos cavalos de sela. E os nossos autores que escrevem em romano dizem comumente ‘*adestrer*’ para acompanhar. Tinham também os romanos os desultorios equos, cavalos adestrados para que, sem freio nem sela, galopassem com igual rapidez um ao lado do outro, sem se afastar, de modo que ao sentir o cavaleiro a fadiga de seu animal pudesse pular no outro sem diminuir ou atenuar a corrida. E isso inteiramente armado. Os guerreiros nômadas tinham igualmente à mão um segundo cavalo para trocar de montaria no meio do combate:

***“Quibus, desultorum in modum, binos trahentibus equos,
Inter acerrimam saepe pugnam, in recentem equum, ex fesso,
Armatis transultare mos erat: tanta velocitas ipsis, tamque
Docile equorum genus.”***

“Como nossos cavaleiros que pulam de um cavalo para o outro, os nômadas costumavam ter sempre dois cavalos, e por vezes, no auge da luta, lançavam-se armados do cavalo cansado ao cavalo fresco, tão grande era sua agilidade e tão dóceis seus cavalos” [Tito Lívio].

Há cavalos ensinados a defender o cavaleiro, a jogar-se contra quem lhes apresenta uma espada nua, a precipitar-se com coices e mordidas contra os que os atacam e os enfrentam. Mas ocorre que, assim, mais mal fazem aos amigos do que aos inimigos. Sem contar com o fato de que não podeis dominá-lo à vontade e que uma vez na batalha ficareis à mercê do que acontecer.

Tal desgraça aconteceu a Artíbio, que comandava os persas contra Onesilo, rei de Salamina, e montava um cavalo desse. Empenhara-se em combate singular com Onesilo, do que se aproveitou o escudeiro deste último para lhe cravar uma foice entre as espáduas. Contam os italianos que na batalha de Fornuovo o cavalo de Carlos VIII se desvencilhou com coices e corcovos de bom número de inimigos seus, os quais de outro modo o teriam desacatado. Se a coisa é exata, eis um bem feliz acaso. Vangloriam-se os mamelucos de terem os cavalos de guerra mais hábeis e bem ensinados do mundo, os quais, por instinto ou por educação, são adestrados a distinguir e reconhecer o inimigo contra o qual, a um sinal do dono, se precipitam com dentadas e coices. E chegam a pegar no solo lanças e dardos com a boca para os entregar ao cavaleiro, a seu pedido.

Dizem de César, e também do grande Pompeu, que entre outros talentos de primeira ordem possuíam o de ser cavaleiros eméritos. César na mocidade montava a cavalo sem sela nem freio e, mãos às costas, entregava-se ao galope do animal. A natureza, que fez dele e de Alexandre dois prodígios da arte militar, parece tê-los igualmente dotado de montarias excepcionais. Todos sabem que Bucéfalo, o cavalo de Alexandre, tinha a cabeça à semelhança de um touro, que não se deixava cavalgar por ninguém senão por seu dono e só por este fora adestrado; que depois de morto honras divinas lhe foram rendidas e que seu

nome foi dado a uma cidade construída a fim de lhe perpetuar a memória. César possuía também um cavalo cujas patas dianteiras tinham a forma semelhante à do pé humano. O casco era cortado como dedos. Somente César fora capaz de adestrá-lo e só ele o montava. Ao morrer o animal, mandou ele colocar sua imagem no templo de Vênus.

Quando monto a cavalo, não tenho pressa em largar a montaria, pois doente ou com saúde é o meu meio de locomoção preferido. Platão recomenda a equitação como favorável ao físico e Plínio diz que ela convém ao estômago e conserva a flexibilidade das articulações. Mas continuemos nossos comentários.

Xenofonte cita uma lei proibindo que viajasse a pé quem possuísse um cavalo. Pompeu e Justino relatam que os partos tinham por costume não somente combater a cavalo mas ainda do mesmo modo tratar de seus negócios públicos ou particulares, fazer suas compras, discutir, conversar, passear; e que entre eles a diferença entre homens livres e servos consistia em andarem estes a pé e aqueles a cavalo. Tal instituição remontaria a Ciro.

Dá-nos a história romana – e Suetônio o observa em César particularmente – exemplos de capitães que prescreviam a seus guerreiros a cavalo que abandonassem suas montarias nos momentos críticos, tanto para tirar do soldado toda a esperança de fuga, como por causa das vantagens que pensavam auferir desse gênero de combate “em que, sem dúvida, excede o romano”, diz Tito Lívio. Como quer que fosse, a primeira precaução tomada para dominar as revoltas dos povos que iam subjugando consistia em lhes confiscar as armas e os cavalos. Por isso, lemos comumente em César: “manda que entreguem as armas, tragam os cavalos e dêem os reféns”. O sultão não permite até hoje em todo o seu império que judeu ou cristão possua um cavalo.

Nossos antepassados, em particular durante a guerra contra os ingleses, combatiam a pé nos combates de certa importância e nas batalhas campais, não confiando senão na força, na coragem e no vigor pessoais para defender tão preciosas coisas quanto a honra e a vida. Em que pese a opinião de Crisanto, em Xenofonte, quando combatemos a cavalo temos nossa sorte ligada à do cavalo; os ferimentos e a morte que os podem atingir podem também provocar a nossa desgraça; que não o possamos segurar ou tocar para a frente, e eis nossa honra entregue ao acaso. Por isso não acho estranho que os combates que nossos antepassados travaram a pé tenham sido mais sérios do que os travados a cavalo:

***“Caedebant pariter, pariterque ruebant
Victores victique; neque his fuga nota, neque illis.”***

“Vencedores e vencidos precipitavam-se uns contra os outros, massacrando-se. Ninguém pensava em fugir” [Virgílio].

A vitória era outrora muito mais disputada, enquanto hoje a derrota é imediata:

“Primus clamor atque impetus rem decernit.”

“Os primeiros berros e a primeira carga decidem do êxito” [Tito Lívio].

Em uma questão em que o acaso contribui com tão grande parte, é preciso pôr de nosso lado as maiores probabilidades de êxito. Por isso aconselharia o emprego das armas de mão as mais curtas possíveis, porquanto são aquelas que mais dependem de nós em seus efeitos. É evidente que temos muito mais certeza da eficiência de nossa espada que de uma bala de arcabuz, o qual compreende elementos diversos como a pólvora, a pedra, a roda [a engrenagem do arcabuz]; que falhe um só deles e eis comprometida a sorte. Mais seguro é o golpe dado pessoalmente que aquele que mandamos pelos ares:

***“Et, quo ferre velint, permittere vulnera ventis
Esis habet vires; et gens quaecumque virorum est,
Bella gerit gladiis.”***

“Os golpes cuja direção se subordina ao vento são incertos; a espada é a força do soldado. Todas as nações guerreiras combatem com a espada” [Lucano].

Quanto às armas de fogo de nossa época, falarei mais pormenorizadamente quando as comparar com as da antiguidade. Salvo o ruído da detonação, que surpreende mas a que já estamos habituados, são elas, creio, pouco eficazes e espero que um dia renunciem ao seu emprego. A arma que os italianos usavam outrora era muito mais terrível: era a um tempo uma arma de arremesso e uma arma de fogo: denominavam-na falária e era uma espécie de azagaia com uma ponta de ferro de três pés, capaz de traspasar um homem com sua armadura. Arremessava-se à mão em campanha rasa ou com máquinas nos sítios, quando a empregavam como arma de defesa. A haste revestia-se de estopa embebida de pez e óleo e se inflamava no ar; em penetrando o corpo ou o escudo impedia que a vítima se valesse de suas armas, imobilizando-lhe braços e pernas. Contudo, parece que quando chegavam ao corpo-a-corpo, ela se tornava um transtorno para o atacante e o solo juncado desses troços incandescentes a todos perturbava:

***“Magnum stridens contorta Phalarica venit,
Fulminis acta modo.”***

“Semelhante ao raio a falária fendeu o ar com um horrível assobio” [Virgílio].

Possuíam ainda outros meios de ação que, em virtude do hábito, eram de grande eficácia e supriam a ausência de pólvora e canhão, mas nos quais mal podemos acreditar com nossa inexperiência. Arremessavam o dardo com tamanha violência que por vezes traspassavam dois homens com seus escudos e os pregavam um no outro. Suas fundas alcançavam tão longe e com tanta precisão quanto nossas armas atuais: “Arremessando seixos ao mar com suas fundas, adestrados em acertar em círculos de pequenas dimensões, atingiam seus inimigos não somente na cabeça como em qualquer parte do rosto que visassem” [Tito Lívio]. As máquinas que empregavam para derrubar as muralhas produziam resultados e estrépito idênticos aos das nossas.

***“Ad ictus moenium cum terribili sonitu editos,
Pavor et trepidatio cepit.”***

"Ao ruído terrível que repercutia nas muralhas sob os golpes dos sitiados, a inquietação e o pavor apoderaram-se dos sitiados" [Tito Lívio].

Os gauleses da Ásia, da mesma origem que a dos nossos, adestrados no combate com armas de mão, mais exigentes de coragem, detestavam essas armas traiçoeiras que atingem à distância: "a amplitude dos ferimentos não os amedronta; e quando são mais largos do que profundos até se vangloriam deles, como provas de valentia. Mas se, ao contrário, uma ponta de flecha, ou uma bala de chumbo arremessada com a funda, lhes penetra profundamente a carne, deixando apenas um leve vestígio à superfície da pele, furiosos por morrer de uma simples picada, rolam no chão de raiva e vergonha" [Tito Lívio]. Não se aplicam essas palavras quase textualmente aos nossos arcabuzes?

Os gregos, na tão longa e difícil retirada dos 'Dez mil', depararam com um povo que lhes causou graves perdas, atirando com grandes e fortes arcos flechas de tal comprimento que arremessadas mesmo com a mão, à maneira de um dardo, atravessavam um escudo e com este o homem que o usava. As catapultas que Dionísio inventou em Siracusa para arremessar troncos e pedras enormes com tamanha violência correspondem ou se assemelham os nossos recentes inventos.

Não há como esquecer tampouco a graciosa atitude, em sua mula, de um tal Senhor Pedro Pol, doutor em teologia, e que Monstrelet nos descreve como tendo por hábito passear pela cidade de Paris sentado de lado como as mulheres. Esse mesmo historiador escreve, em outro trecho de suas crônicas, que os gascões possuíam cavalos terríveis acostumados a dar meia volta a galope, sem parar, o que maravilhou os franceses, picardos, flamengos e brabantinos, os quais "não estavam habituados a vê-los", como diz. César observou a propósito dos suevos: "nos encontros a cavalo, saltam muitas vezes à terra e combatem a pé; seus cavalos, estando acostumados a não se mover do lugar em que os deixam, correm a eles em caso de necessidade. A seu ver nada é menos honroso nem mais efeminado que usar selas e armaduras para as montarias, e desprezam os que as têm. Graças a esses métodos não temem, ainda que em pequeno grupo, atacar um inimigo superior em número".

O que muito admirei há tempos ao ver um cavalo que com uma simples vareta e sem auxílio de rédeas tudo fazia como se queria, era comum entre os massilianos:

***"Et gens, quae nudo residens Massylia dorso,
Ora levi flectit, fraenorum nescia, virga."***

"Os massilianos, montando seus cavalos em pêlo e sem freios, conduziam-nos com uma vareta"
[Lucano].

"Et Numidae infraeni cingunt."

"Os númidas guiavam seus cavalos sem freio" [Virgílio].

***"Equi sine fraenis, deformis ipse cursus,
Rigida cervice et extento capite currentium."***

"Desprovidos de freios, seus cavalos são disformes, têm o pescoço rígido e a cabeça esticada" [Tito Lívio].

O Rei Afonso, fundador da ordem dos Cavaleiros da Lista, ou da Banda, estabeleceu, entre outras ordenações, que não se montasse mula nem besta sob pena de um marco de prata de multa, segundo se consigna nas cartas de Guevara, às quais deram, alguns, o qualificativo de douradas, tendo delas melhor juízo do que eu. Lê-se em "O Cortesão" que, antes da época em que foi escrito o livro, incorria em censura o fidalgo que cavalgasse uma mula. Ao contrário, entre os abissínios, quanto mais perto do príncipe pela condição social, maior dignidade e luxo consideram montar uma bela mula. Xenofonte conta que os assírios mantinham seus cavalos sempre amarrados em suas casas, a tal ponto eram fogosos e selvagens; e precisavam de tanto tempo para os arrear e desamarrar que, a fim de que isso não lhes acarretasse prejuízos, caso fossem colhidos desprevenidos, jamais acampavam sem cercarem o campo de fossos e estacadas. Ciro, seu rei, grande conhecedor de cavalos, só dava repouso e comida aos seus depois que os sujeitava mediante um bom e rude exercício. Os citas na guerra, quando a necessidade os forçava a tanto, sangravam seus cavalos e usavam o sangue como alimento:

"Venit et epoto Sarmata pastus equo."

"Nutre-se assim o sármata com sangue de seus cavalos" [Marcial].

Os cretenses, sitiados por Metelo e sem outro meio de estancar a sede, recorreram à urina de seus cavalos. Para provar que os exércitos turcos se sustentam com menos do que os nossos, dizem que além de só beberem água e comerem arroz com farinha de carne salgada, de que cada qual leva consigo o suficiente para um mês, vivem, se preciso, como os tártaros e os moscovitas do sangue de seus cavalos, que salgam para conservar.

Esses povos novos da Índia [a América] imaginavam, ao chegarem os espanhóis, que homens e cavalos fossem deuses ou pelo menos seres de natureza superior à sua. Alguns, depois de vencidos, vinham implorar perdão e pedir paz e, depois de oferecer ouro e viandas aos homens, o mesmo faziam aos cavalos com idênticas palavras, interpretando os relinchos como assentimento dado às propostas de trégua.

Nas Índias Orientais, montar um elefante era outrora a maior das honras, reservada exclusivamente aos reis; vinha em seguida andar em carro puxado por quatro cavalos; em terceiro lugar montar um camelo; em último valer-se de veículo puxado por um só cavalo. Um contemporâneo nosso escreve ter visto, nessas mesmas regiões, lugares onde cavalgam bois com cangalha, estribo e rédeas; e dão-se bem com a montaria.

Vendo Quinto Fábio Máximo Rutiliano, na guerra contra os samnitas, que seus cavaleiros não tinham conseguido romper as fileiras inimigas após duas ou três cargas, mandou que tirassem os freios dos cavalos e os esporeassem com energia, de modo que nada os podendo deter, por cima de armas e homens derrubados abriram passagem para a infantaria, o que completou a sangrenta derrota dos adversários. Igual conduta teve Quinto Fúlvio Flaco contra os celtiberos: "A fim de se tornar mais impetuoso

o choque, tirai os freios aos cavalos e lançai-os contra o inimigo; é uma manobra que não raro favoreceu a cavalaria romana e muito a honra (...). Arrancam os freios, rompem as fileiras inimigas, e voltam em seguida, atravessando-as novamente, partem todas as lanças e fazem enorme carnificina” [Tito Lívio].

O Duque de Moscóvia devia outrora, como sinal de respeito, ir a pé ao encontro dos embaixadores tártaros e oferecer-lhes um copo de leite de jumenta (o que muito apreciavam); se, em o bebendo, algumas gotas caíssem sobre o pêlo de seus cavalos, cabia-lhes lambê-las. O exército que Bajazet enviou à Rússia foi assaltado por tamanha tempestade de neve que para se abrigar e preservar do frio inventaram alguns soldados destripar seus cavalos e se meter dentro deles para aproveitarem o calor vital. Bajazet, após essa violenta batalha em que foi derrotado por Tamerlão, fugiu a toda velocidade num jumento árabe; teria escapado ao inimigo se ao atravessar um riacho não tivesse deixado o animal beber à saciedade, o que, em lhe tirando o vigor, o tornou tão lerdo que foi facilmente alcançado pelos perseguidores. Dizem que os deixar urinar lhes diminui as forças; mas quanto a beber eu imaginava, ao contrário, que os reanimasse.

Ao atravessar a cidade de Sardes, Crespo encontrou uma grande pastagem onde havia quantidade de serpentes que os cavalos comeram com apetite; o que, diz Heródoto, foi de mau augúrio para seus empreendimentos.

Chamamos cavalos inteiros aos que têm crina e orelhas; os outros não são admitidos nas paradas. Os lacedemônios, vencedores dos atenienses na Sicília, ao entrar em Siracusa fizeram entre outras bravatas tosar os cavalos dos vencidos e os agregar a seu desfile triunfal. Alexandre teve de lutar contra um povo, os daas, que iam à guerra com dois soldados para cada cavalo; na refrega um descia e combatia a pé, enquanto o outro continuava a lutar a cavalo; e nisso se revezavam.

Não creio que nenhuma nação ganhe da nossa em equitação. E em nossa maneira de falar, a expressão bom cavaleiro diz antes respeito à coragem do que à destreza. O homem mais hábil, firme e gracioso a cavalo, que eu conheci, foi o Senhor de Carnavalet, que era escudeiro do Rei Henrique II. Ocorreu-me ver um cavaleiro de pé sobre a sela, afrouxá-la, tirá-la, substituí-la e tornar a sentar-se com o cavalo sempre a galope; pular por cima de um chapéu no chão e crivá-lo de flechas de costas; pegar ao solo o que queria, um pé no estribo e o outro solto; e realizar outras tantas proezas para ganhar a vida.

Em meu tempo viram-se em Constantinopla dois homens montados no mesmo cavalo e que no mais forte da galopada se atiravam ao chão alternativamente e tornavam a pular em cima do animal; outro que com os dentes unicamente arreava o seu. Outro que a todo galope cavalgava dois cavalos ao mesmo tempo, um pé em cada um e carregava sobre os ombros um segundo homem. Este, de cima do primeiro, e sem que se reduzisse a velocidade da montaria, atirava flechas certas com seu arco. Outros corriam de pernas para o ar, a cabeça sobre a sela entre lâminas de alfanjes amarrados aos arreios.

Na minha infância o Príncipe de Sulmone em Nápoles obtinha o que queria de seu rude cavalo, sustentando sob os joelhos e os pés peças de moeda que não se moviam sequer, a fim de mostrar a firmeza com que montava.

Capítulo XLIX

Sobre os costumes antigos

Desculparia de bom grado em nosso povo a tendência para não admitir como modelo e regra de perfeição senão os próprios usos e costumes, pois é defeito generalizado, não somente no homem comum como em quase todos os homens, ver e seguir apenas o que se praticou desde o berço. Não me aborrece que o povo se surpreenda com Lélío ou Fabrício e os considere bárbaros porque não se vestem como nós e não têm boas maneiras. Mas lamento encontrar em meus compatriotas essa inconseqüência que faz que se deixem tão cegamente influenciar e iludir pela moda do momento, que são capazes de mudar de opinião tantas vezes quantas ela própria muda, isto é, de mês em mês, e forjando cada vez novas razões para justificar a seus próprios olhos seus juízos mais díspares. Quando se usavam barbatanas no gibão até o meio do peito, à altura dos seios, todos descobriam excelentes argumentos para achar que assim devia ser. Anos depois, a moda fê-las descerem ao nível das ancas e cada qual moteja agora a moda anterior e a declara absurda tanto quanto insuportável. A maneira de hoje se vestir acarreta crítica imediata à de se vestir ontem, crítica que se exerce tão precisamente e de comum acordo que se diria estarmos, quanto a isso, dominados por uma mania perturbadora de nossa inteligência. E sendo essa mudança tão repentina e rápida, não pode a imaginação de todos os alfaiates do mundo criar novidades em número suficiente, ocorrendo então, o que se verifica amiúde, reaparecerem ao fim de algum tempo as modas abandonadas, enquanto outras, ainda recentes, deixam de agradar. E assim chegamos a emitir sobre uma mesma coisa, em espaço de tempo de quinze a vinte anos, duas ou três opiniões não apenas diferentes mas, por vezes, absolutamente contrárias, revelando uma inconstância e uma leviandade incríveis. Os mais espertos dentre nós não evitam essas contradições e insensivelmente não mais as percebem.

Proponho-me colecionar aqui certos costumes antigos que me vêm à memória. Entre eles, alguns nós os conservamos; outros divergem dos nossos. Ante o espetáculo dessas mudanças contínuas das coisas humanas, nossa inteligência talvez se aclare e nosso julgamento se torne mais estável.

Dizemos combater com capa e espada. Isso já se praticava no tempo dos romanos, e César diz: “envolvem a mão esquerda no saio e puxam a espada”. Assinala ele igualmente essa feia brincadeira, ainda em voga entre nós, de fazer parar os transeuntes, obrigando-os a declinar nome e qualidades para em seguida os injuriar e / ou os provocar, se se recusam a responder.

Os antigos tomavam banhos cotidianos, antes das refeições e os tomavam tão seguidamente quanto nós lavamos as mãos. A princípio lavavam apenas os braços e as pernas. Mais tarde porém (e isso durou séculos e se propagou por toda parte) mergulhavam completamente nus em banhos acrescidos de substâncias perfumadas. Empregar água natural era prova de grande simplicidade. As pessoas particularmente delicadas e requintadas perfumavam o corpo todo ao menos três ou quatro vezes por dia. Arrancavam todos os pêlos como nossas mulheres se acostumaram a fazer com os da frente, de algum tempo para cá:

“Quod pectus, quod crura tibi, quod brachia veilis”

"Tens o peito, as pernas e os braços depilados" [Marcial]

e os arrancavam, embora possuíssem unguentos para o mesmo fim:

"Psilotro nitet, aut acids latet oblita creta."

"Unta a pele de unguento depilatório ou a embebe de giz derretido no vinagre" [Marcial].

Gostavam de deitar-se em leitos muito moles e consideravam prova de austeridade fazê-lo em colchões. Comiam reclinados sobre camas mais ou menos como os turcos atualmente:

"Inde thoro pater AEneas sic orsus ab alto."

"Então, de cima do leito, assim falou Enéias" [Virgílio].

Dizem que desde a batalha de Farsália, em sinal de luto pelo péssimo estado dos negócios públicos, Catão, o Jovem, comeu sempre sentado, adotando uma vida austera.

Beijavam as mãos dos grandes para os homenagear e adular. E beijavam-se entre amigos, como os venezianos:

"Gratusque darem cum dulcibus oscula verbis."

"E eu te saudarei com palavras e beijos" [Ovídio].

E tocavam os joelhos dos grandes a quem saudavam ou de quem solicitavam alguma coisa. Pásicles, filósofo, irmão de Crates, em vez de levar a mão ao joelho de alguém a quem se dirigia, levou-a às partes genitais. Repelindo-o brutalmente o outro, disse-lhe Pásicles: "Pois não achas que esta parte do corpo vale tanto quanto qualquer outra?" Comiam frutas no fim da refeição como o fazemos também. Limpavam o cu (deixemos às mulheres a vã superstição das palavras) com uma esponja; eis por que o vocábulo spongia é obsceno em latim. Essa esponja era fixada na extremidade de um bastão, como o prova a história do indivíduo que levado às arenas a fim de ser entregue às feras pediu para satisfazer suas necessidades e, não tendo outro meio de suicídio, enfiou a esponja e o bastão na garganta, asfixiando-se. Enxugavam o membro com tecido de lã perfumado depois de usá-la: "não te farei nada senão te lavar com esta toalha de lã", diz Marcial. Havia nos cruzamentos das ruas em Roma recipientes e meias-tinas para que os passantes urinassem dentro:

"Pusi saepe lacum propter se, ac dolia curta."

Somno devincti, credunt extollere vestem."

"Não raro os meninos em sonho pensam erguer suas vestimentas diante da tina em que se urina" [Lucrécio].

Faziam colação entre as refeições. No verão vendia-se neve para refrescar o vinho; algumas pessoas também a usavam no inverno, não achando ainda bastante fresca a bebida. Tinham os ricos trinchantes e copeiros para os servir à mesa, bem como histriões para os divertir. No inverno serviam a carne sobre pequenos braseiros. Possuíam cozinhas portáteis, como vi algumas, nas quais quando viajavam carregavam todo o serviço:

"Has vobis epulas habete, lauti"

Nos offendimur ambulante caena."

"Guardai esses pratos para vós, ricos voluptuosos, não gostamos da cozinha ambulante" [Marcial].

No verão, em suas salas baixas, faziam correr água fresca e límpida em canaletas junto ao chão e nos quais colocavam peixes vivos que o conviva podia pegar e mandar preparar a seu gosto. O peixe sempre teve esse privilégio, que ainda tem, de pretenderem os ricos saber prepará-la a seu modo; e a meu paladar sabe mais deliciosamente do que a carne.

Em matéria de magnificência, festins, invenções voluptuosas, lazer e luxo, fazemos o possível para ombrear com eles, pois nossas vontades são igualmente pervertidas, mas não temos o talento necessário para alcançar o seu nível, trate-se de vícios ou virtudes, porque em ambos os casos o ponto de partida é um vigor de espírito que era sem dúvida muito maior neles do que em nós. E, também, porque as almas, na medida em que são menos fortes, contam com menos meios de realizar o bem em grande ou de executar o mal na mesma proporção.

O lugar de honra para eles era o do meio. Citar alguém antes ou depois, em escrevendo ou falando, não significava em absoluto preeminência, como se vê de sua literatura. Diziam Ópio e César, mas também César e Ópio, e indiferentemente eu e tu e tu e eu. Observei de uma feita, na tradução francesa da vida de Flamínio, por Plutarco, um trecho em que, falando da rivalidade que se desenvolvera entre os italianos e os romanos, acerca do direito à maior parte da vitória que juntos haviam obtido, o tradutor, no intuito de resolver a questão, deu importância ao fato de serem citados os etolianos antes dos romanos, nos cantos gregos em que se alude ao acontecimento. Penso que nessa apreciação ele foi influenciado pelas regras da língua francesa.

Mesmo quando estavam nas salas em que tomavam seus banhos de vapor, as mulheres recebiam as visitas dos homens. E aí se entregavam aos cuidados de seus criados que lhes faziam massagens e as untavam:

"Inguina succinctus nigri tibi servus aluta"

Stat, quoties calidis nuda foveris aquis."

"Um escravo, com um avental de couro preto, aguarda tuas ordens, quando, nua, tomas teu banho quente" [Marcial].

Tinham certos pós para absorver o suor.

Os antigos gauleses, diz Sidônio Apolinário, usavam os cabelos compridos na frente e curtos atrás, moda que vem sendo novamente seguida neste século de costumes efeminados e relaxados.

Os romanos pagavam aos barqueiros o preço de sua passagem ao embarcar, o que nós só fazemos depois da chegada:

"Dum aes exigitur, dum mula ligatur,"

Tota abit hora."

"Hora inteira decorre em pagar passagens e em jungir os animais de tiro" [Horácio].

As mulheres dormiam no leito do lado do beco entre a cama e a parede; daí o apelido dado a César:

“Spondam regis Nicomedi”

“O beco do Rei Nicodemo” [Suetônio].

Tomavam alento ao beber e batizavam o vinho:

“Quis puer ocius

Restinguet ardentis Falerni

Pocula praetereunte lymphae?”

“Que escravo irá temperar depressa o falerno com a água viva que corre aqui perto?” [Horácio].

Encontramos igualmente nessa época as atitudes impudentes dos lacaios de nosso tempo:

“O Jane, a tergo quern nulls ciconia pinsit,

‘Nec manus, auriculas imitari est mobilis albas,

Nec lingua, quantum sitiati canis Appula, tantum.”

“Ó Jano, ninguém te põe cornos por trás, nem orelhas de asno;

nem a língua, como o faria um cão sedento das Apúlias” [Pérsio].

Para as senhoras de Argos e Roma, o branco era a cor do luto, como entre nós até há bem pouco tempo, costume que não se devia ter abandonado, a meu ver.

Mas há livros inteiros sobre estes assuntos.

Capítulo L

Sobre Demócrito e Heráclito

É o juízo um instrumento útil em tudo. Estes ensaios me fornecem amiúde a oportunidade de empregá-lo. Se não entendo de algum tema, recorro a ele e o ponho à prova, com ele sondando o vau. E se verifico ser este demasiado profundo, fico na margem. E o reconhecimento de que não posso ir além é a um dos serviços que me presta e de que mais se orgulha. Por vezes, quando o assunto é fútil procuro ver a que ponto lhe dará consistência, apoio e alicerces. E se ventilo coisa importante e já batida, ele me ajuda a descobrir o melhor desses caminhos, tão freqüentados que não há como o evitar. E entre mil veredas diferentes indica a que devo seguir. Ao acaso escolho um assunto, pois todos me são igualmente bons e não pretendo esgotar nenhum, porquanto de nenhum chego a ver o fundo. E os que nos prometem mostrá-lo não cumprem suas promessas.

Entre cem aspectos da mesma coisa, tomo um. E ora o debico apenas, ora o mordisco, ora vou até o osso. Escruto-o, não em larga superfície, mas tão profundamente quanto mo permite o meu saber, e as mais das vezes me comprazo em o encarar por um ângulo diferente do habitual. Gostaria de tratar a fundo um tema qualquer, mas me conheço demais para me iludir acerca de minha incapacidade. Agindo como ajo, arriscando uma palavra aqui, outra acolá, amostras tiradas do todo, isoladas, sem intenção preestabelecida, e nada prometendo, não tenho por obrigação realizar uma obra de real valor, nem sequer me acho comprometido em relação a mim mesmo e conservo a liberdade de variar, quanto me apeteça, os assuntos de que trato e a maneira de fazê-lo, sem que me retenham dúvidas ou incertezas ou (o que acima de tudo me domina) a ignorância.

Qualquer ato nosso revela o que somos. A personalidade de César tanto se manifesta na preparação da batalha de Farsália, e na maneira por que a conduziu, quanto nas reuniões de prazeres e galanteios que organizava. Julga-se um cavalo não apenas pelo galope, mas ainda pelo passo natural e até em seu descanso na estrebaria.

Entre as funções da alma algumas há que são mesquinhas; quem não a julga também por esse prisma não a conhece senão imperfeitamente. É em geral quando está calma que melhor se observa. O vento das paixões não atinge na serenidade, tanto mais quanto ela se dá por inteiro em cada caso, nunca se preocupando com duas coisas ao mesmo tempo, e tratando do que a ocupa, não segundo o seu temperamento e sim segundo o nosso. As coisas em si mesmas podem ter peso, medida, condições intrínsecas; dentro de nós, a alma as transforma como entende. A morte é coisa terrível para Cícero, desejável para Catão, indiferente para Sócrates. A saúde, a consciência, a autoridade, a ciência, a riqueza, a beleza e seus contrários, em se incorporando a nós, despojam-se do que lhes é peculiar e, graças à nossa alma, recebem nova vestimenta, da aparência que ela lhes empresta: marrom, clara, verde, preta, ácida, doce, profunda, superficial, a que mais em harmonia esteja com cada uma, pois as almas não se puseram de acordo acerca de seus estilos, regras e formas. Cada uma delas é soberana em seu domínio. Portanto não nos desculpemos com as qualidades externas das coisas; cabe-nos, a nós, determiná-las. Nosso bem como nosso mal só dependem de nós. A nós mesmos e não à fortuna devemos endereçar as nossas preces e a expressão de nossos desejos; ela nada pode sobre nossos costumes de que é, ao contrário, a consequência. São eles que a arrastam e a fazem tal qual é.

Por que não julgar Alexandre à mesa, conversando, bebendo, ou jogando xadrez? Qual a fibra de seu espírito que não vibre e não se movimente nesse jogo tolo e pueril que detesto e evito porque é um jogo que não é jogo, um passatempo demasiado sério e exigente de uma atenção que lamentaria dar-lhe, porquanto tenho para ela melhor aplicação. A preparação e a conquista das Índias não solicitaram maior trabalho desse herói macedônio, como de tal outro não o exigiu a interpretação de um texto essencial à salvação do homem [texto da Bíblia]. Vede como nossa alma amplia e engrandece esse jogo ridículo: vede como ele absorve todas as suas faculdades, a ponto de dar a cada um a possibilidade de se conhecer tal qual é. Nunca me vejo e me sinto melhor do que quando jogo xadrez. Todas as minhas paixões se expandem: a cólera, o despeito, o ódio, a impaciência e também a ambição de vencer em uma coisa em que fora preferível ser vencido, pois não é de um homem de honra buscar em coisas fúteis, como em partidas de xadrez, uma superioridade excepcional. E o exemplo aplica-se às demais circunstâncias da vida. Todo pormenor da existência do homem, toda ocupação a que se entregue, o revelam e o mostram com suas qualidades e defeitos.

Demócrito e Heráclito eram dois filósofos. O primeiro, achando que a condição humana é vã e ridícula, apresentava-se sempre em público a rir e motejar. Heráclito, tomado de piedade por essa mesma humanidade, andava permanentemente triste e de lágrimas nos olhos:

*“Alter
Ridebat, quoties a limine moverat unum
Protuleratque pedem; flebat contrarius alter.”*

“Logo que punham o pé fora de casa, um ria e o outro chorava” [Juvenal].

Prefiro o primeiro, não porque seja mais agradável rir do que chorar, mas porque sua atitude é testemunha de seu desdém, porque ela nos condena mais do que a outra e acho que nunca podemos ser desprezados quanto o merecemos. Piedade e comiseração misturam-se a alguma estima por aquilo de que temos dó; o de que se caçoa, consideramo-lo sem valor. Penso que há em nós mais vaidade do que infelicidade, mais tolice do que malícia, mais vazio do que maldade, mais vileza do que miséria.

Diógenes, em seu tonel, divertindo-se com seus botões em zombar das vaidades humanas, escarnecendo de Alexandre, encarando os homens como moscas ou bexigas cheias de vento, foi um crítico mais acerbo e agudo, e por conseguinte mais de meu agrado, do que Timão, a quem chamavam o Misanthropo porque odiava os homens. O que odiamos, por algum aspecto nos interessa e preocupa. Timão desejava o nosso mal, aspirava à nossa ruína, fugia da nossa conversação que achava perigosa porque de gente ruim e depravada. Diógenes estimava-nos tão pouco que não supunha sequer que nossa freqüentação o pudesse perturbar ou lhe alterar o humor. Se não desejava nossa companhia, não era por temor de contágio, mas por desprezo. Não nos acreditava capazes nem de fazer o bem nem de fazer o mal.

A resposta de Estatílio a Bruto, que procurava filiá-lo à conspiração contra César, está impregnada da mesma idéia: “Era justo empreendimento, a seu ver, mas os homens para os quais o tentavam não eram dignos de qualquer esforço em seu favor”. Dentro do mesmo espírito Hegésias afirmava como regra que “o sábio nada deve fazer senão para si próprio, porque só ele merece o que por ele fazem”. E Teodoro estabeleceu que “não é justo que o sábio se arrisque pelo bem de seu país e comprometa a sua sabedoria em favor da loucura”. Nossa condição própria é tão ridícula quão risível.

Capítulo LI

Sobre a futilidade das palavras

Dizia um retórico do passado que sua profissão consistia em “fazer com que as coisas pequenas parecessem grandes e como tal se aceitassem”. O que equivale a dizer um sapateiro fazendo sapatos grandes para pés pequenos. Em Esparta tê-lo-iam fustigado por exercer ofício tão mentiroso e enganador. E penso que foi sem espanto que Arquimedes, um de seus reis, ouviu esta resposta de Tucídides, a quem indagava qual o mais forte na luta: Pércles ou ele. “É difícil verificá-lo, porque quando o derrubo ele persuade os espectadores de que não caiu, e ganha”. Os que maquilam as mulheres causam menor mal (porquanto pouco se perde com não as ver ao natural) do que os que têm por profissão abusar, não de nossos olhos, mas da nossa inteligência, abastardando e corrompendo a própria essência das coisas.

As repúblicas bem organizadas e administradas não deram muita importância aos oradores. Assim foi em Creta e na Lacedemônia. Aríston diz com sabedoria que a oratória é a ciência de persuadir o povo. Sócrates e Platão a definem como a arte de enganar e adular. E os que se erguem contra esta definição geral, comprovam-na em seus preceitos. Os maometanos proibem-lhe o ensino às crianças, por inútil. E os atenienses, entre os quais ela fora tão apreciada, ordenaram a supressão de suas partes mais importantes e que mais atuam sobre os sentimentos: o exórdio e a conclusão, ao verificarem quanto lhes era prejudicial.

Trata-se de um instrumento muito adequado a excitar ou acalmar o populacho alvoroçado e que, como a medicina, só se aplica aos Estados enfermos. Naqueles em que o vulgo ou os ignorantes tiveram todo o poder, como em Atenas, Rodes e Roma, e onde a coisa pública sofreu contínua agitação, proliferaram os oradores. Em verdade não se vêem muitos personagens adquirir grande influência nessas repúblicas, sem ajuda da eloqüência. Para Pompeu, César, Crasso, Lúculo, Léntulo, Metelo, foi ela o principal fator de sua grandeza e de seu poder. Auxiliou-os mais do que a sorte das armas, o que não aconteceria em tempos melhores. L. Volúmnio, falando em público a favor da eleição de A. Fábio e P. Décio, ao consulado, dizia: “São homens que se fizeram na guerra, homens de ação pouco afeitos às justas oratórias, caracteres como devemos exigir dos que elevamos ao Consulado; os de espírito manhoso, eloqüentes e eruditos, são bons para os cargos que se exercem sem sair de Roma, cargos de pretores, por exemplo, encarregados de aplicar as leis”. Foi quando os negócios andavam pior, quando a tempestade das guerras civis abalava a cidade, que a eloqüência floresceu em Roma; assim as ervas daninhas em um campo abandonado ou não roteado ainda crescem com mais vigor. Pode-se concluir daí que os governos dependentes de um monarca têm menos do que os outros necessidade de eloqüência, pois a tolice e a credulidade da maioria, impelindo-a a ser manejada e orientada pelo ouvido ao doce som daquela música, sem que possa pesar nem conhecer a verdade das coisas pela força da razão, não se encontram tão facilmente em um só homem, o qual é possível assegurar contra os efeitos de tal veneno, mediante uma boa educação e bons conselhos. Nem a Macedônia nem a Pérsia tiveram oradores famosos.

Uma palavra acerca de um italiano com o qual acabo de me entreter e que serviu junto ao falecido Cardeal Caraffa na qualidade de mestre de hotel, cargo que exerceu até a morte do prelado. Falamos de seu cargo e, a respeito da ciência gastronômica, deu-me ele verdadeira preleção com gravidade e atitude de professor como se desenvolvesse um ponto da teologia. Enumerou-me as diversas espécies de apetites: o que se tem em jejum; os que se experimentam depois do segundo e terceiro pratos; os meios de os satisfazer simplesmente ou de os excitar; a técnica dos molhos, a princípio de um modo geral e em seguida pormenorizadamente, entrando na minúcia dos ingredientes e de seus efeitos; a variedade de saladas segundo a estação, as que devem ser servidas cozidas e as que devem ser servidas frias, a maneira de as apresentar agradavelmente.

Entrou depois em considerações acerca da ordem com que convém servir os pratos:

*“Nec minimo sane discrimine refert,
Quo gestu lepores, et quo gallina secetur;”*

“Pois não é coisa de pouco saber como cortar uma lebre ou trinchar um frango” [Juvenal].

E tudo isso ornamentado de belas palavras como as que se usam para falar de um governo, de um império, o que me lembrou este trecho de Terêncio:

*“Hoc salsum est, hoc adustum est, hoc lautum est, parum:
Illud recte: iterum sic memento: sedulo
Moneo, qux possum, pro mea sapientia.
Postremo, tanquam in speculum, in patinas,
Demea, Inspicere jubeo, et monea, quid facto usus sit.”*

“Salgado demais! queimado demais! inosso! está bom! repita isso outra vez!
Dou-lhes meus melhores conselhos, de acordo com o pouco que sei. Finalmente insisto, Demea, para que tenham por espelho sua baixela. E ensino-lhes tudo”.

Observe-se que os próprios gregos elogiaram, e muito, o banquete que lhes ofereceu Paulo Emílio de volta da Macedônia. Mas não me ocupo aqui de fatos e sim das palavras que se usam para os relatar.

Não sei se outros sentem o que sinto, mas quando ouço nossos arquitetos lançar estas palavras pretensiosas: pilares, arquivadas, cornijas, ordem coríntia ou ordem dórica, e outras de seu jargão, não posso impedir-me de pensar imediatamente no palácio de Apolón e, por comparação, o que citam com tanta ênfase não me parece muito superior às mesquinhas peças da porta de minha cozinha. Quando ouvís falar de metonímia, metáfora, alegoria e outras expressões da gramática não vos parece que sejam locuções de uma língua rara e peregrina? Pois se aplicam muito simplesmente às formas de linguagem que vossa criada de quarto emprega na sua tagarelice. É erro semelhante aplicar aos cargos de nosso Estado político os pomposos títulos que usavam os romanos, pois não há nenhuma relação nem quanto às funções, nem no que concerne à autoridade e ao poder. E é erro igualmente, que nos censurará a posteridade, atribuir a quem bem entendemos – e não são dignos deles – esses gloriosos cognomes com que a antiguidade honrou um ou dois personagens apenas em sua longa seqüência de séculos. Platão foi chamado ‘divino’ por universal consenso e sem que ninguém pensasse em contestar-lhe o título, e eis que os italianos, que no entanto se vangloriam, com alguma razão, de ter o espírito mais vivo e o juízo mais equilibrado do que os demais povos, acabam de gratificar o Aretino com igual apelido, esse Aretino que, salvo pelo falar empolado, marchetado de saídas em verdade espirituosas, porém demasiado requintadas e rebuscadas, nada tem a meu ver, afora a eloqüência, que o coloque acima dos autores comuns deste século e que o aproxime, ainda que de longe, daquele que os antigos divinizaram. Quanto ao epíteto ‘grande’ a quantos príncipes não o concederam, que em nada ultrapassam os outros?

Capítulo LII

Sobre a parcimônia dos antigos

Atilio Régulo, que comandava o exército romano na África, no auge de sua glória pelas vitórias contra os cartagineses, comunicou ao governo de Roma que um agricultor que deixara em sua fazenda (a qual tinha apenas três hectares) fugira com seus instrumentos de trabalho. Em consequência do que pedia licença para voltar a seu lar a fim de resolver o assunto, pois temia que sua mulher e seus filhos viessem a sofrer. O Senado encarregou-se de colocar outro agricultor no lugar do desaparecido, entregou-lhe outros instrumentos de trabalho e ordenou que a mulher e os filhos fossem sustentados pelo Estado.

Catão, o Velho, ao voltar da Espanha onde exercera o cargo de cônsul, vendeu seu cavalo a fim de economizar o dinheiro que lhe teria custado o transporte por mar, para a Itália. O governador da Sardenha fazia suas inspeções a pé, levando em sua companhia unicamente um oficial que lhe carregava a toga e um vaso destinado à cerimônia dos sacrifícios. As mais das vezes carregava ele próprio a sua maleta. Vangloriava-se de nunca haver possuído toga de mais de dez escudos, de não gastar mais do que dez soldos por dia na feira e de não ser nenhuma de suas casas de campo rebocada e caiada.

Cipião Emiliano – depois de duas vitórias e dois consulados – foi como legado para uma província somente com sete servidores. Dizem que Homero nunca teve mais de um, Platão três e que Zenão, o chefe dos estóicos, não tinha nenhum. A Tibério Graco não se concederam senão cinco soldos e meio por dia quando desempenhou missão especial da República, e era o personagem mais importante de Roma.

Capítulo LIII

Sobre uma sentença de César

Se nos divertíssemos com nos examinar e se o tempo que empregamos em observar os outros e em nos informar acerca do que não é de nossa conta nós o consagrássemos a ver dentro de nós mesmos, compreenderíamos logo quão frágeis e insignificantes são as peças de que somos feitos. Não constitui, com efeito, prova de imperfeição o fato de que nada nos dê inteira satisfação? E que nossa própria imaginação e nossos próprios desejos nos impeçam de escolher o que nos convém? E a evidência dessa impossibilidade está na grave questão pendente entre os filósofos de saber em que consiste o soberano bem dos homens, questão que continua sem resposta e assim continuará eternamente, sem que jamais se chegue a um acordo:

*“Dum abest quod avemus, id exsuperare videtur
Caetera; post aliud, quum contigit illud, avemus,*

Et sitis aequa tenet.”

“Enquanto procuramos o que desejamos, isso parece ultrapassar todo o resto; quando afinal o alcançamos, queremos outra coisa qualquer; é sempre a mesma ânsia” [Lucrécio]

Por grandes que sejam os conhecimentos que adquirimos e os bens de que podemos usufruir, sentimos que algo nos falta e suspiramos pelo futuro desconhecido, tanto mais quanto não nos sacia o presente. E isso, a meu ver, não porque nos ofereça com que nos embriagarmos, mas porque só aceitamos o que nos apresenta com reticência e prevenção:

***“Nam quum vidit hic, ad victum quæ flagitat usus,
Et per quæ possent vitam consistere tutam,
Omnia jam ferme mortalibus esse parata;
Divitiis homines, et honore, et laude potentes
Affluere, atque bona natorum excellere fama;
Nec minus esse domi cuiquam tamen anxia corda,
Atque animi ingratis vitam vexare querelis
Causam, quæ infestis cogit saevire querelis,
Intellegit ibi; vitium vas efficere ipsum,
Omniaque, illius vitio, corrumpier intus,
Quæ collata foris et commoda quomque venirent.”***

“Quando viu que os mortais já dispõem de quase tudo o que lhes é necessário; que apesar das riquezas, das honrarias, da glória, dos filhos bem formados, não escapam à angústia nem aos dolorosos conflitos interiores, Epicuro compreendeu que o mal vem do próprio continente, o qual, por se haver corrompido, estraga o bem que se derrama dentro dele” [Lucrécio].

Nossos desejos carecem de resolução e convicção. Não sabemos conservar nem desfrutar convenientemente. Obcecado pela idéia de que o que possui é imperfeito, o homem entrega-se por inteiro e pela imaginação às coisas que não tem e não conhece, nelas concentra seu desejo e sua esperança e as encara com respeito e amor; o que César assim exprime: “Em conseqüência de um vício de nossa natureza, e comum a todos os seres, tememos sobretudo as coisas que não conhecemos e se nos ocultam, ao mesmo tempo que nelas confiamos de preferência”.

Capítulo LIV

Sobre as vãs sutilezas

Os homens recorrem por vezes a sutilezas fúteis e vãs para atrair nossa atenção. Assim, os que escrevem poemas inteiros em que todos os versos começam pela mesma letra. Na antiga literatura grega deparamos com poemas em forma de ovo, de bola, de asa, de machadinha, obtidos mediante a variação das medidas dos versos que se encurtam ou alongam para, em conjunto, representar tal ou qual imagem. A ciência de Fulano que se divertiu com calcular de quantas maneiras se combinavam as letras do alfabeto, e achou esse número incrível que Plutarco menciona, também participa desse gênero de singularidades. Aprovo a atitude daquele personagem a quem apresentaram um homem que com tamanha habilidade atirava um grão de alpiste que o fazia passar pelo buraco de uma agulha sem jamais errar o golpe. Tendo pedido ao outro que lhe desse uma recompensa por essa habilidade excepcional, atendeu o solicitado, de maneira prazenteira e justa a meu ver, mandando entregar-lhe três medidas de alpiste a fim de que pudesse continuar a exercer tão nobre arte. É prova irrefutável da fraqueza de nosso julgamento apaixonarmo-nos pelas coisas só porque são raras e inéditas, ou ainda porque apresentam alguma dificuldade, muito embora não sejam nem boas nem úteis em si.

Ultimamente jogamos em minha casa um jogo que consiste em achar o maior número de palavras que se liguem pelos extremos em suas aplicações. Por exemplo: ‘Sire’ é um título que se dá ao mais alto personagem do Estado, o rei; mas se aplica igualmente ao vulgo, aos comerciantes, sem jamais se empregar entretanto em relação às pessoas de classe média. Às senhoras da classe alta chamam ‘dames’; às da classe média ‘demoiselles’; e às da classe mais baixa ‘dames’ também. Os dados só se jogam nos palácios dos príncipes e nas tavernas. Demócrito dizia que os deuses e os bichos tinham sentimentos mais delicados do que os homens, os quais estão no meio da escala. Os romanos usavam vestimentas idênticas nos dias de luto e de festa.

É sabido que o medo desesperado e a extrema coragem atuam sobre o organismo, perturbam os intestinos e os relaxam. O apelido de ‘trêmulo’ dado a D. Sancho, décimo segundo rei de Navarra, mostra que a valentia, tal qual o medo, provoca tremores no corpo. Os que lhe vestiam a armadura procuravam tranquilizá-lo, atenuando o perigo a que se ia expor: “Conheceis-me bem mal”, respondeu ele, “se minha carne soubesse onde meu arrojo vai conduzi-la ficaria absolutamente transida”. Se a repugnância e a indiferença ocasionam a impotência nos jogos de Vênus, à mesma fraqueza levam o desejo violento e o imoderado ardor. O frio intenso e o exagerado calor queimam e assam igualmente. Diz Aristóteles que as barras de chumbo, que fundem à temperatura elevada, fundem também e escorrem quando o frio é excessivo. O desejo e a saciedade machucam igualmente os nossos órgãos antes e depois de nos satisfazermos. A estupidez e a sabedoria comportam-se de maneira análoga na dor; os sábios a dominam e os outros ignoram. Estes ficam, por assim dizer, aquém do sofrimento; os outros vão além. O filósofo, depois de ter pesado e considerado as coisas, depois de as ter medido e analisado, coloca-se acima delas mercê de um corajoso esforço, despreza-as e as rechaça, porque possui uma alma forte e sólida, contra a qual se partem, sem a penetrar, as flechas da fortuna. Os homens em sua maioria situam-se entre estes extremos: percebem o mal, sentem-no e não o podem suportar. A infância e a decrepitude têm em comum a simplicidade de espírito. A avareza e a prodigalidade mostram idêntico desejo de adquirir e caçar. Parece haver motivos para

afirmar que existe uma ignorância inicial que precede a ciência e uma ignorância doutoral que a segue. A ciência faz e engendra esta última, assim como desfaz e destrói a primeira. Fazem-se bons cristãos com espíritos simples, pouco curiosos e pouco instruídos e que tanto por respeito como por obediência acreditam singelamente e observam os mandamentos. É entre as pessoas de espírito e capacidade médios que nascem as opiniões errôneas; adotam pela simples aparência uma qualquer interpretação primária das Escrituras e se imaginam autorizadas a considerar tolice e estupidez continuarmos fiéis à antiga crença, alegando não assentar a nossa opinião em nenhum estudo prévio. Os grandes espíritos, mais sérios e clarividentes, fornecem outra espécie de bons crenças. Mediante longas e minuciosas investigações alcançaram um conhecimento aprofundado dos textos sagrados, penetraram-lhes e sentiram-lhes o segredo misterioso e divino que regula o governo dos negócios eclesiásticos. Vemos entretanto alguns, da categoria intermediária, que chegaram com maravilhoso resultado e fé ao extremo limite da inteligência cristã e gozam sua vitória sobre a ignorância entre ações de graças. Reformam seus costumes e demonstram resignada modéstia. Não incluo porém entre estes os que, a fim de afastar de si a suspeita de terem abraçado o erro que hoje renegam e na esperança de dar provas de sua convicção, se revelam extremados e indiscretos na defesa de nossa causa, manchando-a com inúmeras violências. Os camponeses simples são gente honrada; e o são também os filósofos ou, como se diz hoje, os espíritos fortes e esclarecidos que possuem, sobre as ciências úteis, conhecimentos extensos. Os que não são sábios nem tampouco ignorantes, venceram a primeira etapa no estudo das letras mas não puderam alcançar o grau superior que completa a nossa instrução. Assim, com o traseiro entre duas selas, são perigosos, absurdos e incômodos. São pessoas, como eu e tantas outras, que perturbam o mundo. No entanto, no que me diz respeito, procuro agarrar-me como posso àquilo que constitui naturalmente minha primeira crença e da qual, de uma feita, tentei em vão desprender-me.

Da mesma forma, a poesia, quando eclode no seio do povo, revela uma pureza e uma graça que rivalizam com o que de mais belo oferece quando, por efeito da arte, atinge a perfeição. É o que podemos observar em nos reportando aos vilancetes de Gasconha e às canções que se conservaram de nações a que era estranha a ciência e não conheciam sequer a escrita. Entre esses dois gêneros temos a poesia medíocre, pouco apreciada e de nenhum valor.

Observei que quando o espírito dá seus primeiros passos, consideramos – como ocorre comumente – difícil e raro o que muitas vezes não possui absolutamente esse caráter; e logo que nossa fantasia descobre o caminho da inspiração, encontra um número infinito de exemplos como aqueles a que aludo neste capítulo. Aos quais acrescentarei apenas o seguinte: se estes Ensaios fossem dignos de ser julgados, não agradariam muito aos espíritos comuns e vulgares, nem às inteligências superiores que constituem a exceção. Os primeiros não os achariam assaz compreensíveis, e os segundos os compreenderiam de sobra. Talvez os aceitassem as pessoas de mediana envergadura.

Capítulo LV

Sobre os odores

Conta-se de alguns homens, como de Alexandre, o Grande, que seu suor, em virtude de uma compleição especial, tinha um cheiro bom. Plutarco e outros autores procuram explicar o fenômeno. Mas em geral ocorre o contrário, e a melhor qualidade que podem ter é não cheirar. O hálito mais puro é tanto mais doce quanto sem cheiro nenhum, como no caso das crianças saudáveis. Eis por que Plauto diz:

“Mulier tum bene olet, ubi nihil olet.”

“O mais delicioso perfume de uma mulher está na ausência de qualquer odor”.

Quanto aos bons odores provenientes dos perfumes agregados ao corpo há que desconfiar de quem os usa, pois é de se temer que sirvam a disfarçar algum defeito natural dessa espécie, o que deu aliás origem a estes aforismos de poetas antigos: “é sinal de fedor o bom odor”.

“Rides nos, Coracine, nil olentes

Malo, quam bene olere, nil olere.”

“Caçoas de nós, Coracino, porque não nos perfumamos,
mas prefiro não ter cheiro nenhum a cheirar bem” [Marcial].

Ou ainda:

“Posthume, non bene olet, qui bene semper olet.”

“Quem sempre cheira bem, póstumo, cheira mal”.

Entretanto gosto muito de um ambiente que exale bons odores e tenho horror aos maus que sinto de mais longe que qualquer outro:

“Namque sagacius unus odoror,

Polypus, an gravis hirsutis cubet hircus in aliis

Quam canis acer, ubi latest sus.”

“Meu olfato distingue os maus cheiros mais sutilmente do
que um excelente cão sente o lameiro do javali” [Horácio].

E os perfumes mais simples e naturais são para mim os mais agradáveis.

O uso de perfumes é principalmente reservado às mulheres. As mulheres da Cítia, região em que a barbárie imperava de maneira absoluta, cobriam o rosto e o corpo depois do banho com uma certa droga odorífera de sua terra. E quando se aproximavam dos homens, tiravam a crosta ficando com a pele mais lisa e cheirosa.

É espantoso a que ponto um cheiro qualquer se impregna em mim facilmente. Quem se queixava de que a natureza não dotara o homem de instrumento capaz de levar os odores ao nariz, laborava um erro, porquanto os próprios odores sabem

encontrar seu caminho. A mim, em particular, serve-me de veículo o espesso bigode. Se aproximo as luvas ou o lenço, o cheiro nele permanece o dia todo; daí estar ele sempre a denunciar por onde andei. Os beijos apaixonados da juventude, saborosos, gulosos e úmidos, nele deixavam outrora vestígios que se percebiam muitas horas mais tarde. Sou no entanto pouco propenso às epidemias provenientes de um ar contaminado e que se transmitem até pela simples conversação. Permaneci imune a todas as que em nossas cidades como em nossos exércitos se verificaram em meu tempo; e que foram de toda espécie. Lê-se, a propósito de Sócrates, que nunca deixou Atenas durante a peste que a dizimou mais de uma vez, e jamais se contagiou.

Os médicos, creio, poderiam tirar melhor partido de que tiram dos odores, pois verifiquei amiúde que atuam sobre mim, segundo sua natureza, e impressionam meu espírito de diversas maneiras; o que me induz a considerar exato o que dizem a respeito do incenso e dos perfumes usados nas igrejas, a saber, que esse costume tão antigo, e tão contraditório nas diferentes nações e religiões, tem por objetivo acordar, purificar e tornar eufóricos os nossos sentidos, a fim de melhor nos predispor à contemplação.

Gostaria de ter tido a oportunidade de saborear a obra desses cozinheiros que sabem temperar o sabor das viandas mediante perfumes escolhidos, o que se pôde ver e foi muito notado quando dos jantares oferecidos pelo rei de Túnis em Nápoles, onde desembarcou para se entender com o Imperador Carlos Quinto. Recheavam-se essas viandas com plantas odoríferas e com tamanha abundância que um pavão e dois faisões assim guarnecidos vinham a custar cem ducados. Ao se trincharem, exalavam um aroma dos mais deliciosos, que se espalhava não somente pela sala mas ainda por todos os aposentos do palácio e até nas ruas da vizinhança, persistindo durante algum tempo.

Meu principal cuidado, quando tenho de me hospedar, é evitar os bairros onde o ar é pesado e empestado. Apesar de sua beleza, Veneza e Paris perdem muito de seu encanto a meus olhos, por causa do mau cheiro. Na primeira dessas cidades são causa disso os canais e as lagunas que a cercam; na outra a lama das ruas.

Capítulo LVI

Sobre as orações

À semelhança do que fazem nas escolas os que põem em discussão questões controvertidas, enuncio idéias fantasistas e mal definidas: não a fim de provar a verdade pois não tenho tal pretensão mas para a procurar. E essas idéias, eu as submeto ao juízo daqueles a quem cabe não somente orientar meus atos e meus escritos mas ainda meus próprios pensamentos. Que me aproveem ou me condenem, igualmente útil me será a sentença, e a aceito de antemão, reconhecendo desde já como absurdo e ímpio tudo o que, por ignorância ou inadvertência de minha parte, possa, nesta compilação, imiscuir-se de contrário às decisões e prescrições da Santa Igreja Católica, Apostólica e Romana, na qual nasci e na qual morrerei. Embora muito temerariamente me meta, como faço aqui, a tudo discutir, conformo-me inteiramente com sua censura, diante da qual me inclino de maneira integral.

Não sei se me engano, mas posto que por favor especial da bondade divina uma oração nos foi prescrita e ditada palavra por palavra pela boca de Deus, sempre me pareceu que a ela devíamos recorrer mais do que o fazemos. Se minha opinião pesasse no assunto, nós a diríamos no início e no fim das refeições, ao deitar e ao levantar. Em todos os momentos em que é costume rezar, gostaríamos que fosse o padre-nosso a oração de todos os cristãos. Pode a Igreja aumentar o número de orações e modificá-las segundo nossas necessidades e os fins a que ela visa, e bem sei que o espírito e o fundo são sempre os mesmos, essa é a oração por excelência e ela diz incontestavelmente tudo o que há para se dizer, convém a todas as circunstâncias em que nos podemos encontrar e portanto justificaria o privilégio de a ter sempre nos lábios o povo. É a única oração de que me valho sempre e sempre a repito em vez de variar, porquanto nenhuma tanto se gravou em minha memória.

Estava a pensar de onde nos vem o erro de recorrer a Deus a propósito de todos os nossos projetos, de todos os nossos empreendimentos; de para ele apelar em todas as ocasiões, qualquer que seja a nossa preocupação, cada vez que nossa fraqueza precisa de auxílio, sem mesmo ponderarmos se temos ou não razão, invocando assim o seu nome e o seu poder em qualquer situação, sejam ou não repreensíveis os nossos atos. Ele é por certo o nosso único protetor e tudo pode quando nos ajuda. Mas, ainda que nos honrando com seu apoio paternal e benevolente, não deixa de ser justo na medida em que é bom e poderoso. E como costuma empregar mais comumente a justiça do que o poder, é-nos favorável enquanto ela o permite e não segundo o que pedimos.

Em suas Leis, Platão admite três casos em que nossas crenças se revelam injuriosas aos deuses: quando lhes negamos a existência; quando negamos sua intervenção em nossas vidas; e quando afirmamos que não rechaçam jamais nossas súplicas, nossas oferendas e nossos sacrifícios. A primeira dessas crenças, a seu ver, não é imutável no homem, o qual pode mudar de idéia no decurso de sua existência; as outras duas podem ser mantidas indefinidamente.

A justiça e o poder de Deus estão inseparavelmente ligados; em vão apelaremos para Ele se nossa causa é má. É preciso, quando lhe suplicamos, que esteja nossa alma em estado de pureza e que pelo menos nesse momento não estejamos animados de maus sentimentos, sem o que Lhe damos nós mesmos o látego para que nos castigue. Em vez de nos redirmos, agravamos os nossos pecados em nos apresentando, a quem deveríamos pedir perdão, com o coração cheio de ódio e irreverência. Eis por que não admiro em absoluto aqueles que vejo orar a Deus amiudada e regularmente, sem que os atos que acompanham suas preces testemunhem arrependimento ou intenção de se corrigirem:

***“Si, nocturnus adulter,
Tempora Santonico velas adoperta cucullo.”***

“Para te entregares, à noite, ao adultério, cobres a cabeça com um embuço gaulês” [Juvenal].

A conduta de um homem que associa à devoção uma vida execrável parece-me até certo ponto mais condenável que a de quem, coerente consigo mesmo, se mostra dissoluto sob todos os aspectos. No entanto, vemos a Igreja recusar diariamente licença, para que penetrem em sua sociedade, às pessoas que se obstinam em palmilhar caminhos particularmente irrepreensíveis.

Rezamos por hábito e costume. Ou antes: lendo e murmurando preces fingimos rezar. É-me penoso ver persignarem-se ao Benedicite [fórmula de ação de graças empregada na liturgia católica] pessoas que durante as demais horas do

dia praticam o ódio, a avareza, a injustiça. Isso me desagrada tanto mais quanto tenho esse sinal em grande veneração e o emprego continuamente, até mesmo quando me pego bocejando. Os vícios têm sua hora, Deus a dele; como por compensação ou composição. É espantoso ver sucederem-se ações tão diversas, tão bem ligadas umas às outras que não se lhes percebem interrupções e mudanças, quando da passagem de uma a outra, nem se vê quando uma termina e outra começa. Que prodigiosa consciência, essa cuja calma não se desmente conquanto abrigue o criminoso e o juiz numa tranqüila vida em comum.

Um homem que tem sempre na cabeça idéias libidinosas e consciência da reprovação divina que elas lhe acarretam, que pode dizer a Deus quando com Ele se entretém? Que se arrepende? Mas se logo em seguida volta ao vício? Se estivesse compenetrado de sua justiça e de sua presença, como o diz, e se sua alma as sentisse, por curto que fosse o momento de penitência, o simples temor o haveria de preocupar tão seguidamente que acabaria por triunfar de seus vícios habituais, por mais arraigados que se achassem. E que dizer dessa gente que passa a vida inteira a gozar e beneficiar-se do que sabe constituir pecado mortal? E, no entanto, quantas profissões e quantos divertimentos admitidos e que vivem do vício, não temos nós? Confessando-se a mim, disse-me certo indivíduo que passara a vida a praticar uma religião que acreditava lhe comprometesse a salvação eterna e contrária à que tinha no coração, a fim tão-somente de não perder prestígio e honrarias. Quanto não lhe devia custar semelhante atitude? Como esses indivíduos justificarão sua conduta ante a justiça divina? Seu arrependimento os obrigaria a uma reparação efetiva e manifesta; em não a satisfazendo, não a podem alegar perante Deus nem perante os homens. E que ousadia, essa deles, de pedir perdão sem repararem nem se arrependerem?

A meu ver, os primeiros, os que misturam a devoção à má conduta, são iguais aos outros, os que vivem na devassidão; mas é menos fácil ainda reconduzi-los ao bom caminho. As variações incessantes e súbitas de opinião, que vão de um extremo ao outro, são para mim incompreensíveis: elas revelam um espírito tomado de insopitável angústia. Como me parece absurda a imaginação daqueles que, nestes últimos anos, tinham por hábito tachar de hipócrita quem quer que tivesse a inteligência um pouco mais lúcida e praticasse a religião católica, indo até a afirmar que no íntimo estava de acordo com a Reforma. Triste enfermidade essa desses indivíduos, de se acreditarem tão fortes a ponto de se persuadirem de que os outros não podem crer o contrário do que eles próprios crêem. Pior ainda, pois essa gente prefere os benefícios imediatos auferidos de uma religião, em que no fundo não acreditam, às esperanças da vida eterna. Podem crer-me: se algo devesse tentar-me na mocidade, o risco e os obstáculos inerentes à Reforma teriam influído por certo, na decisão.

Não é sem razão séria, parece-me, que a Igreja proíbe que quem quer seja, sem distinção de pessoa, idade e sexo, se arrogue o direito temerário e indiscreto de comentar e salmodiar esses divinos cantos que o Santo Espírito inspirou a Davi. Não se deve imiscuir Deus em nossas ações, senão com reverência e atencioso respeito. Esses cantos, pela sua origem divina, têm outra finalidade que não a de desenvolver nossos pulmões e encantar nossos ouvidos. É da consciência e não da boca que devem emanar. Não é admissível que permitam a um caixeiro qualquer falar disso e com isso se divertir enquanto enche, concomitantemente, a cabeça com idéias fúteis e tolas. Não é, tampouco, razoável ver o Livro Santo, em que se descrevem os sagrados mistérios de nossa fé, serem lidos e comentados na copa e na cozinha. Tais textos eram outrora mistérios; hoje não passam de pretexto para debates e divertimentos.

Não é de passagem e em tumultuosas assembléias que cumpre atentar para assunto tão sério e tão digno de veneração. Deve ser um ato meditado e sereno, e que sempre deverá ser precedido de um Sursum corda [elevai os corações] essa introdução ao ofício divino. E que nossa atitude seja de particular atenção, evidenciando nosso respeito.

Um tal estudo não é da alçada de qualquer um; a ele só se entregarão os que a ele se dedicam e que por Deus foram escolhidos; maus, os ignorantes tornam-se piores do que antes. Não é história a ser contada e sim a ser venerada, temida, adorada. Ingênua gente, em verdade, essa que a imagina ter colocado ao alcance do povo, somente porque a traduziu em linguagem popular! Será unicamente questão de palavras e bastará mudá-las para que a entenda o vulgo? Direi mais: em assim fazendo, afastam-no de Deus em vez de o aproximar. A ignorância total e que confia em outrem é mais salutar e avisada do que essa ciência verbosa e vã, alimentada de presunção e ousadia.

Creio também que a liberdade dada a todos de propagar, traduzida em tantos idiomas diversos, a palavra sagrada, de tão considerável importância, é muito mais perigosa do que útil. Os judeus, os muçulmanos e quase todos os povos de outras religiões, conservam, com veneração e devoção, seus mistérios sagrados na língua original em que lhes foram comunicados. E não é sem razões de sobra que se proíbe a introdução neles de quaisquer modificações. Haverá, por exemplo, entre os bascos e os bretões gente bastante categorizada para dar autoridade a uma tradução desses textos em sua língua? Nada, na Igreja Universal, é mais árduo e de maior alcance. Faladas ou pregadas, as interpretações permanecem vagas, não se impõem, podem ser modificadas e somente dizem respeito a pontos parciais. O mesmo não acontece com as traduções.

Um historiador grego, que era cristão, critica com razão o seu século porque então se divulgaram os segredos de nossa religião e se permitiu ao mais insignificante artesão que os comentasse à vontade. Nós que, por graça de Deus, temos o privilégio de conhecer os mais puros mistérios confiados à nossa devoção, deveríamos envergonhar-nos de os ver profanados na boca das pessoas ignorantes do povo, quando os gentios proibiam a Sócrates, a Platão – e aos demais sábios – se interessarem pelas coisas entregues à discricção dos sacerdotes de Delfos. Esse mesmo historiador diz também que a intervenção dos príncipes em matéria de teologia não é ditada pelo zelo mas pela cólera. O zelo procede da razão divina e da justiça e sua ação é equilibrada e moderada; transformando-se, sob a influência da paixão, em ódio e inveja, em vez de trigo e uva produz

joio e urtigas. Outro historiador conduziu-se de maneira igualmente certa quando, dando um conselho a Teodoro, lhe disse que as discussões não só não evitam os cismas da Igreja mas ainda os suscitam, engendrando as heresias; que, conseguintemente, era preciso evitar qualquer debate, toda argumentação metódica e ater-se unicamente às prescrições e às fórmulas da lei, tais como as estabeleceram os antigos. O Imperador Andrônico, encontrando em seu palácio dois grandes personagens discutindo com Lapódio acerca dos pontos mais importantes de nossa religião, admoestou-os vivamente, chegando a ameaçá-los de os jogar no rio se continuassem. Em nossos dias, as mulheres e as crianças querem saber mais de leis eclesiásticas que os velhos mais experimentados. Entretanto, a primeira das prescrições de Platão os proibia de se ocuparem sequer das razões das leis civis, que substituem as divinas. E, ao permitir aos velhos que falassem a respeito com os magistrados, acrescentava: "mas sempre longe dos jovens e dos profanos".

Escreveu certo bispo que no outro lado do mundo há uma ilha, por nome Dioscórida, notável pela sua fertilidade em árvores de toda espécie, suas frutas e clima. O povo é cristão; tem igrejas e altares de que a cruz, com exclusão de qualquer outra imagem, constitui o único ornamento. Observa com regularidade os jejuns e as festas, paga o dízimo ao clero, e tal é a sua pureza de costumes que ninguém tem mais de uma mulher em sua vida. Ademais, satisfeito com sua sorte a ponto de não conhecer o uso dos navios, embora isolado no meio do mar, é tão simples que, apesar de estrito observador da religião, dela não sabe uma só palavra; o que há de parecer incrível a quem ignorar que os pagãos, tão devotos em sua idolatria, só conhecem de seus deuses o nome e a estátua. Menalipe, uma das antigas tragédias de Eurípides, assim começava: "Ó Júpiter, de quem conheço apenas o nome!"

Tenho visto também, ultimamente, queixarem-se de que certas obras tratam de assuntos exclusivamente literários ou filosóficos sem intromissão de teologia. Isso pode entretanto defender-se; pois é preferível que a doutrina divina, como soberana que tudo domina, tenha seu lugar à parte. Convém que onde entre constitua o assunto principal, e não se relegue para o segundo plano, como que em apoio simplesmente da tese que se desenvolve. Se nos ocorre ter necessidade de exemplos, podemos antes colhê-los na gramática, na retórica, na lógica, ou nas peças representadas nos teatros, nos jogos, nos espetáculos públicos, do que nos textos sagrados. Há mais respeito e veneração em tratar separadamente, em estilo adequado, os assuntos referentes à religião do que incidentemente em obras profanas. Escrever sobre as coisas sagradas no estilo de todo mundo, como fazem certos teólogos, é erro mais comum do que o dos homens de letras que abusam da teologia. A filosofia, diz São Crisóstomo, foi de há muito banida da teologia, como acessório inútil. Consideram-na indigna até de lançar, de passagem, um olhar no santuário em que se guardam os dogmas sagrados da doutrina celeste. A linguagem comum a todo mundo tem formas menos escolhidas, o que faz que não possa ser empregada na expressão de uma maneira assaz digna da majestade real da palavra sagrada. No que me diz respeito, consinto em que se qualifiquem como *verbis indisciplinatis* [expressões pouco ortodoxas] os termos fortuna, destino, felicidade, desgraça, deuses e outros que costume empregar. É verdade que os assuntos fantasistas de que trato, eu os considero isoladamente e os encaro unicamente do ponto de vista deste mundo, a meu modo, e não como fixados e já regulados pela lei divina, caso em que nem dúvidas nem discussões me foram permitidas. É minha maneira de ver que exprimo e não um artigo de fé que contesto; raciocino de acordo com o que me vem ao espírito e não acerca do que participa de minha crença religiosa; falo como um leigo e não como um clérigo, sem que jamais, entretanto, venha a ferir a religião. Assim como as crianças que executam lições úteis à sua instrução e não à dos que as instruem. Talvez observem, e com razão, que seria útil e perfeitamente justificável proibir, a quem não o tenha por profissão, que escreva acerca da religião, embora discretamente. E talvez digam que, pessoalmente, faria melhor calando.

Disseram-me que os que se separaram da Igreja proibem, eles também, que se invoque em vão o nome de Deus nos fatos da vida comum. Que não querem tampouco que o usem como interjeição ou exclamação; que se lhe invoque o testemunho ou que o tomem por termo de comparação. Acho que nisso têm razão e cada vez que invocamos a Deus em nossos propósitos e negócios devemos fazê-lo seriamente, e por devoção.

Há, parece-me, em Xenofonte, um trecho em que se expõe como deveríamos apelar menos para Deus, tanto mais quanto não é fácil fazer com que nossa alma se encontre tantas vezes nesse estado de calma, pureza e devoção que se exige em tais casos e sem o que nossas preces não somente são inúteis mas ainda viciadas: "Perdoai-nos as nossas ofensas assim como nós perdoamos aos que nos ofenderam", dizemos. Que significará isso senão que oferecemos a Deus uma alma isenta de rancor e de desejo de vingança? E, no entanto, quantas vezes não invocamos a Deus e não lhe pedimos que nos ajude, associando-o a nossos erros e convidando-o a praticar injustiças?

"Quae, nisi seductis, nequeas committere divis"

"Pedindo coisas que não podeis confiar aos deuses senão em segredo" [Pérsio].

O avarento reza para a conservação ilusória e supérflua de seus tesouros; o ambicioso para que a vitória e a sorte lhe sejam fiéis; o ladrão para vencer os riscos que lhe perturbam as más intenções ou para agradecer a facilidade com que pôde degolar um transeunte. Rezam ao pé da casa que vão assaltar, com o espírito prenhe de crueldade, de luxúria e cobiça:

***"Hoc igitur, quo to Jovis aurem impellere tentas,
Dic aedum Staiio: 'proh Jupiter! O bone, clamet,
Jupiter!' At sese non clamet Jupiter ipse."***

"Dize a Staius o que desejaras obter de Júpiter, e Staius exclamará: ó Júpiter, ó bom Júpiter! Pode-se pedir-vos tais coisas? – Quanto a Júpiter, não te responderá ele do mesmo modo?" [Pérsio].

Margarida, rainha de Navarra, conta de um jovem príncipe, que ela não nomeia mas cujos feitos tornaram famoso, que para se encontrar amorosamente com a mulher de um advogado de Paris tinha que atravessar uma igreja pela qual não passava nunca, nem na ida nem na volta, sem parar para uma oração. Deixo-vos imaginar o que podia pedir a Deus, com o espírito

tomado pela sua aventura. Cita entretanto a rainha esse fato como testemunho de grande devoção. Eis uma prova (e não é a única) de que às mulheres não cabe tratar de coisas da religião.

Uma verdadeira oração e uma reconciliação com Deus não podem provir de uma alma impura, e portanto sob o domínio do demônio. Quem apela para a ajuda de Deus em palmilhando o caminho do vício, faz como o bandido que apelasse para a justiça ou como quem invocasse o nome de Deus para cometer falso testemunho.

***“Tacito mala vota susurro
Concipimus.”***

"Murmuramos em voz baixa criminosas orações" [Lucano].

Poucos homens ousariam repetir publicamente as súplicas que em segredo endereçam a Deus:

***“Haud cuivis promptum est, murmurque, humilesque susurros
Tollere de templis, et aperto vivere voto.”***

"Não seria fácil expulsar do templo as preces feitas em voz baixa; pouco numerosos são os capazes de exprimir seus anseios em voz alta" [Pérsio].

Por essa razão queriam os pitagóricos que as preces fossem públicas, ouvidas de todos, a fim de que não se solicitassem coisas indecentes e injustas como fazia aquele que

***“Clare quum dixit, Apollo!
Labra movet, metuens audiri: Pulcra Laverna,
Da mihi fallere, da justum sanctumque videri;
Noctem peccatis, et fraudibus objice nubem.”***

"Dizia distintamente em voz alta: Apollo! e acrescentava mexendo apenas com os lábios de medo de ser ouvido: bela Laverna [divindade romana protetora dos ladrões], dá-me os meios de enganar e passar por homem de bem; cobre meus erros com o véu da noite e meus furtos com uma nuvem" [Horácio].

Os deuses puniram severamente os iníquos desejos de Édipo, fazendo com que se realizassem. Pedira em suas preces que a sorte das armas decidisse qual de seus filhos deveria suceder-lhe no trono de Tebas, e foi suficientemente infeliz para se ver atendido. Não devemos pedir que as coisas aconteçam de acordo com o que queremos, e sim de conformidade com o que manda a prudência.

Parece, efetivamente, que usamos as orações e preces como uma espécie de linguagem cabalística, como fazem os que abusam da sagrada palavra de Deus nas suas feitiçarias e mágicas, como se acreditássemos dependerem seus efeitos do contexto, da inflexão da voz ou de nossa atitude. Mergulhada a alma na concupiscência, sem arrependimento nem desejo de reconciliação com Deus, aproximamo-nos d'Ele repetindo palavras que nossa memória dita à nossa língua e vemos nisso expiação suficiente para nossos erros.

Nada é mais suave, fácil, acessível do que a lei divina. Atrai-nos, por mais inclinados que nos mostremos a cometer pecados, por mais detestáveis que sejamos. Ela nos estende os braços e nos recebe em seu seio, por mais vis e impuros que nos revelemos e possamos nos tornar, mas ainda assim cumpre sermos gratos ao perdão recebido e, pelo menos na hora em que dela necessitamos, estarmos realmente arrependidos, aborrecermos de fato as paixões que nos impeliram a ofender a Deus. Nem os deuses, nem os homens de bem aceitam o presente do tratante:

***“Immunis aram si terigit manus,
Non sumptuosa blandior hostia
Mollivit aversos Penates
Farre pio et saliente mica.”***

"A mão inocente que toca o altar aplaca mais seguramente a cólera dos deuses com um simples bolo de farinha e alguns grãos de sal do que imolando vítimas suntuárias" [Horácio].

Capítulo LVII

Sobre a velhice

Não posso aprovar a maneira por que entendemos a duração da vida. Vejo que os filósofos lhe assinam um limite bem menor do que o fazemos comumente. "Como podem alegar que renuncio prematuramente à vida?", disse Catão, o Jovem, aos que procuravam evitar que se suicidasse. Tinha apenas quarenta e oito anos e considerava essa idade já avançada, dado o reduzido número de homens que a atingem. Os que falam de uma certa duração normal da vida, estabelecem-na pouco além. Tais idéias seriam admissíveis se existisse algum privilégio capaz de os colocar fora do alcance dos acidentes, tão numerosos, a que estamos todos expostos e que podem interromper essa duração com que nos acenam. E é pura fantasia imaginar que podemos morrer de esgotamento em virtude de uma extrema velhice, e assim fixar a duração da vida, pois esse gênero de morte é o mais raro de todos. E a isso chamamos morte natural como se fosse contrário à natureza um homem quebrar a cabeça numa queda, afogar-se em algum naufrágio, morrer de peste ou de pleurisia; como se na vida comum não esbarrássemos a todo instante com esses acidentes. Não nos iludamos com belas palavras; não denominemos natural o que é apenas exceção e guardemos o qualificativo para o comum, o geral, o universal.

Morrer de velhice é coisa que se vê raramente, singular e extraordinária e portanto menos natural do que qualquer outra. É a morte que nos espera ao fim da existência, e quanto mais longe de nós menos direito temos de a esperar. Constitui efetivamente

o limite além do qual não iremos, que a natureza nos fixou como não devendo ser ultrapassado; mas é um privilégio viver até esse limite, privilégio que só é concedido em dois a três séculos a um de nós, preservando-o das aflições e dos percalços tão abundantemente espalhados em tão longo percurso. Por isso, minha opinião é que se considere a idade a que cheguei como ao alcance de poucos. Desde que em condições normais o homem não vive tanto, já estamos além do fim fixado. E, ultrapassados esses limites habituais que dão a medida exata da vida, não devemos esperar ir adiante. Pelo próprio fato de termos escapado de morrer em tantas ocasiões fatais a tanta gente, devemos reconhecer que uma sorte tão extraordinária, que nos mantém vivos a despeito da regra comum, não se há de prolongar demasiado.

É um erro da lei imaginar que um homem não é capaz de gerir seus bens antes dos vinte e cinco anos e que só então pode orientar sua vida como bem entende. Augusto reduziu para trinta anos, diminuindo assim de cinco, a idade em que o acesso à magistratura era permitido pelas ordenações romanas. Sérvio Túlio dispensara do serviço militar os cavaleiros que tinham ultrapassado quarenta e sete anos; Augusto liberou-os aos quarenta e cinco. Aposentar os homens antes de cinqüenta e cinco ou sessenta anos não me parece muito acertado. A meu ver deveriam manter-nos em nossos cargos e empregos tanto tempo quanto possível, enquanto com isso não se comprometesse o interesse geral; mas acho, por outro lado, um erro não nos aproveitarem mais cedo. E Augusto que, com dezenove anos, presidia ao destino do mundo considerava necessário que tivesse trinta anos o encarregado de consertar uma goteira.

Sou de opinião que aos vinte anos nosso espírito já se desenvolveu completamente, já é o que será e mostra o de que é capaz. O espírito que até essa idade não deu demonstração evidente de sua fortaleza, nunca o dará mais tarde. As qualidades e virtudes de nossa natureza já revelaram, então, o que têm de vigoroso e belo – ou nunca o revelarão:

***“Si l’espine rion picque quand nai,
A pene que picque jamai”***

“Se o espinho não pica ao nascer, bem pouco ou nada picará”

, dizem no Delfinado.

Penso que, em sua maioria, as mais belas ações que conheço, deste século ou dos séculos passados, foram praticadas antes dos trinta anos e não depois; e isso às vezes pelo mesmo indivíduo. Não o podemos assegurar, por exemplo, quanto às de Aníbal e Cipião, seu grande inimigo? Viveram ambos a mais bela metade da vida da glória que granjearam na juventude. Posteriormente, se os comparamos aos outros, ainda são grandes homens; não, porém, se os comparamos a eles mesmos. Quanto a mim, creio ser evidente que meu espírito e meu físico antes diminuíram, depois dessa idade, do que aumentaram em forças e lucidez; antes retrocederam do que progrediram. É possível que o saber e a experiência cresçam com os anos em quem emprega bem seu tempo; mas a vivacidade, a rapidez, a firmeza de ânimo e as demais partes físicas ou morais, integrantes de nós mesmos, as mais importantes e essenciais se desgastam e se atrofiam:

***“Ubi jam validis quassatum est viribus aevi
Corpus, et obtusis ceciderunt viribus artus,
Claudicat ingenium, delirat linguaque, mensque.”***

***“Quando o corpo se abate ao peso dos anos,
e as molas da máquina estão usadas, oblitera-se a inteligência,
obscurece-se o espírito, delira a língua” [Lucrécio].***

Ora é o corpo que primeiro cede diante da velhice, ora a alma. Muitos vi cuja mente fraquejou antes do estômago e das pernas, mal tanto mais perigoso quanto não o percebe a vítima. É o que me leva a considerar desajustadas as nossas leis, não porque nos deixam trabalhar até uma idade demasiado avançada, mas por não o permitirem suficientemente cedo. Parece-me que, dado o enfraquecimento que nos pode atingir e os numerosos escolhos com que deparamos naturalmente no decurso de uma vida comum, não se deveria dar tanta importância ao ano de nosso nascimento, nem nos deixar tanto tempo entregues à ociosidade ou presos ao aprendizado.



Discurso Sobre a Servidão Voluntária

Etienne de La Boétie

*Muita gente a mandar não me parece bem;
Um só chefe, um só rei, é o que mais nos convém.*

Assim proclamava publicamente Ulisses em Homero [Homero, Ilíada, cap. II] Teria toda a razão se tivesse dito apenas:

Muita gente a mandar não me parece bem.

Deveria, para ser mais claro, ter explicado que o domínio de muitos nunca poderia ser boa coisa pela razão de o domínio de um só que usurpe o título de soberano ser já assaz duro e pouco razoável; em vez disso, porém, acrescentou:

Um só chefe, um só rei, é o que mais nos convém.

Uma única desculpa terá Ulisses e é a necessidade que teve de recorrer a tais palavras para apaziguar as tropas amotinadas, adaptando (julgo) o discurso às circunstâncias mais do que à verdade.

Vistas bem as coisas, não há infelicidade maior do que estar sujeito a um chefe; nunca se pode confiar na bondade dele e só dele depende o ser mau quando assim lhe aprouver.

Ter vários amos é ter outros tantos motivos para se ser extremamente desgraçado.

Não quero por enquanto levantar o discutidíssimo problema de saber se as outras formas de governar a coisa pública são melhores do que a monarquia. A minha intenção é antes interrogar-me sobre o lugar que à monarquia cabe, se algum lhe cabe, entre as mais formas de governar. Porque não é fácil admitir que o governo de um só tenha a preocupação da coisa pública.

É melhor, todavia, que esse problema seja discutido separadamente, em tratado próprio, pois é daqueles que traz consigo toda a casta de disputas políticas.

Quero para já, se possível, esclarecer tão-somente o fato de tantos homens, tantas vilas, cidades e nações suportarem às vezes um tirano que não tem outro poder de prejudicá-los enquanto eles quiserem suportá-lo; que só lhes pode fazer mal enquanto eles preferem agüentá-lo a contrariá-lo.

Digno de espanto, se bem que vulgaríssimo, e tão doloroso quanto impressionante, é ver milhões de homens a servir, miseravelmente curvados ao peso do jugo, esmagados não por uma força muito grande, mas aparentemente dominados e encantados apenas pelo nome de um só homem cujo poder não deveria assustá-los, visto que é um só, e cujas qualidades não deveriam prezar porque os trata desumana e cruelmente.

Tal é a fraqueza humana: temos frequentemente de nos curvar perante a força, somos obrigados a contemporizar, não podemos ser sempre os mais fortes.

Se, portanto, uma nação é pela força da guerra obrigada a servir a um só, como a cidade de Atenas aos trinta tiranos, não nos espanta que ela se submeta; devemos antes lamentá-la; ou então, não nos espantarmos nem lamentarmos mas sofrermos com paciência e esperarmos que o futuro traga dias mais felizes.

Está na nossa natureza o deixarmos que os deveres da amizade ocupem boa parte da nossa vida. É justo amarmos a virtude, estimarmos as boas ações, ficarmos gratos aos que fazem o bem, renunciarmos a certas comodidades para melhor honrarmos e favorecermos aqueles a quem amamos e que o merecem. Assim também, quando os habitantes de um país encontram uma personagem notável que dê provas de ter sido previdente a governá-los, arrojado a defendê-los e cuidadoso a guiá-los, passam a obedecer-lhe em tudo e a conceder-lhe certas prerrogativas; é uma prática reprovável, porque vão acabar por afastá-lo da prática do bem e empurrá-lo para o mal. Mas em tais casos julga-se que poderá vir sempre bem e nunca mal de quem um dia nos fez bem.

Mas o que vem a ser isto, afinal?

Que nome se deve dar a esta desgraça? Que vício, que triste vício é este: um número infinito de pessoas não a obedecer, mas a servir, não governadas mas tiranizadas, sem bens, sem pais, sem vida a que possam chamar sua? Suportar a pilhagem, as luxúrias, as crueldades, não de um exército, não de uma horda de bárbaros, contra os quais dariam o sangue e a vida, mas de um só? Não de um Hércules ou de um Sansão, mas de um só indivíduo, que muitas vezes é o mais covarde e mulherengo de toda a nação, acostumado não tanto à poeira das batalhas como à areia dos torneios, menos dotado para comandar homens do que para ser escravo de mulheres?

Chamaremos a isto covardia? Temos o direito de afirmar que todos os que assim servem são uns míseros covardes?

É estranho que dois, três ou quatro se deixem esmagar por um só, mas é possível; poderão dar a desculpa de lhes ter faltado o ânimo. Mas quando vemos cem ou mil submissos a um só, não podemos dizer que não querem ou que não se atrevem a desafiá-lo.

Como não é covardia, poderá ser desprezo, poderá ser desdém? Quando vemos não já cem, não já mil homens, mas cem países, mil cidades e um milhão de homens submeterem-se a um só, todos eles servos e escravos, mesmo os mais favorecidos, que nome é que isto merece? Covardia?

Ora todos os vícios têm naturalmente um limite além do qual não podem passar. Dois podem ter medo de um, ou até mesmo dez; mas se mil homens, se um milhão deles, se mil cidades não se defendem de um só, não pode ser por covardia.

A covardia não vai tão longe, da mesma forma que a valentia também tem os seus limites: um só não escala uma fortaleza, não defronta um exército, não conquista um reino.

Que vício monstruoso então é este que sequer merece o nome vil de covardia? Que a natureza nega ter criado, a que a língua se recusa nomear?

Disponham-se de um lado cinqüenta homens armados e outros tantos de outro lado; ponham-se em ordem de batalha, prontos para o combate, sendo uns livres e lutando pela liberdade, enquanto os outros tentam arrebatá-la dos primeiros: a quais

deles, por conjectura, se atribui a vitória? Quais deles irão para a luta com maior entusiasmo: os que, em recompensa deste trabalho receberão o prêmio de conservar a liberdade ou os que, dos golpes que derem ou receberem, esperam tão-somente a servidão?

Os primeiros têm constantemente diante dos olhos a felicidade de sua vida passada, a esperança de no porvir a poderem conservar. Preocupa-os menos o que têm de sofrer no decurso da batalha do que tudo o que vão ter de suportar eles, os filhos e toda a posteridade. Os outros nada têm que os anime, a não ser um pouco de cobiça que é insuficiente para protegê-los do perigo e tão pouco ardente que não tardará a extinguir-se logo que derramem as primeiras gotas de sangue.

Nas muito famosas batalhas de Milcíades, Leônidas e Temístocles, travadas há já dois mil anos e que permanecem tão frescas na memória dos livros e dos homens como se tivessem acontecido ontem, nessas batalhas travadas na Grécia para bem da Grécia e exemplo do mundo inteiro, donde terá vindo aos gregos escassos não digo o poder mas o ânimo para se oporem à força de navios tão numerosos que mal cabiam no mar? E para desbaratarem nações tão numerosas que em toda a armada grega não se achariam soldados que chegassem para preencherem, se tal fosse mister, os postos de comandantes desses navios?

É que, em boa verdade, o que estava em causa nesses dias gloriosos não era tanto a luta entre gregos e persas como a vitória da liberdade sobre a dominação, da razão sobre a cupidez.

Quantos prodígios temos ouvido contar sobre a valentia que a liberdade põe no coração dos que a defendem!

Mas o que acontece afinal em todos os países, com todos os homens, todos os dias?

Quem, só de ouvir contar, sem o ter visto, acreditaria que um único homem tenha logrado esmagar mil cidades, privando-as da liberdade?

Se casos tais acontecessem apenas em países remotos e outros no-los contassem, quem não diria que era tudo invenção e impostura?

Ora o mais espantoso é sabermos que nem sequer é preciso combater esse tirano, não é preciso defendermos-nos dele.

Ele será destruído no dia em que o país se recuse a servi-lo.

Não é necessário tirar-lhe nada, basta que ninguém lhe dê coisa alguma.

Não é preciso que o país faça coisa alguma em favor de si próprio, basta que não faça nada contra si próprio.

São, pois, os povos que se deixam oprimir, que tudo fazem para serem esmagados, pois deixariam de ser no dia em que deixassem de servir.

É o povo que se escraviza, que se decapita, que, podendo escolher entre ser livre e ser escravo, se decide pela falta de liberdade e prefere o jugo, é ele que aceita o seu mal, que o procura por todos os meios.

Se fosse difícil recuperar a liberdade perdida, eu não insistiria mais; haverá coisa que o homem deva desejar com mais ardor do que o retorno à sua condição natural, deixar, digamos, a condição de alimária e voltar a ser homem?

Mas não é essa ousadia o que eu exijo dele; limito-me a não lhe permitir que ele prefira não sei que segurança a uma vida livre.

Que mais é preciso para possuir a liberdade do que simplesmente desejá-la?

Se basta um ato de vontade, se basta desejá-la, que nação há que a considere assim tão difícil?

Como pode alguém, por falta de querer, perder um bem que deveria ser resgatado a preço de sangue? Um bem que, uma vez perdido, torna, para as pessoas honradas, a vida aborrecida e a morte salutar?

Veja-se como, ateadado por pequena fagulha, acende-se o fogo, que cresce cada vez mais e, quanto mais lenha encontra, tanta mais consome; e como, sem se lhe despejar água, deixando apenas de lhe fornecer lenha a consumir, a si próprio se consome, perde a forma e deixa de ser fogo.

Assim são os tiranos: quanto mais eles roubam, saqueiam, exigem, quanto mais arruinam e destroem, quanto mais se lhes der e mais serviços se lhes prestarem, mais eles se fortalecem e se robustecem até aniquilarem e destruírem tudo. Se nada se lhes der, se não se lhe obedecer, eles, sem ser preciso luta ou combate, acabarão por ficar nus, pobres e sem nada; da mesma forma que a raiz, sem umidade e alimento, se torna ramo seco e morto.

Os audazes, para que obtenham o que procuram, não receiam perigo algum, os avisados não recusam passar por problemas e privações. Os covardes e os preguiçosos não sabem suportar os males nem recuperar o bem. Deixam de desejá-lo e a força para o conseguirem lhes é tirada pela covardia, mas é natural que neles fique o desejo de o alcançarem. Esse desejo, essa vontade, são comuns aos sábios e aos indiscretos, aos corajosos e aos covardes; todos eles, ao atingirem o desejado, ficam felizes e contentes.

Numa só coisa, estranhamente, a natureza se recusa a dar aos homens um desejo forte. Trata-se da liberdade, um bem tão grande e tão apazível que, perdida ela, não há mal que não sobrevenha e até os próprios bens que lhe sobrevivam perdem todo o seu gosto e sabor, corrompidos pela servidão.

A liberdade é a única coisa que os homens não desejam; e isso por nenhuma outra razão (julgo eu) senão a de que lhes basta desejá-la para a possuírem; como se recusassem conquistá-la por ela ser tão simples de obter.

Gentes miserandas, povos insensatos, nações apegadas ao mal e cegas para o bem!

Assim deixais que vos arrebatem a maior e melhor parte das vossas riquezas, que devastem os vossos campos, roubem as vossas casas e vo-las despojem até das antigas mobílias herdadas dos vossos pais!

A vida que levais é tal que (podeis afirmá-lo) nada tendes de vosso.

Mas parece que vos sentis felizes por serdes senhores apenas de metade dos vossos haveres, das vossas famílias e das vossas vidas; e todo esse estrago, essa desgraça, essa ruína provêm afinal não dos seus inimigos, mas de um só inimigo, daquele mesmo cuja grandeza lhe é dada só por vós, por amor de quem marchais corajosamente para a guerra, por cuja grandeza não recusais entregar à morte as vossas próprias pessoas.

Esse que tanto vos humilha tem só dois olhos e duas mãos, tem um só corpo e nada possui que o mais ínfimo entre os ínfimos habitantes das vossas cidades não possua também; uma só coisa ele tem mais do que vós e é o poder de vos destruir, poder que vós lhe concedestes.

Onde iria ele buscar os olhos com que vos espia se vós não lho dêsseis?

Onde teria ele mãos para vos bater se não tivesse as vossas?

Os pés com que ele esmaga as vossas cidades de quem são senão vossos?

Que poder tem ele sobre vós que de vós não venha?

Como ousaria ele perseguir-vos sem a vossa própria convivência?

Que poderia ele fazer se vós não fôsseis encobridores daquele que vos rouba, cúmplices do assassino que vos mata e traidores de vós mesmos?

Semeais os vossos frutos para ele pouco depois calcar aos pés. Recheais e mobiliais as vossas casas para ele vir saqueá-las, criais as vossas filhas para que ele tenha em quem cevar sua luxúria.

Criais filhos a fim de que ele, quando lhe apetecer, venha recrutá-los para a guerra e conduzi-los ao matadouro, fazer deles acólitos da sua cupidez e executores das suas vinganças.

Matai-vos a trabalhar para que ele possa regalar-se e refestelar-se em prazeres vis e imundos.

Enquanto vós definhais, ele vai ficando mais forte, para mais facilmente poder refrear-vos.

E de todas as ditas indignidades que os próprios brutos, se as sentissem, não suportariam, de todas podeis libertar-vos, se tentardes não digo libertar-vos, mas apenas querer fazê-lo.

Tomai a resolução de não mais servirdes e sereis livres. Não vos peço que o empurreis ou o derrubeis, mas somente que o não apoieis: não tardareis a ver como, qual Colosso descomunal, a que se tire a base, cairá por terra e se quebrará.

Os médicos aconselham a não se tocar com a mão nas chagas incuráveis; não é, pois, sensato que eu dê conselhos a um povo que há muito perdeu a consciência e cuja doença, uma vez que ele já não sente dor, é evidentemente mortal. Temos, antes, de procurar saber como esse desejo teimoso de servir se foi enraizando a ponto de o amor à liberdade parecer coisa pouco natural.

Antes demais, eu creio firmemente que, se nós vivêssemos de acordo com a natureza e com os seus ensinamentos, seríamos naturalmente obedientes ao país, submissos à razão e de ninguém escravos.

Todos os homens, por si próprios, sem outro conselho que não seja o da natureza, guardam obediência ao pai e à mãe; quanto à razão, discutem muito os acadêmicos e todas as escolas filosóficas se ela nasce ou não conosco.

De momento penso não errar se crer que há na nossa alma uma semente natural de razão, a qual, se cultivada com bons conselhos e bons costumes, floresce em virtude; se, pelo contrário, é atacada pelos vícios, morre de asfixia e aborta.

Uma coisa é claríssima na natureza, tão clara que a ninguém é permitido ser cego a tal respeito, e é o fato de a natureza, ministra de Deus e governanta dos homens, nos ter feito todos iguais, com igual forma, aparentemente num mesmo molde, de forma a que todos nos reconhecêssemos como companheiros ou mesmo irmãos.

Ao fazer as partilhas dos dons que nos legou, deu, mais a uns do que a outros, certos dons corporais e espirituais; mas é igualmente certo que não pretendeu pôr-nos neste mundo como em campo fechado, nem deu aos mais fortes e aos mais avisados ordem para, quais salteadores emboscados no mato e armados, dizimarem os mais fracos.

É de crer, isso sim, que, favorecendo alguns e desfavorecendo outros, pretendia dar lugar à fraterna afeição, dar-lhes meios de se manifestar, pois se a uns assiste o poder de ajudar, os outros tinham necessidade de ser ajudados.

Esta boa mãe deu-nos a todos a terra para nela morarmos, albergou-nos a todos numa mesma casa, moldou-nos a todos numa mesma massa, para assim todos podermos mirar-nos e reconhecer-nos uns nos outros; a todos em comum outorgou o grande dom da voz e da palavra para sermos mais amigos e mais irmãos e, pela comum e mútua declaração dos nossos pensamentos, estabelecermos a comunhão de nossas vontades.

E pois ela buscou por todos os meios apertar e estreitar mais fortemente os nós da nossa aliança e sociedade, e por todas as formas mostrou mais desejar ver-nos unidos do que unos, não há dúvida de que somos todos companheiros e ninguém poderá jamais admitir que a natureza, integrando-nos a todos numa sociedade, tenha destinado uns para escravos.

Não importa verdadeiramente discutir se a liberdade é natural, provado que esteja ser a escravidão uma ofensa para quem a sofre e uma injúria à natureza que em tudo quanto faz é razoável.

Não há dúvidas, pois, de que a liberdade é natural e que, pela mesma ordem e de idéias, todos nós nascemos não só senhores da nossa alforria mas também com condições para a defendermos.

Se acaso pusermos isso em dúvida e descermos tão baixo que não sejamos capazes de reconhecer qual o nosso direito e as nossas qualidades naturais, vou ter de vos tratar como mereceis e por os próprios animais a dar-vos lições e a ensinar-vos qual é vossa verdadeira natureza e condição.

Só quem for surdo não ouve o que dizem os animais: viva a liberdade! Muitos deles morrem quando os apanham. Como o peixe que, fora da água, perde a vida, também outros animais se negam a viver sem a liberdade que lhes é natural.

Se os animais estabelecessem entre si quaisquer grandezas e proeminências, fariam (creio firmemente) da liberdade a sua nobreza.

Alguns há que, dos maiores aos menores, ao serem presos, opõem resistência com as garras, os chifres, as patas e o bico, demonstrando assim claramente o quanto prezam a liberdade perdida. E uma vez no cativeiro, dão evidentes sinais do conhecimento que têm da sua desgraça e deixam ver perfeitamente que se sentem mais mortos do que vivos, continuando a viver mais para lamentarem a liberdade perdida do que por lhes agradar a servidão.

O que quer dizer o elefante que, depois de se defender até mais não poder, sentindo-se impotente e prestes a ser apanhado,

espeta as presas nas árvores e as quebra, assim mostrando o grande desejo que tem de continuar livre como nasceu?

Assim dá a entender que deseja negociar com os caçadores, dando-lhes os dentes para que o soltem, entregando-lhes o marfim em penhor da liberdade.

Começamos a domesticar o cavalo, desde o momento em que ele nasce, preparamo-lo para nos servir e não podemos glorificar-nos de que, uma vez domado, ele não morde o freio e não se empina quando o esporeamos, como se (assim parece) quisesse mostrar à natureza e testemunhar por essa forma que serve não de boa vontade mas por ser obrigado a servir.

Que dizer perante isto? Que

*Até os bois sob o jugo andam gemendo
E na gaiola as aves vão chorando*

como escrevi no tempo em que versejava à francesa (não receio, escrevendo-te me particular, citar versos meus, coisa que nunca faço; como tens mostrado gostar deles, não me acusarás de ser pretensioso).

Todas as coisas que têm sentimento sentem a dor da sujeição e suspiram pela liberdade; as alimárias, feitas para servirem o homem não são capazes de se habituar à servidão sem protestarem desejos contrários.

A que azar, pois, se deverá que o homem, livre por natureza, tenha perdido a memória da sua condição e o desejo de a ela regressar?

Há três espécies de tiranos. Refiro-me aos maus príncipes. Chegam uns ao poder por eleição do povo, outros por força das armas, outros sucedendo aos da sua raça.

Os que chegam ao poder pelo direito da guerra portam-se como quem pisa terra conquistada.

Os que nascem reis, as mais das vezes, não são melhores; nascidos e criados no sangue da tirania, tratam os povos em quem mandam como se fossem seus servos hereditários; e, consoante a compleição a que são mais atreitos, avaros ou pródigos, assim fazem do reino o que fazem com outra herança qualquer.

Aquele a quem o povo deu o Estado deveria ser mais suportável; e sê-lo-ia a meu ver, se, desde o momento em que se vê colocado em altos postos e tomando o gosto à chamada grandeza, não decidisse ocupá-los para todo o sempre. O que geralmente acontece é tudo fazerem para transmitirem aos filhos o poder que o povo lhes concedeu. E, tão depressa tomam essa decisão, por estranho que pareça, ultrapassam em vício e até em crueldade os outros tiranos; para conservarem a nova tirania, não acham melhor meio do que aumentar a servidão e afastar tanto dos súditos a idéia de liberdade que eles, tendo embora a memória fresca, começam a esquecer-se dela.

Assim, para dizer toda a verdade, encontro entre eles alguma diferença, mas não vejo por onde escolher.

Sendo diversos os modos de alcançar o poder, a forma de reinar é sempre idêntica.

Os eleitos procedem como quem doma touros; os conquistadores como quem se assenhoreia de uma presa a que têm direito; os sucessores como quem lida com escravos naturais.

Se acaso hoje nascesse um povo completamente novo, que não estivesse acostumado à sujeição nem soubesse o que é a liberdade, que ignorasse tudo sobre uma e outra coisa, incluindo os nomes, e se lhe fosse dado a escolher entre o ser sujeito ou o viver a liberdade, qual seria a escolha desse povo?

Não custa a responder que prefeririam obedecer à razão em vez de servirem a um homem; a não ser que se tratasse dos israelitas, os quais, sem ninguém os obrigar e sem necessidade, elegeram um tirano [I Samuel, capítulo 8]; mas nunca leio a história de tal povo sem uma grande decepção e alguma fúria, tanta que quase me alegro por lhe terem acontecido tantas desgraças.

Uma coisa é certa, porém: os homens, enquanto neles houver algo de humano, só de deixam subjugar se foram forçados ou enganados; enganados pelas armas estrangeiras, como Esparta e Atenas pelas forças de Alexandre, ou pelas facções, como aconteceu quando o governo de Atenas caiu nas mãos de Pisístrates [Pisístrates (600 – 527) foi por três vezes tirano de Atenas. Da primeira vez foi derrubado por Licurgo. Da segunda por Hermódio e Aristogíton. Deve-se, contudo, a Pisístrates a compilação das obras de Homero, como a *Iliáda* e a *Odisséia*.].

Muitas vezes perdem a liberdade porque são levados ao engano, não são seduzidos por outrem mas sim enganados por si próprios. Assim, o povo de Siracusa, cidade capital da Sicília, denominada hoje Saragoça [aqui Boétie se equivoca...], apertado pelas guerras, sem olhar a nada a não ser o perigo, elevou ao poder Dionísio Primeiro e entregou-lhe o comando do exército. Tantos poderes lhe foi dando que o velhaco, uma vez vitorioso, como se tivesse triunfado não sobre os inimigos, mas sobre os cidadãos, subiu de capitão a rei e de rei a tirano.

Incrível coisa é ver o povo, uma vez subjogado, cair em tão profundo esquecimento da liberdade que não desperta nem a recupera; antes começa a servir com tanta prontidão e boa vontade que parece ter perdido não a liberdade mas a servidão.

É verdade que, a princípio, serve com constrangimento e pela força; mas os que vêm depois, como não conheceram a liberdade nem sabem o que ela seja, servem sem esforço e fazem de boa mente o que seus antepassados tinham feito por obrigação.

Assim é: os homens nascem sob o jugo, são criados na servidão, sem olharem para lá dela, limitam-se a viver tal como nasceram, nunca pensam ter outro direito nem outro bem senão o que encontraram ao nascer, aceitam como natural o estado que acharam à nascença.

E todavia não há herdeiro tão pródigo e desleixado que uma vez não passe os olhos pelos livros de registros, para ver se goza de todos os direitos hereditários e se não foi esbulhado nos seus direitos, ele ou o seu predecessor.

Mas o costume, que sobre nós exerce um poder considerável, tem uma grande orça de nos ensinar a servir e (tal como de Mitrídates se diz que aos poucos foi se habituando a beber veneno) a engolir tudo até que deixamos de sentir o amargor do veneno da servidão.

Não pode negar-se que a natureza tem força para nos levar aonde ela queira e fazer a nós livres ou escravos; mas importa confessar que ela tem sobre nós menos poder do que o costume e que a natureza, por muito boa que seja, acaba por se perder se não for tratada com os cuidados necessários; e o alimento que comemos transmite-nos muito de seu, faça a natureza o que fizer.

As sementes do bem que a natureza em nós coloca são tão pequenas e inseguras que não agüentam o embate do alimento contrário. Não se mantêm facilmente, estragam-se, desfazem-se, reduzem-se a nada. Como acontece com as árvores de fruto, possuidoras de uma natureza própria que conservarão enquanto as deixarem; mas passarão a ter outra e a dar frutos estranhos, não os delas, a partir do momento em que sejam enxertadas.

As ervas têm cada uma a sua propriedade, a sua natureza e a sua singularidade próprias; mas o frio, o tempo, a terra ou a mão do jardineiro acrescentam-lhe ou tiram-lhe muitas das suas virtudes. Vê-se num sítio uma planta que outro sítio não reconhece.

Vejam-se os venezianos, um punhado de pessoas livres, tanto que até o pior de todos se recusaria a ser rei, nascidos e criados de tal modo que a grande ambição deles é defenderem ciosamente a liberdade de cada um; educados desde o berço nestes princípios, não aceitariam todas as outras felicidades da terra, se para isso tivessem de perder a menor de suas liberdades. Vejam-se os venezianos, repito, e repare-se depois nos que habitam as terras daquele a que chamamos Grão-Senhor, gente que nada mais faz do que servi-lo e que, para o manterem no poder, dão a própria vida.

Diria quem visse uns e outros que possuem todos a mesma natureza?

Não julgaria antes que saíra de uma cidade de homens para entrar num curral de animais? Licurgo, reformador de Esparta, criara (diz-se) dois cães que eram irmãos, alimentados com o mesmo leite, um deles habituado a ficar na cozinha e o outro acostumado a correr pelo campo, ao som da trompa e da corneta; querendo mostrar ao povo lacedemônio que os homens são o que a educação faz de cada um, colocou os dois cães no meio da praça e, no meio deles, uma sopa e uma lebre. Um correu para o prato e o outro para a lebre. Muito embora (disse ele) fossem irmãos.

Lembrarei com prazer um dito dos favoritos de Xerxes, senhor da Pérsia, a respeito dos espartanos.

Quando Xerxes se aparelhava para conquistar a Grécia, mandou embaixadores às cidades gregas, a pedir-lhes água e terra. A Esparta e Atenas não os enviou, porque os enviados de seu pai, Dario que lá tinha ido fazer igual pedido, tinham-nos os espartanos e atenienses lançado em covas e outros em poços, dizendo-lhes que tirassem terra e água à vontade e que fossem levá-la a seu príncipe.

Nenhum daqueles povos tolerava que, sequer por palavras, alguém lhes tocasse na liberdade.

Por assim terem feito, viram os espartanos que tinham incorrido no ódio dos próprios deuses, especialmente no de Taltíbio, deus dos arautos.

Para os apaziguarem, mandaram a Xerxes dois cidadãos, para que fossem à presença dele e ele os tratasse como lhe aprouvesse, tirando assim a desforra dos embaixadores que seu pai enviara e tinham sido mortos. Dois espartanos, um de nome Specto e outro Bulis, ofereceram-se voluntariamente para esta missão.

Foram e, pelo caminho, entraram no palácio de um persa chamado Gidarno, lugar-tenente do rei em todas as cidades do litoral da Ásia. Este os recebeu com muita honraria. E como fossem conversando sobre vários assuntos, perguntou-lhes que motivos tinham para recusarem a amizade do rei. “Podeis crer, espartanos (dizia-lhes), juro-vos que o rei sabe honrar quem o merece e, se vos tornardes seus súditos, vereis que assim é. Se aceitardes e ele vos conhecer, vereis como será cada um de vós nomeado imediatamente senhor de uma cidade da Grécia”.

Ao que lhe responderam os lacedemônios: “Ruim conselho é o que nos dás, Gidarno. O bem que nos prometes, já o experimentaste, mas nada sabes do que nós já possuímos; gozas do favor do rei, mas nada sabes da liberdade, do gosto que ela tem, da sua doçura. Se a conhecesses, havias de nos aconselhar a defendê-la, não só com lança e escudo, mas até com unhas e dentes”.

O espartano é que tinha razão; mas um e outro falavam de acordo com o que tinham aprendido.

Não era possível ao persa avaliar a liberdade, pois nunca a tivera, nem ao lacedemônio aceitar a sujeição, depois de ter conhecido o gosto da liberdade.

Catão de Útica, quando era ainda menino de escola, entrava muitas vezes na casa do ditador Sila cujas portas lhe estavam abertas, não só por pertencer a uma família nobre, como até por ser parente próximo de Sila.

Acompanhava-o sempre o preceptor, como era costume entre os filhos de boas famílias.

Deu ele então conta de que em casa de Sila, na presença deste ou por sua ordem, muitos cidadãos eram presos e condenados, eram uns banidos e outros estrangulados, decretava-se a confiscação dos bens e era perdida a cabeça de muitos.

Ou seja, mais parecia o paço do tirano do que a morada do governador da cidade, era menos um tribunal de justiça do que uma espelunca da tirania.

Perguntou o nobre infante ao preceptor: “Dar-me-eis um punhal? Metê-lo-ei sob a toga e, como entro muitas vezes nos aposentos de Sila, antes de ele acordar, o meu braço há de ter força suficiente para libertar o povo”..

Este é um dito digno de Catão. Assim já se revelava digno da morte que teve.

Mas se porventura a história não referisse o nome dele nem o local, seria fácilimo adivinhar que se trata de um romano e natural de Roma, da verdadeira Roma, quando ela era livre.

Mas para que dizer mais? Em boa verdade não creio que o país o a terra importem muito. Em todos os países em todos os climas, sabe mal a sujeição e é gostosa a liberdade.

Dignos de dó são os que nasceram com a canga no pescoço.

Devem ser desculpados e perdoados, pois, nunca tendo visto sequer a sombra da liberdade e ninguém lha tendo mostrado, não sabem como é mal serem escravos.

Há países em que o Sol aparece de modo diverso daquele a que estamos habituados: depois de brilhar durante seis meses seguidos, deixa-os ficar mergulhados na escuridão, nunca os visitando no meio do ano; se os que nasceram durante essa longa noite nunca tivessem ouvido falar do dia, seria de espantar que eles se habituassem às trevas em que nasceram e nunca desejassem a luz?

Nunca se lastima o que não se conhece, só se tem desgosto depois de ter gozado o prazer, depois de se ter conhecido o bem e se recordar a alegria passada.

É natural no homem o ser livre e o querer sê-lo; mas está igualmente na sua natureza ficar com certos hábitos que a educação lhe dá.

Diga-se, pois, que acaba por ser natural tudo o que o homem obtém pela educação e pelo costume; mas da essência da sua natureza é o que lhe vem da mesma natureza pura e não alterada; assim, a primeira razão da servidão voluntária é o hábito: provam-no os cavalos sem rabo que no princípio mordem o freio e acabam depois por brincar com ele; e os mesmos que se rebelavam contra a sela acabam por aceitar a albarda e usam muito ufanos e vaidosos os arreios que os apertam.

Afirmam que sempre viveram na sujeição, que já os pais assim tinham vivido. Pensam que são obrigados a usar freio, provam-no com exemplos e com o fato de há muito serem propriedade daqueles que os tiranizam.

Mas a verdade é que os anos não dão o direito de se praticar o mal, antes agravam a injúria.

Sempre haverá umas poucas almas melhor nascidas do que outras, que sentem o peso do jugo e não evitam sacudi-lo, almas que nunca se acostumam à sujeição e que, à imitação de Ulisses, o qual por mar e terra procurava avistar o fumo de sua casa, nunca se esquecem dos seus privilégios naturais, nem dos antepassados e de sua antiga condição.

São esses dotados de claro entendimento e espírito clarividente; não se limitam, como o vulgo, a olhar só para o que têm adiante dos pés, olham também para trás e para frente e, estudando bem as coisas passadas, conhecem melhor o futuro e o presente.

Além de terem um espírito bem formado, tudo fazem para aperfeiçoá-lo pelo estudo e pelo saber.

Esses, ainda quando a liberdade se perdesse por completo e desaparecesse para sempre do mundo, não deixariam de imaginá-la, de senti-la e saborear; para eles, a servidão, por muito bem disfarçada que lhes aparecesse, nunca seria coisa boa.

O Grão-Turco teve perfeita consciência de que os livros e a doutrina, mais do que qualquer outra coisa, dão aos homens a capacidade de se conhecerem e de odiarem a tirania. Sabe-se que nas suas terras não há mais sábios do que os que lhe convém a ele.

Acontece que o zelo e a dedicação dos que, apesar de tudo, prezam a liberdade, não têm efeito algum, pois, mesmo que sejam em grande número, não se podem conhecer uns aos outros.

A tirania subtrai-lhes toda e qualquer liberdade de agir, de falar e quase de pensar.

Têm de guardar só para eles as suas fantasias. Razão tinha Momo para zombar, quando censurou o homem forjado por Vulcano, por não lhe ter feito no coração uma janela através da qual pudessem ser vistos os seus pensamentos.

É sabido que Brutus e Cássio, ao planejarem a libertação de Roma, ou antes, do mundo inteiro, não quiseram que Cícero, o maior zelador do bem público, entrasse na conspiração; julgaram que tinha um coração demasiado débil para tal façanha, confiavam na vontade dele, mas não estavam muito seguros da sua coragem. Quem estudar os efeitos da antiguidade e as velhas crônicas descobrirá que, vendo-se o país mal governado e maltratado, e tomando-se a decisão firme de libertá-lo, poucos ou nenhum deixaram de consegui-lo; tiveram nisso a ajuda da própria liberdade, ansiosa por renascer.

Harmódio, Aristogiton, Trasíbulo, Brutus-o-Velho, Valério e Díon executaram cabalmente o que valorosamente planejaram. Em casos assim, a sorte quase nunca falta a quem quer o bem. O jovem Brutus e Cássio derrubaram a servidão e repuseram a liberdade, tendo por isso morrido, mas não desonrosamente. Desonroso seria dizer que foi desonrosa a vida ou a morte desses jovens. Tristeza e desgraça foram a ruína da república que viria a ser enterrada com eles. As conjuras que depois houve contra os imperadores romanos foram todas atos de gente ambiciosa e não devemos lamentar as derrotas que sofreram; era evidente que não queriam derrubar mas arruinar a coroa, pretendiam expulsar o tirano e manter a tirania. Não é para mim desejável que eles tivessem triunfado e apraz-me que, pelo exemplo, tenham mostrado com não se deve abusar do sagrado nome da liberdade para levar a cabo ruins empreendimentos.

Mas, voltando ao assunto principal de que me afastei: a primeira razão que leva os homens a servirem de boamente é o terem nascidos e sido criados na servidão.

A esta soma-se outra que é a de, sob a tirania, os homens se tornarem covardes e efeminados.

Nisso concordo com Hipócrates, pai da medicina, que assim afirmou e escreveu num de seus livros, intitulado Das Doenças.

Este homem tinha o coração no lugar e bem o demonstrou quando o rei quis atraí-lo para junto de si, com muitas dádivas e oferendas; respondeu-lhe francamente que teria muitos escrúpulos em tratar e curar os bárbaros que queriam matar os gregos e de pôr a sua arte a serviço de um rei que pretendia escravizar a Grécia.

A carta que lhe mandou pode ainda hoje ver-se entre as suas outras obras e constituirá para todo o sempre uma prova do seu bom coração e de sua natureza nobre.

Com a perda da liberdade, perde-se imediatamente a valentia.

As pessoas escravizadas não mostram no combate qualquer ousadia ou intrepidez.

Vão para o castigo como que manietadas e entorpecidas, como quem vai cumprir uma obrigação.

E não sentem arder no coração o fogo da liberdade que faz desprezar o perigo e dá ganas de comprar com a morte, ao lado dos companheiros, a honra da glória.

Entre homens livres, todos disputam invejosamente quem há de ser o primeiro a servir o bem comum; todos desejam ter o seu quinhão no mal da derrota ou no bem da vitória. Mas as pessoas escravizadas, além desta falta de valor na guerra, perdem também a energia em todo o resto, têm o coração abatido e mole e não são capazes de grandes ações.

Os tiranos o sabem e, à vista deste vício, tudo fazem para piorá-lo.

Xenofonte, historiador grego e da melhor cepa entre os gregos, em um livro fez Simônides falar com Hierão, rei de Siracusa, sobre as misérias dos tiranos.

É um livro eivado de bons costumes e graves argumentos e, a meu ver, escrito com muita graça. Bom seria que todos os tiranos que já houve pusessem diante dos olhos e dele se servissem como de um espelho.

Não creio que deixassem de ver nele todas as suas verrugas e não se envergonhassem de todas as suas manchas.

Conta no referido tratado o tormento por que passam os tiranos que, por fazerem mal a todos, a todos devem temer.

Diz entre outras coisas que os maus reis recorrem a estrangeiros para fazerem a guerra, subornam-nos e não se atrevem a meter armas nas mãos dos próprios súditos a quem ofenderam.

Reis houve, alguns até franceses, mais outrora do que nos dias de hoje, que contrataram para a guerra mais de uma nação estrangeira, com intenção de preservarem os seus, por acharem que não era perdido o dinheiro gasto em defesa das pessoas.

Era o que dizia Cipião (o grande Africano, julgo) para quem valia mais defender a vida de um cidadão do que desbaratar cem inimigos.

Mas não há dúvida alguma de que o tirano se julga absolutamente seguro e só se preocupa quando percebe que já não tem a seu serviço um único homem de valor.

Com razão se lhe poderá dizer nessa altura o que Trasão, em Terêncio, se gloria de ter dito ao domador de elefantes:

*Tão bravo vos hei mostrado
Que sois das bestas criado.*

Mas esse estratagemas com que os tiranos humilham os súditos está, mais do que em qualquer outro lado, explicitado no que Ciro fez aos lídios, depois de se ter apoderado de Sardes, capital da Lídia, quando aprisionou o riquíssimo rei Cresos e o levou cativo. Trouxeram-lhe a notícia de que os de Sardes se tinham revoltado. Ter-lhe-ia sido fácil dominá-los.

Não desejando saquear uma tão bela cidade nem querendo destacar para lá um exército que a vigiasse, recorreu a um outro expediente. Fundou nela bordéis, tabernas e jogos públicos e publicou um decreto que obrigava os habitantes a freqüentá-los.

Tão bons resultados teve esta guarnição que foi desnecessário daí em diante levantar a espada contra os lídios. Os desgraçados divertiram-se a inventar toda a casta de jogos, de tal forma que a palavra latina usada para significar “passatempo” é a palavra “ludi”, que vem de “Lydi”, lídios.

Nem todos os tiranos foram tão explícitos no seu desejo de efeminarem os homens, mas o que este ordenou formalmente foi, em grande parte, realizado de forma velada.

É muito próprio do vulgo, mormente o que pulula nas cidades, desconfiar de quem o estima e ser ingênuo para com aqueles que o enganam.

Atrair o pássaro com o apito ou o peixe com a isca do anzol é mais difícil que atrair o povo para a servidão, pois basta passar-lhes junto à boca um engodo insignificante.

É espantoso como eles se deixam levar pelas cócegas.

Os teatros, os jogos, as farsas, os espetáculos, as feras exóticas, as medalhas, os quadros e outras bugigangas eram para os povos antigos engodos da servidão, preço da liberdade, instrumentos da tirania.

Deste meio, desta prática, destes engodos se serviam os tiranos para manterem os antigos súditos sob o jugo. Os povos, assim ludibriados, achavam bonitos estes passatempos, divertiam-se com o vão prazer que lhes passava diante dos olhos e habituavam-se a servir com simplicidade igual, se bem que mais nociva, à das crianças que aprendem a ler atraídas pelas figuras coloridas dos livros iluminados.

Os tiranos romanos decretaram também na celebração freqüente das decenárias públicas, para as quais atraíam a canalha que põe acima de tudo os prazeres da boca.

Nem o mais esclarecido de todos eles trocaria a malga da sopa pela liberdade da república de Platão.

Os tiranos ofereciam o quarto de trigo, o sesteiro de vinho e o sestércio. E os vivos ao rei eram então coisa triste de ouvir.

Não davam conta, os néscios, de que recuperavam dessa forma parte do que era seu e que não podia o tirano dar-lhes coisa que não lhes tivesse furtado antes.

O que hoje ganhava o sestércio, o que se fartava de comer no festim público, louvando a grande liberalidade de Tibério e Nero, era no dia seguinte obrigado a entregar os seus haveres à avareza, os filhos da luxúria e o próprio sangue à crueldade daqueles magníficos imperadores, e fazia-o sem dizer palavra, mudo como uma pedra, quedo como um cepo.

O povo sempre foi assim.

É perante o prazer que honestamente não pode atingir, aberto e dissoluto e, face ao agravo e à dor que honestamente não deveria sofrer, insensível.

Não sei hoje em dia de pessoa alguma que, ao ouvir falar de Nero, não trema só com o nome de tão vil monstro, de tão hedionda e imunda besta. Pode, porém, dizer-se que após a sua morte, vil tanto quanto foi a sua vida, o povo romano ficou com tanta pena (por se lembrar dos seus jogos e festins) que pouco faltou para vestir luto. Assim o escreveu Cornélio Tácito, autor dos melhores e mais graves, e só pode estranhar o fato quem não conheça bem o que o povo fez após a morte de Júlio César, que tinha abolido as leis e a liberdade.

Achavam que era um homem sem valor (creio), mas louvaram muito a sua humanidade que afinal foi tão nociva como a crueldade mais selvagem de todos os tiranos.

Em boa verdade, a sua peçonhenta doçura serviu só para adoçar a servidão que impôs ao povo romano.

Mas, depois de morto, o dito povo, que tinha ainda na boca o sabor dos banquetes e a recordação das suas prodigalidades, queimou, para honrá-lo e incinerá-lo, todos os bancos da praça, edificou-lhe uma coluna, como a um verdadeiro pai do povo (assim rezava a inscrição no capitel), e prestou-lhe mais honrarias, após a morte, do que a qualquer outro homem, à exceção

talvez dos que o mataram.

Os imperadores romanos não deixavam de tomar sempre o título de tribuno do povo, seja porque seu cargo era tido na conta de santo e sagrado, seja porque havia sido estabelecido para se defenderem do povo e estarem sob o favor do estado.

Deste modo tinham por certo que o povo lhes daria toda a confiança, tendo em maior consideração o título do que os atos deles.

Não procedem melhor hoje em dia os que sempre que cometem aleivosias, incluindo as mais graves, fazem-nas acompanhar de discursos sobre o bem comum e a utilidade pública.

Não ignoras, Longa, os considerandos de que habilmente eles costumam lançar mão. Mas na maioria das vezes não há habilidade que chegue para cobrir tanto despudor.

Os reis assírios, e depois deles os medos, só apareciam em público o mais tarde possível, ao anoitecer, para a população julgar que eles tinham algo de sobre-humano, assim iludindo as gentes propensas ao devaneio e amigas de imaginar aquilo que não vêem claramente visto.

Foi assim que as nações que durante longos anos pertenceram ao império sírio se habituaram, com tal mistério, a servir e serviam tanto mais quanto não sabiam quem era o soberano; e todos o respeitavam e temiam, sem nenhum deles o ter visto.

Os primeiros reis do Egito, esses nunca se mostravam em público sem levarem um ramo ou uma luz na cabeça e mascaravam-se como saltimbancos, coisa tão estranha de ver que os súditos se enchiam de respeito e veneração por eles; e havia gente tão doida e tão submissa que se prestava a tal comédia em vez de com ela se rir. Faz pena ouvir comentar as artimanhas a que os tiranos de antigamente recorriam para consolidarem as suas tiranias e o modo como de coisas somenos tiravam grande partido.

Tinham compreendido ser possível fazerem o que quisessem de um povo que se deixava apanhar na rede, por muito frágil que ela fosse, um povo tão fácil de enganar e submeter que quanto mais dele zombavam mais se rebaixava.

E que direi daquela outra patranha a que os povos antigos sempre deram grande crédito? Acreditaram, de fato, que o dedo grande do pé de Pirro, rei dos epirotas, fazia milagres e curava as doenças do baço.

Acreditavam na lenda de que o dito dedo, após a cremação do corpo de Pirro, ficaria inteiro no meio das cinzas.

Era o próprio povo que forjava as mentiras em que posteriormente acreditava. Muitos assim o escreveram e, pelo modo como o fizeram, é patente que se limitaram a reunir o que ouviam dizer nas cidades entre o povo miúdo.

Vespasiano, no regresso da Assíria, passando por Alexandria a caminho de Roma, tomar o governo do Império, teria realizado muitos milagres.

Punha os coxos a andar, dava vista aos cegos e obrava muitas outras façanhas em que só podia acreditar quem fosse mais cego do que aqueles a quem pretensamente curava.

Até os mesmos tiranos se espantavam com a forma como os homens podem suportar um homem que lhes faz mal; utilizavam por isso o disfarce da religião e, se possível, tomavam o aspecto de certas divindades, disso se servindo para protegerem a má vida que levavam.

Se dermos credito à Sibila de Virgílio e à sua descrição do inferno, Salmoneu, por ter zombado dos deuses e vestido a indumentária de Júpiter, está agora no fundo do inferno a receber o castigo que merece:

*... As penas vi cruéis e penetrantes
De Salmoneu soberbo, que tanto erra,
De Júpiter Tonante o raio horrendo
E do Olimpo os trovões contrafazendo.
De quatro frisões este conduzido
Uma tocha acendida meneando,
Pelos povos de Grécia ia atrevido,
E pelo meio de Elides triunfando.
O culto aos altos deuses só devido
Pedia: mentecapto, que rodando
Pela ponte no coche miserável,
Fingia a chuva e o raio imitável.
Mas de uma nuvem densa um raio horrendo,
Vibrando irado, o padre onipotente
O derrubou com ímpeto tremendo,
Não com fumoso raio ou tocha ardente...*

[Eneida, Virgílio, Cap. VI]

Se este, cujo crime foi fazer de tolo, padece hoje tais tormentos no inferno, é de crer que merecem muito pior os que abusaram da religião para fins ruins.

Os nossos semearam pela França sapos, flores de lis, a ampola e a oriflama. Pela parte que mais me cabe, não ponho em dúvida que os nossos maiores e nós não temos razão de queixa, pois sempre tivemos reis bons em tempo de paz, valorosos na guerra, reis que, embora sendo-o de nascença, parecem ter sido não criados pela natureza, como os outros, mas eleitos por Deus Todo-poderoso, antes de tomarem nas mãos as rédeas do governo e a guarda do reino.

Ainda que assim não fosse, não poria em dúvida a verdade contada pelas nossas histórias, nem as discutiria com vistas a rebaixar a nossa bela nação e deslustrar a nossa poesia francesa, a qual, mais do que remozada, está hoje completamente renovada graças aos nossos Ronsard, Baïf e Du Bellay, que fizeram evoluir a nossa língua a pontos (ousa esperá-lo) de os gregos e latinos não serem em nada superiores, a não ser quiçá no direito de antiguidade.

E seria da minha parte grande ofensa à nossa métrica (uso de boa mente a palavra e não me desagrade) que, tornada embora por muitos mecânica, tem muita gente capaz de enobrecê-la e de restituí-la à sua honra primitiva, seria, digo, grande ofensa, subtrair-lhe os belos contos do rei Clóvis, nos quais julgo ver despontar fácil e elegantemente a veia do nosso Ronsard e da sua Franciada. Pressinto o seu alcance, reconheço-lhe a graça e finura de espírito. Tem arte para fazer da orifloma o que os romanos fizeram das ancilas, como diz Virgílio: “E os escudos do céu jazendo em terra”. Erguerá a nossa ampola tanto quanto os atenienses o cesto de Eríctono; e as nossas armas serão faladas tanto quanto o foi a oliveira que ainda hoje se encontra na torre de Minerva. Seria de fato ultrajante renegar os nossos livros e desfazer os nossos poetas.

Mas voltando ao assunto de que sem querer me afastei, quem mais do que os tiranos tem conseguido para sua segurança, habituar o povo não só à obediência e à servidão, mas até à devoção? Tudo, pois, o que até aqui disse sobre o hábito de as pessoas serem voluntariamente escravas aplica-se apenas às relações entre os tiranos e a arraia miúda e embrutecida.

Passarei agora a um ponto que, a meu ver, constitui o segredo e a mola da dominação: o apoio e o alicerce da tirania.

Quem pensar que as alabardas dos guardas e das sentinelas protegem o tirano, está, na minha opinião, muito enganado; usam-nos, creio, mais por formalidade e como espantinho do que por lhes merecerem a confiança.

Os arqueiros vedam a entrada no paço aos pouco hábeis, aos que não têm meios, não aos bem armados e aos façanhudos.

Dos imperadores romanos se pode dizer que foram menos os que escaparam de qualquer perigo por intervenção dos arqueiros do que os que pelos próprios guardas foram mortos.

Não são as hordas de soldados a cavalo, não são as companhias de soldados peões, não são as armas que defendem o tirano.

Parece à primeira vista incrível, mas é a verdade. São sempre quatro ou cinco os que estão no segredo do tirano, são esses quatro ou cinco que sujeitam o povo à servidão.

Sempre foi a uma escassa meia dúzia que o tirano deu ouvidos, foram sempre esses os que lograram aproximar-se dele ou ser por ele convocados, para serem cúmplices das suas crueldades, companheiros dos seus prazeres, alcoviteiros suas lascívia e com ele beneficiários das rapinas. Tal é a influência deles sobre o caudilho que o povo tem de sofrer não só a maldade dele como também a deles. Essa meia dúzia tem ao seu serviço mais seiscentos que procedem com eles como eles procedem com o tirano. Abaixo destes seiscentos há seis mil devidamente ensinados a quem confiam ora o governo das províncias ora a administração do dinheiro, para que eles ocultem as suas avarezas e crueldades, para serem seus executores no momento combinado e praticarem tais malefícios que só à sombra deles podem sobreviver e não cair sob a alçada da lei e da justiça. E abaixo de todos estes vêm outros.

Quem queira perder tempo a desenredar esta complexa meada descobrirá abaixo dos tais seis mil mais cem mil ou cem milhões agarrados à corda do tirano; tal como em Homero Júpiter se gloria de que, puxando a corda, todos os deuses virão atrás.

Tal cadeia está na origem do crescimento do Senado no tempo de Júlio, do estabelecimento de novos cargos e das eleições de ofícios, que não são de modo algum uma reforma na justiça, mas novo apoio à tirania.

E, pelos favores, ganhos e lucros que os tiranos concedem chega-se a isto: são quase tantas pessoas a quem a tirania parece proveitosa como as que prezam a liberdade.

Dizem os médicos que, havendo no nosso corpo uma parte afetada, é nela que naturalmente se reúnem os humores malignos; da mesma forma, quando um rei se declara tirano, tudo quanto é mau, a escória do reino (não me refiro aos larápios e outros desorelhados que no conjunto da república não fazem bem ou mal algum), os que são ambiciosos e avarentos, todos se juntam à volta dele para apoiarem-no, para participarem do saque e serem outros tantos tiranetes logo abaixo do tirano.

É o caso dos grandes ladrões e corsários famosos. Há uns que exploram o país e assaltam os viajantes; estão uns de emboscada e outros à espreita; uns chacinam, outros saqueiam e, havendo muito embora alguns mais proeminentes, uns que são criados e outros chefes de bando, todos afinal se sentem donos, senão do espólio principal, pelo menos de parte dele.

Conta-se que os piratas sicilianos não só se juntaram em tão grande número que foi mister enviar contra eles Pompeu Magno, como também conseguiram estabelecer alianças com algumas belas cidades e grandes praças fortes em cujos portos ancoravam com toda a segurança, no regresso do corso, dando-lhes em recompensa uma parte dos bens que rapinavam.

O tirano submete a uns por intermédio dos outros.

É assim protegido por aqueles que, se algo valessem, antes devia reear, e dá razão ao adágio que diz ser a lenha rachada com cunhas feitas da mesma lenha.

Vejam-se os arqueiros, os guardas e porta-estandartes que do tirano recebem não poucos agravos.

Mas os desgraçados, banidos por Deus e pelos homens, suportam de boa mente o mal e descarregam depois esse mal não naquele que os maltrata, mas nos que são como ele maltratados e não têm defesa.

À vista dos que servilmente giram em redor do tirano, a executar as suas tiranias e a oprimir o povo, fico muitas vezes espantado com a maldade deles e sinto igualmente pena de tanta estupidez.

Porque, em boa verdade, o que fazem eles, ao acercarem-se do tirano, senão afastarem-se da liberdade, darem (por assim dizer) ambas as mãos à servidão e abraçarem a escravatura?

Ponham eles algum freio à ambição, renunciem um pouco à avareza, olhem depois para si próprios, vejam-se bem e perceberão claramente que os camponeses, os servos que eles espezinham e tratam como escravos são em comparação com eles, livres e felizes.

O camponês e o artesão, embora servos, limitam-se a fazer o que lhes mandam e, feito isso, ficam quites.

Os que giram em volta do tirano e mendigam seus favores, não se poderão limitar a fazer o que ele diz, têm de pensar o que ele deseja e, muitas vezes, para ele se dar por satisfeito, têm de lhe adivinhar os pensamentos.

Não basta que lhe obedeçam, têm de lhe fazer todas as vontades, têm de se matar de trabalhar nos negócios dele, de ter os gostos que ele tem, de renunciar à sua própria pessoa e de se despojar do que a natureza lhes deu.

Têm de se acautelar com o que dizem, com as mínimas palavras, os mínimos gestos, com o modo como olham; não têm olhos, nem pés, nem mãos, têm de consagrar tudo ao trabalho de espiar a vontade e descobrir os pensamentos do tirano.

Será isto viver feliz? Será isto vida? Haverá no mundo coisa mais insuportável do que isto? Não me refiro sequer a homens bem nascidos, mas sim a quem tenha o sentido do bem comum ou, para mais não dizer, cara de homem. Haverá condição mais miserável do que viver assim, sem ter nada de seu, sujeitando a outrem a liberdade, o corpo, a vida?

Fazem tudo o que fazem para ganharem fortuna...

Como se pudessem ganhar alguma coisa de seu, quando da sua própria pessoa não podem dizer que seja sua.

Como se fosse possível, na presença do tirano, alguém possuir o que quer que seja, eles fazem tudo para acumularem riquezas e não se lembram de que são eles que lhe dão a força para roubar tudo a todos, não deixando a ninguém nada de seu.

Vêem que é o ter que mais sujeita os homens à crueldade, que não há para o tirano crime mais digno de morte do que a posse de quaisquer bens; que ele só quer possuir riquezas, que rouba aos ricos que se apresentam diante dele como num matadouro, para que ele os veja bem recheados e ornados e deles tenha inveja.

Estes favoritos deveriam lembrar-se menos dos poucos que no convívio com o tirano ganharam fortunas do que dos muitos que, tendo acumulado assim alguns haveres, acabaram por perder os bens e a vida.

Bom será pensar que, se alguns poucos ganharam riquezas, pouquíssimos foram os que as conservaram.

Percorreram-se as histórias antigas, pense-se nas de fresca data e se verá claramente quão grande é o número dos que, ganhando as boas graças dos príncipes com falsidades e tendo recorrido à maldade ou abusado da simplicidade deles, acabaram por ser aniquilados pelos mesmos príncipes, os quais, tão facilmente quanto os tinham elevado, viram que não podiam conservá-los.

Entre o grande número de pessoas que algum dia viveram nas cortes dos maus reis, poucos ou nenhum escaparam de sentir em si a crueldade do tirano a quem tinham acirrado contra os outros.

Tendo o mais das vezes enriquecido, à custa da proteção deles, com os despojos dos outros, foram eles que depois enriqueceram os outros com seus próprios despojos.

As próprias pessoas de bem, se acaso as há ao redor do tirano e gozam das suas graças, enquanto nelas brilha a virtude e a integridade, que, vistas de perto, até aos maus inspiram respeito, essas pessoas de bem não ficarão muito tempo sem perceber o mal que os outros sofrem e aprenderão às suas custas os malefícios da tirania.

Sêneca, Burro, Trázeas, esse trio de pessoas de bem que tiveram a pouca sorte de viver perto do tirano e a missão de tratar dos seus negócios, foram todos por ele estimados e benquistos; um deles fora seu preceptor e tinha como penhor da amizade e educação que lhe dera; ora todos eles testemunharam pela sua morte cruel quão pouca confiança merecem os tiranos.

Que amizade, afinal, pode esperar-se daquele cujo coração é tão duro que odeia o próprio reino que em tudo lhe obedece? Que, por não conseguir fazer-se amar, se empobrece e destrói seu império?

Poderá dizer-se que todos os que referi, incorreram em grandes desgraças, por terem sido virtuosos; mas olhemos também para o resto do séqüito do tirano e veremos que todos quantos obtiveram os seus favores e os mantiveram por maldade acabaram por não durar muito.

Onde se ouviu falar de amor mais dedicado, de afeto mais duradouro, onde é que já se viu homem mais obstinadamente preso a uma mulher do que ele estava a Pompéia, a quem afinal envenenou?

Agripina, mãe de Nero, matara o marido Cláudio para por o filho no trono. Fez-lhe todas as vontades, não se poupou a trabalhos para lhe agradar. Ora foi esse mesmo filho por ela gerado e feito imperador, foi ele que, depois de muitas vezes, de balde, o tentar, acabou por lhe tirar a vida; e ninguém depois diria que ela não mereceu esse castigo, mas a opinião geral é que devia tê-lo recebido das mãos de outrem e não daquele que lho infligiu.

Onde houve já homem mais fácil de manobrar, mais simples, digamos até mais ingênuo do que o Imperador Cláudio? Quem se apaixonou algum dia por uma mulher mais do que ele por Messalina? Nem por isso deixou de entregá-la ao carrasco. A simplicidade é uma crueldade de todos os tiranos: tanto que todos ignoram o que seja praticar o bem. Mas, não sei como, chega sempre o dia em que usam de crueldade para com os que os rodeiam e a pouca inteligência que possuem desperta de imediato.

É bem conhecida a palavra daquele que, vendo a descoberto o colo da mulher amada, sem a qual parecia não poder viver, a acariciou, dizendo: este belo pescoço, logo que eu o ordene, pode ser cortado.

Por isso é que a maior parte dos antigos tiranos eram geralmente mortos pelos seus favoritos, os quais, uma vez conhecida a natureza da tirania, perdiam toda a fé na vontade do tirano e desconfiavam do seu poder.

Assim foi que Domiciano morreu às mãos de Estevão, Cômodo assassinado por uma das suas amantes, Antonino por Macrino, e o mesmo aconteceu com quase todos os outros.

A verdade é que o tirano nunca é amado nem ama.

A amizade é uma palavra sagrada, é uma coisa santa e só pode existir entre pessoas de bem, só se mantém quando há estima mútua; conserva-se não tanto pelos benefícios quanto por uma vida de bondade.

O que dá ao amigo a certeza de contar com o amigo é o conhecimento que tem da sua integridade, a forma como corresponde à sua amizade, o seu bom feitio, a fé e a constância.

Não cabe amizade onde há crueldade, onde há deslealdade, onde há injustiça. Quando os maus se reúnem, fazem-no para conspirar, não para travarem amizade. Apóiam-se uns aos outros, mas temem-se reciprocamente. Não são amigos, são cúmplices.

Ainda que assim não fosse, havia de ser sempre difícil achar num tirano um amor firme. É que, estando ele acima de todos e não tendo companheiros, situa-se para lá de todas as raias da amizade, a qual tem seu alvo na equidade, não aceita a superioridade, antes quer que todos sejam iguais.

Por isso é que entre os ladrões reina a maior confiança, no dividir do que roubaram; todos são pares e companheiros e, se não se amam, temem-se pelo menos uns aos outros e não querem, desunindo-se, tornar-se mais fracos.

Quanto ao tirano, nem os próprios favoritos podem ter confiança nele, pois aprenderam por si que ele pode tudo, que não há direitos nem deveres a que esteja obrigado, a sua única lei é a sua vontade, não é companheiro de ninguém, antes é senhor de todos. Quão dignos de piedade, portanto, são aqueles que, perante exemplos tão evidentes, face a um perigo tão iminente, não aprendem com o que outros já sofreram!

Como pode haver tanta gente que gosta de conviver com os tiranos e que nem um só tenha inteligência e ousadia que bastem para lhes dizer o que (no dizer do conto) a raposa respondeu ao leão que se fingia doente: “De boa mente entraria no teu covil; mas só vejo pegadas de bichos que entram e nenhuma dos que dele tenham saído”.

Esses desgraçados só vêem o brilho dos tesouros do tirano e ficam olhando espantados para o fulgor das suas suntuosidades, deslumbrados com tanto esplendor; aproximam-se e não vêem que estão a atirar-se para o meio de uma fogueira que não tardará a consumi-los. O Sátiro indiscreto (reza a fábula), ao ver aceso o lume descoberto por Prometeu, achou-o tão belo que foi beijá-lo e se queimou.

A borboleta que, esperando encontrar algum prazer, se atira ao fogo, vendo-o luzir, acaba por ser vítima de uma outra qualidade que o fogo tem: a de tudo queimar (diz o poeta Lucano).

Vamos admitir que os favoritos consigam escapar às mãos daqueles a quem servem. Não escaparão do rei que vier depois. Se for bom, tudo fará para pedir contas e repor a justiça. Se for mau e semelhante ao que eles serviram, há de ter os seus favoritos que, evidentemente, além de pretenderem ocupar o lugar dos outros, hão de querer também os bens e as vidas deles.

Assim sendo, como pode haver alguém que, no meio de tantos perigos, de tanta insegurança, queira ocupar tão desgraçada posição e servir com tal risco tão perigoso amo?

Que tormento, que martírio este, Deus meu: viver dia e noite a pensar em ser agradável a alguém e, ao mesmo tempo, temê-lo mais do que a qualquer homem!

Que tormento estar sempre de olho à espreita, de ouvido a escuta, a espiar de onde virá o golpe, para descobrir embustes, examinando sempre as feições dos companheiros, a ver se descobre quem o trai, rindo-se para todos, receando-os a todos, não tendo inimigo declarado nem amigo certo!

Que tormento fazer sempre rosto risonho, tendo o coração transido, não poder mostrar-se contente e não se atrever a ser triste!

Aprazível é considerar o que eles ganham com tanto tormento, o que podem esperar dos trabalhos que passam e da mísera vida que levam.

O povo gosta de acusar dos males que sofre não o tirano, mas os que o aconselham: os povos, as nações, toda a gente, incluindo os camponeses e os lavradores, todos sabem os nomes deles e os respectivos vícios; sobre eles lançam mil ultrajes, mil vilanias, mil maldições. Todas as suas orações e votos são contra eles. Todas as desgraças, todas as pestes, todas as fomes lhes são atribuídas e, se às vezes, exteriormente, lhes tributam algum respeito, não deixam de amaldiçoá-lo no mais fundo do coração, têm por eles um horror maior do que têm aos animais ferozes.

Tal é a honra, tal é a glória que recebem em paga dos serviços que prestam aos povos, os quais nunca se darão por saciados e compensados do que sofreram, ainda que por eles repartissem o corpo em pedaços.

Mesmo depois de morrerem, os que ficam tudo farão para que o nome de Come-Gente lhes seja atribuído e manchado pela tinta de mil penas, e a sua reputação desfeita em milhares de livros, e os próprios ossos, a bem dizer, pisados pelos vindouros que assim castigam depois de mortos os que tiveram vida ruim.

Aprendamos com estes exemplos, aprendamos a fazer o bem.

Ergamos os olhos para o Céu, seja por amor da nossa honra, seja pelo amor da própria virtude, olhemos para Deus Todo-poderoso, testemunha certa de nossos atos e justo juiz de nossas faltas.

De minha parte, penso, e não me engano, que nada há de mais contrário a um Deus liberal e bondoso, do que a tirania e que ele reserva aos tiranos e seus cúmplices um castigo especial.

Compilado por
Roberto B. Cappelletti
Setembro, 2005